

Alcir Santos

# CEM SEXTAS



ADELANTE





ALCIR SANTOS

# CEM SEXTAS



ADELANTE

*Copyright* © 2024 by Alcir Santos

*Título:*

CEM SEXTAS

Seleção de textos:

Alcir Santos e Maurício Sellmann

*Revisão:*

Alcir Santos e Maurício Sellmann

Fotos:

Alcir Santos

Foto da capa:

Antônio Carlos Aquino de Oliveira

*Capa e diagramação*

Vicente Amaral

*Proibida a reprodução total ou parcial desta obra  
sem o consentimento por escrito do autor*

*2ª Edição - 2024*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

S237c Santos, Alcyr

2.ed. Cem Sextas / Alcyr Santos – 2.ed. – Divinópolis, MG :

Adelante, 2024.

326 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-85755-66-5

1. Crônicas brasileiras. I. Título.

03-2024/115

CDD B869.8

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônica : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benítez – Bibliotecária - CRB-1/3129

Adelante é um selo editorial de

**Gulliver Editora**

*www.gullivereditora.com.br*

A

*Pupu*, tia, madrinha, mãe, conselheira e amiga.

*Sônia*, namorada que virou mulher, companheira e cúmplice de toda a vida.

*Maurício e Larissa*, simplesmente os filhos que sonhei.

*In Memoriam*

*Lalu*, mais que uma avó. Meiguice em estado puro.

*Francolino*, que me abriu a porta do mundo dos livros e de lá nunca mais saí.

*Silvio Romero*, o botão que não desabrochou.

*Geraldo Carvalho*, a prova de que é impossível ser qualquer coisa sem uma mão amiga.



## SUMÁRIO

Apresentação.....	10
Consciência Negra .....	11
Mercedes Sosa no TCA.....	14
Foz do São Francisco & mais .....	17
Foz do Iguaçu – Visão do Paraíso .....	20
Festa do Bonfim.....	23
Maysa & Elis.....	26
Tributo a Elis no TCA.....	29
Um conto. Um filme .....	32
De Filmes de Banguê-Banguê.....	35
Brasileiro Cordial .....	38
Voltando a Belém .....	41
Ainda Belém.....	43
A Comilança da Sexta-Feira da Paixão .....	45
Mulheres Classudas.....	48
Sobre Paulo Vanzolini.....	51
Serra da Capivara .....	54
Campos do Jordão.....	57
As Centenárias – A peça.....	60
Sobre Frida Kahlo.....	63
Sobre Choro & Lágrimas.....	66
Uma Árvore na Chuva.....	69
Mania de Guardar Coisas.....	72
Sobre Famosos & Vida Privada .....	75
As Mulheres no Dois de Julho .....	79
Roberto Carlos – 50 anos .....	82
Hamlet & Wagner Moura.....	85
Gomorra – o Livro .....	88
O Samba Pede Passagem .....	91
Médico & Monstro.....	94
Clécia na Sala do Coro.....	97
Percalços dos Turistas.....	100
Um Pouco de Edu Lobo.....	103
No Raso da Catarina .....	106
De Livros, Editoras e Leitores .....	110
À Mercedes Sosa.....	113

Petrópolis.....	116
A Encantada & Saramago.....	118
Sobre Amizade,.....	121
Ditaduras & Depressão.....	121
Sobre os Amigos.....	124
Sobre Discriminação.....	127
Um pouco de Literatura Nórdica.....	127
Gratidão & Ingratidão.....	130
Bethania no TCA.....	133
Andando pelo Baixo Sul.....	137
Ah, As Mulheres!.....	140
Ritos da Adolescência - A Dança.....	143
Casamento & Contrato.....	146
Sobre Samba, Tango e Fado.....	149
Em Barcelona.....	152
Ainda Barcelona.....	155
Livrarias Fechadas.....	158
Sobre Compositores e Cantores. Ney Matogrosso no TCA.....	161
A Escola Pública e a Educação.....	164
Ainda Sobre Educação.....	168
Sobre Pecados Capitais.....	171
Mulheres na História.....	174
Sobre Repressão & Sobrevivência.....	177
Sobre a Arte de Viver.....	181
Sobre a Saudade.....	184
Ensinar & Aprender.....	187
Ensinar & Aprender II.....	190
Ensinar & Aprender III.....	193
Um pouco de Anayde Beiriz.....	196
Um Filme. Um Livro.....	199
Quincas Berro D'Água.....	202
Na Barra do Serinhaém.....	206
Sua Bênção, Hermínio Belo de Carvalho.....	209
Adeus, Saramago.....	212
O Aborto. Uma Abordagem.....	215
Cidadania e Igualdade de Direitos.....	219
Adeus, Paulo Moura.....	223
Ortotanasia. Uma Defesa.....	226
Um Pouco de Garibaldi.....	229

Adoniram Barbosa. O Sambista .....	233
Vincere & O Bem Amado .....	236
Um Olhar Sobre Bogotá .....	239
Museus de Bogotá .....	242
Em Cartagena de Índias .....	245
Vargas Llosa e o Nobel.....	248
Pontes de Madison .....	252
1822 – O Livro .....	256
Mais História do Brasil .....	259
Aposentar é Sofrer? .....	262
De Dor e Perdas.....	265
Edu Lobo no TCA .....	265
A Medicina e o Transsexualismo.....	269
Homem X Terra. Uma Convivência Complicada .....	272
Três Livros de John Boyne.....	275
Mulheres Especiais.....	278
Sobre o 2º Congresso Afro-Brasileiro.....	281
Na Nascente do São Francisco.....	284
Apagaram-se os Olhos Cor de Violeta .....	287
Rosa Montero e o Rei Transparente.....	290
Sobre a Democracia .....	293
Vicente Celestino.....	296
Em torno da Páscoa .....	299
A Crise na Líbia. As migrações para Lampedusa e dois livros....	302
Elucubrações Carnaválicas .....	306
Filhos, Sonhos e Expectativas .....	310
O Tempo e o Vento.....	313
No Salar do Uyuni .....	318
No Salar do Uyuni II.....	321

# APRESENTAÇÃO

## UMA APRESENTAÇÃO EM CEM PALAVRAS

A Sexta Vazia nasceu com objetivo definido: regularizar contato com pessoas de quem gosto, especialmente as mais distantes. Deu certo. Cada semana, um desafio novo: achar um tema, pesquisar e escrever o texto. O retorno foi muito melhor que o esperado. Os “sexteiros” mais atentos criticavam, apontavam falhas, sugeriam temas. Volta e meia, uma Sexta parecia mais importante para determinado leitor. O silêncio podia indicar desagrado. Alguns preferiam comentário pessoal. Surgiram leitores novos, alguns desconhecidos, indicações de amigos. Um dia, a Sexta ficou cheia, mas cobraram-me um livro com o melhor do balaio. Pois cá estão CEM SEXTAS devidamente selecionadas.

## CONSCIÊNCIA NEGRA

21.11.2008

Cadernos especiais nos jornalões, matérias na TV, muita conversa, muito discurso e mais cotas para isso e para aquilo. No futuro, será complicado viver no Brasil para quem não estiver num desses grupos preferenciais de cotistas para escolas, empregos etc. Assim se celebrou o dia da “Consciência Negra”. Do meu canto, escabreado, fico a matutar, sem entender onde se pretende chegar.

Em Salvador, capital da cordialidade, do chamego e do dengo, já não é mais possível chamar ninguém de “neguinha(o)” ou “negão/negona”, duas expressões que carregam consigo todo um universo de significados. A primeira sempre foi usada como expressão suprema de carinho, aplicada para pessoas com quem a gente tinha uma empatia um tanto ou quanto amorosa. A segunda, assim aprendi e muito usei, exprimia respeito e consideração, uma espécie de comenda outorgada a pessoas de nossa especial estima e consideração. O detalhe é que tais expressões eram usadas sem levar em conta a cor da pele das pessoas. Pois bem. Entramos no nebuloso mundo do politicamente correto, da afirmação afro etc. etc. Resultado, hoje, na Bahia a gente corre o risco de ser agredido ou parar numa delegacia se usar, ainda que inadvertidamente, uma dessas expressões. Diante dessas coisas, sentindo surgir uma espécie de racismo dos pretensos negros contra o resto, quedo-me perplexo.

Evidente que sou negro e oriundo de família pobre. Os espaços que consegui foram fruto de muito esforço, estudo e trabalho. Como eu, toda uma geração de afro descendentes (êta terminho pernóstico, coisa de americano mesmo!) que hoje ocupam posições de destaque na sociedade, como executivos, magistrados, auditores fiscais, diplomatas,

burocratas. Onde trabalhei, sempre por concurso público aberto a todos, sem restrições de cor ou sexo, todas as pessoas ganhavam igual, desde que dentro da mesma categoria funcional. Brancos (e existe isso no Brasil?) e negros dividiam os cargos mais elevados sem qualquer tipo de restrição. Na infância e juventude, os pais não falavam de cor; insistiam, isto sim, sobre a necessidade de estudar.

Ensinavam que só era possível crescer socialmente pelo conduto do estudo. Só isso. Nunca nos curvamos nem precisamos beijar a mão de ninguém. Nas escolas públicas, de boa qualidade, não havia qualquer distinção entre os alunos e colegas. Havia alguma discriminação, é certo. Nunca pela cor da pele. Posso atestar que, dos meus colegas de ginásio e curso clássico, os mais destacados hoje são exatamente os pretos e pobres. Os ricos, brancos ou negros, pouco importa, não cuidaram de estudar e se perderam no caminho...

Não se pretende aqui fazer proselitismo ou juízo de valor. Apenas um depoimento de alguém que já passou dos sessenta e não consegue entender tanta agressividade. Não consegue entender porque em vez de melhorar a qualidade do ensino, opta-se por criar caminhos tortuosos para colocar as pessoas na escola, independente da sua qualificação. Afinal de contas, a quem interessa manter as escolas ruins, formando “doutores” analfabetos?

Uma coisa é certa: a sociedade vai exigir, cada vez mais, pessoas bem preparadas intelectualmente. Sem estudo não se vai muito longe. Cabelos de trancinha e bossa podem até levar a ser batuqueiro de bloco afro. Só isso. Os donos dos blocos, também rotulados de ONG’s, cada dia mais ricos, agradecem. No futuro... Ah, e quem está preocupado com isso no país do Bolsa Família?

Para concluir a sexta de hoje, que já está pesada pelo tema enfocado, mais um tema complicado. Li um bom artigo sobre a impressionante alienação dos jogadores de futebol,

reféns de dirigentes inescrupulosos e empresários idem. São incensados, endeusados e acabam por não saber cuidar das próprias vidas, incapazes de fazer coisas tão prosaicas como saque ou pagamento em banco, comprar pão, remédio ou até mesmo uma roupa. Coisas que, diga-se, encham às vezes de prazer a nós, simples mortais. Pois bem, continua o artigo, ao encerrarem a carreira, deparam-se com uma realidade que sempre os cercou, mas que eles não viam e não conheciam. O fim é previsível... Depois da leitura, passei a matutar e constatei que tal situação não é privilégio dos boleiros. Não.

O artigo também pode se aplicar a outro grupo social, diferente apenas porque são pessoas que leram alguns livros e aprenderam algumas coisas, na maioria teorias distanciadas da realidade. É uma realidade perversa ver, no final da vida, insignes magistrados, procuradores, doutores, executivos e burocratas, que também no auge não pisavam no chão e não conheciam – nem faziam – as coisas mais prosaicas do dia a dia, reféns de filhos, genros, noras, netos e quejandos que os exploram e não deixam, sequer, que tenham acesso às suas próprias contas bancárias. É triste. Infelizmente é a realidade. Diante de situações assim, cabe perguntar: onde está (ou estava) a racionalidade dessas pessoas que acreditavam (ou fingiam crer) nas medidas, nos títulos, nos diplomas, nas medalhas, nos convites, jantares etc. Difícil entender como as pessoas não percebem que o poder é, por excelência, efêmero e falso. No final, só restam os amigos que, sempre, são muito poucos. As honrarias se esfumam. As consequências, se não houver um espírito forte, são a depressão, o alcoolismo, quando não o suicídio. É preciso não esquecer o provérbio italiano: “Terminado o jogo, o rei e o peão voltam à mesma caixa.” Ou o verso de Dorival: “Pobre de quem acredita na glória e no dinheiro para ser feliz”.

## MERCEDES SOSA NO TCA

05.12.2008

Ontem Salvador se vestiu de vermelho. Desde muito cedo, já se ouvia de todos os lados os estampidos de foguetes e bombas saudando Iansã, senhora dos raios e trovões (eparrei-ô arara-ê-ô). O resto do dia foi uma festa só. O que mais fascina é esse ecumenismo nascido do povo, antes mesmo do Vaticano II. As igrejas católicas, especialmente a do Rosário dos Pretos, de onde parte a procissão de Santa Bárbara, se enchem de adeptos da santa e do orixá, uns e outros vestidos de branco e vermelho. Fascinam não só as cores, as roupas e as danças, mas sobretudo a interação de pessoas de credos aparentemente diferentes que se misturam num espetáculo saudável e muito bonito. É verdade que tanto o candomblé quanto o catolicismo têm, em comum, o monoteísmo. Mas também é verdade que, pelo menos aqui não há espaço para a intolerância religiosa.

\*\*\*

Domingo, 30 de novembro, 9 da noite, Teatro Castro Alves, Salvador. Pano de boca fechado e uma intrigante cadeira de espaldar alto em frente a uma estante de partituras e um microfone. Impossível conter a curiosidade. Afinal de contas, aquilo não fazia muito sentido num show musical. Abre-se o pano e desvenda um ambiente bem ao gosto argentino: cenário totalmente em negro e os músicos (piano, violão, baixo e bateria/percussão), idem. De súbito, amparada por dois homens, saindo da penumbra, avança para a frente do palco, também de preto, com um longo poncho vermelho e um lenço da mesma cor, a grande dama da canção latino-americana. O mito, a entidade Mercedes Sosa caminha com dificuldade enquanto o público reage com aplausos, gritos e assovios. Um desses raros momentos em que os ídolos

que se fizeram atemporais se encontram com seu público. Acomoda-se na cadeira, dispensa os acompanhantes e solta a voz inconfundível que o tempo vivido não consegue descaracterizar.

Inicia pela música título do último disco, *Corazón Libre*, emenda por outra canção regional argentina e depois, num lance típico de quem sabe como dominar o público, envereda pelos imortais versos de *Gracias a la Vida*. O auditório explode em aplausos. À minha esquerda, um senhor, cabelos totalmente brancos, olhos fixos no palco, mãos postas, mexe os lábios como se em oração. Um parêntese: teria Violeta Parra o direito de, com apenas cinquenta anos, sair da vida? Ou o suicídio é um direito inalienável da tantos quantos entendam que não há mais nada a fazer e a solução é desligar a tomada e sair de cena? É um tema muito complexo. Voltemos ao show *Mercedes en Concierto*. Num dado momento, de forma sutil e bem humorada, como se fizesse uma prestação de contas, informa ao público que está chateada por não ter podido beber a sua tão querida caipirosca. Ocorre que, com as dores que sente, está tomando muitos antibióticos. Está dado o recado. Entremeando sucessos conhecidos e músicas do novo disco, especialmente algumas da região de Santiago del Estero, vai em frente e, por uma hora e tanto, canta, ligando uma música a outra com frases curtas ou declamando alguns versos. Canta com a voz, as mãos, os braços e o rosto. O público não se apercebe que os pés, calçados em sandálias de tiras pretas, raramente se movem. Sequer marcam o ritmo.

Vem ao palco a cantora brasileira que a acompanha nessa turnê internacional, a baiana Márcia Castro, que lhe dá o único momento de descanso enquanto canta *Coração Selvagem*; logo a seguir, cantam juntas *Insensatez* de Tom e Vinícius. E vai em frente para mais uma hora com o público, totalmente dominado e envolvido pela sua magia. Brinca, ri, até chora e avança até que resolve fazer a interação total

público-artista com *Volver a los 17*. Aí o teatro vem abaixo com a assistência cantando, em uníssono, o refrão que a diva rege com as mãos. É o delírio que vai num crescendo até que, sempre auxiliada, levanta-se, ensaia uns passos de milonga, avança até a borda do palco, onde já se aglomeram inúmeras pessoas com suas máquinas e seus flashes, e leva todos ao paroxismo quando puxa o coro arrepiante com o refrão de *Maria, Maria*. Numa palavra: demais! Afasta-se em direção ao fundo do palco enquanto o pano cai. No meio da turba ensandecida que aplaude e aplaude, todos de pé, ocorre-me, num misto de alegria e angústia que.... Bem, a sensação que me vem é que, quem viu, viu...

\*\*\*

Por falar em mitos, divas e entidades, só um pequeno registro de um momento mágico vivido há muitos anos, também no TCA. A Divina Elizeth, cabelos presos em coque, num sóbrio vestido verde claro, sem brilhos e paetês, com a incrível elegância que a caracterizava, avança até a borda do palco, faz um discreto sinal para os músicos silenciarem e, *a capella*, rompe o silêncio e solta com a voz linda e educada os versos de Dolores Duran. O público, totalmente fascinado, silente e cúmplice, deixa-se envolver pela beleza e pela magia de *A Noite de Meu Bem*. Só de lembrar, volta a emoção. Afinal de contas, meninos, eu vi!

## FOZ DO S. FRANCISCO & MAIS

12.12.2008

À esquerda, Alagoas; à direita, Sergipe. Em cima, o céu de um azul límpido ao brilho do sol escaldante. Mantendo-se próximo à margem alagoana, o intemorato barco com capacidade para, no máximo, oito pessoas nos conduz sobre as águas esverdeadas do São Francisco em direção ao Atlântico. O verde da vegetação e o ruído monocórdio do motor fazem-me lembrar de outros encontros de águas, em tempos idos e vividos: Solimões e Negro; Juruá e Solimões; Amazonas e Tapajós. De repente, não muito distante, à nossa frente, uma franja de espuma branca sobre as águas indica o ponto em que rio e mar se encontram. Estamos na foz do S. Francisco. Aqui não se dá o contraste de cor. As águas do rio e do oceano têm a mesma tonalidade.

O enfraquecimento do rio é evidente. Aquele farol onde Deus (Antonio Fagundes) aparece para Taoca (Wagner Moura) em *Deus É Brasileiro*, esteve, um dia no passado, em terra firme. Hoje, com a base engolida pelo mar encontra-se tombado para um lado e, não demora, vai repousar de vez no fundo do mar. Quebrando o verde dominante, o areal vermelho/amarelado de uma duna que avança à esquerda e se projeta em direção ao mar, separando numa nesga de terra a água doce da salgada. Cair n'água, de um lado e de outro, doce/salgado, é uma ordem a que não resistimos.

No retorno, quedamo-nos a apreciar as incríveis variações do verde da vegetação, entremeada por flores de matizes vários e, também, os evidentes sinais do avanço do mar. A vegetação está em mutação e a prova evidente é o surgimento nas margens do manguezal.

Foi assim: na cidade alagoana de Piaçabuçu, alugamos um barco de madeira, com piloto, para quatro pessoas e dali

nos dirigimos até um dos mais interessantes pontos históricos e geográficos do Brasil. Fica a sugestão, lembrando que ninguém pode prever o resultado do megalômico projeto de transposição das águas do grande rio.

\*\*\*

A propósito de *Mercedes en Concierto*, recebi e-mail de sexta-feira dizendo-se encantada com a música *Alfonsina y el Mar* e pedindo detalhes. Aí vai: a música é dos chilenos Ariel Ramirez e Félix Luna, e se refere ao suicídio da poetisa argentina, nascida na Suíça, que, aos 46 anos, com câncer, resolveu sair dessa vida pelo caminho do mar. De acordo com os biógrafos, atirou-se de uma elevação sobre o mar da Praia La Perla, em Mar del Plata. A lenda afirma que se internou, lentamente, no mar... Antes da última viagem, cuidou de encaminhar ao jornal *La Nación* o *Voy a Dormir*, considerado sua despedida. A propósito, o último terceto:

“Ah, un encargo:

si él llama nuevamente por teléfono

le dices que no insista, que he salido...”

\*\*\*

Assisti, pela televisão, à homenagem que os cariocas prestaram ao cidadão do mundo, Dorival Caymmi, assentando uma estátua dele na praia do Posto 6, em Copacabana, como companhia à de Drumond. Vendo a homenagem com a presença de Danilo, voltei no tempo e lembrei um espetáculo no Teatro Castro Alves que se cravou na memória. O caso como o caso foi. Teatro lotado, o artista com o violão e acolitado por uma Nana incansável, cheia de dengos a cuidar da posição do microfone, a enxugar-lhe o suor, a repor a água no copo. À medida que ia soltando as imortais pérolas que soube cultivar, o público parecia entrar em transe, numa simbiose impossível de contar. De quando em quando, errava uma letra aqui, outra ali. Nesses momentos, o teatro parecia vir abaixo, tamanha a intensidade dos aplausos cúmplices.

Nunca vi ou vivi um momento assim. Artista e público, público e artista como se fosse uma coisa só.

Difícil conter a emoção, segurar as lágrimas que insistiam em turvar a visão. Na verdade, não era um show ou um recital. Era muito mais. Um momento mágico que dava a impressão de envolver todos que ali se encontravam. Num dado momento, já irritado com um sujeito que na fila detrás insistia em acompanhar, cantarolando e murmurando, todas as músicas, virei-me para reclamar. Parei no ato. O homem estava a zilhões de quilômetros dali. Pernas esticadas, cabeça repousando no encosto da poltrona, olhos fechados, ele simplesmente viajava, tomado pela emoção e pelo encantamento de partilhar um instante único na companhia não apenas de um artista, mas de uma entidade. Esquecer, quem há de??

## FOZ DO IGUAÇU – VISÃO DO PARAÍSO

02.01.2009

E a Sexta hoje, a primeira do ano – virão outras? – quase não sai. Há pouco, cheguei do aeroporto de volta da extraordinária Foz do Iguaçu. É incrível! Cada vez que retorno àquele lugar, descubro mais coisas e me convenço de que aquelas cataratas estão entre as mais belas obras que a natureza concebeu. Finalmente, fizemos toda a parte inferior pelo lado argentino e, depois da pequena travessia de barco, subimos a Isla San Martin para, ao final de uma trilha cansada e sofrida – cheia de degraus, a maioria escavada na própria rocha – poder contemplar de frente, a menos de 50 metros, uma das mais sensacionais quedas d’água das tantas que já admiramos na vida. Praticamente não se vê a cor esverdeada da água; a força da queda torna tudo branco, tamanha a quantidade de espuma que cai e se espalha, molhando tudo no entorno, respingando nos corpos e lambendo-nos os rostos emocionados.

Para completar o quadro, o incrível arco-íris que se forma sobre a água faz contraponto com a espuma branca que cobre, lá embaixo, o leito do rio. Na verdade, não dá para descrever o que os olhos captam e a memória arquiva. É aquela coisa de que não se pode traduzir sentimentos. É preciso ver para entender. E para ver é preciso enfrentar algo como 500 degraus, descendo a trilha inferior até o rio para depois subir e contornar a ilha até o mirante que oferece o grande prêmio. Depois, fazer tudo ao contrário. Para completar a farra, após o descanso para almoço, caminhe mais uns 2.000 metros e se debruce sobre a proteção do mirante para contemplar a indescritível Garganta do Diabo.

Dois dias antes, havíamos, pelo lado brasileiro, embarcado naqueles botes infláveis movidos por dois potentes motores

para o imperdível Macuco Safari, que nos leva até debaixo de um dos saltos, o Três Mosqueteiros, onde somos encharcados pela água que despenca da mesma forma como vem fazendo há séculos. Sem dúvida, uma experiência única de interação com a natureza, sentindo a sua força e a sua magia. Para completar, longe da água, uma experiência nova, o arvorismo. Por cerca de uma hora, vencemos obstáculos numa altura que varia de 5 a 8 metros. No final, corpos suados e doloridos, mas no peito a sensação única de quem conseguiu superar as próprias limitações físicas, concentrando-se para executar com segurança as diversas etapas e concluir o trajeto sem acidentes ou arranhões.

Não tem como não se lembrar de Gonzaguinha: “viver e não ter a vergonha de ser feliz”. Sim, não é tão difícil ser feliz. Pode até ser uma questão de paz interior, de reconhecer pequenas realizações e, sobretudo, não pretender alcançar o inalcançável. Meras filosofices de um início de ano que se anuncia cheio de interrogações. Nada mais...

\*\*\*

Chegou a tal reforma ortográfica. Felizmente não tenho mais filhos para educar. Nem netos. Nesse aspecto, não tenho muito com que me preocupar. Na companhia de gente como João Ubaldo e Milton Hatoum, já decidi o que fazer. Vou manter os meus dicionários, gramáticas e também o programa do computador. Não muda nada. Que me perdoem os anciãos da ABL, mas vou continuar escrevendo como tenho feito até agora.

Pô, logo agora que estou me afeiçoando aos escritores portugueses e africanos com sua escrita de palavras cheias e cês mudos, vem-me a burocracia mexer com isto! **Ôme quá!** Não vou mudar, não. Queiram ou não queiram os “sábios pensadores”, um bom escrito em português de além-mar tem de ter **afecto**. **Afeto** é coisa de brasileiro. Então fica assim: brasileiro escreve do jeito que vinha fazendo há anos

e portugueses a africanos, idem. Quando a gente ler os livros deles, vai poder continuar saboreando uma língua parecida com a nossa. Aos mais jovens, resta arcar com o custo dessa novidade que pode até ter algum interesse econômico escondido. Quanto se vai gastar para reeditar tantos livros didáticos? Será que o esforço de adotar sempre os mesmos livros, possibilitando a utilização por várias crianças, sem precisar comprar novos todos os anos deu prejuízo a alguém?!!!!

Agora, que venha 2009 do jeito que quiser que a gente traça.

## FESTA DO BONFIM

16.01.2009

Ontem, Salvador se vestiu de branco. Mais uma vez, como vem ocorrendo há mais de 200 anos, o Povo de Santo se vestiu a caráter para prestar homenagens a Oxalá (*Èpa Bàbá!*) nesta que deve ser a maior e mais bela manifestação de sincretismo religioso do mundo. É certo que a falta de fé e o comodismo me impedem de acompanhar a festa, um percurso de 8 quilômetros que separam a Igreja da Conceição da Praia – construída com pedras trazidas de Portugal como lastro de embarcações – da Colina Sagrada com a Igreja do Bonfim, sem dúvida um dos mais belos postais dessa velha cidade de Tomé de Souza, Catarina Paraguaçu e Padre Vieira.

A falta de fé não me impede, porém, de usufruir o sentido lúdico da festa. Poucas coisas são tão bonitas e envolventes quanto ver as baianas com sua roupagem, colares e turbantes, equilibrando num dos ombros o vaso com água de cheiro e flores. Ali, lado a lado, vão velhas, mulheres e crianças. Gerações que se sucedem sem deixar desaparecer a tradição e a liturgia. Vê-las evoluir ao som dos seus cânticos enche os olhos e aquece o coração. Ter ou não ter religião, crer ou não crer; pouco importa. A beleza da festa, a convicção e seriedade daquelas pessoas, o conjunto cênico-coreográfico das vestes e dos corpos pulsantes, envolve e transporta. É bonito demais!

Pena que a festa seja conspurcada pela presença de políticos que, felizmente, não se misturam com as baianas. Preferem, com seus séquitos, ir à frente ou atrás do cortejo delas, a depender de se estiverem ou não no poder. Neste ano, o destaque ficou para o cinismo (ou indiferença, insensibilidade?) do governador. Neste 2009, até ontem, 15.01, as estatísticas já registravam 104 (isto mesmo, cento e quatro) assassinatos no Estado. Pois bem, o chefe do Executivo

da Bahia, como se não tivesse nada a ver com essa carnificina, fazia proselitismo pela paz na Faixa de Gaza. É muita cara de pau!

Essas figuretas não são capazes de empanar o brilho da Festa do Bonfim quando se canta, a plenos pulmões, um dos mais belos – senão o mais – hinos que conheço e do qual Caetano se encarregou de tornar conhecido mundo afora.

Algumas coisas me fazem admirar o candomblé. Em primeiro lugar, por essa coisa meio mística, meio ecológica, de vincular os orixás às forças da natureza (águas, trovões, florestas, folhas etc.). Em segundo lugar, porque é a única religião dessas nossas bandas que não contempla a culpa e o pecado. Tenho comigo que quem criou esse mecanismo perverso de outros cultos tinha o objetivo de dominar e subjugar os crentes, acovardados e apavorados com a perspectiva de caírem em desgraça ante o Deus Todo-Poderoso.

O candomblé não tem isso. Não reprime nem discrimina. Todos são aceitos da forma que são, com suas virtudes e seus defeitos. Importa somente seguir e respeitar os ritos e a liturgia. Bem verdade que também eles vivem novos tempos. Noutras épocas, uma coisa era certa: onde havia um terreiro, ninguém passava fome nem ficava abandonado. A solidariedade sem alarde, simplesmente o amor ao próximo na sua forma mais pura, cuidava para que o pão fosse dividido, os órfãos não crescessem sem família e os velhos não fossem atirados na rua. Uma coisa assim bem tribal, no seu melhor sentido: os velhos criam os jovens, os jovens cuidam dos velhos e o ciclo se fecha e recomeça...

\*\*\*

Não é pequena nem insignificante a literatura que procura explicar (ou entender?) o Brasil e os brasileiros. Afora os clássicos, como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, há também um sem-número de títulos sobre a matéria. Aí por volta de

1950/60, um livro fez muito sucesso. Pena que não recorde o nome do autor, mas o título era bem sintomático e o livro, uma delícia: *Brasil para Principiantes*. Para mim, um dos melhores é *O Povo Brasileiro*, de Darcy Ribeiro. Sou suspeito ao falar de Darcy, para mim o maior intelectual brasileiro do século XX. Agora, acaba de ser editado um novo e interessante livro. *Falo do Deu no New York Times*, de Larry Rohter, editora Objetiva. O autor é aquele jornalista que o ínclito e abstêmio presidente queria expulsar do Brasil. É uma boa oportunidade de ter uma visão de fora para dentro do Brasil e dos brasileiros. Acresce que o autor é casado com brasileira, pai de filhos brasileiros e, sobretudo, conhece esse país como pouquíssimos de nós. Destaque para as seções “Amazônia”, “Cultura” e “Ciência e Economia”.

## MAYSA & ELIS

23.01.2009

Não acompanhei a minissérie sobre Maysa. Não consigo me prender a obrigações do tipo. Não há como obedecer a horários e tolerar os comerciais. Assumo: o defeito é meu. Mas, que fazer? Estou naquela fase da vida em que as pessoas podem e devem curtir suas próprias frescuras. Tem coisa melhor? Mesmo não acompanhando o dia-a-dia da série, assisti a alguns capítulos e cenas esparsas. Aplausos para a coragem do filho, Jayme. Não deve ser fácil levar ao público aspectos tão íntimos e pessoais de uma mãe – mesmo sendo uma mãe ímpar e destacada como foi a musa dos tristes olhos verdes. Li em algum lugar que o Jayme confessou ter, através do seriado, feito um tratamento completo. Catarse de maior profundidade, impossível!

A verdade é que pessoas como Maysa não podem viver muito tempo. São assim como cometas. Passam iluminando tudo e se vão, deixando todos com olhos e corações iluminados, e cheios de saudade. A questão é: é possível uma pessoa fazer da sua arte a extensão das suas angústias, dos seus amores, dos seus sofrimentos, das suas frustrações e das suas dores? Não. Acaba se quebrando. Maysa viveu e cantou com a intensidade de quem buscava, sôfrega, beber a taça do néctar da vida de um só gole. Adiantava alguém dizer a ela que essa bebida deve ser degustada gota a gota, com vagar? Claro que não. Os cometas não têm qualquer compromisso com a permanência no tempo.

Pouco importa. Maysa foi uma estrela de primeira grandeza. Como compositora, só não foi única porque aqui também nasceu e viveu Dolores Duran. Como cantora, ganhou corações e mentes porque envolvia o ouvinte e transmitia a nítida sensação de que a canção vinha não da

boca, mas lá de dentro, bem dentro do seu coração, da sua alma. Duvidam? Então, vejam um filmete que anda pelo YouTube. É uma gravação feita em 07.11.1975. Nela, Maysa canta *Ne Me Quite Pas*, de Jacques Brel. Sem dúvida, uma das melhores interpretações desse clássico da canção francesa. Não há como não se emocionar. Foi artista que enfeitiçou uma geração, com um leque de grandes momentos e canções inesquecíveis. Lembram da genial *Bom dia Tristeza*, uma improvável, mas real, parceria de Adoniran e Vinicius? Isto sem falar das de sua própria lavra, *Meu Mundo Caiu* e *Ouçã*. Esta última, aliás, é a mais completa e acabada forma de dar bilhete azul a alguém. Pois é. De repente, a Globo nos faz reviver um desses momentos únicos da história da nossa cultura. Para um país dito sem memória, isto é muito bom. É sempre bom fazer lembrar que música é uma forma de expressar sentimentos...

\*\*\*

Na segunda-feira, dia 19.01, completaram-se 25 anos que Elis saiu de cena, deixando inúmeros admiradores na orfandade. Bem verdade que o Brasil tem uma boa tradição de grandes cantoras. Ocorre que só houve uma Elis. Por isso é que continua viva, cantando e encantando. Não surgiu ainda ninguém capaz de, sequer, ombreá-la. Não li o livro de Regina Echeverria porque optei por guardar na memória a Elis que conheci, cantando, encantando e dando imensas provas de solidariedade. Na época em que foi lançada a biografia, ainda morava em Belém. Tião, esse meu tão caro amigo, comentou que o livro mostrava que atrás da artista vivia uma mulher bem humana, cheia de virtudes e defeitos.

Hoje estou convencido da premonição de um texto, possivelmente de Fernando Faro, declamado por ela num dos seus shows, cuja frase final era: “Eu agora sou uma estrela.” Alguém tem dúvida? Elis é uma estrela. Dia desses, estava em Foz do Iguaçu fazendo hora no hotel para ir ao aeroporto.

Mexendo no controle da TV, acabei caindo na Record News e pude assistir cenas dos grandes festivais e de Elis surgindo e brilhando. Para encerrar, o especial mostrava a histórica apresentação – ou seria duelo? – dela e Hermeto Pascoal, em Montreux, com *Garota de Ipanema*, música que ela dizia detestar. Ela sabia tudo. E muito mais! Disse uma vez que era muito triste as pessoas só saberem o quanto gostamos delas depois que elas se foram. A partir daí, optei por não esconder meus sentimentos e dizer as pessoas que me são caras o quanto gosto delas. Saravá, Elis!

## TRIBUTO A ELIS NO TCA

30.01.2009

Uma frase sintetiza tudo: a noite foi completa. Teatro lotado, público educado e atento, e os artistas compenetrados da missão a que se impuseram. Verdade que Renato Teixeira, além de desengonçado, desafina que só. Mas, e daí? Não sou crítico musical. Meus ouvidos são uma lástima. Percebo e sinto as músicas com os sentidos do coração e da alma.

Além do baixista e dos violonistas/guitarristas, tínhamos no palco três dos maiores compositores de uma geração que já começa a se despedir: Ivan Lins, João Bosco e Renato Teixeira. O objetivo anunciado era prestar um tributo a quem os identificou, gravou, lançou e projetou. Os três nasceram para a música e para o estrelato pelas mãos dadivosas da exigentíssima mas tremendamente generosa Elis Regina. Estavam ali para cantar e tocar músicas deles que ela transformou em sucessos. Felizmente, não foi só isso. Outras “incelenças”, como Tom, Vinícius e Adoniran, também foram prestigiadas.

A noite teve momentos de puro encantamento. Iniciaram com Águas de Março, e aí eu olhava o palco e via Tom, com seus cabelos revoltos, e Elis, cotovelos apoiados no piano, naquele dueto que se fez eterno, especialmente quando ele tocava escandindo as notas (existe isso em música?!!!) e ela, risonha, jeitinho matreiro, escandia também e soletrava cada palavra num conjunto harmônico tão original que acabou sendo considerado a melhor gravação de uma música. Segue o espetáculo. De repente, Renato inicia Romaria e, de novo, a mágica: no palco, os olhos viam, como há anos no Teatro Ginástico do Rio, ela, mãos postas, um manto cobrindo-a por inteira, contrita, cantando sob um facho de luz azulada enquanto o resto do palco permanecia no escuro, num clima de grande misticismo.

Volta João Bosco e as músicas que não só marcaram época como ficaram vão saindo num clima de enlevo mas, sobretudo, de belas recordações. Como não poderia faltar, vem com força a imortal homenagem a João Cândido, *Mestre Sala dos Mares*. Este marujo liderou o movimento que mudou as relações humanas na armada brasileira, mas que acabou vitimado pelos políticos, inclusive pela falta de palavra do endeusado (até hoje não sei por quê) Ruy Barbosa. Acompanhando versos e frases, tento lembrar a letra original, a que foi censurada e alterada pela ditadura sem conseguir apagar o fascínio e o sentido no imaginário popular. Salve o Almirante Negro!

Afinal de contas, “uísque com guaraná” e “torturante band-aid no calcanhar” é gozação ou simplesmente um retrato de uma realidade que, de uma forma ou de outra, toda nossa geração curtiu nos bailes de então? Como não se lembrar de Ubaldo, Fradim, Orelana, Chabú e tantos outros personagens da caatinga/Brasil que Henfil nos deu, além das memoráveis cartas à mãe. Pois é, enquanto João Bosco cantava o irmão de Henfil e tanta gente que partiu num rabo de foguete, aproveitei e revi boa parte desses momentos idos e vividos

Ivan Lins retorna e aproveita para contar deliciosas histórias vividas ao lado de Elis, fazendo questão de destacar a personalidade forte, sempre pronta para um briga, mas também para ajudar e proteger. E conta da sua (dele) surpresa quando tomou conhecimento de que seria lançada num programa de Flávio Cavalcanti uma música que ele lhe dera há tempos e estava sem ser gravada. E diz do susto que tomou quando ela, toda de branco, descalça, olhando fixamente para as câmeras, anunciou o bilhete azul a Ronaldo Bôscoli: “Esta é para você que está aí do outro lado me vendo” e, de bate-pronto, mandou: “Paz. Me deixa em paz/Sai de mim, me deixa em paz...” O público delira.

Os 7 artistas no palco agora nos fazem viajar nos versos de Adoniran, vendo a maloca caindo, os dois desabrigados olhando e a vida seguindo irreversível. Quando entra *Cartomante*, de novo me transporto e vejo Elis no centro do palco, agitando os braços enquanto do teto vão caindo as cartas dos reis de ouros, copas e paus, numa mensagem não muito sutil do ansiado desejo de queda do regime ditatorial. No final, com o braço direito erguido parecendo apontar para o futuro, ela encerrava quase gritando: “CAI!” Saí como se levitasse. A festa fora completa, mais completa ainda porque dessa vez a família se fez presente. Maurício e Larissa nos acompanharam. Mais um lance mágico de Elis?

\*\*\*

Mudando de assunto, para não deixar passar em branco. Imaginava que esse negócio de Síndrome de Pai Grande era coisa de subdesenvolvido, de brasileiro que até hoje se sente órfão de Getúlio. Não é que os americanos também sofrem do mesmo mal? De repente, Obama, um senador *gauche*, como diria Drumond, se transforma no catalisador de todos os sonhos e anseios de uma sociedade. O fato de ser negro e de origem islâmica parece que incendiou corações e mentes. Ponto para ele, que vem tentando tornar realidade o discurso de campanha. Cético, duvidando da possibilidade de um homem, apenas um homem, reverter os caminhos da humanidade, fico a matutar com o Príncipe de Salina: “É preciso mudar tudo na aparência para que tudo fique no mesmo lugar...”

## UM CONTO. UM FILME

13.02.2009

Faz tempo. Em verdade, um longo tempo. Coisa aí de uns quarenta e muitos anos. Na época, causou-me grande impressão. Tão grande que, na primeira oportunidade, cometi um artigo, publicado no Diário da Tarde, em que fazia uma comparação com Ilhéus, então uma cidade maravilhosa, mais bela a cada dia. Mal sabia eu que depois seria transformada naquela coisa feia e decadente que é hoje. No tal artigo – feito também para demonstrar uma erudição que então julgava ter – sustentava que, assim como o personagem de Scott Fitzgerald, a cidade de tantos cantos e encantos rejuvenescia a cada dia que passava. Como se vê, coisa de adolescente embevecido com sua terra e metido a escrevinhador. Pois bem, foram-se os anos e volta e meia lembrava do que considero, no mínimo, uma ideia genial, possível fruto dos homéricos porres do escritor com sua Zelda.

Para falar a verdade, guardei na memória apenas a ideia geral da história do personagem que nasce velho e vive uma vida ao contrário até morrer bebê. Agora, chega aos cinemas o filme *O Curioso Caso de Benjamin Button*. A princípio, fiquei interessado em assistir. Recuei quando soube do tempo de duração. Pô, 3 horas e meia de filme é de lenhar! Como algumas pessoas me asseguraram que não é cansativo, resolvi arriscar. Para variar, é mais um desses filmes que sequer conseguem manter o encanto do texto original. Não é verdade que não canse. Tem momentos muito monótonos. Para finalizar, passa a impressão de que ou não souberam contar a história original ou simplesmente decidiram deturpar ou criar outra, preservando apenas o título e a ideia. Pelo que lembro, o personagem de Fitzgerald não nascia um menino-velho. Não. Nascia velho de verdade, com ideias e

discurso de uma pessoa da sua idade. No filme, não é assim. O personagem tem aspecto de velho, mas é uma criança. Para não dizer que radicalizo, reconheço que serve como razoável entretenimento. Não mais que isso.

\*\*\*

Este fevereiro está cheio de efemérides. Primeiro, os 200 anos de nascimento de Darwin, possivelmente o único dos “grandes” do século XIX que permanece com o brilho inalterado. Afinal de contas, Marx e Freud andam um tanto ou quanto por baixo. O naturalista inglês cravou um marco na história da humanidade quando, com sua teoria da evolução das espécies, fulminou o “criacionismo”, que ainda, como tudo no mundo, tem adeptos a exemplo de W. Bush. Darwin andou aqui por Salvador aí com seus vinte e poucos anos, em plena época de Carnaval. Não gostou do que viu, especialmente do insuportável cheiro de mijo que a cidade exalava. Já pensaram se viesse agora? Lá embaixo, no fim do mundo, existem alguns marcos que registram sua passagem: Canal de Beagle, Cordilheira Darwin e o Cerro Fitz Roy (comandante do Beagle), montanha que será sempre lembrada por mim graças a uma trilha que não deu muito certo, com chuva e frio de 7 graus no verão.

Outra é o aniversário de cem anos da Pequena Notável. Carmen Miranda foi, sem dúvida, a grande estrela brasileira, a única que efetivamente ganhou o mundo. Fez-se conhecida, amada e respeitada, ocupando lugar de destaque no time de primeira grandeza dos astros e estrelas americanos e europeus. Sofreu, exatamente por ser tão grande, sórdida campanha de certa imprensa brasileira que alardeava que ela não gostava do Brasil, que se americanizara. No fundo, era aquilo que o filósofo Paulo César Caju proclamou: “Lá fora, quem sabe, sabe; quem não sabe, bate palmas. Aqui, quem não sabe, vaia e bota defeitos.” Felizmente, Carmen está sendo redescoberta e talvez acabe ocupando o lugar que sempre foi dela: artista

e mulher extraordinária, dona de uma generosidade sem limites. Muitos músicos e compositores brasileiros se tornaram conhecidos graças a ela. Ah, aprendeu a dançar com aqueles balagandãs, jeito e trejeitos com o Professor Caymmi. Pois é. Até nisso, o nosso bruxo se envolveu. Reverencio Carmen, especialmente porque não consigo compreender a espécie de maldição que ronda esses artistas de tanto talento: acabam morrendo jovens, sustentando vidas e casamentos insuportáveis, dominados pelo álcool e pelas drogas. A bênção, Carmem!

## DE FILMES DE BANGUE-BANGUE

06.03.2009

Filme de banguê-banguê tem tudo a ver com a infância da minha geração. Os que, como eu, foram criados no interior tinham somente dois programas, digamos assim, culturais. As matinês de todos os domingos e, eventualmente, os circos. Nestes, como o dinheiro era curto, muitas vezes não se conseguia comprar um lugar no “galinheiro”, embora sempre houvesse a possibilidade de garantir o ingresso acompanhando o palhaço pelas ruas. Se o circo tinha globo da morte aí então a gente ficava ensandecido. Ver as motos girando naquele gradil redondo era o máximo. Já a matinê do domingo era certa. Sempre se conseguia os trocados necessários. Era dia de festa. Já pela manhã, começava a agonia. Almoçava-se mais cedo e, bem antes do início da sessão, já estávamos na porta do cinema para cumprir o ritual sagrado da troca de “gibis”. Ah, ali não tinha distinção de classe social: garotos, ricos e pobres, chegávamos trazendo nossas revistas e o escambo se processava naturalmente, sem brigas e sem confusões.

Ao fim das trocas, estávamos com a leitura da semana garantida. Depois, era comprar o ingresso e entrar no cinema, uma zoeira infernal até começar a sessão. Antes do filme tinha o aperitivo, o seriado que se estendia por domingos e domingos, deixando a criança em suspense na expectativa do episódio da semana seguinte. Finalmente, o grande momento: o filme. Sempre um de caubói. Cavaleiro Negro (meu predileto), Durango Kid, Gene Autry, Tim Holt, Roy Rogers, Zorro e outros menos votados. Íamos ao delírio torcendo aos gritos pelo mocinho, que invariavelmente terminava beijando a mocinha. Bem, domingo também era dia de namorar, de dar um jeito de sentar perto da amada, de trocar algumas palavras. O problema é que, na maioria

das vezes, a eleita nem tomava conhecimento do namoro. Namoro mais que platônico, unilateral mesmo. Em Itajuípe, o cinema era um tanto ou quanto derrubado, era um “poeira” legítimo. Já o Cine Theatro (com “th” mesmo) Ilhéus era um deslumbre: tinha frisas, galerias e camarotes. Só o que não mudava era o tipo de filme e os rituais dos frequentadores.

Bem, mas o que tem isso a ver? Explico. *Apaloosa – Uma Cidade Sem Lei*, de Ed Harris, é um banguê-banguê clássico. Não tem banho de sangue nem violência gratuita. O enredo, o de sempre: dois pistoleiros são contratados para defender a cidade de um fazendeiro que queria dominá-la. Em alguns momentos, faz recordar *A Face Oculta*, de Marlon Brando, com seus diálogos curtos, cortantes e cenas longas. A trilha sonora é perfeitamente adequada. Porém, o melhor do filme é a mocinha. A jovem e recatada viúva rouba a cena porque, na verdade, é o “cão chupando manga” – ou, como se dizia nos antigamente, o “cão do segundo livro”. Bem, talvez por mera coincidência, o público da sessão em que assisti o filme mostrava claramente que era tudo gente de sessenta e uns... Pode até não ser um bom programa para intelectuais mas é, seguramente, um ótimo entretenimento, especialmente para quem tem o que recordar.

\*\*\*

Noutra oportunidade, a Sexta já tratou dessa maluquice do “politicamente correto”. Pois bem, para os que não sabem ainda, vai aqui um registro desse absurdo. O clássico de Agatha Christie *O Caso dos Dez Negrinhos* mudou de nome nos Estados Unidos. E no Brasil também. Aqui está intitulado de *E Não Sobrou Nenhum*. Pode?

\*\*\*

Pelo menos uma Sexta já tratou da genialidade de pessoas que, sem qualquer educação formal, produziram alguns dos melhores momentos do nosso cancionário. Falamos especificamente de Cartola e Nelson Cavaquinho. Nesta,

vamos fazer o registro de outro. Um nordestino cuja educação formal se limitou a uns 4 meses com um professor pouco mais que alfabetizado. Ocorre que o aluno, agricultor, sertanejo sofrido, tomou gosto pela coisa a ponto de ler Camões e outros clássicos, e produzir uma das melhores poéticas de e sobre o Nordeste. Falamos de Antonio Gonçalves da Silva, nascido, vivido e morrido, aos 92 anos, em Serra de Santana, município de Assaré, região do Cariri, interior do Ceará; Patativa do Assaré, como ficou conhecido. Somente *Triste Partida* já bastaria para imortalizá-lo. Não conheço nada que conte com tanta riqueza de detalhes a epopéia de uma família de retirantes nordestinos. Partem cheios de esperanças e acabam esmagados e sem perspectivas nos centros urbanos. Daí os versos de Patativa: “Faz pena o nortista/Tão forte e tão bravo/viver como escravo/do norte no sul...”

## BRASILEIRO CORDIAL

09.03.2009

Definitivamente essa coisa de que o brasileiro é um povo cordial não cola. Embora alguns “historiadores” continuem insistindo que os fatos que marcaram a história do Brasil foram incruentos, a verdade é bem outra. Exemplos? O processo de colonização, a escravidão, Canudos, Cabanagem, Palmares, Revolução dos Alfaiates, Revolta da Chibata, Estado Novo, Regime Militar. Ou seja, o estado brasileiro tem todo um passado de extrema violência e brutalidade. Ao encerrar “A Luta”, parte final de Os Sertões, Euclides nos dá uma boa descrição do que são capazes os representantes do dito poder constituído. Alguns nomes são, hoje e sempre, exemplos de crueldade sem par. A exemplo, Moreira César, o coronel que foi usado para afogar em sangue todos os movimentos libertários opositoristas e se notabilizou por arbitrariedades e crimes praticados em Santa Catarina. Acabou morto em Canudos. Outro exemplo, o Conde d’Eu, genro do imperador que mandou tocar fogo na macega, nos campos paraguaios, matando os meninos-soldados feridos e as mães que procuravam cuidar das suas feridas. Ainda Filinto Muller e Sérgio Fleury, temidos e odiados verdugos de Getúlio e da Ditadura Militar.

Sem falarmos na violência não-institucional, a do dia-a-dia, nas ruas, no recesso dos lares, nos calabouços... Tempos atrás, participando de um debate sobre Canudos, fomos interpelados por um dos assistentes. Ele alegava que estávamos “esculhambando” com as gloriosas forças armadas. Pela forma como se manifestou, parecia ser militar. Azar do aparteante é que falava sem conhecer nada de história. Com a cumplicidade do público, fizemos um rápido giro por alguns fatos históricos, ressaltando sempre o comportamento

arbitrário e violento, quando não covarde dos militares, das “forças da ordem”.

De cordiais e incruentos temos muito pouco ou quase nada. Suscitase a questão ante o momento de grande violência que assusta a sociedade brasileira. De norte a sul, a tônica é a brutalidade envolvendo policiais x civis, civis x civis e policiais x policiais. Há alguns dias, num grupo de amigos, comentávamos o assunto e, perplexos, nos indagávamos se estaria havendo efetivamente uma onda crescente de violência ou se tudo não seria resultado da maior dinâmica e presença da imprensa, apoiada pelos mecanismos de divulgação hoje existentes. Ficamos sem resposta.

Sabem especialmente os que atuam na polícia e no judiciário que a família é uma poderosa matriz de violência. Uma das mais brutais, se é que é possível traçar uma hierarquia, porque ali a violência é mantida em segredo e acobertada pelos interesses e conveniências familiares, quando não simplesmente pela fome. Ainda assim, causa-nos perplexidade esta onda de pedofilia sem fim. Para completar, ainda surgem segmentos religiosos a defender que a absurda gravidez de uma menina de 9 anos seja levada até o fim porque – até num caso extremo desses – aborto é pecado, passível de excomunhão. Pior de tudo é que se intitulam representantes de Deus. Muito bem. O problema é que, admitindo-se a existência de um Deus capaz de monitorar todos os atos e passos da vida de zilhões de pessoas, nenhum desses representantes religiosos conseguiu mostrar uma prova de que tenham recebido procuração com poderes para falar em nome do Todo-Poderoso. Não esquecer que o Deus do Antigo Testamento é violência pura. Cruento, vingativo, caprichoso, que não admitia ser contrariado. O do Novo Testamento, o que mandou o filho para salvar a humanidade, era só amor, compreensão e caridade. E aí, como ficamos? A violência é inata ao homem?

\*\*\*

Imparcialidade não é minha praia. Aliás, tenho até algumas dúvidas sobre isso. É possível ser imparcial? Na dúvida, assumo as minhas idiossincrasias, o direito de gostar ou não gostar. Isto é apenas para dizer que tenho um xodó todo especial por Isabel Allende. No meu conceito, o maior escritor vivo da América Latina. No mínimo, a melhor contadora de histórias. Gabo e Vargas Llosa são muito bons, é fato, mas estão abaixo da chileno-peruana. Acabei de ler o livro de memórias de Isabel, *A Soma dos Dias*. Excelente. Adotando a forma de carta para Paula, a filha morta aos 28 anos, ela conta parte da história da sua vida e dos seus familiares. O bom da história é que não doura a pílula. Conta as coisas até com crueza e esclarece que o que deixou de contar foi porque os parentes não deixaram. Está todo mundo vivo. Ao longo da leitura, a gente vai reencontrando personagens que estão espalhados pelos seus livros. Lembrei de quando li *Meus Verdes Anos*, de Lins do Rêgo, e fui descobrindo ali os personagens que se espalhavam pelos diversos livros do Ciclo da Cana de Açúcar. Nesses tempos do individualismo exacerbado, é interessante ler Isabel contar como luta para formar e manter a sua família tribal. Vale!

## VOLTANDO A BELÉM

22.03.2009

Ir não é difícil. A gente pesquisa, se informa e, para completar, se prepara para o pior. O resultado é sempre positivo. Tudo que se encontra é novidade. Voltar, não. É complicado. Nunca se sabe o que se vai encontrar. O que os olhos de ver viram não é exatamente o mesmo que os da memória guardaram nos escaninhos do cérebro. Este, aliás, não tem muito compromisso com o real: fantasia, corta, emenda, refaz e acaba criando uma imagem bem mais para o ideal que para o real. Em razão disso, tenho procurado viver sem voltar. Seguir em frente sem olhar para trás, procurando viver o novo. Mas a vida não costuma seguir os roteiros que a gente traça. Por essas e outras, resolvi voltar a essa Belém tão amada, rever pessoas, cantos e lugares que de quando em vez faz a saudade bater.

Nessa cidade mágica nasceu minha filha. Ali meus filhos se alfabetizaram e ingressaram no mundo encantado das letras, dos números, do conhecimento e da informação. Nas suas praças, no Bosque Rodrigues Alves, no Museu Goeldi, brincaram, divertiram-se e aprenderam o contato com espécies florestais e animais. Ali vivemos alguns dos momentos mais marcantes de toda a vida. Sofremos, crescemos, alegramo-nos e, mais importante, fomos felizes. Por tudo isso, a saudade apertou e decidimos voltar.

O avião vai descendo e, lá embaixo, se oferece o magnífico espetáculo das águas que cortam o luxuriante verde da mata. Rios, igarapés, igapós, furos: todos os muitos nomes dos cursos d'água que correm para todos os lados. Numa acentuada curva à direita, aparece a imensa metrópole debruçada, linda, sobre a baía de Guajará e o rio Guamá. Os olhos filtram as imagens e o cérebro dispara num torvelinho de emoções...

O carro vai cortando as ruas enquanto procuramos fixar e lembrar cada lugar passado. Muita coisa mudou. A cidade está mais bonita, mais exuberante. De repente, estamos nas avenidas centrais, com as suas mangueiras ainda carregadas dos últimos frutos da safra que se vai. Lembro do refrão de um samba enredo de uma escola local: “...e a dança das folhas na cidade das mangueiras/vento bateu e a poeira levantou/de folhas secas a avenida enfeitou”. Sinto os cheiros e os sabores: patchuli, piprioca, biribá, cupu, jambu, tucupi. Lembro dos meus fantasmas queridos, dos que se foram e deixaram no peito imensas crateras que só a lembrança faz amainar.

O resto fica por conta do lindo poema de Adalcinda que Edyr Proença musicou e Fafá levou pelo mundo afora: “Me beija, me abraça que eu/Quero matar a imensa saudade que quer me acabar/Sem círios da virgem, sem cheiro cheiroso/Sem a chuva das duas que não pode faltar/Murmuro saudades de noite abanando/Teu leque de estrelas/Belém do Pará!”

## AINDA BELÉM

29.03.2009

É até possível que tenha algum conteúdo na cabeça, mas a sensação é a de que ela está maior e cheia de algodão. A dor de cabeça insistente e difusa aumenta o quadro de desconforto, ainda maior com a sensação de peso e cansaço que se espalha pelo corpo, especialmente pernas e braços. Virose? “Dalila”? Pouco importa. O incômodo está instalado e é preciso fazer cara feia e força para atender os compromissos. Como consolo, resta a possibilidade de que seria muito pior se não fosse a vacina anual contra gripe, a dos velhos. Se é vero ou não, pouco importa. Resta somente aceitar e esperar que se complete o ciclo e a vida volte ao normal.

\*\*\*

Voltamos a falar de Belém. Vinte e cinco anos depois, podemos observar que a essência da metrópole da Amazônia foi preservada, quando não ampliada. As praças continuam belas e bem-arborizadas, sem cercas para permitir o acesso de todos em todas as horas do dia. Grande a alegria de rever o campus da Universidade Federal, todo arborizado e pleno de bosques das várias espécies amazônicas. Quando aluno da NAEA, aí por volta de 1975, vi o visionário defensor da natureza, Camilo Viana, plantar algumas dessas espécies com as próprias mãos. Rever aqueles arbustos transformados em imponentes árvores deixa no peito um restinho de esperança. Pode ser que nem tudo esteja perdido. Mas a UFPA cresceu muito; o campus se expandiu de tal forma que tive grande dificuldade para localizar o prédio onde passei, em tempo integral e dedicação exclusiva, 10 bons meses de minha vida. A universidade é hoje a maior do Brasil em número de alunos.

Outro registro, a transformação do aterrorizador presídio S. José, no S. José Liberto, prédio que nem de longe lembra

o que foi. Hoje, abriga, além de um interessante museu de gemas, lojas de jóias produzidas no Pará com matéria-prima local. O pátio central, com sua fonte e imensas pedras de cristal, afasta de vez qualquer sinal do seu passado tenebroso. Do presídio restou apenas um micro museu com aparelhos de tortura etc. Lá não fui. Preferi seguir pelo outro lado. Mais um registro: transformaram dois dos imensos armazéns das docas em centro de lazer, com bons restaurantes, sorveterias, lojas dos bons artigos regionais. Na parte externa, mesas e cadeiras estão de frente para a Baía de Guajará. Síntese: os armazéns abandonados agora são o point dos moradores de Belém. A igreja de Santo Alexandre, fechada desde 1950, agora é um interessante museu de arte sacra que ostenta uma iluminação ainda muito rara no mundo ocidental, de tecnologia alemã. E tem mais, muito mais.

O melhor da viagem, o que mais nos deixou cheios de alegria e ternura, foram os reencontros com os amigos. Claro que o tempo deixou suas marcas nos corpos, cabelos e rostos. Porém, não conseguiu turvar o genuíno brilho de alegria daqueles olhos que nos contemplavam, o calor dos braços que nos apertavam contra o peito, as palavras doces e amigas, cheias de ternura a carinho. Uma festa só! O tempo que tudo devora e apaga não conseguiu esfriar amizades tão firmes. Isto deu-nos a consciência de que sempre vale a pena viver, mas vale muito mais para quem pode se sentir lembrado e querido – ainda que se tenha passado um quarto de século. Note-se que a chegada foi de surpresa. É. É. Momentos desses se cravam nos escaninhos da memória e de lá serão sacados, sempre que necessário, para encher o peito de calor e lembrar que ainda vale encarar a vida com otimismo e fé. Vale!

## A COMILANÇA DA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

10.04.2009

Então estamos combinados. Com o apoio decisivo de dois queridos amigos e parceiros de leituras, um do norte (PA) e outra do sul (PR), vamos deixar o escritor Chico Buarque em merecido repouso. Assim, fica preservado o extraordinário compositor capaz de coisas como a crítica social bem ácida de *Geni e Meu Guri*, a proeza de colocar um palavrão como “paralelepípedo” numa letra de samba sem perder o rumo nem o ritmo e, ainda, de interpretar a alma feminina de uma forma tão profunda que até as mulheres se assustam. Lembro que, no fim da década de 70, quando foi encenada, no Rio, a *Ópera do Malandro*, com Elba e Marieta cantando em dueto a impagável *O Meu Amor*, conversávamos em grupo sobre a sensibilidade feminina de Chico. Uma das mulheres da roda explicou que as descrições eram perfeitas e que nós homens jamais seríamos capazes de entender; falou especificamente sobre a parte do “E de pousar as coxas entre as minhas coxas/ quando ele se deita”, assegurando que a descrição era tão intensa, tão profunda, que explicitava exatamente o que ela sentia em situações que tais. Saindo desse sutil e delicado tema mas ficando no mesmo autor, cabe destacar a intensa carga de emoção que Elza Soares consegue transmitir quando interpreta *Meu Guri*. Sem dúvida, uma das mais impactantes apresentações que tivemos oportunidade de ver num palco. Portanto, o negócio é guardar o escritor e preservar o compositor. Combinado?

\*\*\*

Agora, uma questão que submeto a todos na procura de uma resposta já que as pesquisas feitas não me levaram a lugar nenhum. O Código de Direito Canônico (Codex Iuris Canonici) estabelece, no seu art. 1.251, com redação dada

no papado de João Paulo II, que serão guardados jejum e abstinência na Quarta-Feira de Cinzas e na Sexta-Feira Santa. Pois bem, desde que me entendo por gente que aqui na Bahia, especialmente no litoral e regiões próximas, que a Sexta-Feira Santa é um dia em que as famílias se reúnem em volta de uma mesa bem farta para um regabofe de causar inveja a Pantagruel. É uma festa tão arraigada nos costumes locais como o Círio em Belém. Como lá no Pará não pode faltar o pato no tucupi, aqui na Bahia não pode faltar bacalhau, que, diga-se, é democrático já que tem para todos os gostos e bolsos. Na mesa, só tem uma ausência: a carne. Fora daí, arma-se um espetacular banquete onde não podem faltar moquecas (de peixe, bacalhau, marisco), vatapá, caruru, feijão de côco, efó e, claro, vinho tinto; na sobremesa, vale tudo, tortas, sorvetes, frutas, compotas e bolos.

Costumo ficar na sacada para apreciar as pessoas chegarem aos prédios trazendo pratos, bandejas e garrafas, que serão devidamente incorporados ao repasto da casa aonde se dirigem. Vejam que – estamos tratando de litoral da Bahia – o cardápio é bem baiano, com forte predominância do dendê. Um parêntese: a moqueca é o prato universal por excelência; é o único que leva, na composição, óleos de três continentes: o de palma (dendê), da África; o de côco, da Ásia; e o de oliva, da Europa. Se incluirmos o amendoim, o coentro, o tomate, o pimentão, a cebola, temos então num só prato quase todos os continentes reunidos.

De volta à indagação: se o Código Canônico preceitua a abstinência, de onde veio esta adorável tradição que parece estar em total desacordo com a orientação da Santa Madre? Notem que este é um costume típico e próprio das famílias de orientação católica. Até onde posso me lembrar, só não participei desses regabofes nos idos tempos de coroinha e seminarista porque, então, tínhamos os dias cheios de atividades intensas e só bem tarde da noite é que podíamos

comer com a calma que tal ato exige, mas aí estávamos mortos de cansaço.

Quando saímos da Bahia, mesmo sem pruridos bairristas e com grande capacidade de assimilar os costumes locais, levamos conosco esta tradição sem deixar de incorporar as locais. Em Belém, honrávamos, com comida baiana, a Sexta-Feira Santa e, na melhor tradição do pato e da maniçoba, o Círio de Nazaré. No caso do Círio, íamos como convidados para a casa de amigos. Hoje, não seguimos qualquer orientação religiosa, mas fazemos questão cerrada de preservar esses costumes. Aqui em casa hoje, cumpriu-se a tradição. Nada de carne. Somente uma mesa forrada dos acepipes tradicionais. Outra coisa tradicional é o vinho: quando criança, davam-nos vinho tinto com água e açúcar enquanto os adultos bebiam normalmente. Eram os tradicionalíssimos Sangue de Boi e Capelinha? Não lembro.

Ah, lembro-me de outra tradição pitoresca que não sei se ainda persiste mas que era a cara da minha juventude. Falo do “baú fechado”, de que Jorge Amado tratou em mais de uma oportunidade. (Note que a greve descrita em Tereza Batista Cansada de Guerra teve outra razão.) Pois bem, a partir da meia-noite da quinta-feira e até um minuto depois da meia-noite da Sexta-Feira da Paixão, as “moças” ficavam indisponíveis, cumprindo a sacrossanta tradição da abstinência da carne (aí em sentido lato). O detalhe picaresco (ainda existe esta palavra?) é que, à medida que se aproximava a meia-noite de sexta-feira, a “macharada” começava a lotar os salões dos bordéis para esperar o momento de cumprir a tradição seguinte que era a da abertura dos baús. Tempos idos e vividos. Aí, portanto, curiosas nuances da religiosidade baiana. Quem puder – ou souber – explicar suas origens, favor enviar cartas para a redação, que penhoradamente agradece.

## MULHERES CLASSUDAS

17.04.2009

Dentre as tantas teorias conhecidas, uma das que mais agradam pela sua lógica, que beira a genialidade, é a da zebra. É a única que tem como escopo explicar o inexplicável e o faz de forma bem satisfatória. Seu enunciado é de uma profundidade ímpar: “não importa se a zebra é um animal preto com listas brancas ou branco com listas pretas; o que importa é que quando estamos diante de uma, temos certeza de que é uma zebra.” Mas o que tem a zebra, terror maior dos que apostam em futebol, a ver com a nossa Sexta? Sinceramente, não sei. Mas, vou tentar alguma explicação.

Como dito, a função da teoria da zebra é explicar o que não se explica, mas se sabe o que é. Por exemplo, quem sabe explicar o que é uma mulher classuda? Ninguém, é claro; até os dicionaristas se enrolam e nos enrolam com uma história de “mulher de alta classe”, sem explicar que diabos é “classe” (não pode ser social sob pena de ser discriminação). No entanto, todo mundo sabe o que é uma mulher classuda. Como? Basta estar diante de uma. Ela se destaca pela simples presença. Bonita, feia, jovem, velha, branca, negra? Nada disso importa. Mulher classuda é mulher classuda e estamos conversados. Não é preciso estar coberta de jóias, como as rotuladas de “árvores de natal”; nem com vestidos espalhafatosos que atraem os olhares e os risos pelo ridículo; muito menos as cobertas de roupas e acessórios de marca que mais se parecem com outdoors ambulantes.

Olha que também não estamos falando nas iludidas que, no afã de parar o tempo, acabam se mutilando com seus rostos lisos e sem vida. Nada disso. Mulher classuda é uma categoria diferente, única, que parece pairar em meio as outras. Ela não anda, levita suave pelos espaços que se abrem naturalmente, sem causar tumultos nem invejas e muito

menos olhares gulosos de machos sedentos. Em suma, não dá para ser explicada, mas nós sabemos que ali está uma. Todo esse prolegômeno é para destacar que, no meu entender, a Mulher Classuda da vez é a advogada americana Michelle Robinson Obama. Não é bonita, é negra, não usa roupas caras nem penduricalhos. Com simplicidade, cumprimenta ricos e pobres e até serve bandeijões para crianças desamparadas, sem afetação e sem chamar a atenção. Diante dela, a cantriz italiana que é primeira-dama da França sumiu. A rainha inglesa não resistiu ao seu charme e a abraçou pela cintura numa inusitada quebra de protocolo.

Vejam que neste quesito primeira-dama, as senhoras são, de um modo geral, de duas categorias: as bibelôs e as objetos de decoração. Cada um que as rotule, se for o caso e houver interesse. Sem sair do tema, cabe tecer algumas considerações sobre mulheres que, nessa posição, transcenderam. Uma delas, a americana Anna Eleanor Roosevelt, diplomata, embaixadora na ONU e ferrenha ativista dos direitos civis. Mulher de Franklin Delano Roosevelt, primeiro e único presidente americano a exercer quatro mandatos consecutivos (morreu no exercício do cargo, em 1945), Eleanor não se deixou ofuscar pela companhia do homem que dirigiu o destino dos Estados Unidos na Grande Depressão, iniciada em 1929, e na Segunda Grande Guerra. Pelo contrário, manteve seu brilho tanto no solo como no dueto. Dizem que não era fisicamente bonita, mas sobre este tema deixou a frase lapidar: “Pessoas jovens bonitas são acidentes da natureza; pessoas idosas bonitas são obras de arte.” Para encerrar mais duas dessa frasista famosa: “Ninguém pode ferir você sem o seu consentimento” e “O único homem que jamais erra é aquele que nunca faz nada”.

Neste quesito, aqui no Brasil – com o devido respeito a Ruth Cardoso, que dizem ter sido tão preparada, mas tão preparada que escrevia os textos do marido, inclusive a tese de mestrado – meu voto vai, com todas as honras, para Nair von Hoonholtz. E aí? Quem é esta figura? Simplesmente, a

primeira mulher caricaturista profissional do Brasil, com atuação nos principais jornais e revistas da época (Fon-Fon, O Malho, A Careta, Gazeta de Notícias), talvez a primeira do mundo. Estamos falando de Nair de Teffé, a grande e revolucionária primeira-dama do país no período de 1914-18, quando seu marido Hermes da Fonseca presidiu a República. A ela a expressão “uma mulher muito à frente do seu tempo” é muito mais que uma força de expressão. É a constatação de uma maneira de ser e viver. Brincalhona, cantava e tocava vários instrumentos, além de pintar e caricaturar. Esta atividade ficou em suspenso desde que se tornou primeira-dama e até a morte do marido.

Graças a ela, a música popular brasileira conseguiu sair do submundo e adentrar os salões da alta sociedade. Com o seu apoio, o violão começou a deixar de ser instrumento de malandros e marginais. Não se escusava de organizar saraus no Catete, onde se tocavam músicas até então só conhecidas do populacho. Amiga e protetora de cantores e instrumentistas, organizou um recital de lançamento do *Corta Jaca*, maxixe composto por outra brasileira inigualável, Chiquinha Gonzaga. O governo (imaginem!) foi criticado pelo escândalo de promover no palácio a divulgação de músicas consideradas lascivas e vulgares pela elite. Finalizando, mais uma coisa adorável dessa senhora que morreu aos 95 anos e, aos 88, publicou seu livro de memórias. O chatonildo do Ruy Barbosa, conservador a mais não poder, dizia-se chocado com as atitudes de Nair. Seu passatempo era criticá-la. Resultado: ela se retou, fez uma caricatura dele que, com toda aquela empáfia e pedantismo, virou o que sempre foi, piada. E viva Nair de Teffé!!!!!!!!!!!!

## SOBRE PAULO VANZOLINI

24.04.2009

Amanhã, dia 25.04, é dia do aniversário de 85 anos de uma das personalidades mais interessantes desse Brasil velho de guerra. Natalício do médico que trabalhou no museu de zoologia da USP, doutorou-se em zoologia pela Universidade de Harvard, foi um dos fundadores da famosa e respeitada FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e premiado, em 2008, pela Fundação Guggenheim de Nova Iorque por sua contribuição para o progresso da ciência. Cientista e professor de renome internacional, atuou também no INPA (Instituto de Pesquisas da Amazônia) em Manaus, figurando em inúmeras bancas examinadoras de mestrados, doutorados e professores titulares.

Aí por volta da década de 70 do século passado, conheci uma professora/pesquisadora da Universidade Federal do Maranhão, bióloga, que, ao falar do seu trabalho de pesquisa na tese de doutorado no INPA, abria um largo sorriso de orgulho e passava a louvar o orientador. Para ela, o simples fato de ter a sua tese orientada por tal mestre significava um momento único de toda a sua vida. Dá para ver, portanto, que estamos falando de uma figura que merece respeito e reverência. Por sua causa, o Aurélio consagrou a expressão “dar a volta por cima” como “superar uma situação difícil” – ele se insurge alegando que não conseguiu se expressar como devia pois a frase tinha um alcance mais amplo: o de não apenas superar situação difícil mas de fazê-lo em condições de plena inteireza, até mais forte do que antes da queda.

Não satisfeito, andou sobre as águas, como São Pedro; como Santos Dumont, foi aos ares sem medo; só para se exhibir, fez uma poesia como Olavo Bilac; não conseguindo o que queria, lavou as mãos como Pôncio Pilatos. Noutra ocasião,

pegou Maria, que ninguém queria, e resolveu reformar: levou ao dentista, pagou a modista, ensinou a falar; ficou satisfeito com o que tinha feito, um serviço perfeito, um trabalho de artista; problema é que Maria era esperta, ele esqueceu a porta aberta e ela fez a pista... Doutra vez, registrou o caso do sujeito que saiu de casa de terno tropical, camisa creme, lenço e gravata igual. Jantou e saiu satisfeito... pra antes da meia-noite morrer com um tiro no peito. Num momento de exasperação, aconselhou: mulher, toma juízo, mostra os dentes num sorriso; eu sou um que não preciso de aturar cara torta; mulher que se vira pro outro lado tá convocando a suplente; mulher que não ri, não precisa dente. Ensinou que a inveja é a moeda que o mundo tem pra pagar o bem.

Com rara sabedoria, soube tirar partido do fato de ter tido a carteira furtada: na praça Clóvis, sua carteira foi batida; tinha 25 cruzeiros e o retrato dela – 25 cruzeiros francamente ele achou barato, pra o livrarem do seu atraso de vida. Ele já devia ter rasgado a foto e não podia, aquele retrato cujo olhar o maltratava e perseguia. Um dia, veio um lanceiro naquele aperto da praça – 25 francamente foi de graça.

Ao filosofar sobre o peso da ingratidão, foi enfático: no último dia da vida, encontrou-se com os seus pecados; uns maiores, outros menores, mas no geral, bem pesados. Do outro lado, somente a ingratidão que sofreu o anjo pôs na balança e, vestido de branco, ele subiu. Quando chorou, não procurou esconder, todos viram, fingiram pena dele. Não precisava: um homem de moral não fica no chão, nem quer que a mulher lhe venha dar a mão. Num momento de grande auto-estima, esnobou: quando ele for, vai sem pena, pena vai ter quem ficar. Agora só nos resta rondar a cidade e procurar sem encontrar; no meio de olhares, espiar em todos os bares; voltar pra casa abatido, desencantado da vida. Sabem por quê? Porque se tivéssemos quem bem nos quisesse, esse alguém nos diria para desistir da busca inútil; não desistiríamos e

voltaríamos, com perfeita paciência a procurar até encontrar, bebendo com outras mulheres, rolando um dadinho, jogando bilhar. Aí então, a coisa se complicaria porque a manchete da primeira edição seria: *cena de sangue num bar da Avenida São João*.

Gostaram? Torço que sim. Afinal de contas, a Sexta de hoje foi inteiramente feita com letras das inesquecíveis músicas do sambista que nunca se assumiu como tal, preferindo ser conhecido e respeitado como cientista, zoólogo, especialista em répteis. Sempre insistiu em afirmar que a música era uma atividade secundária. Ainda assim, foi, ao lado de Adoniran, a maior expressão em todos os tempos do samba em São Paulo. Suas letras são impagáveis. Possivelmente as mutilei, perdoem.

Agora, juntos, numa só voz, alto e bom som, proclamemos: FELIZ ANIVERSÁRIO, GRANDE PAULO Emilio VANZOLINI. VIDA LONGA E MUITA SAÚDE

## SERRA DA CAPIVARA

08.05.2009

Choveu na caatinga. A vegetação aparentemente morta, amarelo-amarronzada, deprimente e triste, reveste-se de variegadas nuances de verde. Não satisfeita, oferece, como adereços de mulher vaidosa, um sem-número de delicadas flores das mais diversas tonalidades. Borboletas e abelhas voejam por todo o lado na farra do néctar e da conseqüente polinização. É como se a caatinga adormecida acordasse, estuante de alegria, a se exhibir sem pudores numa maravilhosa celebração da vida. Caminhando nas trilhas do Parque Nacional da Serra da Capivara, chego a esquecer que aquela paisagem esconde outro lado, triste e sofrido. Verdade que poucos brasileiros conhecem a região ao vivo. Verdade também que o lado ruim, o da seca, já nos rendeu algumas das mais importantes páginas literárias, musicais e até mesmo cinematográficas, a começar por Os Sertões, o espetacular painel traçado por Euclides da Cunha, passando por Vidas Secas, o livro e o filme, com a saga de Fabiano, Sinhá Vitória, os filhos, Baleia e o papagaio de estimação, que acaba sendo comido para aliviar a fome.

O filme de Néelson Pereira dos Santos é, sem dúvida, um dos momentos maiores do cinema nacional. Há também os filmes de Glauber Rocha, que não entendo, mas são ambientados na caatinga e considerados magistrais por quem entende. Na poesia/música, então é que a coisa derrama. Poderíamos escrever um tratado sobre o que já se fez – e me refiro só ao que tem qualidade – tendo como tema a caatinga esturricada e sua tragédia secular de homens, animais e vegetais dominados e martirizados pela natureza, que se transmuda de mãe generosa em feroz e implacável tirana. Alguns nomes? Claro:

primeiro, o hino dos hinos, a *Triste Partida* de Patativa de Assaré; depois, *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira; sem falar na obra de Catulo da Paixão Cearense e do próprio Olegário Mariano.

Pois bem, a caatinga, um bioma ainda recente, tem, como em nenhuma outra região do país, esta dupla face. O que seduz é a incrível capacidade de regeneração, de ressurgimento, assim que caem as chuvas. É de lamentar apenas que estejam governo e empresários a trabalhar firmemente no sentido de desertificar a região. Coisas faraônicas, como a transposição do S. Francisco, ou de ambição sem limite, como a agricultura irrigada, que oferece três safras de uva, mas, em contrapartida, vai salinizando a terra até torná-la imprestável. O que dizem os técnicos não interessa. Lucros e interesses não muito claros é o que acaba prevalecendo.

Fomos conhecer o Parque Nacional da Serra da Capivara, talvez o mais importante sítio arqueológico das Américas, e ali fizemos belas e inesquecíveis trilhas, algumas penosas, é verdade. Visitar Serra da Capivara é como fazer uma viagem no tempo, tentando entender as pinturas rupestres e perquirindo sobre quem e como foram os nossos antepassados. Para dividir um pouco do meu encantamento, confirmo as fotos de duas dessas inscrições. A primeira, com o camelídeo maior protegendo o menor, usada como símbolo do Parque, pode significar também o carinho e o cuidado do amor materno. A segunda, popularmente conhecida como “O Beijo”, dispensa comentários – fala por si só. Aí uma pergunta: ESTARIAM NOSSOS ANTEPASSADOS QUERENDO NOS DIZER QUE O QUE IMPORTA É O AMOR, NO SEU SENTIDO MAIS LATO?



## CAMPOS DO JORDÃO

15.05.2009

As pessoas sempre voltavam encantadas, dizendo maravilhas especialmente da gastronomia, do agito, dos maravilhosos vinhos, da excelente cerveja artesanal, das compras e também do festival de inverno no auditório Cláudio Santoro. Como agito, compras e cerveja não são praias de minha preferência, ia deixando o tempo passar, até porque os preços de hotéis e restaurantes assustam. Andar no contrafluxo é nossa especialidade. Fiz umas pesquisas, descobri outras coisas além das citadas e resolvi encarar, aproveitando os preços mais amenos de maio. Deu certo. A começar da cidade, que está vazia de turistas e acolhedora nessa época. Com auxílio do pessoal da pousada, consegui localizar um sujeito espetacular, destes que fazem o que gostam, conhecem tudo e ainda se dizem felizes porque ganham para aprender com os clientes. Conversa agradável, educado, bem-informado sobre tudo quanto é assunto – lá fomos nós com ele.

Graças ao Marcondes, a Campos de Jordão que vivenciamos é sensivelmente diferente da de que falavam os conhecidos. Para começar, fizemos uma trilha agradabilíssima, em meio a uma vegetação úmida e gostosa, até contemplarmos uma cachoeira muito interessante, inacessível para banho, não só pela frígida água como também pelo grau de risco; ainda assim, muito bonita com suas sucessivas quedas, nascentes a partir de um estreito e pequeno cânion de pedra. A tradicional viagem de trenzinho até Sto. Antonio do Pinhal, fizemos por uma estrada que fica mais no alto, estreita e perigosa, mas que, pela beleza da paisagem, encanta e lembra a da Graciosa, no Paraná. Sempre guiados e levados pelo Marcondes, fomos até o auditório Cláudio Santoro e ali, por mero acaso, curtimos

o ensaio do Trio Mantiqueira, confortavelmente instalados. Passeamos demoradamente pelo Museu Letícia Leirner, a céu aberto, espalhado numa grande área ajardinada, com esculturas em ferro e cimento e também em bronze, estas tratando da temática da guerra que ela vivenciou na Europa até vir se exilar no Brasil.

O Palácio de Inverno dos Governadores de São Paulo, um prédio de estilo medieval, guarda uma valiosa coleção de artistas brasileiros, tais como Bonadei, Volpi, Di Cavalcanti, Pancetti, Portinari e Tarsila, dentre outros. Para que se tenha uma idéia do acervo, basta que se diga que “Os Operários”, a célebre tela de Tarsila ali está. Mais? A capela do palácio que fica em frente é um monumento arquitetônico que vale a pena ser visto. Dedicada a São Pedro, tem no seu interior a forma de um barco estilizado, assentado sobre um espelho de água. A estátua do santo, esculpida em madeira de lei e coberta por uma rede de pesca, tem um curioso detalhe, um buraco na altura do coração que teria dois significados: olhando por ele, vê-se ao longe uma pedreira que significaria o coração endurecido de Pedro por ter negado Jesus três vezes; noutra, é que, em determinada época do ano, o sol passa pelo buraco a indicar Pedro iluminado. Na parte baixa (de onde?), há um desenho do santo, pintado no teto e que, a depender da hora, reflete-se na água com ele de cabeça para baixo, na posição que pediu para ser enforcado.

Para fechar o dia, fomos até a Pedra do Baú, na vizinha São Bento do Sapucaí, e acabamos subindo no Bauzinho, pedra próxima, que oferece visão estonteante de todo o vale, não recomendada para quem sofra de tonturas ou vertigem. Em relação à Pedra do Baú e suas escadas cravadas na rocha, isto ficou como uma pendência a ser resolvida noutra oportunidade.

Para encerrar, uma historinha de pessoas de bem com a vida e acima do bem e do mal. Tomávamos chocolate e, na

mesa ao lado, três senhoras bem idosas e bem-postas, com seus belos cabelos brancos, também tomavam chocolate ao tempo em que, com volúpia, saboreavam um bombom de licor. De repente, uma delas falou, referindo-se à evidente transgressão que estavam cometendo: “É, aqui eu posso tudo. Em São Paulo, não posso nada.” Abençoada velhinha. Viver é, também, saber transgredir.

## AS CENTENÁRIAS – A PEÇA

22.05.2009

Sem dúvida, um espetáculo de qualidade, sustentado pela interpretação segura das protagonistas. Elas conseguem manter – e passar – o clima da peça, misto de comédia e drama, sem perda do ritmo, a despeito das muitas histórias e personagens que contam e interpretam, saltando de um gênero a outro sem derrapar na qualidade. Desta forma, Socorro e Zaninha, comadres, carpideiras e centenárias, dão conta de suas vivências nessa que é uma das mais antigas profissões do mundo, com registros que remontam ao Egito Antigo e à Grécia Clássica.

Assistindo *As Centenárias*, peça escrita por Newton Moreno e dirigida por Aderbal Freire-Filho, com Marieta Severo e Andréa Beltrão, dou-me conta de como o Nordeste é culturalmente rico, verdadeiro repositório de manifestações artístico-populares que foram trazidas pelo colonizador. A carpideira é uma dessas manifestações que conseguiram sobreviver no mundo globalizado graças ao povo do interior nordestino. Confesso que nunca tive muita coragem para olhar a cara do morto esticado dentro do caixão, posto em cima da mesa no meio da sala. Isto não me impedia de ir a velórios, apreciar os cantos e os choros das carpideiras e – é evidente – a cachaça que rolava a noite inteira, junto com o café, bolos, biscoitos e outras guloseimas. Na calçada, ou passeio como se dizia, rolava solto o dominó, jogado da mesma forma como se fazia em bares e botecos, inclusive com gritos e palavrões sem os quais o jogo perdia a graça. Lá dentro, as carpideiras garantiam o outro lado do velório, firmes no choro e na cantoria ao lado do defunto.

É verdade que o Nordeste foi a primeira região a ser colonizada pelo português. Com o colonizador, vieram todas

essas manifestações que permaneceram praticamente intactas ao longo de todos esses anos. Boa parte delas tem uma clara influência medieval. O cordelista, num só tempo autor, editor e intérprete é uma indiscutível reprodução dos menestréis que, na Idade Média, iam passando de um lugar para outro, contando histórias e levando notícias, acompanhando com algum instrumento de corda ancestral do violão. No passado, os cordéis tratavam quase sempre de histórias de reis, rainhas, princesas, cavaleiros do bem e do mal que vez por outra se batiam em justas, assim como contam os romances de cavalaria. Posteriormente, o cordelista passou a ser também um cronista da vida mundana, quando não uma língua ferina a serviço de quem dava mais, como é o caso do nosso Cuíca de Santo Amaro, uma espécie de Aretino mulato, que fez nome e fama criticando mordazmente os adversários de quem o financiava. Às vezes, tinha de passar uns tempos escondido para escapar do inevitável desforço físico, ossos do ofício...

Essa influência dos romances de cavalaria se encontrava também nas histórias que nos contavam os avós e tios, naquelas noites em que as crianças, reunidas ao redor do contador, quedavam-se silentes bebendo as palavras. Desta forma, viajavam nos maravilhosos cavalos dos valentes príncipes, e lutavam com cavaleiros que superavam todos os obstáculos para, no final, casarem com a bela princesa. Talvez o melhor exemplo dessa preservação esteja no *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, que conta a saga tipicamente medieval de D. Pedro Dinis Quaderna, seus ancestrais e descendentes na incessante luta pelo reino. Também na música de Elomar Figueira de Mello, prenhe de tiranas, puluxias e cantigas, muitas das quais feitas num português arcaico difícil de entender.

O teatro de mamulengos, espécie de teatro de bonecos feitos com materiais comuns (papel de embrulho, cabos de vassouras, tintas, pincéis, roupas velhas etc.), é outra dessas

manifestações. Os bonecos interagem com o público fazendo e respondendo perguntas, mais ou menos da forma como a Igreja Católica fazia na Idade Média para difusão de sua doutrina e atração de fiéis. Podemos ainda destacar os pastores, originariamente representações estáticas do nascimento de Cristo (presépio ou lapinha) que depois adquiriu a forma animada em que os pastores cantam loas. Para encerrar, o vistoso Reisado, com suas indumentárias cheias de brilho com espelhos, fitas e areias brilhantes, que festejam o Natal e a festa de Reis.

Agora, alguns brindes por conta das carpideiras: “Me casei com uma velha pra livrá de filharada/mas o diabo da velha teve dez de uma ninhada/ô mana deixa eu ir, ô mana deixa eu ir/ô mana deixa eu ir esse côco embolá.” “Uma incelença que foi pro paraíso/adeus irmão adeus até o dia do juízo/adeus irmão adeus até o dia do juízo.” “Meu São Pedro, meu São Pedro/Piedade dessa alma/que a vida deixa agora/e no céu pede morada/São José que moda é essa/de cuié e panelinha/onde tem tanta muié/home não vai na cozinha.”

## SOBRE FRIDA KAHLO

29.05.2009

Entendo que arte é uma questão de interação entre o autor e cada uma das pessoas que veem, assistem, leem ou ouvem. Algumas obras nos tocam diretamente sem que saibamos explicar exatamente por quais razões. E não adianta ir atrás dos críticos. Afinal de contas, eles trabalham com parâmetros pré-estabelecidos e, muitas vezes, estão comprometidos com grupos, escolas etc. O homem comum, mero amante da arte, se guia apenas e tão-somente pela sensibilidade que lhe diz se deve ou não apreciar e aplaudir. Como exemplo desse abismo entre o cidadão comum e a crítica, costumo citar Pablo Picasso. Não me diz nada. Isto não quer dizer que não reconheça a sua importância para as artes plásticas do século XX. Não.

Significa, isto sim, que não me toca. Só isso. Problema, se há, é meu, não da crítica especializada e dos conhecedores de arte. Reconheço e aplaudo, por exemplo, a importância política de “Guernica”, obra engajada e que ficará por muito tempo como a materialização de uma denúncia contra a violência e a estupidez da guerra – sob esse aspecto, tudo bem. Tão bem que já a visitei, lá na sua sala no Reina Sofia, duas vezes, uma delas para levar minha filha. Isto porque entendo ser uma obra que marca um tempo e, como tal, deve ser vista e, se for o caso, admirada. Daí a gostar vai uma longa, imensa distância. Guernica simplesmente não me toca. Bem, isto é só um exemplo e tem como escopo deixar clara a maneira como entendo arte. Se não tivesse lido um sem-número de coisas sobre o quadro e sua história, não conseguiria dizer o que ele representa.

Pois bem, nesta semana que se finda, recebi do meu querido amigo de Belém um Powerpoint sobre a inolvidável

mexicana Frida Kahlo. Na verdade, um breve resumo biográfico com imagens de alguns dos seus mais importantes quadros, trabalho muito bem feito, ressaltado pela trilha sonora, *Concerto de Aranjuez*. Vi e revi uma, duas, várias vezes. Sei que não poucos críticos atacam a sua obra e muita gente simplesmente não a suporta. Estou do lado oposto. Acho, simplesmente, que ela não é apenas a grande pintora mexicana do século XX. Minha admiração me leva mais longe. Ela é uma das maiores pintoras de todo o mundo, em todos os tempos. Exagero? Bem, o coração tem razões que a própria razão desconhece. Um dos meus mais acalentados projetos é exatamente o de ir a Ciudad de Mexico, visitar a Casa Azul, andar pelas dependências da casa onde Frida viveu. Tá difícil de concretizar porque não aceito me submeter às exigências do governo mexicano para a emissão do visto.

Meu posicionamento nisso é radical. Não posso ir a um país que exige conhecer detalhes da minha vida; impõe-me sair de Salvador para ir a uma ou duas cidades aqui no Brasil a fim de ser submetido a uma humilhante entrevista. Ante o impasse, coloquei meu projeto na geladeira e fico aguardando o momento em que as autoridades mexicanas vão aprender a respeitar os cidadãos de outros países. Notem que o Brasil não submete os mexicanos que aqui queiram entrar a tais vexames. Isto não me impede de continuar admirando Frida e sua tocante obra, calcada na dor e no sangue. Lembro que, em março de 2006, de passagem por Lisboa, tomamos conhecimento que no Centro Cultural de Belém havia uma exposição de e sobre Frida Kahlo, com peças do valioso acervo do Museu Dolores Olmedo Patiño. Partimos para o Centro e passamos horas vendo de perto algumas das mais importantes das suas obras, inclusive a emblemática “Coluna Partida”. Ao sair da exposição, sentia-me leve e realizado. Dela afirmou Carlos Fuentes: “Frida encontrou a maneira de pintar a dor, de permitir-nos ver a dor e, com isso, refletir a dor do mundo

(...) não deixa de ser um símbolo da esperança, do poder, da capacidade de encher-nos de forças para um setor variado de nossa população que passa por condições adversas.”

Viveu pouco: apenas 47 anos, boa parte dos quais em camas hospitalares e varada de dores. Tinha somente 18 anos quando sofreu o acidente de ônibus que lhe lesionou o corpo e a alma de forma brutal. Não se deixou sucumbir e começou a pintar para aliviar a dor. Sua vida pessoal é conhecida. Marcada por forte ideário político, símbolo do feminismo e da liberdade, militou no partido comunista mexicano, casou e viveu por 25 anos um tumultuado casamento com o muralista Diego Rivera. E ainda teve tempo e meios de se tornar amante de Trotsky, que então vivia no México, fugindo da sanha stalinista. Foi tema de um belíssimo filme, *Frida*, dirigido por Julie Taymor e protagonizado por Salma Hayek. Pelo papel, a atriz foi indicada ao Oscar em 2003. O filme ganhou dois prêmios, o de maquiagem (perfeita) e de trilha sonora. Merecidíssimos.

No meu imaginário, a vida e obra de Frida se fundem de tal forma que não sou capaz de separar uma da outra. Limiteme, simplesmente, a assumir meu lado tiete, lembrando sempre de duas de suas frases antológicas: “Eu bebia para afogar minhas mágoas. Mas as malvadas aprenderam a nadar.” Aos que tentavam classificá-la como representante do surrealismo, respondeu: “Acreditaram que eu era surrealista, mas não o era. Nunca pintei meus sonhos. Pinteí minha própria realidade.” Vale!

## SOBRE CHORO & LÁGRIMAS

05.06.2009

A proposta desta Sexta é a abordagem de um tema bem delicado. Chorar é uma das mais fortes sensações que uma pessoa pode viver. O riso vem e vai sem deixar praticamente nada; o choro, não. Traz um alívio ao peito como se a pessoa tirasse de dentro de si um peso opressivo. O choro é como uma torrente que nasce lá no íntimo e explode sem que tenhamos forças nem meios para segurá-lo.

Noutros tempos, o simples fato de ser do sexo masculino era um tormento. Havia um estúpido princípio que funcionava como instrumento de tortura. Era o famoso – e odiado – “homem não chora”. Aquilo era, simplesmente, uma iniquidade. Se batia a vontade de extravasar, de chorar, as crianças tinham de sair correndo em busca de um canto escondido para não serem vistas em lágrimas; depois, tinham de lavar o rosto e reaparecer como se nada tivesse acontecido. Era o cúmulo. Chorão assumido, confesso que muito sofri por ter de esconder lágrimas. Felizmente, as coisas mudam e, muitas vezes, para melhor. Atualmente, chorar é coisa de homem – e de mulher também. Desta forma, já não se censura quem libera as lágrimas e, assim, solta a emoção para depois sentir um agradável torpor, uma leveza.

Chora-se por tudo. Afinal de contas, ninguém tem porque segurar a dor ou a alegria. Tem mais é que soltar. Chora-se pela morte do ente querido, pelo nascimento do filho, pelo fim do namoro, pela dor de uma pancada física ou moral, pelo êxito, pelo fracasso e por um sem-número de razões. Às vezes, a torrente é tão grande que o melhor é ficar sozinho para liberar o que vai n'alma, em forma líquida e da maneira mais demorada e completa possível. Meu orientador de pesquisa, um raro americano que não era arrogante, contou-me uma

experiência terrível. Fazia sua pesquisa de campo na Uganda de Idi Amin. O tema da tese de doutorado era alguma coisa sobre relações de poder. Num dado momento do trabalho, percebeu estar numa espécie de macabra corrida de obstáculos. Logo depois de entrevistar um líder tribal ou chefe político, recebia já na localidade seguinte a notícia de que haviam sido mortos. Instalou-se dentro dele uma sensação de pânico, alimentada por um acendrado medo. Consciente daquilo, buscava desesperadamente completar o plano de trabalho e escapar daquele país aterrador. Quando, finalmente, conseguiu chegar à Tanzânia, onde se sabia seguro, buscou um hotel e, assim que sentou na cama, as lágrimas irromperam com toda a força e por várias horas sem que conseguisse contê-las. Toda a sua bagagem intelectual e emocional não foi capaz de sequer interromper o choro. Evidente que ele estava extravasando, soltando toda a tensão acumulada durante dias e dias do mais puro horror. Tanto assim que, ao final, sentiu o corpo leve, cansado e meio sonolento e – se é possível usar a expressão – feliz. Naquela noite, dormiu como raras vezes em toda a sua vida...

Em tempos idos, gostava da letra de um samba meio filosófico que dizia mais ou menos assim: “enxuga a lágrima, faça um sorriso/mostra a essa gente que é feliz.” O tempo passou. Acumularam-se dores, alegrias, vitórias, derrotas e, no final, uma lição imorredoura: ninguém precisa enxugar nem esconder lágrima, nem tão pouco mostrar a quem quer que seja que é feliz. Afinal de contas, somos o que somos; não precisamos mostrar aos outros aquilo que se presume que eles querem que sejamos. Se alguém busca o meu ombro para chorar, já não procuro inúteis e vazias palavras de consolo. Limite-me a abraçar essa pessoa com força para que ela sinta que tem uma pessoa ao seu lado. Se for o caso, até estímulo para que chore mais e mais até vir o alívio e o conforto. Afinal, como é que se pode consolar alguém de uma perda?

Com palavras? Mas que palavras? Palavras podem preencher o buraco aberto no peito pela dor? Claro que não. Só o tempo, o único bálsamo para as dores da alma, pode fazer cicatrizar tais feridas. Palavras? Ora, palavras o vento leva...

E as lágrimas que rolam por força das grandes emoções? Daquelas que nos apanham no contrapé sem que estejamos preparados? Quem não teve a enorme alegria de sentir a garganta apertada e as lágrimas quentes correndo pelos cantos dos olhos, abrindo sulcos nas faces só porque recebeu uma notícia inesperada, contemplou uma paisagem, um quadro, uma escultura, leu a passagem de um livro, a letra de uma música, viu um filme, uma peça ou, simplesmente, contemplou uma flor solitária ou uma criança brincando, imersa no seu mundo?

Fim. Daqui a pouco, vou ver Ana Botafogo dançar *Floresta Amazônica*, de Villa-Lobos. Se vou chorar? Não sei...

## UMA ÁRVORE NA CHUVA

12.06.2009

As águas me fascinam. As dos lagos, plácidas ou encapeladas pelo vento que sopra nos finais de tarde, como se assanhando os cabelos de uma mulher faceira e sestroza; as dos rios, lépidas no curso irreversível em demanda do mar, formando quedas e cachoeiras que despencam espumando para que o caudal siga seu rumo; as das baías, de dupla personalidade, ora tranquilas, ora revoltas capazes de provocar tragédias e dores; as das geleiras, que se formam em pequenos lagos ao pé dos glaciares, guardando os pedaços de gelo que se desprendem ruidosamente para, aos poucos, voltarem ao estado líquido; as do mar, no seu incessante ir-e-vir, unindo e separando homens e continentes e sem as quais a humanidade dificilmente – ou nunca – atingiria o estágio que alcançou.

Fica esclarecido que também não sou infenso a outro tipo de águas, sejam elas destiladas ou fermentadas. Entretanto as prediletas, as que mais encantam, são as da chuva, ora intensas, torrenciais e de curta duração; ora miúdas, insistentes, capazes de durar dias. Às vezes, é verdade, uma angústia invade a alma ao lembrar que aquela chuva que enleva é a mesma que derruba barrancos, destrói casas, mata pessoas e faz aumentar o número dos sem-teto. Uma dúvida sempre fica martelando o cérebro: seriam as chuvas as grandes culpadas de tantas tragédias? Ou, na verdade, seria a desídia dos gestores, que teriam a obrigação de garantir as condições mínimas para uma vida digna àqueles que são sempre as vítimas? No meu imaginário, a chuva tem também uma forte e gostosa lembrança de tempos idos. Poucas coisas tão marcantes quanto jogar bola sob a chuva, especialmente quando o terreno estava enlameado e as quedas e tombos eram certos a cada corrida e a cada parada. Claro que nunca passou pelas nossas cabeças infanto-juvenis a possibilidade de uma fratura ou acidente assemelhado. (Para

falar a verdade, não recorro nenhum incidente da espécie – recursos de memória seletiva que guarda o que convém e esquece o que não interessa?)

Sim, mas que tem toda essa conversa de “cerca-leão” sobre águas? Boa pergunta porque a ideia é falar de uma árvore, uma imensa e bela árvore de tronco imenso e copa muito maior ainda. Explicando. Com braços e ombros eriçados por dezenas de agulhas de acupuntura, fechei o livro – tema pesado, reflexões de um homem desempregado que é surpreendido com o fato de seu primeiro filho ser portador da Síndrome de Down –, concentrei toda a atenção na chuva e no vento que atiravam ao vidro da janela fechada. Bem em frente, a magnífica árvore. Verdadeiro milagre! No centro da devastada Salvador, talvez a capital brasileira com menor cobertura vegetal, ali em plena Garibaldi, por trás de um imenso edifício, reinando absoluta numa espécie de reserva, mancha verde espremida entre os colossos de concreto, a majestosa árvore. Pelo diâmetro do tronco, é possível inferir que ela talvez já estivesse ali antes da chegada do colonizador; talvez tenha visto os índios retirarem Diogo das águas do Rio Vermelho e – quem sabe? – o casamento com Catarina. Testemunha silente das transformações sofridas ao longo de séculos pela velha Salvador de Jubiabá, Balduino, Maria Clara, Tereza Batista, D. Flor, Vadinho, Pedro Arcanjo, Quincas e Quitéria. Por quanto tempo ainda ela será preservada e respeitada pelos vorazes empreiteiros? Não importa. Sua presença é, também, um raio de esperança de que nem tudo está perdido.

Sentindo-me livre, transporto-me para o lado de fora, para a chuva que cai forte, para o vento que chicoteia as gotas na vidraça, mas, sobretudo, para o colosso vegetal, prenhe de vida. A chuva se espalha por suas folhas, que depois a despejam sobre o solo como se outra chuva fosse. O verde da folhagem que forma a imensa copa brilha sob a luz da manhã. E começa o bailado que envolve e emociona. O tronco sólido, firmemente preso ao solo, praticamente não se mexe. Galhos e

folhas, não. Ao impacto do vento forte que sopra do mar, giram esvoaçantes para a esquerda e, logo em seguida, retornam ao ponto de origem para reiniciar a dança. Devaneio tentando captar a possível mensagem que a árvore queira passar. De um lado o tronco, a base, não se altera: mantém-se firme e impávido, como se não se submetesse a injunções e pressões, dono absoluto do seu espaço e da sua verdade. De outro lado, ramos e folhas são transigentes, cordatos, mas também não abrem mão se suas posições: o vento empurra os galhos, eles cedem, vão no embalo da força mas voltam logo em seguida, e assim ficam indefinidamente; a submissão é enganosa, apenas aparente.

No final, prevalece a força do conjunto: o tronco que não recua, não se mexe e não se dobra; galhos e folhas que parecem se submeter, recuam, dobram-se mas logo logo retomam suas posições enquanto o vento vai em frente a buscar sabe-se lá o quê. Ou não seria nada disso? Teria outra lição que não fui capaz de entender? Ou não teria lição alguma, apenas o bailado fantástico de uma imensa e copada árvore ao ritmo do vento e da chuva? Para aumentar o fascínio, Goreth, a acupunturista, conta que tem a árvore ali nos fundos da clínica como uma espécie de amuleto. Explica que todos os dias, religiosamente, passa alguns minutos contemplando-a. Ensina que ela tem um ciclo próprio; que deixa suas folhas amarelecer e cair em época distinta do outono; mais ainda, pouquíssimos dias depois do desfolhamento, já é possível apreciar o rebrotamento que dá início ao novo ciclo de vida e pujança. Árvore mágica, árvore bela, quem és tu?

Ah, só para registrar: *A Floresta Amazônica*, coreografia de Dalal Achcar, música de Villa-Lobos, com o Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, encabeçado por uma jovem, vaporosa e encantadora, Ana Botafogo, e seu *partner* Francisco Timbó, dispensa palavras e adjetivos. É demais! Pena que a turnê tenha se limitando a Belo Horizonte, Recife e Salvador.

## MANIA DE GUARDAR COISAS

19.06.2009

Tenho a impressão de que o homem é um animal especialmente devotado a acumular e guardar coisas. Claro que outros espécimes do reino animal, alguns roedores e aves, também são inclinados a essa prática de juntar tralhas. Assim vamos juntando livros, roupas, discos, recortes de jornais, revistas, lembranças e ralhas mil. De uma forma ou de outra, acabamos por nos tornar colecionadores. Um belo dia, damo-nos conta de que os espaços em casa começam a rarear. Ainda assim, insistimos em manter todas as coisas que atravancam armários e estantes, alegando muitas vezes uma pretensa necessidade de vir a usá-las em alguma ocasião. Em tais condições, ai de quem tenha a ousadia de sugerir um descarte. Impossível!

Claro que não se está falando de pessoas como Zé Mindlin. Não. Este começou a colecionar livros, tornou-se bibliófilo e acabou por montar talvez o mais precioso acervo particular do Brasil, aí incluídas inúmeras primeiras edições, livros raros etc. Ao fim, tudo devidamente catalogado, abriu as portas ao público para consultas e pesquisas. Portanto, não é desses que se quer tratar, mas de outro tipo de colecionador mais comum, uma categoria da qual, de uma forma ou de outra, quase todo mundo faz parte. Li, certa vez, o depoimento de um sujeito a quem se atribuía ter a maior e mais completa coleção de discos de jazz do Brasil. Esses discos estavam avaramente guardados na casa do possuidor e a eles quase ninguém tinha acesso, exceto alguns raríssimos amigos, também iniciados no mundo jazzístico. Dizia o personagem que eram tantos os discos que, se ele se dispusesse a ouví-los, teria de passar alguns anos somente a fazê-lo. Imaginem! Para completar, cabe dizer que se tratava de um homem com setenta e uns...

Depois de ler a tal entrevista, fiquei a matutar sobre a questão. Afinal de contas, para que juntar essas coisas?

Durante anos guardei recortes de quase tudo que se publicava sobre temas como devastação da Amazônia, Projeto Jari e Mineração Rio do Norte. Isto sem falar nos discos, nos livros e nas revistas que eventualmente traziam alguma reportagem que entendia digna de ser guardada. Enquanto aumentava o acervo, sentia que os espaços iam desaparecendo e impossibilitando manter qualquer tipo de ordem; afinal de contas, no afã de ocupar todos os espaços possíveis, o jeito era amontoar as coisas. Quando nos mudamos para Salvador, foram caixas e caixas atulhadas com todo esse acervo. Por elas, paguei armazenamento até surgir a possibilidade de abrí-las e “arrumar” o conteúdo na nova moradia. Com o advento do CD, acabei ficando sem toca-discos, mas mantive os “bolachões” porque entendia que eles, mesmo tomando um espaço enorme, eram preciosos. Aí entrava o componente emocional: as maravilhosas capas de Elifas Andreato, as capas autografadas, os recibos de presente, os que representavam determinados momentos da vida e por aí adiante. Com relação aos livros, mais ou menos a mesma coisa. De um modo geral, eram guardados porque um dia poderiam ser consultados ou, até mesmo, relidos. Eventualmente, descartava alguns dos técnicos porque ficavam defasados ante a fúria legisferante dos nossos parlamentares. Quanto aos outros, nada. Era preciso guardá-los.

Vida que segue, um dia abro o jornal e tem uma matéria com um sujeito que montara com doações e fazia funcionar uma biblioteca no bairro de Brotas. Interessei-me, procurei informações para saber até onde era verdadeira aquela história. Confirmada a seriedade do negócio, resolvi, mesmo com o coração doendo, dar uma baixa na minha preciosa biblioteca para reforçar o acervo do nosso amigo ali da Cruz da Redenção. O brilho do seu olhar e a evidente alegria ao receber a doação

me comoveram. Aí se rompeu o dique. Localizei mais algumas bibliotecas de centros comunitários e associações de bairro e acabei dando uma violenta baixa no acervo. Em seguida, adotei a política de passar em frente, de preferência entre os amigos, os livros que vou lendo. Maravilha! Acabei me desapegando porque senti que fazendo girar os livros, estava possibilitando que mais e mais pessoas lessem. E isto é muito bom.

Com os discos, não foi muito diferente. Descobri uma senhora doente que adorava música, especialmente a brasileira, mas não tinha como comprar discos embora tivesse uma boa eletrola. Pensei, pensei, sofri, mas enfim tomei a decisão. Quanta alegria ela demonstrou ao manusear tudo aquilo, fazendo referências às preciosidades que ia descobrindo. Pronto, fiquei vacinado. Restava o acervo de recortes. Inúteis por duas razões: hoje se encontra quase tudo na Internet e, a mais importante, a certeza de que, quando precisasse de um deles, não me lembraria da sua existência. Resultado? Juntei todas as pastas, sentei no chão e comeci o doloroso processo de rasgar toda aquela papelada e colocar nos sacos. Gastei um bom tempo nesse parto/catarse. Desde então, já não tenho problemas de espaço e me sinto bem mais livre e leve. Evidente que mantenho alguns livros considerados imprescindíveis (Machado, Eça, Tolstói, Euclides da Cunha, Oriana Falacci, entre outros poucos). Nada garante que amanhã não sigam em frente. Ocorre-me a pergunta: por que guardar coisas que podem ser tão úteis a outras pessoas se para nós só servem para alimentar o sentimento de posse e ocupar espaços?

Por que este tema nesta Sexta? A resposta é simples: dividir com meus poucos amigos uma experiência que pode ser útil ou servir apenas como um depoimento de quem gosta de livros e discos – mas não ao ponto de mantê-los em cativeiro. E tenho dito.

## **SOBRE FAMOSOS & VIDA PRIVADA**

22.06.2009

Fico a imaginar o quão difícil deve ser para as pessoas públicas conseguirem administrar suas vidas privadas, preservando-as da curiosidade de fãs e bisbilhoteiros. Claro que não me estou referindo aos “famosos”, que pagam para aparecer e costumam telefonar para os repórteres a fim de que sejam “flagrados” em determinados lugares e em determinadas situações, garantia de páginas em jornais e revistas. Não. Refiro-me aos artistas, atletas, escritores que procuram a todo custo separar a vida pública da privada, preservando a intimidade, os filhos e os companheiros. Tempos atrás, coincidiu de viajar na poltrona ao lado de Margareth Menezes, talvez a mais discreta e reservada de todas as atuais estrelas da música na Bahia. Educada, bem-informada e atenciosa, não se furtou em bater um papo desses de viagem em que se fala de tudo e acaba não se falando de nada. Quando veio à baila a questão da privacidade, ela foi enfática e, embora reconhecendo a questão do assédio e da curiosidade, deixou bem claro que não admite nem permite qualquer tipo de intromissão na sua intimidade.

Reconheceu que não é fácil, mas que tem conseguido. Parece-me que tem razão, pois não me lembro de ter lido ou ouvido qualquer comentário a seu respeito que não fosse sobre a carreira, planos de futuros lançamentos, shows etc. Notem que ela é uma mulher corajosa: como figura pública, não se omite de emitir opiniões sobre assuntos de interesse coletivo sempre que é chamada para tal. Sobre o tema privacidade, lembro que Sócrates saiu do Brasil para ir jogar na Fiorentina. Antes de viajar, deu entrevistas falando da maravilha que era Florença e da educação que poderia dar aos filhos. Voltou muito mais cedo do que esperado, assustado

com o assédio: jornalistas chegavam ao ponto de se acercarem de sua mesa onde quer que se encontrasse e, sem qualquer cerimônia, cheiravam os copos servidos para conferir se era bebida alcoólica ou não. É terrível.

Outro aspecto mais interessante é quando admiradores misturam o público com o privado e passam a repudiar ou criticar a figura pública por seu comportamento íntimo. Tive um amigo muito querido que costumava criticar acerbamente Tom Jobim. Não havia argumento que o fizesse aceitar a genialidade do Maestro Soberano, o maior compositor brasileiro do século XX. Não tinha jeito. Para ele, Tom não prestava porque teria o hábito de “cantar” – e eventualmente ir para a cama com – as mulheres dos amigos. Ele se recusava a ver o artista, o músico excepcional além do homem. De qualquer forma, já ficou pacificado que “cantar” é um direito inalienável; aceitar ou recusar a “cantada” também é um direito inalienável e ficamos todos em pé de igualdade. Um ex-colega, lá em Belém, vivia pichando e denegrindo Martinho da Vila, a quem chamava de “Martírio da Vila”. Para ele que se dizia admirador de samba e sambistas, tudo que Martinho fazia era porcaria. Como não me conformava, replicava indicando coisas que achava e continuo achando da melhor qualidade (*Disritmia; À Volta da Fogueira; Kizomba, Festa da Raça; Aruanã Açú; Negros Odores*, por exemplo). Porém, ele insistia nas críticas ácidas e absurdas. Finalmente, um dia confessou porque detestava Martinho: tinha sido sargento do exército. Pode?

Li em algum lugar que Deus quando quer castigar determinadas pessoas, dá-lhes poder ou fama ou dinheiro ou tudo junto. Isto me ocorre agora com a estranha e fulminante morte de Michael Jackson, com apenas 50 anos. Confesso que nunca fui seu admirador, mas não posso deixar de reconhecer que, além de dançarino excepcional, tinha um grande carisma e empatia com o público. Pois bem. Com um

pouco de reflexão, tem-se a impressão de que seu castigo foi exatamente o talento e a fama. Homem extremamente tímido, açoitado por uma imprensa ávida de escândalos, acabou por ficar sozinho, curtindo uma terrível solidão que se agravava na razão direta das suas dificuldades financeiras.

Noutras vezes, são os desacertos da vida privada que acabam por liquidar carreiras brilhantes. Tanto no meio artístico como no esportivo, boa parte das estrelas vem das classes menos abastadas e com valores menos estruturados e arraigados. Se fizermos um rápido processo de empatia, poderemos entender as atitudes que muitas delas tomam, muitas vezes até encerrando a carreira antes do tempo. É. Como se pode ver, estamos tratando de uma questão complicada, que poderia comportar até uma tese.

\*\*\*

Para encerrar sem sair do tema: neste ano, ocorre o centésimo aniversário da morte de Euclides da Cunha, escritor brasileiro que nos legou uma obra monumental e o livro que, sem favor, figurará sempre entre os 10 mais importantes de toda a história da nossa literatura. Pois bem, o homem que foi capaz de escrever, burilar e corrigir à mão todos os exemplares da primeira edição do seu livro maior não conseguiu sopitar as frustrações pessoais de uma vida atribulada: neto de traficante de escravos (profissão digna na época), ficou órfão aos três anos de idade e acabou morrendo com apenas 43 anos simplesmente porque resolveu enfrentar a bala o amante de sua mulher. Ocorre que este era um tenente do exército que, mais hábil, matou-o. Dotado de raro talento, viveu, a rigor, menos de 20 anos posto que começou a viver de verdade aos 24 anos, quando saiu da Escola Militar. Arredio, quieto, intransigente com seus princípios, especialmente quando se tratava da República. Pois bem, o escritor que nos deu *Os Sertões* não teve o equilíbrio necessário para equacionar e administrar suas amarguras e tribulações.

Somente para lembrar e registrar um pouco da genialidade do Euclides:

“Fechemos este livro. Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados.” (In *Os Sertões*, obra completa de Euclides da Cunha, fls. 488, Cia. José Aguilar Editora, 1966).

## AS MULHERES NO DOIS DE JULHO

03.07.2009

*“Era no dous de julho. A pugna imensa  
Travara-se nos cerros da Bahia...  
O anjo da morte pálido cosia  
Uma vasta mortalha em Pirajá...”*

(**Ode ao Dous de Julho**, de Castro Alves)

Ontem se comemorou com o já tradicional desfile dito cívico mais um aniversário do 02 de julho de 1823, quando os portugueses de Madeira de Melo foram definitivamente expulsos do território brasileiro. Originariamente, o desfile, realizado pela primeira vez em 02 de julho de 1824, começou de forma irreverente, uma espécie de protesto. O povo colocou um índio em cima de uma velha canhoneira portuguesa e refez a entrada pelo mesmo caminho usado pelas tropas vencedoras. Comemoração com jeito de protesto, porque o povo sabia muito bem que nada mudara para as classes mais baixas. Findas as escaramuças, as elites locais e portuguesas se reconciliaram, a escravidão continuou, as promessas não foram cumpridas e a vida seguiu seu curso, tudo perfeitamente previsível.

Não resta dúvida de que o Dois de Julho é uma festa tipicamente popular. As pessoas vão às ruas com suas melhores roupas; as crianças, vestidas dos heróis; todos prontos para ver desfilarem o carro dos caboclos, os desfiles militares, as fanfarras escolares etc. Noutros tempos, era marcado pela presença de figuras como Cosme de Farias, fundador da Liga Bahiana contra o Analfabetismo, que desfilava distribuindo sua cartilha. Hoje se pode dizer que existem dois desfiles. O do povo é livre, espontâneo, festivo. E o dos políticos é formado por verdadeiras ilhas com cada grupo protegido

e isolado por seus próprios seguranças. Este ano, a festa foi mais ou menos democrática já que sobram, com maior ou menos intensidade, vaia para todos eles. Para o alcaide, a homenagem foi especial. Confundiram ovação com “ovada”: além das vaia, tacaram ovos em cima de Sua Excelência. O revide foi imediato e sobrou pancadaria para todo lado.

Aproveito o tema para prestar uma homenagem à mulher baiana e, por extensão, a mulher brasileira. Claro que num movimento de características tipicamente populares, em que os agrupamentos não-regulares tiveram tanta ou maior importância que as tropas dirigidas pelo mercenário Labatut, inúmeros heróis ficaram no anonimato ou sofreram questionamentos, como foi o caso do corneteiro Lopes. Mas a negra Maria Felipa, mulher de grande beleza e coragem que começa a ser resgatada, merece uma referência pelo inusitado trabalho de resultados espetaculares. Estrategista nata, bem articulada e informada, descobriu que 42 embarcações estavam ancoradas na ilha de Itaparica e se preparavam para uma batalha naval no dia seguinte em Salvador. Liderando um grupo de mulheres, Maria Felipa atraiu os marujos portugueses, embriagou-os e induziu-os a tirar as roupas. Bêbados e nus, cerca de 60 homens foram surpreendidos por uma bem-aplicada surra de cansação. Na sequência, os barcos foram queimados. Surra de cansação para quem, excitado, esperava uma noite de amor é dose! Por essas e outras é que tanto admiro e respeito Maria Felipa. Só mesmo mulheres para criar e executar um plano desses. É. É. Só de pensar, sinto a pele coçar... Ah, as mulheres!

\*\*\*

Com uma comissão de frente formada por Manuel Vázquez Montalbán, Rosa Montero e Carlos Zafón, a nova literatura espanhola pode enfrentar tranquilamente a passarela das letras porque os aplausos serão muitos e merecidos. Não há como não aplaudir. Acabo de ler o novo livro de Zafón,

*O Jogo do Anjo* (Objetiva, 416 páginas). O mínimo que se pode dizer é que é muito bom. É o segundo da tetralogia iniciada com *A Sombra do Vento*. Como no anterior, a Barcelona dos anos 20 não é apenas um cenário onde se desenrola a história. É muito mais. É, também, um personagem. Também presentes em *O Jogo* o Cemitério dos Livros Esquecidos e a Livraria Sempere. Se no anterior o enredo se desenrolava a partir da visão de um jovem, neste o protagonista é o escritor David Martin, que termina por se envolver numa trama cheia de antigos segredos, intercalados por lances de amizade, paixão e, sobretudo, pela devoção aos livros. Ao lado de David, também pontuam o escritor, jornalista e dândi Pedro Vidal; Cristina e Isabella, personagens femininas construídas com carinho e esmero; e o misterioso editor Andréas Corelli, que contrata Martim para escrever um livro para servir de base a uma nova religião. O realismo mágico se faz presente a todo instante e funciona de forma perfeita. Isto dá ao livro dinamismo e ritmo que nos apanham já nas primeiras páginas e nos conduzem pela trama quase sem nos permitir tomar fôlego. Vale!

## ROBERTO CARLOS – 50 ANOS

10.07.2009

E o que rola são as comemorações dos 50 anos da vida artística de Roberto Carlos. Confesso que ele nunca foi santo da minha veneração. Surgiu no meio do que pode ter sido a mais brilhante fase da canção brasileira. Os das antigas eram ótimos e enchiam todos os espaços do meu santuário, com destaque para entidades como Sílvio Caldas, Adoniran – alguém me explique por que a gente curtia tanto batucar em mesa de bar e cantar (?!) *Trem das Onze e Iracema!* – Pixinguinha, Lupicínio, Tom, Dorival, Gonzagão, Cartola, Ataulfo, Néelson Cavaquinho, e tantos outros que assim de pronto a memória falha e incorre-se no risco de ser injusto.

Para complicar, Roberto Carlos resolveu pintar no pedaço na mesma época de santos fortíssimos, como Chico, Milton, Gonzaguinha, Caetano, Gil, Edu Lobo, Vandrê, Paulinho da Viola. Óbvio, não tinha como perder tempo com Roberto Carlos & Cia., ainda mais que nasceu aí também uma super geração de intérpretes (a sua benção, Jamelão!) encabeçada pela maior de todas, Elis, a musa que, girando os braços, cabelo alto, arrasou no Festival Internacional da Canção com *Arrastão*. Com ela, Nara (quanta saudade daquele vizinha pequenina, doce e delicada!), Bethânia, Gal, Clara, Beth e outras. Os tempos eram bicudos e a gente vivia sob patrulhamento permanente ante o anátema cruel (a benção, Castro Alves!) de ser acoimado de “alienado” ou “pequeno burguês”. Pô, era um saco! De um lado, a ditadura militar, as ameaças, as notícias de torturas e mortes, e a desconfiança permanente; de outro, os patrulheiros. Resultado: os novos santos tinham reza da boa já que ousavam, disfarçavam e, sobretudo, faziam uma música mais apurada, mais rebuscada e, é vero, mais inteligente.

Roberto fazia uma música assim meio que ingênua, comportadinha, pueril. Além do mais, tinha aquela coisa dos apelidos e ditos: “brasa, mora”, “ternurinha”, “Tremendão”, “Wandeca”. Para completar, as indumentárias que viraram coqueluche: as calças boca-de-sino, que lembravam pata de elefante, as botinhas de salto, os cintos largos com fivelões enormes, os medalhões e os anéis. Ou seja, o povo da Jovem Guarda era, em tudo e por tudo, um bando de meninos criados com vó, “afrescalhados”. E a vida seguia. Como naqueles tempos não era comum essa coisa de “galera” e violência desenfreada, cada um seguia seu rumo; havia espaço para todos. Cada um de per si cultuava os santos que queria.

Passa o tempo e a vida passa, vem o amadurecimento e a gente começa a relativizar as coisas, evitando o radicalismo estéril. Com duplo sentido ou não, acaba por ter certeza de que a verdade e o bom da vida não estão nos extremos, mas no meio. Pois bem, a repressão dura, a censura, a violência e a brutalidade não conseguiam fazer calar os jovens. Vieram os festivais. E aí, pela vez primeira, rendi-me a Roberto Carlos. Figura consagrada e com um imenso público de jovens, topou, no FIC de 67, defender *Maria Carnavale Cinzas*, samba de Luiz Carlos Paraná. Esta música se entranhou no meu imaginário de tal forma que volta e meio me surpreendo cantarolando-a. A letra conta uma história que vai da alegria ao luto no espaço de um carnaval. O então líder da Jovem Guarda arrostou impávido o público, que o vaiou impiedosamente. A música acabou desclassificada na primeira fase. Naquela época, a vaia era também uma forma de externar o inconformismo. No Maracanãzinho, não se vaiava exatamente a música ou o artista. Às vezes, era até em defesa de uma preferência. A genial *Sabiá*, de Tom e Chico, foi apupada porque a preferida era *Prá Não Dizer que Não Falei de Flores*, de Vandré.

Lá pelos idos de 66, Chico lança *Quem Te Viu Quem Te Vê*, uma ode à dor de cotovelo, ao namoro que finda e fica mal

resolvido. Dois anos depois, Roberto vai a San Reno defender a canção de Sérgio Endrigo, *Canzone per Te*, e abiscoita o primeiro lugar. Tema? Dor de cotovelo da boa. Apenas para lembrar, um comparativo das letras. No último quarteto da de Chico: “Hoje eu vou sambar na pista, você vai de galeria/ Quero que você assista na mais fina companhia/ Se você sentir saudade por favor não dê na vista/ Bate palma com vontade, faz de conta que é turista.” No refrão da de Endrigo, cantada por Roberto: “E tu, tu me dirai/ Che sei felice come nom sei stata mai/ E a un'altra io dirò/ La cose che dicevo a te.” Gente, dor de cotovelo é (ou era) coisa séria. E um dos momentos impagáveis do processo de diluição é exatamente o expresso nas duas canções. Aquele momento em que a pessoa, com o coração partido, aquele aperto no lado esquerdo do peito, finge que não está nem aí e ostenta aquela insossa “cara de paisagem”.

Bem, embora nunca tenha tido um disco dele ou mesmo assistido a um show, passei a dar atenção a algumas das coisas que fazia. Acabei descobrindo nele uma sensibilidade especial, uma forma sutil de dizer coisas sem descambar para grosserias tão em voga nos dias de hoje. Assim, por exemplo, em *Côncavo e Convexo*. Noutra vertente, ainda nesse lado afetivo, atacou fundo um dos piores aspectos do comportamento do homem brasileiro, segundo as mulheres. Dizem elas que ele é econômico nas preliminares e decididamente avarento no depois. Vocês já atentaram para a letra de *Proposta*? Pois ali está tudo aquilo que, em tese, as mulheres querem dos homens: longas preliminares e um depois cheio de carinho e atenção. Portanto, aplausos para o cinquentenário artístico/ musical de Roberto Carlos

## HAMLET & WAGNER MOURA

31.07.2009

As pessoas iriam ao teatro para ver *Hamlet* ou Wagner Moura, o ator de TV? Respondida a pergunta esta semana: o público foi ao teatro por Wagner Moura e também por *Hamlet*. Claro que algumas pessoas deram um jeito de ir embora antes do fim. Muitos aproveitaram o intervalo. Nada contra. O grande sábio Quincas Berro d'Água já ensinava que “cada um sabe de si”. Verdade é que, ao final, a intensidade dos aplausos e a empolgação do público indicavam a qualidade da montagem de Aderbal Freire Filho, do trabalho dos atores e, sobretudo, do extraordinário texto.

A Sexta faz questão de destacar o magnífico trabalho de Tônico Pereira. Acostumados com os atores que ficam estigmatizados pelos estereótipos impostos na TV, que os obrigam por anos a fio a interpretar um mesmo papel, fomos surpreendidos pelo Cláudio de Tônico. Nas falas, nas expressões faciais, na forma de se movimentar no palco e em tudo o mais, o que se viu foi um banho de interpretação. Um Cláudio quase perfeito, com seu cinismo, sua ambição, sua falta de escrúpulos, sua amoralidade. Nos mínimos detalhes, podia-se perceber a presença de um gigante no palco.

Fique bem claro que o Cláudio de Tônico não ofuscou o excelente *Hamlet* de Wagner. Não. O que se viu foi uma aula de interpretação em cena aberta de dois profissionais maduros e qualificados. Não nos iludamos. *Hamlet* não é apenas a história de um príncipe que recebe do fantasma do pai a incumbência de vingar sua morte pelas mãos do irmão que o envenenara para ficar com sua esposa, a rainha Ofélia. As coisas não são tão simples assim. O texto é atemporal e, por isso mesmo, de uma atualidade que impressiona. Uma das razões para *Hamlet* permanecer vivo e instigante 400 anos depois é exatamente porque discute questões transcendentais da alma humana. Trata dos “Gigantes da Alma” de que nos

falava Myra y López. Trata do ódio, da inveja, do amor, do poder, da ambição, da dissimulação, sentimentos que permanecem vivos e vívidos a atormentar os homens e a sociedade. Isto é *Hamlet*.

A grandeza na tragédia shakespeareana independe de cenários, até porque o *Hamlet* de Shakespeare foi encenado inicialmente num tablado. A sua peça segue, nesse aspecto, a grande tragédia grega já que cenários e roupas surgiram no teatro romano. Dúvidas? Basta visitar o anfiteatro do Epidauro, próximo do Mar Egeu, na Argólida, ainda hoje muito utilizado para representações artísticas. Esta atemporalidade mostra um dos mais interessantes traços do grande legado cultural do Ocidente. Impressiona ver como os mitos gregos de três mil anos a.C. estão a explicar, em pleno século XXI d.C, atitudes e comportamentos das pessoas. É como se um fio, forte e invisível, perpassasse por toda a história da civilização ocidental, ligando as diversas épocas, dando o sentido de continuidade que de certa forma caracteriza este mundo em que vivemos.

Pois bem, o teatro shakespeareano é parte intrínseca desse fio. O festejado Harold Bloom atesta: “O motivo mais profundo da leitura tem de ser a busca da sabedoria. O saber mundano raramente é sábio, ou mesmo prudencial. Shakespeare, o maior dos artistas de entretenimento, é também o mais sábio dos mestres” (*Onde Encontrar a Sabedoria?*, Objetiva, 2005, pg. 121). Não se discute a universalidade de *Hamlet* (1601) na sua trajetória de 4 séculos, prene de análises e interpretações. Bem verdade que a história contada por Shakespeare é bem mais antiga, do século VI. Aí haveria um confronto de versões. No original, da Idade Média, justificava-se a vingança como forma privada de fazer justiça por não existir a justiça pública. *Hamlet*, escrito em plena época da Renascença e do Humanismo, não poderia seguir o código original.

Na tragédia de Shakespeare, já não se pode, simplesmente, matar o tio apenas para obedecer o desejo de vingança do pai. Não. É preciso primeiro sopesar e avaliar a tarefa recebida.

Noutras palavras, o dramaturgo inglês acabou transformando a vingança sangrenta da era medieval em uma reflexão da condição humana. Em função de todas essas variáveis é que o texto tem sido alvo de milhares de estudos, análises e publicações. Por exemplo, alguns entendem, sob uma ótica freudiana, que *Hamlet* seria uma ilustração do complexo de Édipo ao se identificar com os desejos do tio; outros, lacanianos, um complexo de castração. Dessa forma, as duas correntes tentam explicar o comportamento do príncipe da Dinamarca, inseguro e hesitante, adiando a execução da tarefa que lhe fora confiada. Ou *Hamlet* seria apenas e tão-somente uma personalidade contemplativa, para quem seria insuportável atender ao comando do fantasma? Quem se arrisca a afirmar alguma coisa?

É. É. Desta vez, a Sexta, sabidamente de asas curtas, tentou voar muito alto. Para não cair e se machucar, termina por aqui, lembrando que o “resto é silêncio...”

\*\*\*

Agradavelmente surpreendido com Tônico, lembrei-me de Míriam Pires, sempre escalada pela TV para papéis de megera. Vi-a em *Chuvas de Verão*, filme de Cacá Diegues, contracenando com Jofre Soares, inteiramente nua em uma sequência, tentando resguardar sua pureza, segurando firmemente o guarda-chuva fechado a esconder a genitália. A vontade que deu foi de levantar a aplaudir, tamanha a qualidade da cena. Naquele momento, no meu imaginário, morria a megera da Globo e nascia uma atriz de rara qualidade. Note-se que, naquele filme da década de 70, discutia-se um assunto ainda hoje cercado de tabus e preconceitos: o amor e o sexo entre pessoas idosas, tema que recebeu de García Márquez tratamento especial no belíssimo *O Amor nos Tempos do Cólera*. Uma elegia ao amor entre os velhos.

## GOMORRA – O LIVRO

14.08.2009

Li, faz tempo, muito tempo, um conto de Giovanni Papini, narrado na primeira pessoa, em que o protagonista dizia que comprara um país e, então, ia descrevendo como as coisas funcionavam a partir do seu comando, sem que os habitantes sequer percebessem. Um dos trechos tratava exatamente das periódicas “eleições democráticas”. A historieta me impressionou de tal forma que, passado cerca de meio século, volta e meia estou a lembrar. Agora estou lendo *Gomorra*, do jornalista italiano Roberto Saviano. Não é ficção. É uma densa reportagem, fruto de um longo e minucioso trabalho de investigação. Sua publicação repercutiu de tal forma que o autor vive escondido para não ser eliminado pelos matadores da máfia napolitana. Forma com Ayan Hirsi, autora de *Infidel*, e Salman Rushdie, de *Os Versos Satânicos*, a tríade de escritores condenados a morte por conta do que escreveram, por exercitarem a liberdade de expressão. Cabe destacar que o livro do anglo-indiano – que não li e de que não gostei – é de ficção enquanto os outros dois são relatos de vivências e observações.

Confesso que não sei como encontrar uma palavra que descreva a impressão que a leitura de *Gomorra* me causa. À falta de uma mais adequada, fico com perplexidade. À medida que avanço no texto, vou fazendo comparações, ilações e, muitas vezes, pensando ter encontrado respostas para algumas perguntas que pairam por aí. Saviano mostra, de dentro para fora, como funciona esta coisa do mundo marginal, do mundo do crime, que tem seguramente uma grande participação no dia-a-dia de todos nós, habitantes desta nave chamada Terra. A coisa não diz respeito apenas a drogas. Não. É muito, muito grande e envolve praticamente

todas as atividades empresariais e econômicas, tanto do setor público como do privado. Imaginem que uma peça de roupa, um sapato ou um adereço adquirido em lojas sofisticadas de Roma, Milão, Paris, Nova Iorque ou São Paulo a um preço salgado foi produzida clandestinamente, a um custo baixíssimo, graças às condições de trabalho impostas a operários capazes de produzir artigos da mais alta qualidade. O autor chega a afirmar que não sabe se é possível atribuir a tais peças o rótulo de falsificações. O fato é que chegam ao mercado a um custo extremamente favorável, graças ao processo de produção e de distribuição. No fim, ganham todos os envolvidos e, para variar, a sociedade perde. No turismo, o autor atesta que o setor foi alavancado, em pelo menos uma das sofisticadas ilhas espanholas, graças a recursos de origem desconhecida, que custearam um grandioso complexo de lazer e hotelaria.

Muitas e muitas vezes, tenho ouvido pessoas perguntando de onde vem o dinheiro que está comprando todo o litoral nordestino para enchê-lo de resorts e condomínios de alto luxo. Segundo se propala, é capital oriundo da Espanha. “Como?”, perguntam. Sabe todo o mundo que aquele país ibérico vive um péssimo momento na sua economia, com altíssimos índices de desemprego, fechamento de empresas etc. A crise é tamanha que o país hoje está praticamente sustentado pelo turismo. Talvez por esta razão seja um dos que sabem melhor receber e tratar os que o visitam. Dou testemunho. Pois bem, a leitura de *Gomorra* parece me dar as respostas que tantos procuram. Isto me assusta. Sinto como se o conto de Papini estivesse se tornando incômoda realidade. Afinal de contas, quem governa quem ou o quê? Como se pode entender que um país dito independente como o Brasil faça as concessões que faz a países como Paraguai e Bolívia? Estaria eu sofrendo de algum tipo de paranoia?

\*\*\*

San José, cidade pequena e bem-organizada, chamou a minha atenção pelo número de cassinos espalhados pelo centro e pela periferia. Grandes e espalhafatosos. O hotel onde nos hospedamos fazia parte de um complexo que incluía dois cassinos, um dos quais – supremo requinte – para não-fumantes. Quando visitamos o Teatro Nacional, orgulho maior dos costarriquenses, tivemos a oportunidade de tratar com um guia muito bem articulado e esclarecido. Terminada a visita, onde discutimos as semelhanças entre aquela casa de espetáculos e o nosso Teatro Amazonas, sentamo-nos os três em cadeiras da plateia e a conversa foi longe. Uma das vantagens de não viajar em grupo é a possibilidade de conversas assim, livres e soltas, intimistas. Levantei a questão dos cassinos, que me pareceram excessivos para uma cidade tão pequena. Ele, com ar entristecido, olhou-nos e explicou que os “chefões” do México e da Colômbia, cansados e desgastados pelo duro embate com a repressão nos respectivos países, estão se mudando para a pequenina e desprotegida Costa Rica. Olha aí uma espécie de confirmação do conto de Papini e dos imensos tentáculos apontados em *Gomorra*...

Para finalizar esta Sexta, mais um fato que tem tudo a ver com o que foi dito acima. Noite em San José. Ao sair do quarto no hotel, à espera do elevador, deparo-me com um inusitado casal: um velho carcomido, de feições e gestos repulsivos, vestido espalhafatosamente, na mais que equívoca companhia de uma garota que aparentava não ter mais que uns 15, 17 anos, com algumas tatuagens no pescoço e nos braços. No côncavo da mão direita semicerrada, o indivíduo guardava aceso um cigarro de maconha, cujo cheiro empestava o ambiente. Olharam-me indiferentes. Mantive-me à distância e deixei-os ir no elevador vazio. É. É. A leitura de *Gomorra* está mexendo com meus neurônios. Afinal de contas, turismo sexual e pedofilia também têm tudo a ver...

## O SAMBA PEDE PASSAGEM

21.08.2009

O amplo sorriso de alvos dentes, olhos buliçosos e brilhantes, deixa claro que ele está de bem com a vida. “In love sem stop” como costumava escrever um antigo colunista social lá de Belém. Um sorriso que mostra muito mais que a simples alegria do vencedor: ele é diferente. Sorri e brinca durante todo o tempo, antes, durante e depois da prova. Não ostenta as feições contraídas e nem o olhar sério e compenetrado usualmente apresentados pelos competidores. Fato é que, de repente, um negro saído de algum canto de um dos países mais pobres do mundo surge e toma, rindo e brincando, o lugar dos orgulhosos campeões americanos, estirpe de negros que se impôs lá em Berlim, em 1936, quando Jesse Owens venceu os “invencíveis arianos”, forçando Hitler a fugir do estádio para não ter de cumprimentar um atleta negro.

Pasmos, os especialistas tentam entender como uma pessoa sem o biótipo convencional dos velocistas consegue fazer o que faz este inimaginável Usain Bolt, atleta que corre a mais nobre e difícil prova do atletismo sorrindo e brincando como se ali estivesse apenas para se divertir. Enquanto o jamaicano se delicia quebrando recordes, fico a cismar sobre quais seriam os limites do homem. Se é certo que o atletismo tem como essência o tripé “mais alto, mais rápido, mais longe”, também é certo que foge aos limites da normalidade um atleta que vem obtendo as marcas de Mr. Bolt. E que fique bem claro: o Comitê Olímpico Internacional já afastou qualquer possibilidade de doping ou assemelhados. Ele tem sido severamente vigiado e testado em todas as provas das quais tem participado. Palavra dos dirigentes. Resta-nos aplaudir e indagar sobre até onde podem ir esses seres que

fazem a diferença, catalisam as atenções e tornam o dia-a-dia de mortes, drogas, tragédias, corrupção e fome um pouco menos cinzento. Que venham novas provas para que possamos torcer e sorrir com o pés-ligeiros, que pode até ter vindo de outra dimensão.

\*\*\*

A tradição sempre foi rigorosa e cumprida a risca. Os palcos dos Teatros Municipais de São Paulo e Rio de Janeiro só eram pisados por grandes estrelas da música erudita. Em 1964 – ano que marcou o início de uma longa e escura noite que duraria 20 anos –, Elizeth Cardoso quebrou a escrita e, sob a regência do maestro Diogo Pacheco, ascendeu aos palcos, primeiro em Sampa e depois no Rio, para interpretar *Bachianas Brasileiras nº 5* de Villa-Lobos. Sucesso total de crítica e público. Mas, é bom destacar, o palco recebeu ali uma cantora de música popular, não a música. Elizeth, a maior cantora brasileira da época, cantara música erudita. O grande momento da música popular numa daquelas salas, desta vez no Rio, foi em dezembro de 2005 com o show de Beth Carvalho, comemorativo simultaneamente dos seus 40 anos de carreira e do Dia Nacional do Samba. O assunto vem a esta Sexta porque me presentearam com o DVD do show que, confesso, nem sabia tinha se realizado. Uma jóia da mais fina extração. Naquele dia histórico, desfilaram ao lado da mangueirense as figuras vivas mais representativas do samba.

Imaginem que ali ficou gravada a participação de Vó Maria, viúva de Donga que arriscou com voz fraca mas afinada cantar *Pelo Telefone*, considerado o primeiro samba brasileiro. O desfile enche olhos, ouvidos e coração. Num só palco, num mesmo dia, entidades da estirpe de Monarco, D. Ivone Lara, Darcy da Mangueira, Nelson Sargento, e os mais novos, Arlindo Cruz, Zeca Pagodinho, Diogo Nogueira e Dudu Nobre, dentre muitos outros. De quebra, a turma do Cacique de Ramos e a Bateria da Mangueira. As músicas

apresentadas formam um amplo cenário do que de melhor produziram os sambistas brasileiros: além de Donga, Cartola, Nelson Cavaquinho, Mestre Fuleiro, Carlos Cachça, Luiz Carlos da Vila e mais, muito mais. Sem dúvida, um marco que, por motivos óbvios, não pode ser repetido. Quem viu, viu. Quem não viu... Ah, para quem não viu, ainda tem a possibilidade de conseguir o DVD. Diz o compositor que “quem não gosta de samba/bom sujeito não é...” A Sexta completa, afirmando que quem gosta de samba tem de ver e ouvir o sensacional *Beth Carvalho - 40 Anos de Carreira*.

\*\*\*

Para não sair do tema, a Sexta lembra outra jóia, agora do CD *Sem Poupar Coração*, um espetacular conjunto de interpretações só possíveis graças a voz de Nana Caymmi. A Sexta aposta que nem os autores imaginaram que *Não se Esqueça de Mim* (Roberto e Erasmo) pudesse ser uma música tão bonita e emocionante. A interpretação é tão intimista, tão saída do fundo d’alma que soa como um pungente pedido de quem procura desesperadamente não ser esquecido pela pessoa amada. Para completar, há uma música de Sueli Costa e Paulo César Pinheiro, *Violão*, que é uma pintura. A letra é um belo poema que termina com estes versos: “E o artesão, finalmente/Nesta mulher de madeira/Botou o seu coração/E lhe apertou contra o peito/E deu-lhe um nome bonito/E assim nasceu o violão.”

## MÉDICO & MONSTRO

28.08.2009

Obra de pura ficção, nascida exclusivamente da cabeça do autor, não existe. Na verdade, o escritor se aproveita de fatos reais, vividos ou sabidos, e os transforma em romances, contos, novelas; aí, sim, imprime a marca da sua imaginação, transformando, desvirtuando ou ampliando o caso concreto. Bem, este entendimento não é da Sexta. É, creio, afirmação de um dos expoentes da literatura contemporânea deste velho e cansado Hemisfério Sul. Possivelmente, se não trai a memória, Gabriel García Márquez em *Viver para Contar*. Razoável consumidor de ficção-científica, fico a pensar de que fatos reais poderiam ter sido tiradas obras do naipe de *Crônicas Marcianas*, *Viagem ao Centro da Terra*, 2001 e a espetacular trilogia *Fundação*.

O extraordinário criador de tipos que foi Jorge Amado costumava dizer que seus personagens eram calcados em pessoas com quem convivera ou convivia. A partir de algumas dessas pessoas, criou e imortalizou personagens que mergulham fundo, bem fundo, na alma humana. Em *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, Dr. Valdomiro dos Santos Guimarães (Vadinho para as putas e os amigos) é bem um exemplo da capacidade do escritor grapiúna, que, dizem, junto com Caymmi ludibriou o mundo e inventou uma Bahia que todos admiram e querem conhecer. Vadinho é, num só tempo, o céu e o inferno; o amante carinhoso, criativo, capaz de levar a parceira aos píncaros do prazer, e o rufião irresponsável, violento, sem qualquer traço de moralidade. Flor, a digna mestra de arte culinária da “Sabor & Arte” (atenção para o sutil trocadilho!), vê-se compelida a transitar entre os extremos de comportamento do companheiro viciado e imprevisível, sendo objeto de inveja e piedade das alunas,

todas mulheres, como Flor, nascidas, criadas e formadas dentro dos rígidos valores morais da civilização judaico-cristã – talvez por isso, doidas de curiosidade por viver uma experiência fora dos seus padrões de comportamento. Seguramente, Vadinho é, na imensa galeria de tipos nascida da pena de Jorge, o mais complexo, em razão dessa dualidade de comportamento, que o levava a atitudes extremas num curto lapso de tempo. A pergunta que fica é se Vadinho é um estereótipo do comportamento dos homens ou, simplesmente, a constatação de um tipo de personalidade doentia e perigosa, capaz de seduzir e aterrorizar e que, efetivamente, pode estar convivendo conosco no dia-a-dia. Que cada um tire suas conclusões.

No século XIX, exatamente em 1886, o escritor escocês Robert Louis Stevenson – conhecido por seu romance *A Ilha do Tesouro*, que viria a ser um das grandes narrativas de aventura – publica o inquietante e aterrorizador *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, que no Brasil foi intitulado como *O Médico e o Monstro*. Este livro acabaria por se tornar um dos maiores clássicos da literatura universal, fonte inesgotável de análises e estudos para tantos quantos buscam penetrar o mundo inescrutável da alma humana. Presente ali a dualidade da natureza humana, a batalha sem fim do id e do superego, duas pessoas numa só, a luta do bem contra o mal. Dr. Jekyll e Mr. Hyde são as duas faces de uma mesma moeda, conscientes de ser uma e, por isso mesmo, vivendo em permanente conflito. O respeitado Dr. Jekyll traz consigo a natureza de Mr. Hyde, mesmo que tente mitigá-la. Hyde, por seu turno, é desprovido de quaisquer freios morais. Note-se que Hyde não ganha vida com a ingestão da beberagem pelo Dr. Jekyll. Não. Não é assim. Hyde é, isto sim, libertado do interior do Dr. Jekyll, onde vive reprimido. A impressionante criação de Stevenson nos leva a perquirir sobre onde termina a realidade e começa a ficção, ou vice-versa. Quem é que imita

quem: a arte ou a vida? Não é esta a pergunta padrão que acabou se tornando uma espécie de axioma?

Jorge Amado e Stevenson, Vadinho e Jekyll/Hide vêm hoje à Sexta porque, de repente, damo-nos conta de que personagens assim podem existir ao nosso lado, ocupando posições sociais de destaque, gozando do maior conceito e respeitabilidade. De um lado, o médico, consagrado nos meios científicos como grande autoridade no angustiante e obsessivo ramo da reprodução humana. De outro, o monstro, capaz de anestesiá-lo ou sedar pacientes suas e, então, deixar fluir o seu instinto de práticas sexuais no mínimo heterodoxas. A pergunta inquietante é exatamente esta: para uma personalidade assim, não faltariam parceiras, prontas a experimentar práticas sexuais, usuais ou não. Então, como explicar – ou entender – que preferisse o caminho tortuoso do subterfúgio, da parceira indefesa e sem capacidade de reação ou participação? Fato assim, envolvendo um respeitado médico, desta vez na área da pediatria, ocupou os noticiários. A diferença é que, apanhado, preferiu não adotar a atitude de Hyde. Não negou os fatos. Assumiu-os alegando que, na antiguidade clássica, era não só normal como recomendada essa prática entre adultos e jovens. Surpreendeu a todos tentando explicar, com padrões de comportamento de três mil anos atrás, práticas criminalizadas na sociedade do século XXI.

Daí os questionamentos: onde termina a realidade? Onde começa a ficção? Afinal de contas, quem é Jekyll e quem é Hyde? Estamos vivendo uma realidade ou somos todos mera ficção?

## CLÉCIA NA SALA DO CORO

04.09.2009

Do palco partiu a mensagem, que repercutiu na plateia e se transformou num coral afinado a repetir, em uníssonos, o imorredouro aviso de Adalgisa, mandando dizer que “a Bahia tá viva inda lá/tá viva inda lá...” O canto trazia ao teatro a sensação de que a entidade ali estava para ver e aplaudir o espetáculo, feito inteiramente do que de mais puro e autêntico a cultura popular do Recôncavo produziu. Abria-se ali uma pequena – muito pequena – brecha de esperança na monolítica cultura axezeira, capaz de qualquer coisa para fechar os espaços a quaisquer outras expressões musicais que não sejam os “pagodes” e “axés”. (Estes, não raro, são manifestações voltadas para o lucro fácil, concentradas em mãos de uns poucos, que regem a coisa com mão de ferro, invadindo as rádios e ocupando todos os meios de divulgação. Antes que esqueça: Joãozinho, o Cacique Johny do Chiclete com Banana, continua morrendo aos poucos, abandonado pelos que usaram e abusaram do seu talento e empatia com o público. Um dia, a terrível doença degenerativa tomou de assalto o seu cerebelo e ele foi simplesmente descartado.)

A noite prometia. Sem perder rumo nem ritmo, ela emendou por uma breve – e bela – homenagem à Pequena Notável e a Dorival cantando, dançando e imitando os trejeitos de Carmen Miranda na imortal *O Que É Que a Bahiana Tem*. Em seguida, chegou a rainha do frevo e do maracatu, trazendo consigo as crianças da Escola de Dança da Fundação Cultural, bem ensaiadas e coreografadas, enchendo o palco e os olhos do público com os ritmos em que Dora era mestra suprema. A plateia atenta, meio que magnetizada, ia no embalo formando o coro que um dia Alceu Valença qualificou como o mais afinado do Brasil. O público, aliás, é um espetáculo

à parte. É impressionante como ele acompanha os artistas, cantando, encantando e dando ao espectador menos avisado a impressão de que tudo aquilo é ensaiado. É bonito de se ver!

E ela estava solta! Primeiro veio de Oxum, toda de amarelo-ouro, evoluindo ao som da percussão que marcava o ritmo e hipnotizava o público, garantindo sua performance com apoio na cozinha de cordas e sopro. Impressionante a integração dos artistas no palco. Davam a impressão de que nunca fizeram outra coisa na vida além de trabalharem juntos. Depois, ela voltou de Oxalá, toda de branco, sem deixar cair a qualidade do trabalho. Simples impressão? Ou será que, de verdade, os dois orixás estavam ali, garantindo o clima de paz e alegria imprescindíveis numa apresentação ambiciosa e competente? Nesse terreno, a Sexta não ousa entrar. Limita-se a registrar os instantes de pura magia, quando o espectador se transporta e se transmuda, viajando no encantamento da música, esquecido das vicissitudes e dos percalços do dia-a-dia. Ali não se pode racionalizar. Dane-se a razão. O negócio é um só: deixar vir a emoção, viajar no som e... sonhar, de olhos bem abertos para não perder um só detalhe.

No seu afã de não se deixar vencer, Clécia Queiroz (cantora, atriz, dançarina, professora de dança) vem estudando, pesquisando e catalogando os ritmos genuinamente nascidos na Bahia. Ela é movida pela vontade férrea de assegurar que não serão definitivamente soterrados e esquecidos. O show tinha o objetivo de apresentar ao público o seu novo CD, de nome que até parece jogo de palavras: *Samba de Roque*. Só que não é bem assim. Roque é o quase desconhecido Roque Ferreira, também ele um estudioso e defensor da genuína cultura dessa terra de tradição musical tão rica que até se pode dar ao luxo de aturar os axezeiros. Pois bem, este compositor praticamente desconhecido, apesar de ter músicas gravadas por gente como Zeca Pagodinho, municiou a artista com 11 inéditas, todas elas num ritmo delicioso, quase uma brincadeira

de roda, mas capaz de atrair e prender a atenção. Incapaz de resistir ao balanço, o ouvinte acompanha a percussão com os pés, o corpo ginga suave e malemolente nessa coisa estranha e curiosa que é dançar sentado.

No gênero, dificilmente se vai encontrar coisa parecida. Músicas e letras formam amálgamas de excelente qualidade, com palavras e frases tão típicas que às vezes é preciso explicar. Como saber que o namoro se frustrou porque o moço pensou que a moça era “flor de dendê” quando na verdade não passava de “bambá de dendê”? Claro que a música é gostosa do mesmo jeito porque, de repente, a gente descobre que amor de maré é aquele que nos deixa atarantados e inseguros: como a maré, ora sobe, ora desce; com um olhar, instaura uma paixão e com outro, a solidão; na lua cheia, faz a corte e na nova, diz que não. Para arrematar, uma vênua para uma quase desconhecida Dalva Damiana de Freitas, compositora da irônica e sutil *Ciúmes*.

Meninos, eu vi! A moça, cantora formosa e faceira, encher a aconchegante Sala do Coro do Teatro Castro Alves, numa noite de segunda-feira, e pedir passagem para o mais autêntico e puro samba-de-roda, samba-chula, samba-corrído ou que nome o tenha. Meninos, eu vi!

## PERCALÇOS DOS TURISTAS

11.09.2009

Tem-se até a impressão de que o código genético do homem carrega uma espécie de gene da curiosidade. Esta é, por certo, uma forma simplista de tentar entender o motivo pelo qual, desde sempre, a humanidade tem sido impulsionada a se deslocar sobre o globo terrestre em busca do novo, do desconhecido. Evidente que não se pode desprezar poderosos fatores endógenos, como o instinto de sobrevivência. Na fase do pastoreio – que pode ter sido a primeira etapa da história econômica – o homem percorria longas distâncias, enfrentando muitas vezes o desconhecido, apenas para acompanhar os animais que seguiam em busca de novas pastagens. A fase seguinte, quando se fixou na terra para cultivar suas plantações, não o impediu de continuar circulando pelas terras vizinhas; agora por força do intercâmbio, da troca de produtos e, também, para fugir das catástrofes naturais.

À medida que foi evoluindo, dominando melhor os fatores naturais, produzindo artefatos capazes de potencializar a força de trabalho, criando instrumentos basilares como a roda, a embarcação a vela e a pólvora, foi se tornando mais ousado a ponto de alguns agrupamentos já não se preocuparem em produzir mas apenas em comercializar. Desta forma, iam aproximando povos diversos e permitindo que artigos produzidos num lugar distante pudessem ser consumidos noutros. Exemplo de criatividade, coragem e ousadia foram os fenícios. Impedidos pelos assaltantes que infestavam as montanhas do Líbano de circularem livremente com seus produtos, inventaram um tipo de barco de fundo chato que podia navegar livremente próximo da costa sem risco de bater em pedras e arrecifes. Assim teriam vindo até a América.

De posse desses conhecimentos, o homem estava pronto para enfrentar o desconhecido. Agora não só por necessidade, mas também por mero prazer ou pelo espírito de aventura. Adolescente, eu lia e relia um livro que falava das incríveis viagens de Marco Polo. Nomes como Kublai Khan, Mongólia, Tibete, Birmânia bailavam na imaginação enquanto acompanhava as andanças de Marco, seu pai Nicolo e seu tio Maffeo pela então desconhecida Ásia. Claro que o cérebro divagava e lá vinham os sonhos de um dia percorrer aquelas terras, agora já não tão desconhecidas porque as potências coloniais já desbravavam e dominavam os pontos mais distantes do planeta.

Teria o turismo nascido desse espírito de aventura, da simples curiosidade de conhecer? A Sexta não tem resposta. Mas é certo que, nesse incessante ir vir, o mundo foi se tornando menor. Alguns lugares caracterizados foram elevados à categoria de ícones, espécie de endereços a que todos acorriam e acorrem sem parar. Bem, aí surgiu um novo e curioso problema, o congestionamento do grande número de visitantes. Claro. Só existe uma Monalisa, uma Vitória de Samotrácia, uma Catedral de Notre Dame, uma Torre Eiffel, uma Capela Sistina etc. Mas, de outro lado, as facilidades de locomoção e hospedagem, a par do aumento da renda média mundial, fizeram crescer de forma exponencial o número de turistas, gerando uma expressão que tem certo cunho pejorativo: turismo de massa.

Com massa ou sem massa, o fato é que está se tornando quase impossível ir a certos lugares, ainda que na chamada baixa estação. Quem ousar ir ao Louvre, tem de assumir o risco de ser empurrado pelo fluxo contínuo; se ousar parar em frente à minúscula “Monalisa”, será, seguramente, empurrado. Sentar num daqueles bancos do fundo da Sistina para comodamente apreciar o estonteante teto de Michelangelo é praticamente impossível; se conseguir sentar,

não terá sossego com o grande número de pessoas falando numa algaravia irritante. Anos atrás, tentamos subir a Eiffel e programamos fazê-lo num final de tarde. Pensávamos em, lá no alto, sentarmo-nos a uma das mesas e poder desfrutar um café com Paris a nossos pés. Lindo! Engano puro. Lá em cima, fomos arrastados pelo turbilhão e, quando nos demos conta, estávamos de cara para os elevadores de descida. Nada a fazer. Como empurrar e esmurrar tanta gente? E assim vai. Viajar para esses lugares carimbados passou a ser um meticuloso trabalho de planeamento que exige, às vezes, a compra de ingressos com meses de antecedência.

Tudo isso vem desaguar na mais emblemática, mais romântica e mais singular cidade do mundo ocidental, “La Serenissima”, a incrível Veneza. Quando todos pensavam que o grande perigo eram as águas de certa laguna do Adriático, descobre-se que não é bem assim. As marés altas são passíveis de controle. O que não se controla é a enchente de turistas. De tal vulto que, em 2007, a cidade de apenas 60 mil habitantes recebeu (pasmem!) 21 milhões de visitantes. Não. Não é engano. O número é este mesmo, é oficial. De serena a cidade não tem mais nada. Tem, sim, moradores revoltados, permanentemente irritados, que perdem dia-a-dia as condições de continuarem morando na cidade e se veem obrigados a morar noutras localidades, como Mestre, por exemplo. Moradores insatisfeitos, autoridades atônitas, turistas frustrados e o processo de degradação contínua inviabilizam um dos mais belos cartões postais que o homem foi capaz de construir.

Bem, como os chineses estão chegando, fica no ar a indagação: como fazer turismo nos centros mais badalados? Onde encontrar lugares atraentes que possam constituir novos polos? Como sempre, a Sexta só tem perguntas...

## UM POUCO DE EDU LOBO

18.09.2009

Em edição passada, a Sexta se embrenhou pelo mundo das letras de alguns dos melhores sambas já feitos nesse país. Difícil saber de quem o prazer maior: Se da Sexta ou dos leitores. Buscou-se deixar bem claro que Vanzolini se recusa a ser conhecido como sambista. É, insiste ele, cientista, zoólogo de nomeada aqui e alhures, com larga folha de serviços prestados aos meios científicos de todo o planeta. Isso ele gosta de ser e assume; sambista, não.

Outro músico reconhecido mundialmente tem também uma curiosidade que bem merece uma Sexta. Os tempos eram de cantar, na forma mais intimista possível, o amor, o sorriso e a flor; o céu, o mar, o barquinho e o azul. As pessoas talvez não se dessem conta de que já não tinha dança, nem menina de trança e nem cheiro de lança no ar, muito menos frevo. Tinha, sim, gente passando com medo e, na praça, ninguém pra cantar. Claro que não se pode buscar a fixação de marcos históricos muito definidos, do tipo que estabelece: aqui terminou tal época; aqui se iniciou aquela outra. Nada disso, se as coisas no meio social acontecem de forma mais fluida, menos taxativa, imaginem no meio musical. Aí então é que ninguém pode mesmo ficar procurando os tais pontos de referência.

E foi assim: numa memorável noite de outubro de 1967, o Teatro Record parou para ouvir e dar passagem não a uma banda, mas a alguém que de repente olhou pro mundo e não viu nem sombra, nem sol, nem vento... Viu, sim, violência, viola, e morte redor mundo inteiro. Sentiu então que já convinha encerrar o cantar, mas prometeu um novo ponteio num dia que, sabia, não iria demorar; estava certo que viria. Naquela noite, rasgava-se o cânone do barquinho, do mar e

da flor e se abria espaço para uma música de cunho social, capaz de abalar alicerces, que trazia para o centro das atenções toda uma magnífica geração de músicos e poetas. Viu-se ali o tímido Edu, firmemente agarrado ao seu violão como se buscando apoio e proteção, invadido pelo coro estonteante que seguia ele e Marília Medalha, pedindo em uníssono: “quem me dera agora/ tivesse uma viola pra cartar/ponteio!” Nascia também um novo ídolo da música brasileira, um compositor que era, sobretudo, grande cantor. Claro que era tudo que o mercado fonográfico poderia desejar: de um lado, a música nova, forte, de cunho social; de outro, o cantor com jeito de menino tristinho, carente de um colo e de acalanto. O resultado seria um ídolo venerado por homens e mulheres. Assim seria.

Novo engano. Quando Edu Lobo percebeu que poderia ser transformado num grande astro da nova canção brasileira, assustou-se e fez o que ninguém poderia esperar, desapareceu. Foi embora para os Estados Unidos estudar música porque o que ele queria – e quer – era simplesmente ser compositor. E assim estava escrito e assim se cumpriu. Barco deitado na areia não dá pra viver... Não dá. Lua bonita sozinha não faz o amor... Não faz. Aquele Edu continuou tímido e introvertido, mas se impôs como um dos maiores compositores de toda a história da música brasileira. Sim, ele não está muito distante do ídolo Villa-Lobos nem do parceiro Tom. Trabalhos como *Arena Conta Zumbi*, *Grande Circo Místico* e mais um sem-número de trilhas sonoras de filmes e novelas o colocaram no panteão das nossas glórias musicais. Músicas como *Arrastão*, *Reza*, *Aleluia* e *Upa, Neguinho* – aí é maldade, bate a saudade dela, Elis, com aquele sorriso eterno – ficaram definitivamente inscritas entre o que de melhor a música brasileira produziu. Claro, as parcerias são especialíssimas. Novidade? Nenhuma. Creme só se mistura com creme. E se a mão livre do negro tocar na argila, o que é que vai nascer? Vai nascer pote pra

gente beber, nasce panela pra gente comer, e até estatuinha bonita de se ver... Chico, Ruy Guerra, Guarnieri, Tom e outros e outros.

Edu primeiro optou por não ser um grande e famoso cantor popular. Depois, assim meio que pedindo desculpas, foi ficando fora da mídia, dedicado ao seu trabalho de composição. Resulta daí um caso curiosíssimo. É um excepcional compositor e trabalha como poucos. Aliás, diga-se, trabalho é que não lhe falta. Algumas das suas músicas são super conhecidas e, ainda hoje, cantadas, mas as pessoas não sabem de quem é a autoria. Não é intrigante?

A Sexta, dia desses, assistiu a parte de uma entrevista com Edu. Chamou a atenção quando ele se referiu, com visível emoção, a um dos mais meteóricos poetas da música brasileira, o piauiense Torquato Neto. Segundo Edu, quando o poeta lhe trouxe para musicar o que seria a imortal *Prá Dizer Adeus*, ele ficou impressionado com a qualidade daquele belo e sofrido poema de amor. Ainda assim fez algumas mexidas aqui e ali, apenas buscando a harmonia e a musicalidade, sem alterar a essência poética. Passa o tempo e a vida passa. Lá, um dia, vem Edu dirigindo seu carro pelo trânsito do Rio. Ouve uma, duas, três músicas seguidas com letras de Torquato. Ficou “grilado”. O que estava acontecendo para tanto destaque? Quase em seguida, veio a notícia do suicídio. Aí então, só aí, diz Edu, ele se deu conta de que a letra não tratava da despedida de um enamorado. Não. Tinha muito maior profundidade e dor. Era, na verdade, uma sofrida forma de se despedir da vida: “Adeus, vou pra não voltar/E onde quer que eu vá, sei que vou sozinho.” Que lhes parece?

## NO RASO DA CATARINA

25.09.2009

*Se ao assalto subitâneo se sucedem as chuvas regulares, transmudam-se os sertões, revivescendo. Passam, porém, não raro, num giro célere de ciclone. A drenagem rápida do terreno e a evaporação, que se estabelece logo mais viva, tornam-nos, outra vez, desolados e áridos... Então a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua. Nesta, ao menos, o viajante tem o desfôgo de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas. Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar, agride-o e estonteia-o; enlaço-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as fôlhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças...*

*Quando oiei a terra ardendo,/qual fogueira de São João,/ eu preguntei a Deus do céu, ai,/por que tamanha judiação.../ que braseiro, que fornaia,/nenhum pé de prantação,/por farta d'água perdi meu gado/morreu de sede meu alazão./Inté mesmo a asa branca/bateu asa pro sertão...*

Aí o contraponto. De um lado, o linguajar erudito e rebuscado de Euclides da Cunha; doutro, a aparente simplicidade poética de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Ligando-os, a mesma temática, a dura realidade da caatinga. Diferente é a forma de dizer, de transmitir a impressão que causa o contato com a caatinga; diferente a forma de descrever a difícil vida de tantos quantos insistem em viver sob o sol inclemente, na terra exsicada, suportando temperaturas que podem variar de 40° a 10° C.

No contexto do semi-árido brasileiro, o Raso da Catarina acabou adquirindo certa aura mítica, não só por ser uma área de transição entre o árido e o semiárido, mas pelas lendas e histórias guardadas pela tradição oral, especialmente as que relacionam Lampião e sua capacidade de evadir-se, pondo-se sempre a salvo das perseguições das “volantes”. Cabe

lembrar que não muito longe dali, na Grota do Angico, em Sergipe, o “governador do sertão”, junto com a mulher e mais 9 cangaceiros, foram apanhados e abatidos pela “volante” do Tenente Bezerra. O resto da história, todos conhecem.

O Raso, reserva ecológica de 6.400km<sup>2</sup>, é imenso e abarca partes de vários municípios baianos, inclusive Euclides da Cunha e Canudos. Belo Monte, hoje coberta pelas águas do açude de Cocorobó, estava na área do Raso. Contam as lendas que ali as pessoas não-iniciadas perdem-se facilmente e encontram a morte em muito pouco tempo. Sempre que estava acuado, Lampião se internava naquelas terras, desaparecia pelas suas inúmeras sendas, despistava os perseguidores e escapava incólume.

Visitar a parte mais difícil do Raso, caminhar pelo cânion da Baixa do Chico, apreciar de perto as estranhas formações rochosas, torcendo para encontrar algumas araras azuis de Lear – hoje praticamente superaram o risco de extinção já que se estima sua população em mais de mil espécimes – era um dos roteiros permanentemente agendados pela Sexta. Por mil razões, sempre deixado para outra oportunidade. Finalmente, semana passada, graças a disposição de Carlinhos Aquino e sua caminhoneta 4 x 4, fizemos os contatos necessários e caímos no mundo, tomando como base Paulo Afonso. Logo depois do café reforçado, sob o comando do guia Binho, um dos membros do Clube dos Jipeiros de Paulo Afonso, partimos em dois carros. Logo logo, estávamos enfrentando o areal avermelhado que obriga o motorista a centralizar o carro e segurar firme na direção, sob pena de ser tragado e jogado fora da estrada. Não é coisa para não-iniciados. Dirigir no areal exige perícia; e conhecimento, ainda mais que é preciso manter uma velocidade quase que constante, evitando a constante troca de marchas. Afinal de contas, uma freada abrupta ou uma brusca redução de velocidade pode implicar no fim da viagem.

A primeira parada foi na aldeia dos índios Pankarerés. Um choque. A tribo, que no passado teria assegurado a movimentação de Virgulino Ferreira, é agora um amontoado de pessoas malcuidadas, desdentadas, que sobrevivem da caridade de quem lhes leva alimento e garante que a bomba que traz a água do poço não vai ficar muito tempo quebrada. Na conversa com o cacique, não dá para perceber nem sombra de orgulho. É mais um homem vencido pelas circunstâncias e que ali, no meio de poucas dezenas de pessoas, exerce uma liderança nem sempre respeitada. Uma infinidade de crianças nos acompanha para todos os lados. Ficamos sabendo que, por falta de cuidados e acompanhamento, há o risco real de doenças genéticas já que as uniões consanguíneas são comuns. As casas miseráveis ostentam placas de coletores solares que servem somente para alimentar uma lâmpada em cada uma delas. A indefectível antena parabólica adorna uma espécie de centro comunitário, onde eles se reúnem para assistir televisão.

Afastamo-nos da aldeia. Alguns metros à frente, deixamos os carros e, mochilas às costas, iniciamos a caminhada pelo terreno arenoso, que parece nos puxar para trás enquanto, lá no alto, o sol promete incendiar tudo. O calor não é tanto porque no interior do cânion corre sempre uma brisa canalizada. Vamos em frente. Os olhos atentos a escapar dos espinhos e da macambira apreendem a beleza nos detalhes: flores dos mandacarus totalmente abertas; um tipo de bromélia de folhas fininhas e flor bem diferente das já vistas noutros locais; um beija-flor pequeno de um verde brilhante. Os ouvidos se enchem do zumbido das abelhas e dos gritos das invisíveis araras; no areal, evidentes rastros de cobras e outros animais. Um detalhe chama a atenção: quando entramos na caatinga, a vegetação estava viçosa, de um verde brilhante; no retorno, sol a pino, havia somente folhas retorcidas, a caminho da secura total. Possivelmente, o milagre do orvalho que revivesce não é capaz de suportar a inclemência do sol de 40° C.

É o mesmo sol que nos oprime e entristece ao pensarmos no mundo de recursos dos órgãos públicos que tem como missão mitigar o sofrimento neste lugar, mas acabam desviados nos desvãos da burocracia.

## DE LIVROS, EDITORAS E LEITORES

02.10.2009

É de supor que o brasileiro esteja lendo mais, a despeito dos preços exorbitantes dos livros. Tomando por base o conceito mais elementar de poupança, o de que poupar é se abster de consumir, comprar livros é uma espécie de poupança. Sempre que se adquire um livro, a pessoa está se abstendo de comprar outra coisa. Isto é bom. Fato é que de repente as editoras começaram a lançar títulos de alta qualidade, e relançar alguns já fora de catálogo. A Record, por exemplo, se propõe a, dentre outras, relançar toda a obra de Albert Camus, sempre a preços bem razoáveis. Editores, como de resto todos os empresários, visam em última análise o lucro. Portanto, se fazem tais lançamentos, é porque há um público pronto para consumir.

A Cosac Naify ousou mais. Lançou a Coleção Prosa do Mundo, com alguns dos mais significativos títulos da literatura universal. Dentre eles, obras da literatura russa. O detalhe é que boa parte deles tem novas traduções, feitas a partir do original russo. Como é sabido, praticamente todos os russos que lemos em tempos idos, incluindo aí Tolstói, Dostoiévski e Gógol, foram traduzidos para o português brasileiro a partir de versões francesas. A prevalecer a máxima latina, “*traduttore, traditore*”, fica evidente que perdemos muito do sabor e da essência de uma das mais importantes literaturas do mundo. Assim, para quem ainda tiver disposição de encarar, as novas traduções tendem a nos aproximar mais dos textos originais.

Em tempos idos, no currículo do curso clássico, literatura era matéria estudada em duas cadeiras. No segundo ano, literatura universal; no terceiro, portuguesa e brasileira. Coisas assim podem explicar porque os alunos que optavam pelo clássico eram tão voltados para a leitura. Imaginem os que não alcançaram aqueles tempos e que gostam de ler: um

currículo com literatura, história, sociologia etc. Era uma festa! Boa parte do curso era ministrada em cima da leitura, discussão e análise de livros. Na Ilhéus de então, havia espaço até para concursos literários. Lembro de ter participado de um deles, na categoria *Crime e Castigo* de Dostoiévski. As outras categorias eram *Iracema* de José de Alencar e *A Divina Comédia*, de Dante. A coisa tomou tal vulto que as direções dos colégios com alunos participantes se envolveram, ajudando e apoiando seus candidatos. Na festa de premiação, a sede da Academia de Letras estava lotada. Saudosismo da Sexta? Pouco importa. Apenas uma informação de tempos idos e vividos...

Indiscutível, com ou sem “tradutores traidores”, a grandeza da literatura russa. Os épicos de Tolstói; os densos, atormentados e atormentantes romances de Dostoiévski; os contos de Tchekov; as intrigantes novelas de Gógol, como *O Capote*, *O Nariz* e o *Diário de um Louco* – que, no Brasil, mereceu adaptação para o teatro, atingindo sua melhor encenação em 1997, com Diogo Vilela como protagonista. Há que se falar, também, da literatura engajada de Górkki, que nos legou o extraordinário *A Mãe*, centrado no processo de formação da causa operária e nos reflexos da politização dos personagens a partir da sua difícil realidade. Comovente a postura da mãe que acoberta e protege o filho enquanto este se afirma como líder operário às voltas com a repressão e a conscientização dos colegas.

Claro que, em se tratando da literatura envolvida com o realismo soviético, não se pode olvidar Maiakóvski (“Morrer não é difícil. O difícil é a vida e seu ofício”), engajado a tal ponto que, ao cair na real, não hesitou em sair da vida pela porta do suicídio. Foi Maiakóvski, o poeta revolucionário, que apoiou e sustentou outro grande escritor do início do século XX, Isaac Bábel. Graças à Cosac Naify é que a Sexta teve, agora, acesso a *O Exército da Cavalaria*, espetacular coletânea de contos curtos, centrados nas atividades dos cossacos

usados pelo Exército Vermelho para implantar o regime soviético. Dono de um texto seco e direto, Bábel é capaz de imagens extremamente fortes e até mesmo desconcertantes: “Um sol alaranjado rola pelo céu como uma cabeça decepada, uma luz suave acende-se nos desfiladeiros das nuvens, e os estandartes do poente ondulam sobre nossa cabeça. O cheiro do sangue de ontem e dos cavalos mortos pinga no frescor da tarde...” Azar da literatura é que, com apenas 46 anos, já sem a proteção e apoio do falecido Maiakóvski, Bábel, como tantos outros, acabou fuzilado no frenesi genocida que caracterizou o regime stalinista.

É possível também, colher na variegada literatura russa, jóias do mais fino lirismo, de uma sensibilidade poética de beleza invulgar. A título de exemplo, em forma de brinde, a última estrofe do belo “*Espera-me*”, de Konstantin Simonov, na feliz tradução de Hélio do Soveral:

“Espera-me. Até quando, não sei.  
Um dia voltarei.  
Esperando-me, tu serás mais forte!  
Sendo esperado, eu vencerei a morte.  
Sei que aqueles que não me esperaram  
– que gastaram o Amor e não me amaram –  
Suspirando, talvez, digam de mim:  
‘Pobre soldado! Foi melhor assim!’  
Esses, que nada sabem esperar,  
Não poderão jamais imaginar  
Que das chamas eternas me salvaste  
Simplesmente porque me esperaste!  
Só nós dois sabemos o sentido  
De alguém morrer sem ter morrido!  
Foi porque Tu, puríssima criança,  
Tu me esperaste além da Esperança,  
Por aquilo que eu fui e ainda sou,  
Como nunca ninguém me esperou!”

## À MERCEDES SOSA

09.10.2009

Fazendo uso de laboratórios, campos de experimentação, estufas etc., o homem vem, ao longo do tempo, desenvolvendo as mais diversas pesquisas, voltadas, em tese, para a melhoria da qualidade de vida no planeta. Boa parte, senão a maioria desses experimentos, envolve seres vivos. Graças a tais estudos é que foi possível alcançar resultados expressivos, como a cura de doenças ou o aumento da produtividade de alimentos básicos como arroz, milho e feijão. Muitos deles, é verdade, foram desvirtuados quando não propositadamente dirigidos para fins não muito canônicos, com o perdão ao eufemismo.

Não por mero acaso, uma das inúmeras teorias que tentam explicar o surgimento e evolução do homem na Terra sustenta que isto aqui não passa de um gigantesco laboratório administrado e controlado por seres mais desenvolvidos. Assim, não passaríamos, *mutatis mutandis*, de meras cobaias diuturnamente observadas e testadas por mentes mais avançadas. Por essa linha de raciocínio, justificam o surgimento, nos mais diversos momentos da história da humanidade, de indivíduos que não fazem o menor sentido de estar naquele instante. Pessoas cujos conhecimentos, interesses, propostas, pesquisas, projetos, idéias e posturas dão um novo ritmo ao caminhar da história. Seres como Einstein, Newton, Gandhi, Galileu, Da Vinci, Michelangelo, Mozart teriam sido introduzidos nesse imenso campo de pesquisas para quebrar, modificar ou acelerar a momentânea paralisação, ou desvio, de alguma área de conhecimento. Durante um bom tempo, essa corrente de pensamento sustentou, por exemplo, que o cientista inglês Cavendish, um misantropo do século XVIII, era a sua prova provada. Teria aparecido sem ninguém conseguir explicar de onde e nem como, deu um grande impulso ao conhecimento científico,

especialmente na química, e depois desapareceu sem deixar rastros. Hoje, já se sabe que essa história do surgimento e desaparecimento de Cavendish não passava de lenda. Que ele foi genial, não resta a menor dúvida; que deu grande impulso a ciência, também. Mas não é verdade que tenha surgido do nada e desaparecido da mesma forma. Sabe-se perfeitamente onde nasceu, quem foram seus pais e como morreu.

De qualquer maneira, essa teoria tem um certo fundo de verdade. Como explicar o imenso descompasso entre certos indivíduos que surgiram – e surgem – e a média dos seus contemporâneos? Seriam eles os tais seres introduzidos pelos “pesquisadores”? Sem concordar ou discordar de coisa alguma, vimos observando que efetivamente algumas pessoas surgem, tornam-se universais e desaparecem deixando um imenso vácuo. Mais ainda, andamos desconfiados de que não há um processo de substituição regular. Elas se vão, o mundo fica mais triste, mais pobre, e não surge nada de novo. Se volvermos o olhar para tudo o que vimos, vivemos e sentimos, nós, os da geração dos anos 40/50, teremos de dar graças à vida que nos deu tanto; graças à vida que nos deu a imensa oportunidade de ter vivido no mesmo tempo de alguns seres – permitimo-nos afirmar – transcendentais.

Nesta sexta, mais vazia ainda, não há como evitar elucubrações da espécie. Foi-se a “voz que levava mensagens de compromisso social através da música da mais pura raiz folclórica, sem prejuízos de somar outras vertentes e expressões de qualidade musical. Seu talento indiscutível, sua honestidade e profundas convicções deixam uma enorme herança para as gerações futuras.” Agora já não podemos voltar aos 17. Já vivemos muito. Resta-nos dizer baixinho, como em oração, *“solo le pido a Dios que la reseca muerte no me encuentre/vacio y solo sin haber hecho lo suficiente”*.

Afinal de contas, *“cambia todo en este mundo”*. Tratemos de mudar para algo melhor, conforme nos ensinou “La Negra”.

A Sexta crê, como Guimarães Rosa, que as pessoas não morrem. Encantam-se. Quem viveu como ela viveu, testemunho vivo de uma época difícil e sofrida, não pode, simplesmente virar cinzas, restos da cremação pedida. Foi vítima de um tipo especial de tortura: foi esganada de tal forma que suas cordas vocais restaram prejudicadas por um longo tempo. Evadiu-se de seu país e se submeteu a tratamento especial para poder voltar a fazer o que era a sua razão de ser: cantar o amor à vida, ao seu povo e à humanidade. E voltou. Mais viva e mais altaneira. Pessoas assim, a Sexta tem certeza, não morrem. Passa o tempo, a vida passa e as pegadas, as suas imensas pegadas, em forma de um incrível acervo musical, irão se perpetuar, passando de geração em geração.

O negro manto da noite já se estende sobre a terra. Debruçado na janela, contemplo, até onde o olhar pode atingir, a escuridão. Lá, bem longe, muito longe, num canto perdido do universo, um ponto de luz parece piscar, sinalizando alguma mensagem. Dou-me conta do quão verdadeira é a assertiva do criador de Riobaldo e Diadorim. Naquela estrela, Mercedita, encantada, pode perfeitamente estar degustando uma caipirinha, daquelas que ela dizia gostar tanto, gozando da companhia de outros encantados que aqui com ela conviveram. Sim, lá, naquele ponto de luz, estariam confraternizando Violeta Parra, Victor Jara, Alfonsina Storni e Mercedes Sosa junto com milhares e milhares de camponeses, estudantes, operários e gente sofrida que eles cantaram e dignificaram. É, portanto, hora de apor o ponto final. Que viva para sempre “La Negra”!

## PETRÓPOLIS

16.10.2009

Não. A sala não é grande. Muito mais uma saleta, é verdade. Na caixa envidraçada, possivelmente com vidros à prova de balas e ligada a alguns alarmes, um único ponto de luz incide sobre a coroa, que gira incessantemente para mostrar ao espectador toda a sua riqueza em ouro, centenas de diamantes e mais outras pedras preciosas. Noutra sala, como numa desconcertante amostra de como se fazem as sucessões, exhibe-se a coroa do rei anterior, desprovida das gemas, mas mostrando os inúmeros furos de onde foram arrancadas para adornar a do novo mandatário. Num pequeno espaço, tem-se, no Museu Imperial de Petrópolis, toda uma aula de história, de sociologia e do que mais se possa extrair da pompa, da ostentação e da sempre incômoda constatação da efemeridade do poder. Naqueles poucos metros, a inequívoca demonstração da sabedoria dos franceses quando, cinicamente, asseguravam que *“Le roi est mort. Vive le roi”*. Verdade. O endeusado Pedro II adornou a sua coroa, motivo de orgulho e demonstração de poder, com as pedras que um dia enriqueceram a que coroara o pai, tido e havido como doídivanas e inculto.

Mais adiante, a belíssima caneta, toda de ouro em forma de pena, que serviu para subscrever a, no mínimo, equivocada Lei Áurea. A Sexta se permite não adentrar nesse perigoso e escorregadio terreno das análises históricas. Não pode, entretanto, deixar de registrar que, ao admirar a impressionante coroa do segundo imperador, veio à mente a lembrança de que este mesmo personagem, quando em visita ao eternamente sofrido Nordeste, então assolado por uma das suas secas cíclicas, jurara que acabaria com tanto sofrimento ainda que para tanto precisasse se desfazer de todas as jóias da sua coroa. Aí está. A seca continua a assolar o Nordeste, a matar e expulsar os nordestinos que teimam em

viver. A coroa, linda e intacta, gira incessantemente na sua base, sob um único foco de luz, para ser vista e admirada por tantos quantos visitam o antigo Palácio Imperial de Verão, em Petrópolis. Evidente que muitas outras lições podem ser extraídas da visita, mas esta é uma das que nos tocam. Mudam os dirigentes. O que era rei vira presidente. Mas a realidade dos mais desafortunados, dos deserdados da sorte, esta teima em permanecer. Ontem, pretendia-se resolver os problemas com a venda das jóias da coroa; hoje, com uma faraônica transposição das águas do S. Francisco. No final, pode-se ter, além da continuidade da miséria e da seca, a morte do rio, dito da integração nacional. E assim segue a história...

\*\*\*

Mas esta linda e atraente Petrópolis nos dá outras lições de história. A enfiteuse é um dos mais antigos e obsoletos institutos de direito. Possivelmente, o Brasil é um dos poucos países a mantê-lo. Tem suas origens lá no feudalismo, onde os servos da gleba trabalhavam duramente a terra, propriedade do suserano, para ao fim poderem auferir a mínima parte do que produziram já que a maior parte era, de direito, do dono das terras. Em Petrópolis vige, ainda, a enfiteuse. A Família Real (???!!!!) é proprietária de toda a área urbana. Qualquer transferência de domínio implica no pagamento de um laudêmio ao príncipe da ordem de três por cento do valor da transação. Não se pode mover uma pedra sem que Sua Alteza Real seja informado e inteirado. Em troca, ele se limita a ignorar solenemente o povo e a cidade de onde tira, com sua ociosa presença, o sustento, o luxo e a ostentação de toda a família... A Sexta tentou, tentou, mas não conseguiu ouvir uma só manifestação de simpatia à tal família imperial. Pelo contrário. Aí se deu conta de que as coisas hoje não são assim tão diferentes. Afinal de contas, os detentores do poder e seu círculo de áulicos e favoritos podem usar e abusar dos impostos arrecadados e mais inúmeras outras benesses, sem dar satisfações a quem quer que seja. Vida que segue...

## A ENCANTADA & SARAMAGO

23.10.2009

Mais um pouco de Petrópolis. Não muito distante do Museu Imperial, na Rua do Encanto, encravada num apertado terreno, exíguo pedaço de terra espremido na pirambeira, “A Encantada”, residência de verão de Santos Dumont, por ele projetada e construída em 1918 pelo engenheiro Eduardo Pederneiras. Diz-se que surgiu de uma aposta com amigos. Desafiado a construir algo num terreno onde se considerava impossível surgir qualquer edificação, acabou ganhando uma caixa de uísque e, em contrapartida, deixou para a humanidade uma das mais engenhosas casas já construídas. Pequenininha, só acessível por íngremes escadas. No primeiro pavimento, a sala de estar/jantar e biblioteca; no segundo, que se alcança pela famosa escada de degraus recortados em forma de raquete, o quarto e banheiro; por uma escada externa, atinge-se o teto, onde uma plataforma funcionava como observatório astronômico.

Além da decantada escadaria, vale registrar a engenhosidade do chuveiro, criação de Santos Dumont, capaz de oferecer banho quente/morno/frio, com o uso de álcool para o aquecimento da água. Cozinha? De jeito algum. Como ele fazia as refeições no (ou do) hotel ao lado, esse compartimento, imprescindível nas residências comuns, foi simplesmente banido do projeto. “A Encantada” leva o visitante um pouco mais atento a raciocinar sobre como são dispensáveis tantos móveis e apetrechos que guarnecem as nossas casas e sem os quais não saberíamos viver. Ali, tudo é funcional e objetivo. Somente o mínimo necessário e suficiente. Nem mais, nem menos. Espartano? A Sexta não acredita. Alberto Santos Dumont era homem de hábitos sofisticados e de boa situação financeira. Logo, a casa é o resultado do seu espírito prático e despojado.

Ah, ainda sobre o Museu Imperial, vale registrar o belo espetáculo de som e luz, apresentado nos bem-cuidados jardins, que mostra os fatos mais relevantes do Segundo Reinado. Realmente de muito bom gosto e alta tecnologia. Diferente de outros shows da espécie, onde se usam elementos sólidos para as projeções, neste as imagens são projetadas na cortina d'água lançada da fonte em frente ao palácio. O efeito visual das imagens sobre o elemento líquido é deslumbrante!

\*\*\*

Saramago de livro novo na praça. A Sexta, que o colocou de lado por ter considerado intragáveis seus livros anteriores, inclina-se a arriscar. Quem nos deu títulos definitivos da literatura contemporânea como *Ensaio Sobre a Cegueira* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, merece, sim, um crédito de confiança. Além do mais, *Caim*, lançado no Brasil pela Companhia das Letras, tem apenas 176 páginas. Só não se pode garantir que vai furar a fila dos livros que se acumulam bem aqui em frente, pedindo pressa na leitura. Mas, quem é que pode dar alguma coisa por definitiva? Certo é que o livro vai gerar polêmica e discussões sem fim. O tema é, num só tempo, histórico e atual. Nas palavras do autor: “No fundo, o problema não é um Deus que não existe, mas a religião que o proclama. Denuncio as religiões, todas as religiões, por nocivas à Humanidade. São palavras duras, mas há que dizê-las. Quanto às reações, não estão na minha mão. Cada um dirá o que entender conforme as suas convicções e as suas crenças.” Justifica a escolha do controvertido personagem garantindo: “Para mim, a Bíblia é um livro a mais. Importante, sem dúvida, mas um livro. Como tal o li e o consultei sempre que necessitei. Desta vez, concentrei-me no Gênesis, onde se encontram as figuras que tomei como personagens do livro.” Ateu assumido, Saramago, inquirido sobre se integraria uma cruzada anti-religiosa, garante: “Por mim não o faria. É praticamente impossível convencer alguém a virar as costas às suas crenças. Limite-me a escrever o que penso do assunto e

deixo aos leitores a inteira liberdade de fazer o que entendam. O único que peço para mim é respeito.”

Para nós, Caim é um personagem fascinante. Note-se que o Deus do Antigo Testamento é caprichoso, ciumento e injusto. Expulsou Adão e Eva do Paraíso como punição por terem querido conhecer o bem e o mal, rompendo o apertado e alienante círculo da inocência. Matou milhares de inocentes quando despejou fogo sobre Sodoma e Gomorra. Isto sem falar da crueldade sem par de quando pediu a Abraão que sacrificasse o próprio filho. Desprezar os sacrifícios oferecidos por Caim para preferir os de seu irmão, Abel, é mais um dos duros sinais do Seu capricho. Seria Ele um ser carnívoro que, por isso, repudiou os vegetais?

Caim, é bom que se diga, não nega seu crime e aceita a vida errante como seu castigo. Contudo, não aceita ser mais criminoso e cruel que Deus. Algo assim como: se eu pequei, tu pecaste mais. Se eu matei meu irmão, tu mataste, ou mandaste matar, a muitos mais. Não se pode esquecer que a Bíblia, especialmente o Antigo Testamento, é a história de um povo em busca de seu destino, onde se misturam mitos, metáforas e fatos históricos. Lá está (Pentateuco) o deus ciumento que confunde gratuitamente as línguas dos que constroem a Torre de Babel. Há também o Eclesiastes, o chamado Livro da Sabedoria, talvez o mais perfeito libelo já produzido contra a vaidade humana; sem esquecer a ode feita à beleza do corpo humano e a sua sexualidade, tão maravilhosamente expresso na força erótica do Cântico dos Cânticos. É o espelho da humanidade, com suas baixeiras e seus esplendores.

Quanto a Saramago e seu ateísmo, vale destacar que produziu uma das mais poéticas definições da divindade: “Deus é o silêncio do universo, e o homem o grito que dá sentido a esse silêncio.”

## SOBRE AMIZADE, DITADURAS & DEPRESSÃO

30.10.2009

A semelhança de títulos pode indicar simples coincidência, mas os enredos apresentam algumas pequenas semelhanças. O filme, com os maiores atores italianos da época, trata do reencontro, das lembranças e frustrações de três amigos que estiveram como combatentes na Segunda Guerra; novamente juntos, repassam os últimos 30 anos, marcados por um traço em comum: todos amaram uma mesma mulher. Esta, de forma muito sintética, a história de *Nós que nos Amávamos Tanto*, uma comédia de 1974 do cineasta italiano Ettore Scola. O título original, *C'eravamo tanto amati*, não difere muito do que lhe foi aplicado aqui no Brasil.

O livro de Marcela Serrano, publicado originalmente no Chile em 1991 com o título *Nosotras que nos Queremos Tanto*, foi editado no Brasil em 2005 pela Record com o mesmo *Nós que nos Amávamos Tanto*. Trata de 4 amigas, mulheres na faixa dos quarenta e uns, que viveram, inclusive como partícipes, todo o processo da cruel ditadura sofrida pelo país andino. Pode ser lido como um bom painel dos fatos que marcaram o Chile a partir da experiência do governo socialista de Allende até a redemocratização. As 4 mulheres, profissionais de nível universitário, unidas pelo trabalho em comum num instituto de pesquisas, reúnem-se para curtas férias de verão numa casa à beira de um lago. O objetivo do encontro é celebrar a amizade de 10 anos. Ana, a mais velha, professora, casada com um professor universitário e já avó, é a anfitriã que recebe as amigas. Isabel é pedagoga, mãe de muitos filhos, eternamente sobrecarregada tentando conciliar atividades diversas. Sara, engenheira civil de competência reconhecida, mãe de uma filha, é encarregada das finanças e da administração do instituto. Finalmente, Maria é

a mais esfuziante, a mais bonita, originária da alta burguesia rural chilena, jornalista encarregada da área de comunicação do instituto, solteira; das quatro, a mais bem-sucedida em termos financeiros; independente e liberada sexualmente, a ponto de servir de referência nos meios acadêmicos e sociais por ela frequentados.

Sem dúvida, um livro sobre mulheres. Mulheres militantes de esquerda, seus amores, suas dores, seus acertos, seus desacertos, torturas, exílios, perdas e, claro, sucessos. Mulheres de origens sociais diferentes que construíram suas carreiras em meio a um mundo de turbulências e dificuldades. Mulheres que amaram, pariram e seguiram em frente, equilibrando-se sobre a fugidia linha que separa a felicidade da tristeza, o medo da coragem, a dor da insensibilidade. Vale um destaque. Enquanto as convidadas fazem um tour pelas dependências da casa, Ana conjectura: “É certo, haviam se passado dez anos e estávamos aqui, de novo as quatro. Maiores, mais velhas, mais feridas, mais sábias.” A partir do reencontro das amigas, das acomodações na casa do lago, é deflagrado o processo narrativo, um bem elaborado labirinto de personagens muito ricos, mas sobretudo muito reais, parecidos com pessoas que nós conhecemos em algum momento das nossas vidas. O emaranhado das suas histórias serve de fio condutor para a narrativa do que ocorreu no Chile, na América do Sul e na Europa, que as acolheu em seus exílios, naqueles difíceis e conturbados anos. *Nós que Nos Amávamos Tanto* é também um livro de história política.

Possivelmente, Maria é a personagem mais instigante do livro e é da sua história de vida que decorre a parte final desta Sexta. A despeito de toda a sua alegria de viver, do seu otimismo e da sua inexcedível força, ela acaba sucumbindo sob as garras do insidioso mal já rotulado de “demônio do meio-dia”, considerada a doença do século XX, mas que continua destruindo vidas e infelicitando pessoas ao longo do novo século. Maria, ao impacto da notícia da morte da irmã

pelos torturadores do regime militar, sucumbe sob o jugo da depressão.

\*\*\*

Aqui, a Sexta envereda, com muito cuidado e respeito – um pouco de medo também –, por um tortuoso e muito pouco conhecido caminho. Afinal de contas, uma das poucas coisas que se pode afirmar sobre a depressão é que ninguém sabe o que o deprimido sente; só ele, afogado no seu mar de tristeza. Mais ninguém. Aliás, é oportuno destacar, até a causa é desconhecida. A explicação mais aceita é a de que se origina do desequilíbrio bioquímico dos neurônios responsáveis pelo controle do estado de humor. Chegou-se a esta conclusão porque está provada a eficácia dos antidepressivos, que agem exatamente nessa área. Sabe-se que nós humanos estamos, de um modo geral, sujeitos a pequenas crises de tristeza. Nada que assuste. Essas crises podem até servir como uma espécie de escudo de proteção já que as pessoas passam alguns poucos dias recolhidas dentro de si mesmas, rearrumando-se e reunindo forças para tocar a vida. As coisas mudam de rumo quando essa tristeza persiste por mais de uma semana e a vítima não consegue reagir, passando a não fazer as coisas mais corriqueiras do dia-a-dia ou, então, realizando-as de forma muito lenta, descompassada. Uma das facetas mais cruéis desse mal é que de ordinário os circunstantes (parentes, amigos e conhecidos) não estão preparados para lidar com a situação e acabam sofrendo intensamente. As formas normais de ajuda não funcionam. Parece que aí só tem uma saída: manter-se solidário e, o mais importante, indicar ou levar ao profissional capaz de dar a ajuda necessária. O psiquiatra é o único que pode reconhecer os sintomas e traçar os caminhos do tratamento, embora não tenha como conhecer os sentimentos e o sofrimento do seu paciente. Afinal de contas cérebro e alma são impenetráveis.

## SOBRE OS AMIGOS

06.11.2009

É. É. De repente, tudo pode não passar de simples impressão causada pela luminosidade desses dias de calor intenso, que prenunciam um verão de muito sol e temperaturas elevadas. Pode ser também o estado de espírito. Uma predisposição para ver de forma diferente a fase lunar que se renova todos os meses e que, às vezes, não é sequer notada. Fato é que a lua cheia desta semana está particularmente bonita. Ergue-se cedo, logo ao cair da tarde, lá pelas bandas de Itapuã e sua luz produz um magnífico efeito sobre o mar, como se um lago prateado se abrisse sobre as águas escuras do Atlântico. Está tão bonita, tão faceira, fêmea enamorada enfeitada para atrair o amado, que imediatamente vem à mente a história que um velho pescador contava: ela nunca foi namorada do Sol. Não. Seu namorado é o Mar. Por isso é que vem toda engalanada, festiva, depois que o Sol se vai, exibir-se lançando sua luz sobre as águas, engolfando-as num amplexo imemorial. Contemplando esse encontro é possível avaliar a beleza e a profundidade dos versos do imortal cantor das canções praieiras, que assegurava que “a noite está que é um dia/ diz alguém olhando a lua”. Os tempos são outros. Agora as luzes da cidade nos roubam a possibilidade de apreciar toda a estonteante beleza da lua. Ainda assim, lá está ela, brilhando no infinito, jogando sua luz sobre o mar num ósculo envolvente que todo o gênio humano não é capaz de reproduzir...

Nestes dias, sentimo-nos particularmente sensíveis. Talvez por efeito da conjunção lunar. Talvez. Uma saudade fininha, morna, envolve e aperta o peito. Matutar sobre a amizade é uma consequência quase que natural. Certo que, ao longo da vida, muitas pessoas cruzam os caminhos das outras. Viver é também o entrecruzar de gentes. A maioria se esfuma sem deixar vestígios ou lembranças. Poucos, muito poucos, ficam.

Alguns chegam num dado momento, ajudam-nos a superar um obstáculo e a seguir vão em frente, deixando a sua indelével marca. Outros nos acompanham durante toda a vida, ou por longas temporadas; ora nos afastamos; ora nos reaproximamos; às vezes, até pensamos que se foram, mas estão sempre ali, ao alcance de um chamado. Muitos reclamam que são raros e que podem não passar de uma dezena em toda a vida. Argumento irrelevante. Importa, isto sim, considerar que sem essas pessoas especiais a vida seria muito difícil. Se abirmos os escaninhos da memória, saltarão momentos vividos, de dor ou de alegria, em que não faltou a mão firme a nos sustentar e ajudar a ir em frente.

Óbvio que uma vida curta como a humana não pode comportar centenas de amigos. São tão importantes que bastam uns poucos. Afinal de contas, imaginemos, como seria possível dividir com muitas pessoas a intimidade, aquelas coisas que se tem receio até de dizer para si mesmo? Inimaginável! Amigos são poucos exatamente por isso. Não há como dividir sonhos, frustrações, vitórias e derrotas com muita gente. É preciso lembrar que se nos abirmos para muitos, acabaremos sendo objeto de críticas, comentários e chacotas. Quem não passou por isso atire a primeira pedra. Com os amigos, poucos, insisto, não se corre esse risco. As intimidades divididas permanecem íntimas. Problema é saber quem é amigo. Aí é que a coisa se complica. Notem que eles chegam junto da gente assim de uma forma meio que mágica. Simplesmente chegam. E chegam cheios de moral e autoridade. De repente, estamos diante de um dilema, com uma decisão a tomar, sem saber a direção a ser seguida. Eles chegam, tomam conhecimento dos fatos – ou nem isso – e vão logo mostrando alternativas e propondo soluções. É uma coisa bem interessante. Lá estamos sem saber que caminho seguir, que decisão tomar. Eles chegam e nos ajudam a transpor o obstáculo. Algo assim como o “peru” do jogo de damas ou de xadrez. Veem de fora um mundo de saídas que

os diretamente envolvidos nem sequer percebem. Resolvida a questão, dadas as dicas, lá se vão eles, sem cobrar nada, sem dizer nada. Na maioria das vezes, sequer pedem notícias do que foi feito. Se forem da categoria dos que vieram para ficar, vão estar conosco noutras ocasiões; se da outra categoria, dos que vieram apenas para uma questão pontual, então seguem em frente mas deixam em nós a sua marca. Para completar, mais um dado emblemático: a única forma de saber quem é amigo é a crise. Só nas horas difíceis é que é possível distinguir quem de quem. E isto, embora frustrante, é bom porque os enganos servem para nos fortalecer, criar anticorpos. Agora, há uma coisa que é definitiva. Esses laços podem até se estabelecer pelo conduto do sangue, do parentesco. Não é a regra. A regra é que se firmam pelo coração.

Faz tempo lemos uma entrevista em que um psicólogo afirmava que as verdadeiras amizades só ocorrem na adolescência, fase onde estamos propensos a dividir tudo; que a amizade de adultos é calculista, interesseira. A Sexta tem dúvidas dessa afirmativa e dela discorda. Afinal de contas, depois de ter ultrapassado os 60, já tem alguma experiência e vivência para saber que na vida adulta temos, sim, amigos. A maioria dos da adolescência ficou pelo caminho e muitos não são sequer lembrados. Os da vida adulta chegaram e marcaram. Uns seguiram outros caminhos; outros aí estão, sempre presentes.

Lá em cima, falou-se da saudade morna e fina. É isso. Nesses dias de lua cheia, fazemos uma espécie de viagem no tempo a lembrar dos amigos que se foram para sempre. É assim. Chega um tempo na vida em que a gente começa a contabilizar as perdas. O cemitério, que antes mal sabíamos onde ficava, começa a ser visitado com alguma constância. E, nesse levantamento de ativos e passivos, a saudade bate e a gente sente o peito apertado pela doce e profunda lembrança dos que se foram. Volta e meia, como fantasmas benfazejos, vêm nos visitar...

## SOBRE DISCRIMINAÇÃO. UM POUCO DE LITERATURA NÓRDICA

13.11.2009

Há que se fazer o registro de três fatos que marcaram a semana e dão o que pensar. O linchamento moral, quase agressão física, da aluna de uma universidade de décima categoria lá de Sampa deu medo. Imaginávamos que a juventude brasileira já estivesse longe da Idade das Trevas e que não fosse capaz de tamanha brutalidade, causada por uma visão obscurantista, incapaz de conviver com as diferenças e com o inalienável direito que cada um tem de ser e viver a seu modo. O outro exemplo de estupidez, arrogância e intolerância vem de São Luís, a ex-”Ilha Rebelde”. O respeitado jornalista paraense Palmério Dória, autor do livro-reportagem *Honoráveis Bandidos*, lançado pela Geração Editorial, sucesso de vendas no Brasil, quase fica impedido de lançá-lo na capital maranhense porque as livrarias se recusavam a recebê-lo. O Sindicato dos Bancários resolveu bancar o lançamento. Cerca de 15 baderneiros invadiram o local, quebraram, destruíram e espancaram. O livro trata do surgimento e enriquecimento da família Sarney e do seu chefe. Parafraseando um pensador analfabeto, mas muito sabido: nunca antes na história desse país...

O outro fato – que comporta uma boa reflexão – foi a comemoração dos 20 anos da queda do Muro. A unificação de Berlim se revestiu de todo um sentido emblemático e, até mesmo, alegórico. Quando as pessoas se lançaram com todo o tipo de instrumento contra o Muro da Vergonha, contribuindo para a sua demolição, o mundo respirou aliviado. Adeus, Guerra Fria, ameaça nuclear, divisão da humanidade etc. A partir dali, a Terra passava a viver um tempo em que ninguém mais teria seu direito de ir e vir

cerceado. Acabara-se o maniqueísmo. Não mais barreiras nem discriminações de ordem étnica, política ou religiosa. Engano puro. Vinte anos depois, a sensação que ficou é que o mundo só ficou globalizado para o capital e as mercadorias. O homem? Ah, este continua segregado por muros físicos, como os que foram construídos em Israel e na Irlanda, e por outros invisíveis, mas perfeitamente palpáveis. E não estamos falando somente da conturbada fronteira dos Estados Unidos com o México. Não. A cada dia, as diversas sociedades vêm se protegendo e se fechando, impedindo a livre circulação dos homens, mas sem qualquer pudor para receber produtos baratos, sabidamente produzidos por mão-de-obra escrava quando não de crianças. Os capitais voam de um lado para outro, sempre à procura de juros e vantagens maiores, sem qualquer freio ético. Os genocídios, as limpezas étnicas, se sucedem sem que o resto do mundo tome qualquer partido em defesa dos que são massacrados. Exemplos? Basta lembrar Ruanda, Chechênia e os países que resultaram da divisão da Iugoslávia. Por certo, criminosos sanguinários da estirpe de Hitler, Stálin, Mao e Pol Pot têm, além de Fidel, muito mais seguidores. O organismo que congrega os países nunca esteve tão sem prestígio como nos dias atuais. Teria sido a queda do Muro uma ilusão momentânea?

\*\*\*

Somos praticamente analfabetos em literatura dos países nórdicos. Talvez uma decorrência deste vasto oceano de cultura que se pode atravessar com água bem abaixo dos tornozelos. Só nos ocorre ter lido dois livros, ambos da primeira metade do século passado, ambos de autores laureados com o Nobel. O primeiro foi *Fome*, do norueguês Knut Hamsun, do qual restou a lembrança de um texto terrível, deprimente e denso, até certo ponto insuportável já que, por diversas vezes tínhamos de deixar a leitura para procurar alguma coisa de comer, tamanha a força das cenas de fome. Fome tão absoluta

que o protagonista, quando consumia algum alimento, não era capaz de segurá-lo; invariavelmente acabava vomitando. O outro, do sueco Pär Lagerkvist, *Barrabás*, publicado no Brasil em 1950, tem um sentido mais universalista porquanto trata do homem na sua eterna busca para compreender a origem de tudo que recebeu e que viveu. O autor toma como modelo para as suas perquirições o bandido que teria sido trocado por Cristo. Barrabás é envolvido pela inquietação e pela incessante procura do entendimento de quem foi o homem que o levou a liberdade e a uma nova perspectiva de vida. Com este tema bem original, o ganhador do Nobel pode, então, discorrer sobre a condição humana, as suas incertezas e inquietações.

Agora nos chega outro escritor sueco. Nos últimos dias, estivemos mergulhados, com enorme satisfação, num mar de cerca de 1.800 páginas, distribuídas pelos três volumes da trilogia *Millennium* de Stieg Larsson, jovem escritor nascido em 1954 e falecido em 2004. É um policial que tem como protagonista Lisbeth Salander, uma mistura de hacker com autista, sobretudo uma figura extremamente anti-social, dona de valores muito próprios e senso ético mais peculiar ainda. É um personagem feminino que tem tudo para permanecer, inclusive em filmes e séries televisivas. Muito bem construída, tem a vantagem de ser uma heroína verossímil. Impossível não se deixar envolver por ela. É dessas leituras que não nos dão descanso. A vontade é ir até a última linha sem parar para fazer nada. Faz tempo que não líamos nada tão absorvente. De quebra, o autor nos brinda com um retrato crudelíssimo de uma sociedade tão cheia de problemas e vícios quanto a nossa. Corrupção, violência contra as mulheres e as minorias, tráfico de brancas e de drogas e um estado dirigido por pessoas sem escrúpulos. Também aí o livro é bom. Na pior das hipóteses, serve para nos aliviar daquele complexo de vira-latas de que falava Néelson Rodrigues.

## GRATIDÃO & INGRATIDÃO

20.11.2009

Há que se fazer o registro de um raro momento de pura poesia e ternura em meio ao cipoal de traições, armadilhas, sexo e violência das novelas. Nada contra nem a favor. As pessoas são livres para assistir, ou não. Nossa dificuldade diz respeito somente ao fato de não ter paciência para aguardar o desenrolar de capítulos. Toda a paciência e curiosidade ficaram lá na infância, nos tempos do Cine Poeira de Pirangí, com os seriados cujos capítulos antecediam o filme do domingo e acabavam nos condicionando a voltar na semana seguinte. Pois bem, dia desses chamou a atenção uma cena que só pode ser proporcionada por atores maduros e de alta qualidade: no caso, Ary Fontoura e Bete Mendes. Recém-casados, vão para um hotel de luxo. Ela, simplória e humilde, não esconde nos gestos, nas falas e no olhar, as surpresas pelo que vai encontrando; ele, rico e senhor de si, acolhe e aceita as gafes, sempre com um olhar carinhoso e encorajador. De repente, no quarto, ela, transpirando apreensão, fita-o com um comprido olhar súplice e solta, como se tivesse saído do fundo d'alma, a frase que soa sincera, terna e apreensiva: "Por favor, vá com calma que estou meio destreinada." Em resposta, ele a acolhe num abraço protetor enquanto um discreto sorriso baila nos cantos da boca. Gente, no conjunto da cena, o que menos importa é o que se fala. Eles contracenam com gestos, movimentos de corpo e, sobretudo, com os olhos. Ah, os olhares!

\*\*\*

Éramos 4 ou 5 em volta da mesa cheia de papéis, pratos de salgados, copos de refrigerantes e xícaras de café. Uma espécie de judiciário de ontem. A Sexta agora se dá conta que, somadas as idades, havia ali algo como uns 400 anos. Muitas

histórias vividas (algumas estórias também). Todos de bem com a vida, sem mágoas e sem contas a acertar. Conscientes de que o importante é viver um dia de cada vez, sem cogitar nem elucubrar sobre o futuro. Assim, a conversa segue solta, passa pela constatação de que todos estão isentos de imposto de renda já que cirurgiados por força de doenças graves, e vai em frente. De repente, alguém se lembra da importância de registrar que só foi possível chegar até ali porque sempre contou quem o apoiasse e incentivasse. Todos concordam e passam a relatar fatos idos e vividos. Assentam que, para ocupar algum espaço na vida, é imprescindível o mérito próprio. Sem ele, não é possível chegar a lugar algum. Entretanto, só o mérito não resolve; é preciso o apoio de alguém que ajude a superar obstáculos, galgar degraus. Relembrem histórias de “pessoas extraordinárias” que cuidaram das suas biografias com tanto esmero que conseguiram apagar as pessoas que as ajudaram. Daí surgirem alguns que, por exemplo, acabaram ficando ricos comprando e vendendo garrafas vazias (sic). Verdade. Não são poucos os que conseguem, simplesmente, apagar da memória aqueles que os ajudaram a chegar até onde chegaram. Parece não haver muita dificuldade. Basta estufar o peito e afirmar que não deve nada a ninguém; alcançou o que alcançou, não importa o quê, sozinho; que é apenas produto de si mesmo.

Os participantes da roda simplesmente não aprovavam esse comportamento. Pelo menos ali, entre seus pares, faziam questão de contar, até com algumas minúcias, os passos ou saltos dados na vida, destacando quem se fez presente em cada um deles para ajudá-los a seguir em frente. A sensação transmitida era a de que naquelas cabeças, já bem adornadas pela neve do tempo, a memória estava bem viva, guardando em seus escaninhos as imagens e as lembranças de tantos quantos responderam presente em momentos importantes de suas vidas. Bom de ver quando um se virava para outro e

perquiria se havia conhecido, ou se lembrava, de determinada pessoa. Aí, vinham as confirmações e as recordações afloravam num entrecruzar de casos e detalhes, espécie de homenagem póstuma aos que os ajudaram e já se foram. E seguia a roda até que um deles, olhos tristes, voz enfraquecida, resolveu mudar o rumo, lembrando o outro lado da moeda, o da ingratidão. Aí se fez um instante de silêncio. Pelo que se havia dito, ficou assentado que dar apoio, impulsionar pessoas, era uma forma de agradecer a quem os ajudara. Entretanto – ah, os entretantos da vida! –, cada um guardava no peito algumas cicatrizes de ingratidões sofridas ao longo das sendas da vida.

Lembra aquele apólogo da Linha e da Agulha, de Machado de Assis? Pois é, os velhos ali reunidos lembravam, sim, de quantas e quantas vezes serviram de agulha para abrir o caminho de linhas ordinárias. Curiosamente, já não procuravam, como haviam feito há pouco, lembrar de nomes. Talvez tenham riscado os ingratos da memória, deixando espaço apenas para recordar aqueles a quem eram eternos devedores e os que lhes foram gratos. Nada mais... Tarde findando, noite se anunciando, foram, aos poucos, despedindo-se e saindo. Mirando a porta por onde se foram, vem à lembrança o vate paraibano, o poeta do pessimismo – ou apenas realista? – que, cáustico, no soneto *Versos Íntimos*, atestou: “Ninguém assistiu ao formidável enterro da sua última quimera/Somente a ingratidão essa pantera/Foi tua companheira inseparável...”

Verdade. Augusto dos Anjos tinha lá suas razões. Entretanto não é o caso de, como dito por ele, apedrejar a mão que lhe afaga ou escarrar na boca que te beija. Não! Que se danem os ingratos com seu estranho sentimento de negação! Afinal de contas, levantado o balanço da vida, confrontados ativo e passivo, sempre haverá um saldo positivo. O outro poeta não disse que “viver e não ter a vergonha de ser feliz”? É é. Celebrar a vida é preciso. Sempre.

## BETHANIA NO TCA

27.11.2009

Teatro lotado. Pontualmente, numa prova de profissionalismo e respeito ao público, coisa rara nesta terra de Pedro Arcanjo, as cortinas se abrem para mostrar o cenário todo em rosas vermelhas, pétalas forrando o piso. A banda ocupa as laterais. E Maria Bethânia entra cantando em homenagem à senhora das tempestades, dos raios e dos trovões. O público, apaixonado e cúmplice, explode em aplausos entusiásticos enquanto a voz cresce, envolve a todos num canto com jeito de oração. “Minha Santa Bárbara/Senhora de mim/Luz que alumia/Esse povo da Bahia/Nos livre das tempestades/Desse mundo/Dos raios dessa vida nos proteja/Dona das rosas vermelhas...” Foi dada a partida. Segura do seu canto e do seu carisma, vem despojada, leve e solta. Os imensos cabelos grisalhos se repartem no centro da cabeça e cobrem as costas lembrando uma delicada mantilha negra pontilhada de fios de prata. O corpo, magro e delicado, veste uma calça negra e uma blusa branca de mangas três quartos. No pescoço, a corrente segura sobre o colo o pingente quadrado, talvez o mesmo de tantas e tantas outras apresentações – possivelmente, algum tipo de amuleto, mas quem não os tem? Pulseiras douradas cobrem metade do espaço entre os antebraços e os cotovelos. Os pés, descalços como sempre, lépidos levam-na por todos os cantos do tablado. E canta, e dança, e ginga, e gira ao ritmo que vem do seletto grupo de músicos que a acompanha.

O público, ah, este está dominado! Aplauda e aplauda com vigor e empolgação. O repertório é eclético. Mistura novidades com títulos consagrados. E vem *Vida*, de Chico. E declama um texto de Waly Salomão. E traz o santamarense Roque Ferreira. E nos belos versos de Paulo César Pinheiro, comanda, com dengo e doçura, a sua *Encanteria*: “Moço,

apague essa candeia/Deixa tudo aqui no breu/Quero nada que clareia/Quem clareia aqui sou eu.” Agora se volta para a música do Recôncavo, para o samba de roda e para a chula. E o público vai ao delírio. Já não é apenas espectador, é partícipe. E não se furta da parceria. Bate palmas sem perder o ritmo, e o coro acompanha em uníssono. É bonito! Muito bonito de se ver e de sentir. Há como uma espécie de corrente elétrica a ligar essa mágica interação do público com o seu artista. A Sexta nunca vai se cansar de apreciar e se deleitar com essa coisa única, misto de cumplicidade, admiração e respeito. Ora os aplausos, ora o coro, ora as palmas ritmadas. Um simples gesto de mãos, um menear de cabeça, um volteio. O público/parceiro entende e vai junto. Vai com gosto, quase deleite. E ela, a estrela, não se nega, não se furta. Afaga e acalenta o seu público. Sem perda de tempo, muda de ritmo e de rumo. A banda pára. Ela vai até o extremo do palco e traz Gonzaguinha com a imortal *Explode Coração*. Um frêmito percorre o teatro. A sensação é de que as pessoas estão esperando a banda entrar. Não entra. O público se dá conta de que o canto agora é a capela. Pára um instante e depois aplaude inebriado.

De repente, uma parada brusca interrompe o clima do espetáculo. A diva se volta para o seu maestro-arranjador de tantos e tantos anos e reclama que há um descompasso entre o violão e a voz. Afirma que está diante do público e que assim não pode cantar. Meio que amuada, senta-se e cruza as pernas. “Piti”? Estrelismo? Perfeccionismo? Profissionalismo? Pouco importa. Ela sabe o que faz. O público confia. Ele dedilha o violão, busca o tom certo. Uma vez, duas, três e acerta. Voz e violão se harmonizam, o espetáculo segue e o público, tiete e cúmplice, deleita-se. Então, ela sai de cena, deixando espaço para que a banda de 6 virtuosos mostre sua competência. São alguns poucos e maravilhosos momentos do que há de melhor em música instrumental. Por um lapso de tempo, o público esquece-se da sua diva e curte a banda afinada, ali a

dar um tempo para que a estrela retorne. Lá vem ela. Trocou a indumentária. Uma volta no tempo. Toda de branco, entoando uma das jóias do tropicalismo. Avisa que é uma homenagem ao pai, que considerava *Objeto Não-Identificado*, a melhor música do mano. Sem perder o rumo, presta outra homenagem: “Deus me deu voz e assim faço ecoar no tempo o meu amor por ela. Meu canto é teu, minha senhora.” E é bonito demais! O público sente. Canô não está no teatro, mas é como se. Nova mudança de rumo. Agora, são ritmos brasileiros diversos. Como num passe de mágica, a Estrela Dalva ressurge. Artista e público, juntos, acenam por um mundo de paz, ainda que no estreito espaço de uma relação a dois. A clássica marchinha invade o ambiente: “Bandeira branca, amor/Eu quero paz.” Como não cantar juntos se todos estão envoltos num vórtice de emoções? Novo frisson na platéia. O público não percebe que os versos de Gonzaguinha são, outra vez, entoados a capela. Só que agora são os do hino *O Que É, O Que É?* Sim, “viver e não ter a vergonha de ser feliz...” Não há o que discutir. É aplaudir e aplaudir.

Comentar? Criticar? O quê? Maria Bethânia Vianna Telles Veloso está, sim, no auge, de uma das carreiras mais importantes da MPB. Sem fazer concessões, acabou ocupando um espaço próprio, ditando suas regras e gravando o que lhe apetece. Num momento em que a tônica é cantar com as coxas e com a bunda, como bem pontificou um amigo lá de Portugal, ela insiste em cantar com a voz, mantendo o corpo protegido por roupas discretas. Aos 63 anos, está, assim como o vinho, mais encorpada e mais segura. Canta, sim. E encanta. E como! Impossível ver na estupenda profissional de agora a quase-menina que um dia saiu da Bahia para, no show *Opinião*, substituir a então musa Nara Leão. Por certo ainda ecoam nos nossos ouvidos o canto gritado de “Carcará! Pega mata e come!” Só que agora os tempos são outros. Bethânia é uma das – senão a – cantoras do Brasil. Plena de maturidade

e segurança. Infensa aos modernismos e “mudancismos”. Consciente de seu público fiel. Tão fiel que ela não se furta de lançar dois CDs de uma só vez, sem medo de pirataria e de concorrência. Afinal de contas, quem vai trocar as capas e os encartes maravilhosos, verdadeiras obras de arte, pelas tralhas dos piratas? A Sexta volta ao Teatro Castro Alves e, envolvida pelo clima de encantamento, levanta-se, sem pudor, e requebra, cantando com Beta, a plenos pulmões. É hora de rezar a novena de D. Canô porque, na vida, ou se é recôncavo ou reconvexo. É. É. No final cônico e convexo se somam. Daí nasce a vida e explode a alegria... É. É. Seu olho me olha, mas não me pode alcançar.

## ANDANDO PELO BAIXO SUL

04.12.2009

Sexta-feira, 04 de dezembro. Dia de vestir vermelho e saudar a senhora dos trovões, dos raios, das tempestades e das forças da natureza. Em Salvador o mercado de Santa Bárbara, num ritual que se repete a cada ano, engalana-se para produzir e consumir o mais portentoso caruru de que se tem notícia. Os bombeiros, nos seus diversos quartéis, também reverenciam a padroeira. Dia da senhora das rosas vermelhas. Êparrei! Ê! Araraê ô?! Quatro de dezembro! Data meio que complicada. Aniversário do filho que mal nasceu e se foi. Mais rápido que um cometa. Deixou, nalgum lugar do peito, um buraco que, tantos anos depois, ainda machuca. E como dói!

Também nesta sexta, acabo de reler *O Estrangeiro*. Vigésima-nona edição pela Record, a incomparável obra de Camus. Claro que quem relê não é a mesma pessoa que, faz tantos anos, leu pela primeira vez o texto curto, seco e cortante do genial franco-argelino. Muita coisa se passou e muita coisa mudou nessas décadas que separam a primeira da segunda leitura. E como! O leitor, ah, esse decididamente tem pouco, muito pouco daquele de outrora! A vida vai passando, acariciando, batendo, ensinando. Valores modificam-se, cristalizam-se. A forma de ver a vida, de olhar o outro, de analisar de criticar, de entender não é a mesma. E nunca será. Ontem, no ardor da adolescência, éramos donos de todas as verdades; verdades que permitiam julgar e condenar sem discussões ou titubeios. Hoje, não. A simples ideia de julgar já amedronta. É tempo de compreensão, de tolerância, de olhar cada caso em todas as suas nuances, tendo sempre em conta que, em não pecando e em sendo falível, é devido ao homem em seus atos um respeito e uma avaliação toda especial. Assim com o livro de Camus. Hoje, a leitura é muito mais

saborosa, permite ver na história excruciante do protagonista toda uma escala cromática de valores. Parafraseando o Bruxo do Encantado, há que se indagar: mudou o mundo ou mudei eu? Nem uma coisa nem outra. O tempo, na sua marcha inexorável, ensina. Só isso.

\*\*\*

E andejo pelas estradas do Baixo Sul e da Região Cacaueira. Uma volta no tempo. Um desfilar de lembranças e de emoções. Em Valença, no Luiz, quase 20 anos passados, a mariscada continua tão gostosa quanto. Seria o mesmo sabor? A memória gustativa não informa. Em socorro, a memória ocular atesta que é servida da mesma forma, bem típica. De Valença, costeando o mangue, espécie de mãe dadivosa que nunca deixa faltar o marisco no prato de tantos quantos vivem no seu entorno, vamos seguindo em demanda de Taperoá, Nilo Peçanha, Ituberá e Camamu. A vegetação exuberante, as palmeiras de dendê, os pés de cravo vão se sucedendo em meio a recordações de tempos idos e vividos. De repente, somos invadidos pelo cheiro gostoso e penetrante do cravo que em algum terreiro está a secar. Daí seguimos pelas “Terras do Sem Fim”, dos cacauais que quase já não existem, responsáveis pelo surgimento de uma civilização nas antigas terras da Mata Atlântica. Civilização que deu régua e compasso a Jorge Amado e foi perenizada na sólida obra de Adonias Filho, em jóias como *Memórias de Lázaro*, *Corpo Vivo* e *As Velhas* – este último, um delicioso romance feminista, escrito quando talvez ainda nem existisse este termo.

Finalmente, transitamos pela estrada que é seguramente uma das mais – senão a mais – belas do Brasil: a estrada Ilhéus-Itabuna, toda margeada de verde intenso e belo, quebrado pela exuberância dos flamboyants em plena floração. É bonito. Muito bonito. Pena que o velho Cachoeira, que corre bem ali ao lado, já não tenha o mesmo vigor. Como tantos e tantos rios brasileiros, agoniza lentamente... Agora,

passamos pelo campus da UESC, talvez o único projeto de cunho puramente social a ser desenvolvido na outrora orgulhosa região. Aí, bate a saudade em quem viu muitas coisas acontecerem. A lembrança dos homens que, por puro idealismo, plantaram a semente do que hoje é uma das melhores universidades brasileiras; os que financiaram e fundaram as escolas de Direito e Sociologia, em Ilhéus, Economia e Filosofia (Letras), em Itabuna. Vêm à mente personalidades talvez já esquecidas, como Amilton Ignácio, Francolino Neto, Raimundo Machado, Flávio Simões, Antonio Olímpio, Ananias Dórea, Álvaro Vieira e, sobretudo, o líder incansável, um dos poucos – talvez o único – ainda vivo: Soane Nazaré de Andrade.

E seguimos nós. Agora, a parada é no Banco da Vitória, onde o dadivoso ensopado de pitu nos faz voltar no tempo e... de novo se perder nas lembranças. É. É. Talvez Maiakóvski não esteja tão certo. Viver não é tão difícil...

## AH, AS MULHERES!

11.12.2009

Das tantas coisas capazes de fascinar, seduzir e fazer os cérebros girarem em vórtices infindos, merece destaque a incrível relação homem-mulher. Ora se aproximam, ora se afastam. Atacam-se e se defendem com a mesma coragem e intensidade, embora elas, na média, sejam bem mais aguerridas. As mulheres entregam-se por inteiro, sem cautelas e sem cuidados. No final, claro, acabam pagando preços incrivelmente altos. Eles, não. Sob o pretexto de agir com cautela, escondem a falta de coragem, o medo de se arriscar, de se expor. Acaba que, nesse jogo cheio de mistérios, avanços, recuos, verdades e mentiras, não há vencido nem vencedor. E a humanidade segue seu caminho...

Um aspecto especialmente sedutor é a conquista. Aí sim, o jogo é de um fascínio extremo. Após anos e anos de observações e muita conversa, a Sexta acabou por inferir que é a mulher quem dita as regras e determina o ritmo do jogo. Ao longo dos séculos, desde o *homo sapiens* até o cibernético, a mulher conseguiu introjetar na mente masculina a certeza de que a ele cabe tomar a iniciativa e conquistar a parceira, seja ela eventual, passageira ou definitiva; pouco importa. O macho, iludido, acabou acreditando nessa falácia enquanto a fêmea, senhora da sabedoria e da sagacidade, atrai-o e envolve-o até fazê-lo acreditar que é o inverso. E aí de quem queira discordar dele! Calma, calma. A Sexta vai explicar. Seguinte: de uma forma sub-reptícia e cheia de subterfúgios, ela o escolhe e depois o atrai. Ele se aproxima de peito aberto, afoito. Ela negaceia, sem deixar cair o charme e o sorriso. Continua insinuando que o quer, mandando mensagens imperceptíveis mas certeiras – e como! –, estimulando-o a insistir, a avançar. E ele, obediente, dominado, vai em frente, insiste. Ela torna a recuar, fingindo que não quer. Deixa tonto

esse coitado que pensa ser o dono do pedaço. Tolo! Ela está, como sempre esteve, no comando. E assim segue o jogo, até que ela, fingindo baixar a guarda, permite que ele se aproxime e então... a coisa segue...

Até que se prove o contrário, não há qualquer dúvida sobre esse domínio pleno, revestido de todo um conjunto de externalidades que levam o crédulo homem a pensar que está na direção. Evidente que nem eles nem elas querem reconhecer o que aqui se afirma. É óbvio! Isto implicaria em destruir a mística do “sexo forte”. Por defender e verbalizar esta verdade, já tivemos de enfrentar algumas situações risíveis, quando não delicadas. Certa ocasião, numa roda dessas que se formam em almoços e jantares na casa dos outros, pontificava um legítimo *latin lover* nordestino a narrar suas inúmeras conquistas, sem ter sequer o cuidado de omitir nomes. O mal-estar era evidente. De repente, fiz ver a ele que, de verdade, nunca conquistara ninguém; pelo contrário, sempre fora o conquistado. O moço virou bicho. Ofendeu-se. Era bonito, tinha carro, dinheiro e escolhia quem queria. Quem duvidava disso é porque tinha inveja. Sorri. Ele se enfureceu e, no melhor estilo banguê-banguê, convidou-me para sair e repetir o que dissera lá fora. Lembram daquele silêncio que se fazia quando o mocinho empurrava a porta de vaivém e adentrava o *saloon*? Pois é. Algo assim como aquela frase inesquecível: “Sua presença embrulha meu estômago.” Sem perder a calma, ainda que surpreendido com a reação, disse-lhe simplesmente que não iria sair do conforto daquela poltrona por nada desse mundo. Completei sorvendo um generoso gole do honesto *twelve years* que consumíamos com pachorra. Ele saiu indignado, pisando firme, com os brios abalados. O grupo explodiu em sonora gargalhada e a conversa seguiu amena embora a maioria não concordasse com a estranha tese.

Pernambucano de verdade morre e não vai reconhecer nunca, nunquinha, que quem dá as cartas no jogo amoroso

é a mulher. Problema deles. Minha convicção continua inabalável porque vem se solidificando ao longo do tempo. Parece que nos dias atuais, de pouco diálogo e muita ação, elas já não submetem os homens a muitos vexames. Duro foi o que passaram aqueles que, como este que vos fala, adolesceram aí por volta de 1950/70. Ali, o jogo era difícil, quando não humilhante. O namoro passava por todo um complicado processo.

Era mais ou menos assim: ela atraía o incauto com aqueles sinais que não há ser humano capaz de identificar ou descrever. Ele, na seqüência, tinha de cantá-la. Verbalizar era preciso. Precisava perguntar se ela queria namorar com ele. Trêmulo, gaguejando, rosto afogueado, ele se submetia ao ritual. Aí, ela tirava outra carta da mão e disparava: “Vou pensar!” Dava as costas, juntava-se às amigas – elas nunca estavam sozinhas – e seguia impávida, virando o rosto de quando em quando para mandar um sorriso e estimulá-lo a não desistir. Era um sufoco! Até que num belo dia ela rompia o silêncio e, como princesa de contos de fadas, estendia a mão de donzela ao mancebo, aquiescendo com o namoro. Só quem passou por isso pode imaginar o quanto esse rito de passagem era dolorido. E não havia como escapar! A alternativa que elas davam acabava sendo mais massacrante: eram as malditas cartas de amor. Inevitavelmente, chegavam ao conhecimento dos colegas, que não perdoavam o pobre Romeu e faziam dele motivo de chacota. Fazer o quê? Para namorar, para conquistar a inacessível mocinha, só havia um caminho. Ah, os tímidos e desajeitados, como este escriba, sempre podiam escolher a alternativa de não namorar. Optavam, no melhor estilo Álvares de Azevedo, por impensáveis amores platônicos, cultivados e afogados nos copos das mesas dos bares. Claro que sempre havia um fiel companheiro para ouvir as desditas e ajudar a enxugar as garrafas. É. É. O jogo é fascinante. Não há dúvida. Mas não há como deixar de reconhecer o quanto elas são perspicazes e criativas. Duvidar, quem há de?

## RITOS DA ADOLESCÊNCIA – A DANÇA

18.12.2009

O sol já se encaminha ao poente lá para as bandas da baía, desenhando um cenário incrível, uma mistura de vermelho e amarelo que se espraia pelas nuvens e se prolonga lá longe, bem longe, contra o azul diáfano da abóbada celeste. Os olhos, engolfados na explosão de cores, não ousam encará-lo porque são tocados pela dor e por milhões de bolas escuras que pululam nas retinas, obnubilando a visão. Do outro lado, bem aqui em frente, o mar. Ah, o mar! Neste entardecer, o céu róseo, matizado de nuvens escuras, dá à imensidão líquida uma tonalidade escura, entre o verde e o cinza. Aqui e ali, o branco da espuma, resultante das ondas que se esbatem nos arrecifes, quebra a sisudez da massa monocromática. Lenta e persistente, a noite vem chegando enquanto a brisa sopra brincalhona, assanhando as folhas dos coqueiros, os cabelos das mulheres que passam lá pelo calçadão e, saliente que é, ameaçando levantar as saias das menos avisadas. A memória vai buscar lá bem atrás, nos longínquos tempos de seminário, os versos de uma cançoneta que então costumávamos cantar em coro: “O sol fulgente/lá no poente/vai descambar/A rósea luz do anoitecer/infunde n’alma/mais doce calma/no meu sofrer.” Uma sensação difusa, misto de tristeza, angústia e saudade, oprime o peito...

\*\*\*

Feita a digressão, voltemos ao tema passado, às memórias dos ritos de passagem a que as moçoilas de então submetiam os desavisados frangotes com ares de rapazolas. Possivelmente o mais interessante desses ritos tenha sido o das inevitáveis festinhas e, claro, as danças. Um dos ritmos então em evidência era o bolero: Trio Irakitan, Bienvenido Granda, Trio los Panchos e até um certo Trini Lopez, que

imprimiu um ritmo mais agitado aos bolerões. Não se pode esquecer Nat King Cole, que gravou um disco só de boleros. Samba, especialmente o samba-canção, com todos os grandes da época, Agostinho dos Santos, Néelson Gonçalves, Ângela Maria, Cauby, Orlando Silva, Dolores Duran e outros, muitos outros, sem esquecer os da dor-de-cotovelo braba, tipo Orlando Dias, Anísio Silva e até Waldick Soriano.

Isto sem falar das orquestras como a de Valdir Calmon, Ray Coniff e Billy Vaughan. Com alguns discos e uma intimorata radiola, ou eletrola, se fazia uma festa, na maioria das vezes na sala da casa de algum colega. A bebida oficial da rapaziada era “cuba livre”, mistura de Coca-Cola e rum. Mas a festa podia ser também nalgum espaço público, como o colégio ou mesmo o clube. A dança era uma oportunidade ímpar para uma aproximação e, quem sabe, um início de namoro. Problema é que tinha as suas regras. A primeira delas era terrível. O indigitado tinha de se aproximar da garota, normalmente sentada num grupo de colegas, e formalmente, mão esquerda nas costas, mão direita estendida, perguntar se ela lhe concedia aquela dança. Aí parecia que o silêncio era total e tudo e todos estavam centrados no pobre cavalheiro. Poucos segundos que pareciam horas de agonia. A espera angustiante era quebrada de duas formas. Na primeira, ela se levantava, davam-se as mãos – ou ele colocava a mão no ombro dela – e saíam a dançar. Na segunda, a depender do humor, do interesse ou do grau de sadismo dela, a dama respondia, sem se mover na cadeira, “estou cansada”, ou um seco “não”. *Pelamordedeus!* Aí o mundo parecia vir abaixo e o piso afundar. Onde se esconder para ocultar a vergonha? Sim, naquela hora o mancebo tinha recebido a temível “mala”.

Afastar-se da menina “arrastando a mala” era o “creme do creme” da humilhação. Melhor morrer ou, como se dizia na época, “abrir o chão e se converter”. Se tudo corria bem, se a moça estivesse interessada, aí então era o céu na

terra. Dançava-se de rosto colado, dois braços enlaçavam os troncos e os outros, soltos ao longo do corpo, se uniam em mãos que se entrecruzavam e, eventualmente, se acariciavam. Lindo, lindo, lindo... Como a música era “para ouvir e sonhar”, podia-se conversar, inclusive com direito a olhos nos olhos. Outra variável era se abraçarem com os dois braços, tão agarradinhos que, como se dizia, “não passava nem pensamento.” Discretos beijinhos no pescoço e na ponta da orelha eram perfeitamente tolerados. Se tudo ia bem, o casal tratava de ir viver o seu momento de enlevo nos locais menos iluminados do salão, onde então “dançavam parados”. Isto mesmo. Dançar parado era o *supra sumo*. O *nec plus ultra*. O casal, agarradinho, se limitava a balançar os corpos ao ritmo da música, sem mover os pés.

Porém as moças tinham uma outra forma de tortura para ser aplicada. Era o horrendo “metro”. Consistia de um artifício simples mas arrasador e que elas usavam com firmeza, frustrando todos os sonhos do infeliz. Simples. Posicionados para dançar, ela simplesmente, estendia o braço direito, colocava a mão contra o ombro esquerdo do coitado e assim o impedia de se aproximar, mantendo-o durante toda a “parte” com o corpo afastado. Este estratagema funcionava de forma tal que o rapaz não tinha como romper o obstáculo. Claro que não valia grosseria e falta de educação. O jeito era tolerar e, no primeiro momento, pedir para sentar. Este escriba, que nunca aprendeu a dançar, tímido até não mais poder, limitava-se a ficar olhando e batendo papo. Vez por outra, alguma amiga acenava, fazia um sinal e lá ia ele, sempre na certa, sem chances de carregar uma mala. É. É. Servir de brinquedo nas mãos das gentis donzelas era muito complicado. Mas que era bom, ah, isso era...

## CASAMENTO & CONTRATO

25.12.2009

Deixemos quieto o Natal, com todas as suas nuances positivas e negativas. Dele já falaram todos os que achavam ter o que dizer. A Sexta limitou-se a ler e ouvir sempre que achou conveniente. Nem mais, nem menos.

Já que o clima é da maresia resultante da ressaca, a Sexta se propõe a meter mão em cumbuca levantando uma questão bem polêmica. Seguinte: casamento é, ao fim e ao cabo, um negócio jurídico. Um contrato bilateral que consome mais de uma centena de artigos do Código Civil. Nada tem, portanto, a ver com sentimentos, afeições e afinidades. Claro que isto não impede que uma sociedade conjugal seja também alicerçada e sustentada pelo amor ou que outro nome se dê a esse sentimento. Nos seus primórdios, tinha uma conotação político-econômica tão forte que os futuros cônjuges não eram sequer consultados. Os parentes cuidavam dos detalhes, como alianças, guerras, aumento de patrimônio, concentração de poder e mais um sem número de questões. A única variável não considerada era a de ordem afetiva. Detalhe: muitas vezes os noivos só se conheciam depois de casados. É bom esclarecer que em boa parte da sociedade atual, especialmente no ocidente, as pessoas firmam o contrato de casamento por entenderem que estão jungidas por laços amorosos. Mas é verdade também que ainda persiste o velho sistema negocial em muitos cantos por aí afora. Fato é que o casamento como negócio jurídico serviu para garantir múltiplos eventos históricos. Às vezes, marido e mulher nutriam forte repulsa, quando não ódio um pelo outro.

Essas coisas pequenas não impediam o sucesso do contrato. Exemplos? Os reis católicos. Quem, em sã consciência, pode negar o êxito da sociedade entre Isabel I de Castela e Fernando

II de Aragão? Pessoalmente detestavam-se, mas unificaram os dois reinos com resultados tão positivos – para as famílias envolvidas, é óbvio – que angariaram recursos para financiar a empreitada marítima de Cristóvão Colombo e sustentar a implacável perseguição contra judeus e muçulmanos até a sua definitiva expulsão da Península Ibérica. Nunca lhes faltou o beneplácito e o apoio irrestrito do Papado. Outro exemplo é Alexandre VI – ele mesmo, o papa do Tratado de Tordesilhas. Ele casou e descasou a filha Lucrecia Bórgia tantas vezes que a pobrezinha (!) às vezes tomava conhecimento de sua viuvez quando recebia a informação do novo casamento. Negócios, negócios...

As coisas mudaram, é certo. Só não se pode é fazer juízo de valor. Muitos casamentos dão certo e os envolvidos acabam nutrindo um forte sentimento capaz de fazer a sociedade avançar no tempo num clima de paz, harmonia e, o mais importante, satisfação mútua. Outros, entretanto, azedam de tal forma que as mesas de audiência das varas de família se transformam num pesadelo, tamanha a carga de ódio e revanchismo trazida pelas partes. Fica praticamente impossível, nesses casos, entender como é que os inimigos de agora um dia se amaram e foram felizes. Mas quem ousa entender a condição e o comportamento humano? É bem destacar que as regras vigentes, insertas no Código Civil, não tratam do quesito afeição. E não poderia ser diferente. Só um legislador louco de todo gênero pensaria em legislar sentimentos. A Sexta entende que o contrato de casamento está, como negócio jurídico, muito bem sistematizado. No mundo dos miliardários e estrelas de cinema e esportes, considerando as altas somas e os interesses envolvidos, passou a ser comum a pactuação de contratos paralelos ao casamento. Nada demais. Curioso é que isso virou moda e o que mais tem é gente firmando contratos ridículos cuja única finalidade é dar dinheiro aos causídicos.

Chega de casamento! Falemos de coisas outras.

Pois é. Falemos dos sentimentos. Estes, sim, são transcendentais. Mesmo quando não conseguem se prostrar no tempo. São belos porque obedecem apenas às regras indecifráveis e intangíveis da atração, do cuidado, do carinho, do bem-querer. Lembram do feliz achado de Vinicius: “que seja eterno enquanto dure”? Pois é. As pessoas se atraem e se juntam, sem conceitos e preconceitos; somente pelo prazer do compartilhamento de coisas que só aos envolvidos dizem respeito. Neste caso, não há que se falar de cores, idades, raças, preferências sexuais. E notem que a história e a literatura estão prenhes de exemplos. De um lado, Dante e Beatriz; e o marajá lá da Índia que fez aquele imenso elefante branco chamado Taj Mahal. De outro lado, o falso moralismo da Santa Madre nos impediu de conhecer na sua inteireza os poemas de Safo, dedicados ao amor homossexual. Mas não nos impediu de conhecer a celebração do amor sem barreiras, cantado por Homero num dos mais empolgantes momentos da *Iliada*. Exatamente aquele em que ele descreve a fúria de Aquiles ao saber da morte do amado Pátroclo. Retirado que estava da guerra por desavenças pessoais com Agamenon, Aquiles volta à luta, recupera o corpo do jovem e faz um arraso nas hostes troianas até conseguir eliminar o mesmo Heitor que matara Pátroclo e fizera enlouquecer de dor o maior dos guerreiros gregos.

É. É. Se o momento é de falar de coisas boas, falemos e celebremos os sentimentos, respeitando as escolhas e preferências de cada um.

## **SOBRE SAMBA, TANGO E FADO**

**09.01.2010**

O samba como gênero musical multifário comporta um sem-número de temas e de ritmos. Dança-se agarradinho, separado, com passos marcados e coreografados; a dois, sozinho e em grupo. Dos diversos tipos de dança de samba que a Sexta já teve oportunidade de ver, sem dúvida a mais lúdica, a que comporta maior variedade de expressões corporais, é a de gafeira. Uma festa para os olhos e para a imaginação! Um casal ocupa os espaços de um salão, rodopiando ora juntos ora separados, sem nunca perder o ritmo, e exibe num só tempo uma grande capacidade de criar aliada a um absoluto domínio das expressões corporais. Isso é uma coisa boa de se ver. Os que sabem sambar gafeira exibem, nos corpos e nos passos, movimentos sensualíssimos mas sem dar espaço ao vulgar. Impossível tirar os olhos de um casal que desfila seu talento inato, girando e gingando, estimulando os músicos a tocar mais e melhor. Um passo em especial ficou gravado na memória.

Aquele em que, parceiro e parceira, frente a frente ou lado a lado, olhos nos olhos, caminham a passos largos como se para atravessar o salão. De repente, param. A perna direita dele escorrega voluptuosamente entre as dela, cujo corpo avança em direção ao dele. Então, os dois se unem firmemente. Num átimo, os corpos tomam nova posição e outros passos se sucedem. Pouco importa se o samba é lento ou ligeiro: eles não perdem o ritmo nunca. Bom sambista de gafeira não erra. Cria e recria a todo momento e um possível escorregão pode se transformar noutro passo capaz de levar músicos e circunstantes ao delírio. Noutros tempos, ficava horas sem fim me deleitando com a beleza e a maestria de tais sambistas. Em todas as cidades, existiam os templos onde eram cultuados os

senhores e senhoras dessa arte. Onde estão hoje, nesses duros tempos do axé, pagode, arrocha e hip hop? A Sexta ignora.

Mas o samba tem outra característica que lhe dá um quê de universalidade. As suas letras funcionam assim como uma espécie de salsaparrilha, acatando todo e qualquer tipo de tema. Ora serve para cantar amores, dores, paixões desenfreadas e ódios; ora para fazer crítica social e política; ora celebrar vitórias ou lamentar derrotas. Não importa. Qualquer assunto dá samba. A Sexta ousa afirmar que não existe gênero musical mais completo. Nossos irmãos daqui do fim do continente, por outro lado, cultuam o tango. Aí a coisa é diferente. Como ritmo, tende para o dolente, sem maiores variações. Como dança, é quase sempre uma coreografia conhecida, de passos repetidos e previsíveis, às vezes passando a idéia de teatralização da história da música que está a tocar. Se é bonito? Claro. Só que não tem nada da riqueza do samba.

Outro tipo de música de características muito próprias e que, como o samba e o tango, não dá mostras de cansaço porque seus cultores continuam crescendo dia a dia é o fado – que, diga-se de passagem, não comporta dança nem manifestações do público. Ouve-se o fado com os olhos, os ouvidos e a alma, mantendo-se respeitoso silêncio. E ainda assim, é belo e tocante. Dias atrás, estávamos em Lisboa, bem ali no coração de Alfama, juntinho da Sé, no Clube de Fado, uma das mais antigas e tradicionais casas da noite lisboeta. Ali eles não fazem concessões aos turistas. Ouve-se fado e come-se muito bem. Quando os artistas se apresentam, os garçons suspendem os serviços e o silêncio impera. Também não tem palco. Os músicos chegam, acomodam-se num dos cantos da casa, tocam e cantam duas, três músicas e saem sob aplausos. Os garçons voltam a servir. Algum tempo depois, tudo se repete. A formação do grupo talvez seja a mais clássica do fado: guitarra portuguesa, viola, contrabaixo e, óbvio, o (a) fadista. E quem reina ali é a guitarra portuguesa tocada

por Mário Peixoto, músico e compositor que é uma lenda no meio; e não apenas porque acompanhou a imortal Amália. É lendário porque, para quem conhece, é simplesmente “o bom”. Como manda a liturgia, quedamo-nos em respeitoso silêncio para ouvir os acordes do já provector instrumentista, olhos grudados nos fadistas que se sucederam. Naquela noite, foram quatro dos mais conhecidos: Cristina Nobre, Luisa Rocha, Miguel Capucho e Teresa Alves. Fado, que vem do latim *fatum*, significa destino.

Amália certa vez afirmou de forma bem sintética que “fado é o destino mau”. Alguém discorda? O que mais impressiona no fadista é a expressão do rosto. A impressão que se tem é que o canto não sai da boca. Vem lá das entranhas, carregado de dor e dessa melancolia profunda que parece estar incrustada na alma portuguesa, como registrou Fernando Pessoa. No fado, canta-se a saudade dos tempos passados, a saudade dos anos perdidos, a tragédia e a desgraça, a dor, o amor, o ciúme e a espera de quem não vem. E eles, os fadistas, envolvem-nos com o canto mas, sobretudo, com a expressão facial capaz de exprimir toda a tristeza e que mais sentimentos doridos existam. Ouvir fado não é sina nem destino. Não. É um momento de introspecção, de comunhão e rara beleza. Por mais de uma vez não me contive e, quando os artistas terminavam, soltava um “bravo” a plenos pulmões. Pode não ser variegado como o samba, mas o fado é um manancial de emoções que merecem ser vistas e sentidas.

## EM BARCELONA

15.01.2010

Pois é. Pensando bem na relação das pessoas com as coisas há uma espécie de componente amoroso. Uma coisa assim de ir descobrindo aos poucos; de não permitir grandes avanços nos primeiros contatos; de deixar, pouco e pouco, que o outro vá fazendo suas descobertas; de plantar sinais e indicações por todos os lados para depois, sem pressa, permitir que sejam desvendados um a um. Só o tempo é que vai permitir que se estabeleça a intimidade. Mas o processo de descoberta é infindo.

Quando se pensa que já se conhece tudo eis que surgem facetas antes insuspeitadas. E a relação vai fluindo porque só aos poucos é que se pode mergulhar mais fundo no poço da magia, do encantamento. Esta coisa assim meio telúrica é mais intensa com as cidades. Elas, talvez pelo que têm de vida que pulsa, são o que mais se assemelham às pessoas. É uma coisa assim como se uma cidade, um canto, um vilarejo pudesse ser “o outro”. Não por acaso, a Sexta ouviu certa vez uma explicação no mínimo curiosa. Levantou-se a questão do porquê de as pessoas muitas vezes planejarem ir a um lugar e depois acabarem indo parar em outro. A resposta: “Não somos nós que escolhemos os lugares; eles é que nos escolhem”. Com Barcelona á assim. Ela nos escolheu e volta e meia nos chama. A cada retorno descoberta de coisas novas, coisas que lá já estavam mas que não tinham sido vistas e admiradas da forma que merecem.

O simples andar pelas ruas, sejam as largas avenidas, sejam as ruelas apertadas do Bairro Gótico, já é uma festa, um aprendizado constante. Contemplar as fachadas dos prédios, trabalhadas em *art nouveau* em alto e baixo relevos, ou as

sacadas em ferro, com desenhos e formas inimagináveis, é uma forma de mergulhar nos múltiplos encantos dessa cidade única. Estar de olhos e ouvidos sempre abertos é a receita certa para aprender e apreender sempre mais, com uma surpresa a cada passo. Assim, por exemplo, andando pelo entorno da Sagrada Família, apinhado de gente do mundo inteiro, deparamo-nos com um cidadão totalmente alheio ao frio e às pessoas, trazendo sobre o corpo apenas botas, uma capa de violão pendurada nas costas, o instrumento numa das mãos e mais nada. Indiferente a tudo e a todos, passeava a sua nudez.

Desta vez aprendemos que ali se comemora o dia dos Santos Reis, uma festa em família, com presentes para as crianças e grande um desfile em homenagem aos Reis Magos. Eles vêm nos seus carros e, com seus assistentes, atiram para o povo que se aglomera nas calçadas, balas, bombons e biscoitos. O desfile parte das imediações da estátua de Colombo e sobe até a Plaza Catalunya. A *Cavalcata dos Reis*, seu nome oficial, é um *happening*. Imaginem que, além dos carros dos Reis, há muitos outros, inclusive de patrocinadores e bandas que tocam os mais diversos ritmos. Algumas, com sopro e percussão. Uma salada musical inenarrável. Mulheres e homens passam com trajes de todo o tipo, a pés e nos carros, fantasiados em pernas de pau e até – é sério! – camelos de verdade. E o povo ali, firme, arrostando o frio e a chuva fina que insistia em cair naquele início de noite. E nós nos deliciando com a festa que nos pegou meio que de surpresa. O desfile passava, o povo ria, aplaudia, gritava e se empurrava para pegar as guloseimas; tudo na maior festa, sem polícia, sem corda e sem cordeiros. Sem dúvida, uma dessas coisas boas que as cidades, como as pessoas, guardam para ir mostrando aos poucos. No dia seguinte (6 de janeiro), tivemos a oportunidade de ver o complemento da festa almoçando num restaurante superlotado. Famílias inteiras com as crianças recebendo presentes e rasgando, na maior farra, os embrulhos. Vale!

Um outro segredo desvendado desta vez foi o inigualável Palácio da Música – *El Palau de La Música Catalana*, um templo inteiramente dedicado a essa arte e que consegue oferecer espetáculos por mais de 300 dias a cada ano. Dentre tantos e tantas que ali se apresentaram e apresentam, vale ranscrever as opiniões de alguns. Montserrat Caballé: “*El Palau és como una corona que t’envolta e t’abraça.*” Ángel Corella: “*Hay una cierta magia que se palpa en el ambiente.*” Zubin Mehta: “*Is the joy of the color, the glass and the atmosphere what makes it so special.*” Tudo ali é superlativo. O prédio, a decoração, a acústica, o interior, o palco. Tudo é bonito demais. E funcional. O palco não tem cortina; os artistas se preparam, afinam seus instrumentos ali mesmo, em frente ao público. Note-se que não serve para peças teatrais ou óperas. Foi construído somente para música. De todo tipo. Uma outra característica muito própria é a de que é a única sala da Europa iluminada por luz natural. O vitral em forma de gigantesca gota, ocupa todo o centro da sala e deixa passar a luz do sol. Vale, por si só, uma e várias visitas. E olhe que foi concluído no já distante ano de 1908! Todo o interior da sala é revestido de cerâmica, de todos os tipos e formas. Dá para imaginar a acústica? É. É. Quando for a essa incrível Barcelona, não deixe de ir ao *Palau*. Se para assistir a algum espetáculo, melhor ainda. E tenha certeza de ue vai querer voltar.

## AINDA BARCELONA

22.01.2010

Um bom número de pessoas entende que museu é lugar de guardar velharias e portanto não há porque visitá-los. A sexta não compartilha desse entendimento. Existem museus de todo o tipo e não há porque não visitá-los. Um exemplo são os temáticos, tais como de armas, de tortura, de sexo, de vestuário etc. Preferimos os de arte. E a explicação não demanda maiores perquirições. Nestes museus, o que se tem é a imaginação livre, o voo sem limites do artista, que cria, recria e transforma de acordo com suas concepções, embora às vezes atrelado a alguma escola ou corrente. Sob um outro prisma, o museu de arte não constrange o visitante. Vê o que se quer ver e com o que se identifica. No fundo, a obra de arte não é o que dizem os críticos ou “entendidos”. É tão só e simplesmente o que toca o espectador. Se não há interação entre o observador e a obra apresentada, não há porque fingir ou dizer que gosta para estar de acordo com a opinião geral ou com os cânones. Nada disso. Importante é o que nos toca; o que nos diz alguma coisa.

Evidente que visitar museus pelo mundo afora se tornou alguma coisa que transita entre o difícil e o impossível. Ver de perto a Mona Lisa no Louvre é, no mínimo, ter disposição para o desforço físico. Começa que o quadro é frustrante, na medida do seu tamanho e da extrema concorrência; termina que as hordas de visitantes vêm com todo o gás, empurrando e atropelando quem quer que tenha a ousadia de parar para admirar a obra. É incrível! O negócio é fotografar e sair correndo, empurrando quem quer que ouse ficar na frente. A Capela Sistina é outro tormento. É sabido que a melhor forma de admirá-la é ficar sentado naqueles bancos do fundo donde se pode apreciar o conjunto e os detalhes. Pois bem, tente sentar nos bancos do fundo, de frente para o impressionante

“Juízo Final” e, por alguns minutos, ainda que parcos, viajar na quintessência do que o gênio humano criou. Impossível! Não há como se concentrar tamanha a algaravia de dezenas de guias e centenas de turistas apressados. Triste? A Sexta não sabe. O certo é que certas coisas são únicas e, a cada dia, mais e mais pessoas se deslocam para vê-las, ainda que por alguns segundos. Há os que preferem a comodidade que a internet oferece.

Em Paris, com visitas mais tranquilas às quintas-feiras à noite, havia o D’Orsay, onde, sem pressa nem empurrões, era possível apreciar o que de melhor os impressionistas produziram, inclusive as encantadoras bailarinas de Degas. Resumo da ópera: se os pontos de maior atração turística se tornaram impraticáveis em função das hordas que os invadem, a solução é buscar aqueles que ainda não caíram na “boca do povo”. Em Barcelona, há um desses museus de arte onde se pode andar tranquilamente, apreciar as obras sem pressa e, ainda, fotografar, sem flash. É o Museu Nacional D’Art de Catalunya. Visitá-lo é uma festa para os olhos e para a sensibilidade. Começa pelo prédio que é bonito demais. Plantado na ala norte da colina de Montjuic, o Palau Nacional, construído para a Exposição Mundial de 1929, guarda um acervo que retrata boa parte da história das artes. Caminhar horas sem fim e sem pressa pelos corredores e salas é um dos encantos que Barcelona pode oferecer a quem a visita. A coleção de arte românica, que compreende os séculos XI, XII e XIII, é inigualável e impressiona mais ainda porque boa parte dela se compõe de afrescos originais, que foram retirados de igrejas e capelas e levados para as salas do museu. Como não ficar aparvalhado pela conjunção da tecnologia do século XX com a arte do século XI? Fica difícil decidir o que mais impressiona: a nitidez e qualidade dos afrescos ou a técnica que permitiu transportá-los e preservá-los. Mas, o MNAC tem mais. A coleção de arte moderna tem preciosidades como a escultura de Jeroni Suñol, “Dante” (1864); o “Torero Herido”, (1871), de Rossend Nobas,

onde o autor consegue transmitir a dor e o desespero de uma forma que nos leva a acercar-se da peça quase que ouvindo os gemidos de dor. Estas e inúmeras outras peças de pintura e escultura já justificariam, por si sós, uma visita ao Museu, orgulho da Catalunha.

A tecnologia trouxe uma outra espécie de museu, os virtuais ou interativos. No Brasil, em São Paulo, há um exemplo da melhor qualidade que é o Museu da Língua Portuguesa. Ali, pode-se passar horas sem fim vendo, aprendendo, interagindo e brincando com as palavras e vocábulos da nossa língua. Pois bem, em Portugal, mais precisamente em Belmonte, terra natal de Cabral, há um desses museus interativos, intitulado Museu à Descoberta do Novo Mundo. É sensacional!. Fomos de Lisboa a Belmonte com o intuito único e exclusivo de ver, depois de concluído, o que já conhecíamos desde o projeto. A alegria de saber que muitos colégios de Portugal já agendam visitas de seus alunos para interagir com as coisas do Brasil e do processo de colonização só não foi maior que a surpresa de recepção que tivemos. Também não foi mais surpreendente do que ver o nome gravado na placa de inauguração do museu, entre as pessoas a quem se agradece a viabilização daquele maravilhoso espaço. Ah, mas isto é outra história...

## LIVRARIAS FECHADAS

29.01.2010

Salvador, a terceira capital mais populosa país, deve ser a última colocada no quesito livrarias por número de habitantes. Há poucos dias foi-se mais uma. Desta vez, a Nobel do Itagara. Ali havia um vendedor que justificava uma ida na livraria. Gostava de livros e sustentava conversa com facilidade, sem receio de expressar suas preferências. A última vez que conversamos foi um pouco antes de Natal. Buscávamos o último livro de Sebastião Nery para um presente. Não tinha. A conversa foi em frente e no final apresentou, e vendeu, uma edição especial 1808, de Laurentino Gomes, que, diga-se, não estava exposto. Pois bem, no início de janeiro, um jornal noticiou que a Nobel ia fechar as portas e por isso estava com preços promocionais. Decidimos dar uma passada por lá. Não foi uma boa idéia. As pilhas de livros arrumadas sob as indicações de preços, o entra-e-sai de gente em busca de oportunidades e, sobretudo, um clima pesado, assim um tanto fúnebre, pairava no ambiente. Uma sensação ruim, assim como se estivéssemos nos aproveitando da fraqueza de outrem, invadiu-nos. Fingindo não ver o vendedor que atendia algumas pessoas, recolhemos os livros que interessavam, passamos no caixa e saímos rápido! Sabe, é triste ver que aqui as livrarias estão fechando as portas em marcha acelerada. Nos últimos anos, foram-se, dentre outras, as lojas da Civilização Brasileira, da Distribuidora de Livros, da Grandes Autores e da Cultura..

Numa espécie de homenagem póstuma, a Sexta lembra um tempo em que a Civilização era muito mais que uma livraria. Era um centro de cultura frequentado pela intelectualidade e por escritores da Bahia. Seu proprietário, Dmeval Chaves, era uma referência, uma espécie de mecenas. É. Houve um

tempo em que livraria não era apenas um lugar que vendia livros. Era muito mais. Um lugar onde se podia passar horas muito agradáveis, folheando livros, sentindo aquele contato quase voluptuoso com o papel impresso, aspirando o cheiro inconfundível que só os livros exalam, em demoradas discussões sobre títulos e autores, ou simplesmente ouvindo e aprendendo. O livreiro era muito mais que um comerciante. Era uma pessoa que amava livros; e isto diz muito. Por que não nominar alguns? Carlos da Nacional, lá em Ilhéus, que, além de indicar livros, fazia uns crediários que até o parco salário de boy de escritório permitia pagar. Tinha também o Wilson, que vendia parcelado as coleções da José Aguillar, aqueles volumes em capa de couro e papel-bíblia. Isto permitiu que pudéssemos ter coisas como as obras completas de Tolstoi, Euclides da Cunha, Machado e Eça. Em Itabuna, havia o Teixeira, com sua livraria de uma só porta e espaço exíguo, sempre a postos para uma boa conversa e indicação de novos livros. Fico a imaginar como eles sabiam das novidades, num tempo em que a telefonia dava seus primeiros passos e nem se sonhava com internet. Fato é que, graças a esses homens, foi possível acompanhar lançamentos importantes da literatura brasileira, como *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, ou *Quarup*, de Antonio Callado

Mudam os tempos, mudam os costumes. Foram-se as livrarias com seus donos e vendedores que gostavam de ler e de estimular novos leitores. Agora, sobram as “megastores” que vendem de tudo, mas nos assustam pela sua grandiosidade, indiferença e frieza. Os atendentes limitam-se a informar se tem ou não o livro procurado. As conversas, as críticas, as observações e as sugestões ficaram no passado. Notem que não é uma questão de saudosismo. Não. A Sexta até procura entender que assim são os novos tempos, mas lamenta a perda dos espaços onde sempre era possível o contato pessoal

e uma boa conversa sobre o assunto comum, ainda que os interlocutores não se conhecessem. Coisa de velho? A Sexta não sabe. Faz o registro, sem maiores considerações sobre o porquê de as livrarias estarem sendo fechadas nessa cidade cantada e decantada por Amado e Caymmi

No embalo do assunto livro, a Sexta aproveita para fazer duas indicações de leituras:

1 - *Céu de Origamis*, do carioca Luiz Alfredo Garcia-Roza, Companhia das Letras, São Paulo, 2009, 260 páginas. Indicação segura para os aficionados de literatura policial e, em especial, para os fãs do nosso melhor autor no gênero. Neste livro, o delegado Espinosa e seus inseparáveis companheiros Welber e Ramiro buscam solucionar o estranho desaparecimento de um dentista ultrametódico e, logo a seguir, a morte do seu advogado e único amigo. Desta vez, Espinosa, policial ético e sério, tem até de se submeter a um processo administrativo disciplinar. Vale!

2 - *Conclave*, do italiano Roberto Pazzi, Alfaguara/Objetiva, Rio de Janeiro, 2006, 253 páginas. Primeiro, um fato histórico real: no século XIII, 18 cardeais passaram 2 anos, 9 meses e 3 dias para escolher o sucessor de Clemente IV, morto em 1268. A questão só foi decidida quando a população de Viterbo, onde estavam reunidos, resolveu destelhar o palácio (era inverno) e trancá-los, alimentando-os apenas com pão e água. Bendito remédio. Em três dias, as eminências resolveram a questão escolhendo o italiano Teobaldo Visconti, que adotou o nome Gregório X. O autor tomou este fato como mote, e trouxe-o para os dias atuais de internet, TV a cabo etc. Escreveu um excelente livro sobre o poder e suas múltiplas nuances. De quebra, ainda discute o eurocentrismo e os preconceitos contra africanos e latino-americanos, além de derramar um bom olhar sobre as incríveis ligações entre o poder temporal e o da Santa Madre.

## **SOBRE COMPOSITORES E CANTORES. NEY MATOGROSSO NO TCA**

**05.02.2010**

De repente, a Sexta se dá conta de um detalhe, nada mais que um detalhe. No universo da música popular brasileira, com seus inúmeros ritmos, nuances e rótulos, há uma espécie de dicotomia. Compositores são os homens; intérpretes, as mulheres. E é fato. Nenhum cantor chegou, sequer, perto da sombra da superstar, a maior de todos os tempos, Carmem Miranda. Depois dela – e também na época em que brilhou – inúmeras outras ocuparam olhos, ouvidos, corações e mentes de sucessivas gerações. Dalva, Marlene, Emilinha, Ângela, Elza, Carmem Costa, Alaíde Costa, Nana, Zizi, Bethania e um sem-número de outras que, se listadas aqui, ocupariam todo o espaço. Algumas delas transcenderam e se impuseram, quase como cults, no mercado internacional. É o caso de Leny Andrade, talvez a última remanescente do mítico Beco das Garrafas. Irreverente, dispara: “Vejo uma coleção enorme de cantoras mostrando coreografia, coxas, peitos... Cadê a música? Cadê a emoção?”

É preciso não esquecer também que, no âmbito na música erudita, nosso maior representante também foi uma mulher, Bidu Sayão. Compositoras? Bem, aí é possível listar umas poucas, bem poucas: Dolores Duran, Maysa, D. Yvone Lara, Sueli Costa e outras que de pronto a memória não socorre. Com os homens é o inverso. Difícil listar os mais importantes. Lembremos alguns dentre tantos que se tornaram eternos pela altíssima qualidade do que nos legaram: Noel, Vadico, Cartola, Adoniram, Lupicínio, Orestes, Chico, Milton, Tom, Caymmi, Caetano, Gonzagão, Zé Dantas, Néelson Cavaquinho, Néelson Rufino, Dominginhos, Vanzolini, Herivelto, Hermínio. Já no que diz respeito a intérpretes masculinos..... A verdade

é que faltam cantores no mercado. Ou, como diria o eterno Jamelão, faltam intérpretes. Uma enquete comparativa mostrará que a soma dos Silvio Caldas, Chico Alves, Orlando Silva, Lúcio Alves, Agostinho dos Santos, Néelson Gonçalves é infinitamente menor que a das mulheres. Evidente que tudo isto é uma simplificação. Discutir esta questão demandaria muitos volumes. O espaço da Sexta é limitado. Fica, enfim, a constatação: esta coisa maravilhosa que é a música brasileira, talvez a mais rica que a terra conheceu, tem sua força numa curiosa dicotomia: as mulheres cantam; os homens compõem. E ninguém é melhor que ninguém. Só e somente uma diferença. Mais nada.

É. Ocorre que inexiste regra sem exceção. Limitemo-nos ao quesito intérpretes/cantores. Sem dúvida, a exceção, o artista que vem na plenitude dos seus 68 anos cantando, encantando e se reinventando é Ney Matogrosso. Senhor absoluto de uma voz única, difícil de ser rotulada que ele a domina e faz dela o que bem quer. Ney conseguiu atingir o patamar que raros atingem: a atemporalidade. Ousado, não teme se expor num espetáculo novo (“Beijo Bandido”) cantando as músicas de tantas outras oportunidades. Impressionante. Mudou o guarda roupa, imprimiu sua marca na belíssima iluminação e trocou o acompanhamento por um conjunto de cordas e percussão (Leandro Braga, piano; Lui Coimbra, cello; Ricardo Amado, violino; e Felipe Roseno, percussão). Ocupou o seu lugar no palco e encheu todos os espaços, vestindo um conjunto de cores claras (camisa, calça, paletó) ou simplesmente com uma gravata preta sobre o peito desnudo. À primeira vista, seria um espetáculo bem comportado.

Engano. Puro engano. Não deixou de lado a impressionante atmosfera de sedução que sempre se faz presente no linguajar do seu corpo. Irreverente, provocativo, debochado, continua sendo o incrível dançarino que hipnotiza a platéia com seus passos, jeitos e trejeitos, capazes de provocar no público

reações como o grito altissonante da mulher de algum canto do teatro: “Tira a roupa!” E ele, dono do pedaço, sorri contido, revira os olhos, rebola o corpo esguio e segue em frente sem perda do ritmo e do rigor que impõe aos seus espetáculos. De repente, num gesto bem-estudado, tira o paletó e o põe pelo avesso, mostrando o forro vermelho como se uma capa de toureiro fosse. Então, deposita-o sobre o banco alto, arregaça as mangas da camisa e dança em passos sensuais, sem qualquer sinal de vulgaridade.

Um artista! Mais que um simples cantor, um intérprete na plena acepção do termo porque não se limita a cantar; e talvez aí o segredo da sua mágica. Interpreta a letra de cada canção de uma forma única, fazendo a platéia ficar pendente dos seus lábios, à espera dos versos que sairão exatos e belos. Consciente da sua arte, da presença de palco e do domínio do público, mistura, nas doses exatas, Evaldo Gouveia/Jair Amorim (*Tango para Tereza*), Roberto/Erasmão (*À Distância*), Cazuzza/Dé/Bebel Gilberto (*Mulher Sem Razão*), Edu/Chico (*A Bela e a Fera*), etc e tal. De tirar o fôlego quando, quase declamando a belíssima letra de Hermínio Belo de Carvalho no choro de Jacob do Bandolim, desce lentamente, genuflexo, para extrair sem pressa, como que do fundo d’alma, o último verso: “venho implorar”. Mais adiante, outro momento ímpar: canta *Fascinação* enquanto, no fundo todo negro, estrelas surgem, cruzam-se, avançam e recuam, num vórtice sem fim; é como se ali estivesse prestando uma homenagem. Lembram dos versos de Armando Louzada? Pois é. A sexta entendeu que, naquele momento, o maior dos cantores brasileiros se curvava em reverência à inigualável Elis Regina. Como é possível não se emocionar?

## A ESCOLA PÚBLICA E A EDUCAÇÃO

12.02.2010

Dúvida não há. A única saída para a evolução de uma sociedade é pelo conduto da educação. Não por acaso, os regimes autoritários, aqui e alhures, costumam dedicar especial atenção ao item para formar (ou deformar) de acordo com a ideologia que está dando as cartas. Pior ainda ocorre quando relegam essa atividade ao nada, trabalhando perversamente para o seu sucateamento. Tomemos como estudo de caso o Brasil em tempos recentes. Até o advento do regime militar, tínhamos, com muitas limitações, é verdade, uma escola que informava e educava nos seus 3 níveis. E o melhor dessa coisa é que a escola pública disputava, no quesito qualidade, com os melhores colégios particulares, especialmente os das ordens religiosas dedicadas exclusivamente à formação de crianças e jovens. Assim, estudantes dos mais diversos estratos sociais tinham acesso ao que de melhor o ensino podia oferecer; mais ainda, os de colégios públicos tinham um grande orgulho exatamente porque eram alunos de colégios públicos. Paralelamente, nas escolas, nos corredores, nas áreas de recreação e, sobretudo, nos grêmios estudantis, fervia um intenso processo de integração e politização. Para usar a expressão atual, a massa estudantil vivia “antenada”.

Discutia-se tudo. Os namoros, as atividades esportivas e políticas, os lançamentos literários, as músicas, a qualidade dos professores, os boatos e também, o que estava se passando no Brasil e no mundo. Não havia televisão, mas estávamos conectados por meio dos jornais editados no Sul- Maravilha e que eram consumidos com avidez, independente das suas posições político-ideológicas. Correio da Manhã, Última Hora, Globo, Folha, Estadão etc etc. Ser estudante, ser jovem, era saber das coisas e, claro, tomar todas, praticar esportes,

aprontar, paquerar, namorar e fazer tudo o mais que os hormônios juvenis permitissem.

Um dia, quando estavam todos empolgados com a perspectiva de mudanças estruturais, reformas de base e o futuro promissor, abateu-se sobre todos o manto escuro da ditadura, com todos os seus terríveis consectários. Professores presos, grêmios fechados, mudanças nos currículos – com exclusão de algumas matérias e inclusão de outras de cunho inteiramente proselitista. Começava uma longa e tenebrosa noite... Medidas de extrema perversidade não tardaram a ser implantadas. Nas universidades, foram suprimidos os cursos seriados. Impossível saber qual o objetivo pedagógico disso. Entretanto, logo se percebeu que já não havia espaço para o coleguismo, a amizade, a cumplicidade próprios de quem passava todos os anos do curso sentados lado a lado. Agora vigia uma regra estranha e incompreensível. Quem sentava ao lado na aula das sete já não era o mesmo da aula seguinte. Como chamar de colegas pessoas que não se conhecia, que eram vistas em dias diferentes e com quem se trocava não mais que meia dúzia de palavras? Já não se confiava na pessoa que sentava lado. O medo, um outro consectário desse processo perverso, estendera seus tentáculos. Sempre havia a possibilidade de que o vizinho de carteira fosse um agente da repressão. A partir daí, ficou bem claro que a educação, a formação dos jovens já não interessava aos desígnios dos novos donos do país. E assim, em marcha batida, a educação no Brasil entrou em retrocesso até que se cunhou uma cínica expressão, repetida incessantemente: “Os professores fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem”. Sucateou-se a escola pública em todos os níveis e permitiu-se a proliferação de escolas particulares de baixíssimo nível, que ofereciam diplomas conforme o bolso e a conveniência do freguês.

E veio a tal redemocratização. Pensou-se que o sol raiaria outra vez. Puro engano. Primeiro, os artífices da

“Nova República” eram oriundos do regime que se pretendia desmontar. À frente da mudança estavam figuras como Tancredo, Ribamar Costa, Delfim, Maluf, ACM. Não podia ser diferente. A educação continuou em queda livre. Nivelava por baixo e aviltava os professores, não só com péssimos salários mas principalmente com a falta de apoio e de condições de trabalho.

Fato é que o colégio público acabou e o privado passou a ser um mero preparador de máquinas para lograr aprovação no vestibular. Educar é, hoje, prerrogativa única e exclusiva da família. Como esta é oriunda dos novos tempos, vai educar o quê? Para completar este quadro de degenerescência, a sociedade apostou num governo supostamente nascido no seio do povo. Perdeu de novo. E como! Os novos donos estão, sim, preocupados com o próprio bem-estar, com a corrupção mais deslavada, o nepotismo, o favorecimento, o compadrio e o paternalismo que dá votos e os sustenta no poder. A educação continua a ser, como sempre, um apêndice incômodo e indesejado, com o nível das escolas beirando o rés-do-chão.

Claro, os bons cargos públicos, as direções de estatais, estão reservados para companheiros e companheiras, ainda que sejam apenas alfabetizados. E o povo, ignorante e viciado nas bolsas-isso-e-aquilo aplaude. Pesquisa recente da insuspeita Fundação Carlos Chagas atesta que somente 2% dos estudantes de ensino médio cogitam seguir a carreira de professor. Pior ainda. Esses 2% pertencem ao grupo dos 30% com pior aproveitamento escolar. São fatos. E contra eles não há o que argumentar. Foram-se os milicos. Vieram os companheiros, mudou o quê? Pretende-se a qualquer custo implantar a censura prévia na imprensa. A família do soba do Maranhão, com a leniência de um Judiciário de fancaria, impede que um jornal publique matérias que não são do seu agrado. Para finalizar, a Professora Katia Rubio, Presidente

da Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, técnica conhecida e respeitada em todo o mundo ocidental, com mais de quinze livros publicados, foi interpelada por autoridades governamentais ligadas ao esporte: eles exigiram que ela tirasse de circulação o livro *Educação, Esporte e Valores Olímpicos*. Motivo? Simples: a palavra “olímpicos” seria de propriedade exclusiva do Comitê Olímpico Brasileiro. Quer dizer, no regime atual, as palavras, patrimônio cultural do povo, já podem ser objeto de apropriação. É. É. Com propriedade, alguém já disse que “não há limites para a insânia.” Grande evolução...

## AINDA SOBRE EDUCAÇÃO

26.02.2010

E a Sexta volta a falar de educação. Sim. O tema é recorrente; semela, nenhuma sociedade adquire condições de desenvolvimento, qualquer que seja a variável ou o ângulo considerados. Desta vez, a partir de fatos reais, apreciaremos o contraste violento entre dois momentos atuais e que convivem paralelamente no seio da mesma sociedade.

Pelo lado negativo, tomemos a Bahia. Como solução para o problema da evasão escolar e o pretense esvaziamento dos colégios de Salvador, decidiram simplesmente fechar as portas de cinco deles (Escola Marquês de Abrantes, Colégio Estadual Divino Mestre, Escola Estadual Luiz Viana, Escola Estadual Erwin Morgenroth e Colégio Estadual Marco Antônio Veronese). Desta forma, cerca de 3 mil alunos foram remanejados; este fato resultou, obviamente, em imensos prejuízos para muitos deles já que não têm como pagar transporte para os novos colégios, distantes das suas moradias. Não satisfeitas, as autoridades da educação na Bahia decidiram extinguir o curso noturno e parte do vespertino do Colégio Estadual Odorico Tavares, uma das poucas referências da rede estadual, localizado na valorizadíssima área do Corredor da Vitória. Justificativa para tal medida? “Queda na procura de vagas na instituição”. Por discordar da versão oficial e sustentar que, dessa forma, o colégio estará fechado nos próximos anos, o diretor foi exonerado. Procurado pela imprensa, um dos responsáveis alegou que assim o Estado estará fazendo economia. Pode-se concluir, portanto, que, aqui na terra do poeta que bendisse quem semeia livros à mão cheia e manda o povo pensar, educação não é função prioritária do Estado; é um negócio como outro qualquer. Tem de ser medido pelo seu custo/benefício em termos financeiro-orçamentários. Ah,

Darcy, de que adiantou toda a sua cruzada? Será que você não conseguiu que os donos do Estado entendessem que gasto com educação não é despesa, é custo?

Do lado positivo, mas não no setor público, há que se comemorar o terceiro lugar conseguido na Olimpíada do Conhecimento de 2009 (*World Skills International*) por graduados do SENAI – 539 alunos de 7 estados brasileiros, inclusive Alagoas, Goiás e Rio Grande do Norte. É bem que se explique que esta olimpíada, de iniciativa dos países altamente industrializados, tem como finalidade cotejar diversos sistemas de formação profissional. A competição envolve ofícios tradicionais, como tornearia e mecânica, mas também desenho de websites ou robótica. O Brasil, representado pelo SENAI, participou pela primeira vez em 1982 e, em 1985, chegou ao décimo terceiro lugar; em 2001, o sexto. Em 2007, obteve o segundo lugar. Ressalte-se que é o único país do Terceiro Mundo a participar, todos os anos, desde o já longínquo 1985. Pois é. Profissionais formados pelo SENAI colocaram o país como o segundo e o terceiro melhor do mundo em formação profissional. Se lembrarmos que, ainda no início da segunda metade do século XX, importávamos banha de porco, pentes, palitos, sapatos e manteiga, podemos avaliar o extraordinário feito desses profissionais. E o êxito toma conotação de milagre se considerarmos que este mesmo Brasil escapou por pouco de ser o último no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA). A fórmula quem destrincha é Cláudio de Moura Castro, economista e educador: “Em primeiro lugar, é necessário ter um sistema de formação profissional hábil na organização requerida para preparar milhões de alunos e que disponha de instrutores competentes e capazes de ensinar em padrões de Primeiro Mundo. Obviamente, precisam saber fazer e saber ensinar. Diplomas não interessam (quem sabe nossa educação teria alguma lição a tirar daí?)”. Após reafirmar que os resultados

não refletem nenhum heroísmo, mas simplesmente o empenho e o esforço continuado, arremata: “A fórmula serve para toda competição: qualidade valorizada, seleção dos melhores, prática obsessiva e persistência. Quem aplicar essa receita terá os mesmos resultados.”

Aí o cerne da questão. Educar e formar técnicos competentes são também questões de investimento. O fechamento de colégios para reduzir custos seguramente não vai levar esse barco a porto seguro. Como mudar? Bem, como se vê no parágrafo acima, a Sexta entende que não é coisa do outro mundo. Será que um dia teremos dirigentes capazes de olhar o país a longo prazo? Capazes de entender que educação é um trabalho de gerações? Para finalizar, Mao ensinou que uma caminhada de 1000 léguas começa com o primeiro passo. Será que já não passa da hora de ser dado esse primeiro passo?

E por falar em educação e livros, a Sexta recomenda o título póstumo do ótimo Sándor Márai. Dentre os seus livros publicados no Brasil, há que se destacar dois. O primeiro é *As Brasas*, atualíssimo romance intimista que aborda temas atemporais, como amizade, amor e honra, a partir do reencontro, após mais de 40 anos, de 2 amigos que se separaram abruptamente. O outro é *Verdicto em Canudos*, interessantíssima abordagem do genocídio de Belo Monte feita após a leitura de *Os Sertões* pelo autor húngaro. Agora, em edição de 2009, a Companhia das Letras, com tradução direta do húngaro por Paulo Schiller, brinda-nos com o magnífico *Libertação*. Livro de uma densidade quase sufocante, onde o autor discute o medo e a esperança dos moradores de Buda e Peste nos momentos finais do nazismo, ante a “libertação” pelos soldados soviéticos. A vida dos cidadãos comuns, naquele momento de transição, escondidos em porões, sofrendo as agruras da fome, do frio, da expectativa e do quase desespero, é a matériaprima desse excelente livro de apenas 144 páginas. Vale!

## SOBRE PECADOS CAPITAIS

05.03.2010

Que os pecados capitais são 7 todos sabem. Bem verdade que 7 também é a chamada “conta do mentiroso”. Discutir pecado é coisa que, decididamente, não faz parte do elenco de temas da Sexta. Até porque o entendimento aqui é um tanto ou quanto socrático. Seguinte: pela sua própria condição, o homem é um ser imperfeito; por ser imperfeito, tende a cometer falhas; se as falhas são decorrentes da imperfeição, logo elas são normais; em sendo normais, não podem ser acoimadas de pecados. Espera-se que a boa vontade dos sexteiros ajude a entender o silogismo confessadamente torto, formulado por quem nunca se afinou com filosofia e se limitou ao mínimo necessário e suficiente para obter aprovação na matéria.

Pois bem, em 2005 a Editora Objetiva convocou um grupo de 7 escritores do primeiro time, inclusive 2 argentinos, para que cada um deles, em uma coleção sob o título de Plenos Pecados, escrevesse sobre os tais pecados capitais. Sem dúvida, o de maior êxito foi Mal Secreto, de Zuenir Ventura, sobre a inveja. Para melhor situar o leitor, o autor teve o cuidado de destacar: “O ódio espuma. A preguiça se derrama. A gula engorda. A avareza acumula. A luxúria se oferece. Só a inveja se esconde.” A seguir, também com o objetivo de ajudar o leitor a mergulhar no livro, fez 3 distinções (ou definições?) básicas: “Ciúme é querer manter o que tem; cobiça é querer o que não se tem; inveja é não querer que o outro tenha.” Pronto. Assim então, a leitura ficaria fácil e acessível a todos? Engano. Acabou produzindo uma dessas peças literárias que merecem mais de uma leitura. Nas suas elucubrações Zuenir acaba por descobrir que há uma inveja boa, saudável; e outra má, doentia, perigosa. Complicado, não? Ocorre que um querido amigo lá do norte é da corrente do escritor mineiro.

É verdade. A inveja é bifronte. Nestes termos, não há o que discutir. A Sexta passa a ser intransigente defensora dessa dicotomia.

Mas, toda essa digressão vem na esteira do bom *Invictus*, mais um êxito do competente Clint Eastwood. E aqui não se vai criticar o filme ou falar da exuberante atuação de Morgan Freeman. O filme trata da incrível argúcia de um líder político em se utilizar de uma competição esportiva para fazer a sociedade sul-africana avançar no sentido da sua união. Todos, brancos e negros, irmanados num só objetivo. O fato é real e mostra as artes de um líder atento e perspicaz a ponto de conseguir que os extremados inimigos de ontem, ainda dominados pelo ódio, passem a ter, ainda que momentaneamente, uma atitude em comum, pouco importando se as cores e o hino foram, em dias passados, desse ou daquele lado. E dizer que, no Brasil e por aí afora, as pessoas estão a se agredir e se matar com a estúpida desculpa de que é paixão de torcedor...

Enquanto corria a projeção, passamos a refletir sobre a personalidade daquele homem, ou ainda a perquirir de onde teria saído tal figura. Simples humano? Difícil acreditar. Nelson Mandela, “Madiba” para o seu povo e seus amigos, prêmio Nobel da Paz em 1993, considerado o “estadista do século XX”, saiu da cadeia, depois de cumprir 30 anos de uma pena de prisão perpétua, inclusive com trabalhos forçados, para liderar a maior obra de arquitetura e engenharia política que a história da humanidade registrou. Não se pode, é claro, deixar de abonar os créditos do seu parceiro nessa empreitada extraordinária, o branco, sul-africano como Mandela, Frederik de Klerk, com quem dividiu o prêmio da Academia Sueca. Em tese, um político normal que saísse da prisão para ocupar a presidência do seu país teria dois caminhos a seguir: a) dar vazão ao ódio e ao instinto de vingança; ou b) deixar-se levar pela ânsia de revanche dos seus companheiros,

parentes e liderados. Tivesse seguindo uma dessas duas rotas, jamais conseguiria a união e a força necessária para alcançar a superação das diferenças tão entranhadas na alma daquele povo. Agindo dessa forma, não estaria inovando nada. Mais cedo ou mais tarde, seu país seria destruído por guerras intestinas cujo resultado é sempre o mesmo: divisões, violência, miséria. Basta dar uma olhada na história recente dos diversos países da região para saber qual seria o destino da África do Sul.

Mandela, à frente do seu CNA, tocado sabe-se lá por quê, optou por um caminho inteiramente novo. Sublimou o ódio e o desejo de vingança. Optou por não ser um homem normal, sujeito a todo o tipo de paixões e sentimentos. Saiu das masmorras do estado de cabeça erguida, mãos estendidas, preocupado unicamente com a unidade do seu povo e do seu país. Nem um gesto nem uma palavra de revolta ou revanchismo. Tudo como se não tivesse sido uma das mais sofridas vítimas do *apartheid*. Hoje, 20 anos após sua libertação, fica bem evidente que a gigantesca tarefa de transformar a sociedade sul-africana dificilmente seria cumprida sem ele. É isso. A Sexta assume que morre de inveja desse homem. Talvez seja a inveja boa de que falam Zuenir e meu amigo. E aqui não tem alternativa. Só uma pergunta: como é possível, depois de prisões, torturas e humilhações, não se deixar levar pelo ódio e pelo espírito de vingança?

É. É. Responda quem souber.

## MULHERES NA HISTÓRIA

12.03.2010

Hoje, o mote da Sexta é história. Claro que não se pretende entrar em nenhuma discussão aprofundada. Não. A matéria aqui é assumidamente superficial: lembrar histórias da História. É óbvio que a independência do Brasil não se resumiu ao grito histórico do Ipiranga. É possível que os livros, lá no ensino básico, continuem ensinando isso. Não é o caso. Afinal o Príncipe, logo após o grito, saltou do cavalo e correu para o mato para se aliviar de parte dos excessos da noite anterior na casa da Marquesa. Em termos de lutas e batalhas, a questão só se resolveria 1 ano depois, no 2 de julho de 1823, quando as tropas leais à coroa portuguesa, comandadas por Madeira de Melo, embarcaram e se foram das terras brasileiras.

Verdade que a resistência na Bahia foi liderada por brasileiros e portugueses de muitas posses e que, em última análise, defendiam seus próprios interesses. Pouco importa. Quem foi à luta e se sacrificou foi o povo. Aqui um fato curioso. Há anos, num voo de Belém para Brasília, líamos o *O Dia em que o Povo Ganhou*, de João Felício dos Santos. Na poltrona ao lado, um conhecido deputado federal do Pará pediu para ver o livro e perguntou se era ficção; interessou-se, fez perguntas e concluiu dizendo que, com esse título, só podia ser ficção já que no Brasil o povo perdia sempre. E olha que ele era lá dos grupos de apoio da ditadura militar...

Assevera o Professor Cid Teixeira que foi Castro Alves quem anunciou, antes de qualquer outro, a data histórica. A “Ode ao Dois de Julho” teria sido inspirada em relatos do avô, o comandante José Antônio da Silva Castro, que lutou na batalha. Para recordar: “Era no dois de julho. A pugna imensa/ Travara-se nos cerros da Bahia.../O anjo da morte pálido cosia/ Uma vasta mortalha em Pirajá”. Adiante, uma

das suas imagens geniais: “Debruçados do céu... a noite e os astros/Seguíam da peleja o incerto fado...”

Como dito no início, a Sexta só quer falar de histórias. E optou por falar das mulheres que se distinguiram nas lutas. Sim. Muito antes de Anita Garibaldi sonhar em nascer lá pras bandas de Santa Catarina, aqui na Bahia já havia heroínas dignas de todas as celebrações. A primeira, a mais conhecida, é a freira Joana Angélica, superiora do Convento da Lapa – ainda hoje se pode visitar a cela que ela ocupava. Em 19 de fevereiro de 1822, foi morta a golpes de baioneta pela soldadesca de Madeira de Melo quando tentou impedi-los de entrar no convento. Até aqui nenhuma novidade. A coisa fica interessante na medida em que os estudiosos não chegam ao consenso: Joana Angélica foi somente uma heroína da fé ou, maior ainda, da independência? A questão surgiu a partir de uma observação de cunho estratégico. As tropas portuguesas ocupavam o centro da cidade. Os fundos do convento estavam voltados para a roça dos Barris lá embaixo, onde estavam os brasileiros. De posse do convento, os portugueses teriam privilegiada situação de tiro. Aí a causa do debate. O que teria ela em mente no momento em que tentou impedir a entrada dos soldados? É certo que a frase que teria dito é de cunho religioso, mas... À frase histórica: “Para trás, bárbaros. Respeitai a Casa de Deus. Antes de conseguistes os vossos pérfidos desígnios, passareis por sobre o meu cadáver.” Eles passaram.

Outra figura da independência na Bahia, também muito conhecida, é a mulher-soldado, Maria Quitéria de Jesus, que ao decidir se alistar adotou o sobrenome do cunhado, Medeiros. Diz Cid Teixeira que ele era um moleirão, que não tinha um milésimo da coragem da cunhada. Fato é que Maria Quitéria se travestiu de homem, conseguiu se incorporar e serviu com invulgar coragem e entusiasmo no Batalhão Voluntários do Príncipe, conhecidos pela alcunha de “periquitos” pela farda

de golas e punhos em verde. Esse grupo de cachoeirenses tanto se destacou que, terminadas as lutas, foi incorporado ao Exército com o nome de Batalhão de Caçadores. Da heroína sabe-se apenas que teria sido, no Rio de Janeiro, condecorada pelo Imperador. Depois voltou a vida civil, casou, teve uma filha e morreu viúva, pobre, em alguma cidade do Recôncavo Baiano.

Seguramente, a mais interessante das nossas heroínas é também a menos conhecida. Maria Felipa de Oliveira, guerreira negra, ficou esquecida por muitos e muitos anos. Um dos primeiros estudiosos a tratar dessa mulher invulgar, dando-lhe espaço na história, foi Ubaldo Osório, avô de João Ubaldo Ribeiro, que a descreveu como “crioula estabana, alta e corpulenta”. Sabe-se que liderava um grupo de 40 mulheres conhecidas como as “Vedetes da Praia.” Vedetes porque ficavam da praia vigiando a movimentação das tropas portuguesas em barcos e canoas. Tem-se que a estratégia dos portugueses era a de tomar a Ilha de Itaparica e, a partir dali, controlar a guerra na Baía de Todos os Santos. À frente das suas lideradas, Maria Felipa atraiu os guardas do exército português e, depois de embebedá-los, desnudou-os. A seguir, aplicaram neles uma severa surra com ramas e folhas de cansação. Completaram a “arte” ateando fogo em 42 embarcações das tropas de Madeira de Melo. Interessante, não? Conforme atestado de óbito conseguido por Priscila Caldas, Maria Felipa morreu em 1873. Nada se sabe sobre seu nascimento e sobre se era escrava, negra alforriada ou nascida livre. Acredita-se que descendia de negros sudaneses.

Existem dúvidas se Maria Felipa e a capoeirista Maria Doze Homens – teria derrubado 12 deles numa roda de capoeira – não seriam uma só pessoa. Felipa era também exímia capoeirista e teria inspirado a personagem Maria Da Fé em *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo. Maria Doze Homens inspirou Jorge Amado a criar Rosa Palmeirão, de *Mar Morto*. Histórias, histórias...

## **SOBRE REPRESSÃO & SOBREVIVÊNCIA**

19.03.2010

Impressiona e fascina a capacidade de resistência de alguns grupos dessa multifária raça humana. Há casos que chegam a ter conotações épicas. Coletividades são capazes de suportar repressão brutal e impiedosa e, ainda assim, preservar o seu patrimônio cultural. Um exemplo são os gregos, sob o jugo do império turco-otomano por quase 4 séculos – desde o século XV, com a tomada de Constantinopla, até o século XIX, com o Tratado de Adrianópolis. Ainda assim, conservaram praticamente intactos os seus valores básicos. Afastado o dominador, voltaram, 400 anos depois, a usar os símbolos que são a base da herança cultural de um povo, tais como a língua falada e escrita, e a religião.

Aqui no Brasil, há um fato histórico da espécie. Mais complexo até. Com a escravidão negra, a partir do século XVI, centenas de milhares de seres humanos foram transferidos à força do seu lar na África. Quem os comprava reprimia com brutalidade as suas práticas religiosas e culturais. Sabiam que não se consegue submeter pessoas unidas em torno do seu patrimônio cultural. Pois bem. A repressão e a dispersão das famílias não conseguiram quebrar os valores e a solidariedade que sempre foi uma marca daqueles indivíduos.

Sob o prisma religioso, há um fato histórico que revela inteligência e sensibilidade desses escravos. Foram meio que mágicos quando conseguiram enganar o repressor, fundindo ou fazendo funcionar em paralelo a sua religião de origem e a católica. E isto é o sincretismo: na essência, uma forma de disfarce. Aparentemente, festejavam junto com seus donos os santos católicos. Aí introduziam suas músicas, seus ritmos e suas danças. E o fizeram de tal forma que não raro os “senhores” se deslocavam até os terreiros das senzalas para

assistir todas aquelas feéricas festas em louvor a santos como Antônio, Bárbara, Jorge e até o Cristo e sua mãe.

Como eram enganados! Por não entender nada da coisa, deixavam de dar a devida importância para as pedras e outros símbolos que ali estavam, bem à vista. Até o nome diferente dado ao santo não era considerado. Coisas daquelas línguas bárbaras! Para o europeu, aquilo tudo era coisa de “preto inculto”. Assim conseguiram criar uma coisa nova que até hoje dá nó na cabeça de muita gente – algum sexteiro já passou pela experiência de tentar explicar o que é sincretismo a quem não tem noção da coisa? É complicado. Estabelecida a relação sincrética, fortalecidos, unidos, os escravos começaram a se insurgir. Muitos fugiam para locais distantes, onde passavam a viver em comunidades autônomas. Isto lhes permitia a livre prática dos valores culturais africanos. Alguns desses quilombos se desenvolveram tanto que permaneceram intocados por muitos anos, mantendo relações comerciais com as comunidades dos europeus. A República Palmarina, por exemplo, durou mais de um século e foi preciso vir gente de fora, contratada especialmente para destruí-la. O resto da história todos sabem.

Finda a escravidão, veio um novo e não menos cruel tipo de perseguição: a repressão policial, que diga-se *en passant* também reprimia os capoeiristas e os sambistas. Não foram poucas as vezes que festas em casa de Tia Ciata acabaram debaixo de porrada. Para o Povo de Santo, a saída foi se afastar do centro e em alguns casos, para não atrair a polícia, chegaram a trocar os tambores pelo simples bater de palmas. Driblar a repressão, sim; submeter-se, nunca. Com isso, fortaleceu-se e desenvolveu-se um dos aspectos externos mais fortes do candomblé, o de criar no seu entorno comunidades unidas e solidárias. Óbvio. Não se pode fazer candomblé sem gente. Diz-se até que “onde tem candomblé não tem fome”. Nos dias da semana em que são feitas comidas, como o amalá para

Xangô e a feijoada de Ogum, a quantidade é sempre grande para alimentar os que vivem na comunidade daquele terreiro. Pessoas que compartilham o mesmo prato se irmanam e se fortalecem. Por essas e outras é que o candomblé se funda na fraternidade, na solidariedade e na relação direta com a natureza.

É talvez a mais ecológica de todas as religiões. Além de gente, o candomblé precisa de um rio (Oxum), de um mar (Yemanjá) e, sobretudo de folhas (Ossain). O Povo de Santo não suja as águas já que elas são sagradas. Em última análise, são suas mães. O caçador (Oxóssi) não é um diletante que mata animais por divertimento. Não. Ele tem a consciência de que é preciso preservá-los porque, assim, sempre haverá alimento para todos. As folhas são um capítulo à parte. Representam a força da natureza. Nascidas das árvores, constituem emanção do poder sobrenatural da terra fertilizada pela chuva (água-sêmen). Com esse poder, as folhas servem aos mais diversos fins. Os versos de Ildásio Tavares na música de Gerônimo são bem explícitos: “Sem folha não tem sonho/Sem folha não tem festa/Sem folha não tem vida/sem folha não tem nada.” Segundo o ditado iorubano, sem folha não há orixá (kosi ewe, kosi orisa).

Passados os duros anos de perseguição e repressão, os líderes do candomblé, mãos estendidas, buscam integrar-se com toda a sociedade, sem distinções. Não por acaso, o profundo respeito às diferenças. Todos são iguais. E isto é quase um dogma. É bom destacar que essa posição tipicamente ecumênica é anterior ao Concílio Vaticano II, extraordinária construção social e doutrinária liderada por João XXIII, um dos maiores papas de toda a história do catolicismo. Numa frase curta, a sacerdotisa Mãe Aninha do Afonjá ensinou: “Quero ver meus filhos com anel nos dedos ajoelhados aos pés de Xangô”. Quer dizer, o Povo de Santo na sociedade trabalha, produz, evolui, mas conserva sua origem e sua

religião. E para os que insistem em acoimá-los de fetichistas, politeístas, não custa lembrar que, como o catolicismo, o judaísmo e o islamismo, o candomblé é monoteísta. Seu único deus é Olorum, o incriado. O criador de tudo e por quem o Povo de Santo resistiu todos esses séculos.

## SOBRE A ARTE DE VIVER

30.03.2010

Grande ironia! O homem, na sua infinita arrogância, foi capaz de criar um deus à sua imagem e semelhança, mas não conseguiu encontrar um meio de conviver com o tempo. O tempo não passa nunca. Está como sempre esteve. Os seres vivos, homens ou não, é que passam. E passam sem qualquer possibilidade de frear o inexorável caminho para o fim. Há quem diga que a mais genial invenção humana foi o calendário. A forma de contar o tempo transmitiria um sentimento de renovação. Quando os calendários marcam o último dia de um período é chegada a hora de parar e festejar na doce ilusão de que o novo período vai trazer tudo aquilo que não se conseguiu no anterior. O vate português, mesmo com um olho só, enxergou longe: “O tempo acaba o ano, o mês e a hora, / A força, a arte, a manha;/O tempo apaga a fome e a riqueza,/O tempo o mesmo tempo de si chora.”

Algumas pessoas, no tresloucado afã de enfrentar o tempo, acabam por se mutilar; buscam nas ditas clínicas de cirurgia estética uma idade que foge a cada segundo. No fim, ficam todas muito parecidas, com a pele do rosto sem vida, brilhosa, parecendo aquelas tristes bonecas de celulóide – epa! Essa é das antigas! Os olhos se orientalizam, estreitados, reduzidos a uma mísera linha e, não raro, os queixos ficam torcidos, fora de simetria. Mais trágicas ainda são as notícias que circulam nos corredores dos tribunais, dando conta de um sem-número de mutilações e ações de responsabilidade civil. Essas pessoas acabaram por perder a auto-estima. E quando ela se vai, chega muitas vezes a temível depressão. A vida delas se transforma num inferno. Fogem das pessoas que as procuram e até dos amigos. E o mais triste dessa coisa é que o monstro habita somente seus cérebros e almas. Isto as

leva a uma tortura infanda. Pior ainda: estas pessoas estão no auge da sua capacidade intelectual e produtiva. Na ânsia da eterna juventude, acabaram por perder o gosto pela vida. Já não são capazes de valorizar os pequenos/imensos prazeres que a vida oferece todo dia, tais como um pôr-do-sol, uma noite de lua cheia, uma cachoeira, uma boa e amena conversa, uma sessão de cinema.

Mas, nem todos correm desesperadamente para tentar frear a marcha inelutável da velhice. Muitos aprenderam que é tão bom ser jovem na juventude como ser velho na velhice. A mágica talvez esteja no entender que é possível viver bem em qualquer idade, adequar o *modus vivendi* à idade que se tem. Bem a propósito, o filme *Simplesmente Complicado*, dirigido por Nancy Meyers, com uma soberba atuação da Meryl Streep no apogeu dos seus 60 anos. Parte da crítica caiu matando porque se trata de uma comédia leve, sem maiores pretensões. Não importa. A Sexta não entende de cinema nem de crítica. Gostar ou não gostar é uma questão pessoal; tem a ver com empatia. O filme é muito bom. É como se fosse uma lição de vida. Sim. Nem tudo é juventude e corpos malhados ou anoréxicos. Uma mulher de sessenta anos é tão bonita, sedutora e desejável como qualquer garota. Melhor ainda, pode ser cortejada por pessoas da mesma faixa etária. E é o caso. Jane, a personagem vivida por Meryl Streep, é disputada por 2 homens velhos. Um deles, seu ex-marido de quem está divorciada há 10 anos, está agora casado com uma mulher bem mais jovem. Entretanto...

Nessa questão de busca da juventude, uma das cenas mais hilariantes é exatamente aquela do cirurgião plástico por ela procurado para suspender uma pálpebra caída. Ele explica que é uma cirurgia simples; só tem de cortar todo o rosto, na base do cabelo, suspender a pele e depois costurar; ela ficaria ótima. Só um detalhe sem importância: ficaria meses sofrendo de dores de cabeça. Ela, visivelmente assustada, agradece e sai.

Outro bom momento é o do encontro com o analista. Ela vai logo dizendo que, desta vez, ele vai ter de dizer alguma coisa porque ao longo dos anos de análise só ela falou. Agora, o momento exige que ele lhe diga alguma coisa. O filme agrada não só pela alegria que transmite, mas porque é um bom e precioso afago no ego de tantos quantos já dobraram a curva dos enta

## SOBRE A SAUDADE

02.04.2010

Segue a sessão de pilates. Inspira. Expira. Contraí a barriga. Relaxa os ombros. Puxa. Estica. Vamos repetir 20 vezes. O movimento deve ser bem lento. Sente os músculos? E lá vamos nós atentos, tentando fazer o movimento da forma cobrada. De repente, cai a frase assim como uma confissão. Ou seria um desabafo? A “ficha ainda não caiu”. Que ficha? Caiu onde? Ela então explica, lembrando a informação de dias atrás. “A morte do meu irmão. Está errado. Não é justo morrer infartado com pouco mais de 30 anos.” E continua: “Sabe, em cada canto da casa, em cada móvel, em cada objeto, sentimos a presença dele. Não só eu, meu marido também. É incrível essa sensação de presença na definitiva ausência. Sabe, no final de tudo, acho que é porque a gente não aceita, não quer aceitar.” E vai falando, dizendo da dor que sente até que, de repente, pára, suspende a cabeça e meio que surpreendida com a própria constatação, diz: “Sabe, acabo de descobrir que saudade não é necessariamente dorida. Lembrar não só dói; traz também a sensação da presença, de belos momentos idos e vividos, vívidos na memória.” E ficamos silentes, processando a revelação.

Pois é. Aprendemos que saudade rima necessariamente com dor, com o sentimento de ausência, de perda, de vazio. Será? De notar que esse vocábulo, “saudade”, sempre presente na poesia romântica e na música, seria conhecido apenas em galego-português e, por isso mesmo, seria uma das palavras de mais difícil tradução para outras línguas. Sua origem estaria na forma latina, *solitas*, *solitatis* (solidão). Também poderia estar vinculada a *salute*, *solitatis salutare* de onde se originam saudar, saúde, saudação. E então, como ficamos? Chico Buarque foi fundo ao rimar saudade com dor: “A saudade é o pior tormento/É pior do que o esquecimento/É pior do que se entrevar.” E mais, ferindo fundo: “A saudade é

o revés de um parto/A saudade é arrumar o quarto/Do filho que já morreu.” Braguinha, mais sintético, mas não menos poeta, estabeleceu que “A saudade é dor pungente/A saudade mata a gente.” Síntese dessa história: nos idiomas lusitano e brasileiro, a palavra saudade está inelutavelmente associada ao sofrimento da separação, da perda, da distância. Teria muito a ver com a melancolia sentida pelos marinheiros portugueses que deixavam amores de todos os tipos ao se aventurarem pelos “mares nunca dantes navegados” sem a mínima certeza de retorno. Pior ainda para os que embarcavam à força – afirmam alguns historiadores, só o nome Vasco da Gama fazia com que os mais bravos e valentes tremessem de medo – depois de devidamente embriagados nas imundas tavernas da zona portuária. Dito isso, dá para imaginar o quão dorida seria a saudade sentida – ou sofrida – por esses homens.

Até aí, nenhuma novidade. Desde muito cedo, saudade entrou no nosso vocabulário somente com essa conotação de dor. Alguns até, mais radicais, chegam a afirmar que o vocábulo, assim como “adeus”, só se aplica em casos de morte, quando a perda é definitiva e a dor, uma parceria constante. A Sexta se permite discordar, em parte. Acredita que a palavra assume, também, a conotação inversa, a que ouviu no pilates da última quarta-feira. Aí, teria tudo a ver com lembrança, recordação. Nesse sentido, a saudade funcionaria como indutor de uma forma toda especial de mexer com os sentimentos das pessoas, fazendo-as voltar no tempo não apenas para chorar, mas, também – e isto é tanto ou quanto mágico – para sorrir e reviver momentos especiais e singulares passados na companhia de pessoas que se encaixam muito bem nos versos de Exupéry: “Cada um que passa em nossa vida,/ passa sozinho, mas não vai só,/ nem nos deixa só./ Leva um pouco de nós,/deixa um pouco de si.”

Aqui a Sexta toma como pressuposto uma das geniais sacadas de Mário Quintana para tentar desvendar um pouco

mais essa tal de saudade: “A amizade é um amor que nunca morre.” Vai mais longe: amor está contido em amizade. Esta é gênero do qual aquele é espécie. Aqui, o termo “amor” está sendo usado no seu sentido mais lato possível. Por esse caminho, vamos chegar às assertivas que abrem esta Sexta. Claro que nenhum sexteiro está obrigado a concordar ou aceitar. Basta apenas que acompanhe o raciocínio e reflita um pouco. São as lembranças que despertam nas pessoas o sentimento da saudade. Enfim, não adianta tentar traduzir o que seja isso. Sentimento, bem o diz a expressão, é para sentir. E o que se sente não se explica; sente-se e pronto. Assim é a saudade. Fato é que existem inúmeras formas de despertá-la, de encher o peito daquele calorzinho gostoso e reconfortante. De repente, estímulos – uma música, um verso, uma flor, um livro, uma frase, uma palavra, um vinho de determinada uva, um pôr-do-sol, uma cachoeira, uma lua cheia, uma cidade, um nome – têm o condão de fazer despertar nas pessoas lembranças guardadas no mais profundo dos escaninhos da memória.

Esse despertar não é necessariamente de dor. Não. As lembranças têm também o condão de despertar esse outro tipo especial de saudade: aquela que faz até sorrir e festejar porque, graças a ela, as pessoas têm uma rara oportunidade de reviver momentos idos e irrepetíveis. Nessa hora, não importa se a pessoa lembrada está viva ou não. O que importa é que ela se achega assim, meio de mansinho, para fazer as pessoas viverem e se alegrarem, mesmo que por um complexo exercício mental. Nessas horas, o tempo se mistura, o passado vira presente e então... a gente embarca no sonho, a alma se entenece e alegra. Por artes da lembrança e da saudade boa, é possível viver várias vezes, ao lado de pessoas que nos marcaram e se foram, “belos momentos idos e vividos, vívidos na memória”. Pensando bem, ter saudade é também uma forma de ter alegrias...

## ENSINAR & APRENDER

09.04.2010

Jorge Portugal, santamarense, dublê de poeta e educador, deitou filosofia na música de Roberto Mendes com o verso definitivo: “Quanto mais a gente ensina, mais aprende o que ensinou”. Muito simples à primeira leitura, o verso é a perfeita síntese do conceito de uma razão de viver. Ensinando se aprende e, com essa aprendizagem, ensina-se melhor; um círculo contínuo e produtivo se fecha. Mas só vai se sair bem da empreitada quem se preocupar com o ponto de vista do aluno e quem reconheça suas limitações. Aprender mal é pior que não aprender. Falsas “verdades” podem causar mal maior que a ignorância.

Com este mote, a Sexta se permite voltar no tempo para reviver os bons momentos vividos em salas de aula. Pode-se afirmar que, das diversas atividades exercidas, foi a mais gratificante. Paradoxalmente, também a mais frustrante. Início da década de 60 do século passado. Terminado o ano letivo, concluído o clássico, veio o convite para ensinar História Geral na terceira série ginásial do noturno. Presente maior, impossível! Sem relevância o fato de que seria apenas para substituir o professor que entraria de licença; também sem importância a pequena remuneração, quase sempre paga com meses de atraso. O que enchia o peito de orgulho e fazia os olhos brilharem, um sorriso permanente na face, era o fato de que iria ser professor; mais ainda, professor do IME, o colégio municipal de Ilhéus formador de gerações que ingressariam nas faculdades sem dificuldades nos vestibulares; pessoas que ocupariam os mais destacados cargos do Estado, inclusive a governadoria.

Para um bom contingente de alunos, o IME era muito mais que uma escola. O tempo disponível era ocupado na biblioteca,

no grêmio, nas intermináveis conversas e nos “babas”. Estes merecem um capítulo à parte. Em busca de mais espaço, escalávamos o muro do estádio Mário Pessoa, correndo o risco de sermos escorraçados pelo temível Maninho e seu imenso facão de lâmina que rebrilhava ao sol. A perspectiva de encontrar o zelador do estádio tinha o condão de estimular a garotada. Em memória do velho, deve-se reconhecer que muitas foram as correrias e gritos apavorados, mas não houve registro de espancamentos ou ferimentos. Talvez no fundo, Maninho fosse um pândego que curtia fazer aquele jogo de perseguição. Talvez...

Dito isto, dá para imaginar o motivo da alegria com o convite para dar aulas. Ali estava uma oportunidade única de manter por mais um tempo o vínculo com o colégio; agora como colega dos professores de ontem, os mesmos com quem os alunos, especialmente os das últimas séries (clássico, científico e normal), mantinham relações cordiais, quando não de amizade. E não foi diferente. O tratamento dispensado pelos velhos mestres, nos corredores e na acolhedora sala dos professores, era de igualdade.

Com a turma, a integração foi imediata. Praticamente só estudavam à noite pessoas que trabalhavam durante o dia, muitos com mais de 30 anos, casados e com filhos. Pessoas assim são especiais. Muitas vezes, chegam atrasadas porque ficam retidas no trabalho onde sempre tem mais alguma coisa a fazer. Conseguem superar o cansaço para assistir até a última aula. Se o professor passou pelo curso noturno, fica fácil estabelecer o bom nível de relacionamento. Ensinar não é apenas passar as informações contidas em livros, também acessíveis aos alunos; é um processo de aprendizagem mútua e constante.

Muitos deles trazem consigo uma bagagem cultural adquirida na escola da vida. Com isto, são capazes de proporcionar lições impressionantes. Se o tema é agricultura,

há quem tenha informação para passar sobre fases da lua, estações do ano, época de plantio, de colheita etc. Se é criação e educação de filhos, logo se estabelece uma saudável discussão entre os pais e mães presentes. Num contexto desses, quem mais aprende é o professor; passa informações sobre a antiguidade clássica e se vê metido num debate que critica os métodos de formação de filhos da sociedade espartana. Era muito bom. Tão bom que, quase 50 anos depois, a memória ainda está nítida.

Dois alunos daquela turma ficaram. Os nomes se perderam. As suas fisionomias e atitudes não. Ele, um senhor aí por volta dos 40, meio calvo, rosto redondo adornado por um bigode fino, era um mestre-de-obras, pai de muitos filhos e de uma persistência que empolgava. As provas, com dois, três quesitos, exigiam habilidade na escrita. Aí as coisas ficavam complicadas. Algumas vezes, o professor – boêmio inveterado – perdia provas dele. Não se esquecia das notas. Desculpava-se pelo descuido, informava a nota obtida, lançava no diário de classe e... trocavam um discreto sorriso cúmplice. Ela era o oposto: jovem, bonita, cabelos curtos, não levava muito a sério essa coisa de estudar. Muito simpática e comunicativa, era uma espécie de musa da turma. Irreverente e debochada, tinha uma forma muito própria de guardar a “pesca”. Dia de prova era um tormento. Chegava, sentava e lá estava a “cola”. Fazer o quê? Continuar ensinando e aprendendo.

## ENSINAR & APRENDER II

16.04.2010

A sexta passada se propôs a falar das delícias e das dores de ser professor. Ficou na primeira experiência. Começou a escrever, a saudade bateu e se deixou levar pelas reminiscências. Ficou devendo. Quem deve paga; e não discute. Relembra a inesquecível estreia como professor de História Geral do Instituto Municipal de Educação de Ilhéus, destacados dois alunos que ficaram guardados nos escaninhos da memória, é hora de prosseguir, dar um salto no tempo e dizer da segunda experiência. E vamos nós. No terceiro ano do curso superior, impôs-se escolher entre o feijão e o sonho. Era chegada a hora de garantir a sobrevivência. A faculdade podia esperar: o emprego por concurso público garantia o presente e dava expectativa para o futuro. Esta era a realidade; o curso, mera expectativa.

Com a aprovação no concurso do Banco da Amazônia, vinha mais uma decisão a ser tomada: assumir uma vaga em Coari, Amazonas, ou permanecer na orgulhosa região cacauera da Bahia. Sem problemas. Feitos os exames médicos, passagens e carta de apresentação na mão, era hora de conversar com o pai da namorada, ficar noivo e rumar para o desconhecido: uma cidade perdida no médio rio Solimões que quase não aparecia nos mapas disponíveis. As poucas informações foram colhidas numa boa obra do governo Juscelino, a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Era possível ir de Ilhéus a Manaus de avião. Na época, os turboélices eram os aviões em voga. No Hirondelle da Paraense, a primeira lição de Amazônia. Conversando com o vizinho de poltrona, aprendi que as distâncias ali não se mediam em quilômetros, mas em dias de viagem. Para viajar de Manaus a Coari, os transportes disponíveis eram os barcos

de madeira. Fora daí, só de hidroavião para quem podia dispor de um. Trinta e seis horas subindo o rio. Depois, aprende-se que para descer até Manaus é mais rápido: somente 24 horas.

Chegar em Coari era uma experiência para toda a vida. Poucos minutos depois de saltar do barco, toda a cidade já sabia quem tinha chegado. O “correio cipó” se encarregava de difundir a notícia. Desembarquei por volta do meio-dia e fui direto ao banco para tomar posse, assumir a função e conseguir algum alojamento. Antes de findar o dia, já tinha sido localizado pelas freiras e estava contratado para ensinar no curso Pedagógico do Perpétuo Socorro. Essas freiras, assim como os padres, eram bem modernas. Promoviam as melhores festas da cidade, inclusive as dançantes, freqüentavam as praias de rios e lagos e, sempre que possível, não dispensavam uma ou outra dose do bom scotch que descia da fronteira com a Colômbia e o Peru. Depois de algum tempo lá, ficamos sabendo que ali viviam alguns descendentes de João Dantas, o homem que matou João Pessoa e foi “suicidado” na prisão. Alguns parentes, fugindo da perseguição do governo Vargas, foram viver lá, bem longe. Eram respeitados, queridos e raramente falavam da Paraíba, que ficara no passado.

Ficamos amigos das freiras, a ponto de freqüentar a clausura para tomar sorvete e bater papo depois das aulas noturnas. Os padres eram tão classudos e discretos que nunca nos perguntaram por que não freqüentávamos a igreja. Convivíamos muito bem e não nos furtávamos de conversar e comentar assuntos religiosos como, por exemplo, o então polêmico catecismo holandês, uma espécie de reinterpretção das escrituras por uma corrente de católicos daquele país. Quando souberam que estávamos planejando ir embora porque era chegado o tempo de voltar aos cursos universitários, procuraram-nos para conversar, saber dos nossos planos. De repente, perguntaram se estávamos conscientes da falta que iríamos fazer, que não seria fácil nos substituir. Ficamos

preocupados. Podiam interferir no pedido de transferência. Nada disso. A transferência saiu no tempo certo.

Os muitos meses de salários que ficaram para trás não pagariam a imensa alegria que sentimos por ter dado alguma contribuição àquela sociedade. Em nenhum outro momento da vida senti-me tão útil. O orgulho disso ainda enche o peito. Sônia ensinava matemática desde o primário até o pedagógico. Acabou contratada pelo Estado lá. Este escriba, que só podia dar aulas no final da tarde e à noite, tinha a seu encargo três matérias, uma delas era folclore. E aí fazíamos a festa. Com discos de pontos de macumba, de capoeira e um valioso livro de Valdeloír Rêgo, era possível atingir com as alunas, boa parte delas casadas e mães, um nível de interação sem igual. Em circunstâncias que tais, cada aula era uma festa, um momento de compartilhamento e comunhão.

Na verdade, era uma troca de aprendizado. Numa época em que nem se falava em televisão e o telefone apenas engatinhava, pessoas razoavelmente informadas vindas da mítica Bahia traziam muita informação; tinham muito o que dizer. A título de curiosidade: a música oficial tocada todas as noites no alto-falante do cinema era *Não Identificado*, de Caê, cantada por Gal. Sucesso absoluto em todos os lugares e festas era *O Pequeno Burguês*, de Martinho da Vila. Por outro lado, havia muito o que aprender da sabedoria dos caboclos, acoimados de preguiçosos somente porque não se deixaram seduzir pela sociedade de consumo. Pescavam, caçavam e plantavam apenas o mínimo necessário e suficiente. Quase não geravam excedentes. A despeito da extrema pobreza material, eram de uma generosidade impressionante. Que belos mestres eles foram!

## ENSINAR & APRENDER III

23.04.2010

Depois da experiência amazônica, o reencontro com o ensino se daria vinte e muitos anos depois. Um salto no tempo e no espaço. Das águas barrentas e temidas do Solimões para as esverdeadas e acolhedoras do São Francisco. A Universidade Católica decidiu implantar uma extensão do Curso de Direito em Juazeiro, funcionando apenas à noite. E lá estávamos. Inicialmente com Direito Civil, depois Prática Forense, na primeira turma. Com a segunda turma, não mais que uns dois semestres de Civil. Os alunos, majoritariamente adultos, já vinham de outra graduação – agronomia ou outro curso de formação de professores da UNEB. Dentre eles, bancários, funcionários públicos e empresários.

A empatia veio sem dificuldades. O meu exercício da atividade judicante permitia acesso a casos reais ainda em curso no primeiro grau. Com isso, havia uma participação muito grande do alunado que, volta e meia, aparecia no meu gabinete de trabalho para trocar ideias, obter informações e tirar dúvidas. No período da Prática Forense, a sala de audiências vivia cheia e não nos furtávamos de interromper oitivas para explicar detalhes e chamar a atenção para um ou outro aspecto mais relevante. E todos gostavam.

Tínhamos o cuidado de pedir às partes e aos seus advogados que permitissem a participação dos alunos, sob inteira responsabilidade do professor. Para os estudantes, sem dúvida, uma oportunidade única. Muito diferente de ficarem, dois ou três, sentados, calados, sem entender o que se desenrola na mesa de audiências, que é, em última análise, um teatro. Em sala, utilizando peças de processos já arquivados, eles eram levados a montar processos, a partir da inicial e indo até a apelação, passando pelos diversos recursos incidentais.

Num contexto desses, avaliações e notas são de somenos. Importa o que salta à vista, a motivação e o evidente aprendizado dos alunos. Claro que uns poucos se mantinham distantes. Normal. Fato é que as aulas nos absorviam e nos integravam. Os alunos traziam fatos concretos e, em aula, submetiam-nos à apreciação de todos, colhendo opiniões e estabelecendo estratégias de ação. Todos aprendiam. Talvez um trabalho desses só possa ser feito em condições especiais, com turmas de tamanho reduzido. Impensável algo sequer parecido com turmas de cento e muitos alunos. O distanciamento imposto pelas condições de vida nos grandes centros é, por si só, um óbice para trabalhos da espécie.

Novo corte no tempo. Agora na UFBA, em Salvador, por dois semestres, após uma seleção simplificada. Mais uma vez, com Civil. Situação inteiramente nova. Muitos alunos, espalhados na sala enorme e intimidante. Em maioria, jovens que tinham no curso a única atividade regular. A comunicação era difícil. Os truques de outrora aqui se mostraram inúteis. O velho conceito sociológico, quase perdido em algum escaninho da memória, domina o pensamento: no interior as pessoas estão distanciadas fisicamente, mas espiritualmente muito próximas. Aqui, no grande centro, é o inverso. Mais ainda, entre eles a interação é mínima. No geral, o professor, desconcertado, busca captar atenções e só obtém o silêncio e a indiferença. Bem verdade que uns poucos se aproximavam. Vez por outra, terminada a aula, demorávamo-nos um pouco a trocar idéias e discutir questões práticas de ordem profissional. Três deles surpreenderiam, mais tarde, já formados, quando, individualmente, nos procurariam para discutir opções de caminhos a seguir. Alegra-nos ver, vez por outra, um deles, em rede nacional, dando conta de seus sucessos como delegado federal. Sem choro e sem vela, enterrou-se ali a minha atividade de professor. Tempos depois, num gesto carinhoso, um velho amigo fez o convite para substituí-lo na cadeira de

Processo Civil, pois estava se aposentando. Foi só agradecer e recusar. A atividade acadêmica é passado, somente passado...

\*\*\*

Noite dessas, insone, deparamo-nos, num dado canal fechado, com o início do filme *“Escritores da Liberdade*, de Richard La Gravanese, com Hilary Swank e Scott Glenn, de 2007. Valeu a pena. A história é muito boa. O diretor se inspirou na publicação, em 1999, dos diários dos alunos de uma professora que não aceitou a indiferença deles, a maioria envolvida em gangues de jovens. Ela foi à luta, perdeu o marido e se indispôs com os dirigentes do sistema educacional. No final, ganhou muito mais que o simples respeito e admiração dos alunos. Aprenderam, cresceram e mudaram juntos.

É. É. parece que a atividade de professor oferece duas opções: acomodar-se e fazer vista grossa acreditando que a educação está falida, ou tentar algo novo, apostando no potencial dos alunos, ainda que se tenha de lutar sozinho. Erin Gruwel, a professora G como queriam os alunos do filme, apostou todas as suas fichas na segunda opção e ganhou. É bem a prova do verso do poeta santamarense: aprendeu muito mais do que ensinou. E como ensinou!

## UM POUCO DE ANAYDE BEIRIZ

14.05.2010

É incrível a capacidade que têm certas pessoas, especialmente políticos, de torcer os fatos de uma forma tal que acaba dando-lhes uma dimensão totalmente diversa da real. Impressiona ver como a um assunto de ordem privada pode ser dada uma conotação pública. Pior: pode servir para justificar desmandos e iniquidades. Um fato assim, particular e sem qualquer vinculação política, ocorrido na Paraíba em 1930, acabaria por justificar o golpe que mergulharia o Brasil numa ditadura de quase 15 anos. A Sexta vai tentar decodificar.

Algumas mulheres à frente do seu tempo acabaram deixando sua passagem gravada de forma indelével nas páginas da História. O Brasil tem tido alguns bons exemplos. A Sexta volta e meia faz questão de recordar algumas dessas figuras ímpares. Pois bem, nas décadas de 20 e 30 do século passado, na ultraprovinciana Paraíba, viveu uma delas. Oriunda de família humilde, formou-se no Curso Normal aos 17 anos e dedicou-se a alfabetizar os pescadores da Vila de Cabedelo; poetisa, fazia versos que causavam impacto na sociedade. Não só isso: escrevia regularmente para jornais e, numa época em que as mulheres não podiam votar, defendia a participação delas na política. No plano pessoal, então, é que escandalizava o conservadorismo da época. Usava pintura no rosto, cabelos curtos, blusas decotadas, saía às ruas sozinha, fumava e assegurava a quem quisesse ouvir que não queria ter filhos. Em suma, uma mulher nascida pelo menos 50 anos antes do seu tempo.

Pelos azares da sorte, a jovem e bela professora, conhecida como a “pantera dos olhos dormentes”, vencedora de um concurso de beleza, acabou ligando sua vida à de um jovem advogado e político. Anayde Beiriz e João Duarte Dantas

formavam o que se poderia chamar de um casal moderno, acima das convenções e dos valores da época. Ocorre que o então cacique da Paraíba e correligionário de Getúlio Vargas, João Pessoa, era adversário de João Dantas. O grupo de Vargas, derrotado nas eleições de 1930 por Washington Luís, vivia a conspirar, sem sucesso. Depois do conflito político, que ficou conhecido como a Revolta de Princesa, os adversários de Pessoa foram duramente perseguidos. Dantas se refugiou em Recife, de onde continuou sustentando a relação com Anayde por cartas.

Irado, João Pessoa mandou que a polícia invadissem casas e escritórios de seus adversários sob a desculpa de procurar armas e munições. Um dos locais estourados foi o escritório de Dantas. Como não localizaram nada que pudesse interessar, depredaram tudo e acabaram arrombando um cofre onde estava guardada a correspondência dele, inclusive cartas e poemas de amor de Anayde. Não satisfeitos com a depredação e invasão de privacidade, comparsas de Pessoa passaram a divulgar, nas páginas do jornal governista *A União* e em outros órgãos da imprensa estadual ligados ao governo, o conteúdo das cartas e poemas como forma rasteira de atingir a honra de Dantas. O resultado não poderia ser outro. Em 26.07.30, quando se encontrava na Confeitaria Glória, em Recife, na companhia de Agamenon Magalhães e Caio Lima Cavalcanti, João Pessoa foi surpreendido por João Dantas, que atirou contra o peito do Presidente da Paraíba, matando-o ali mesmo. No melhor estilo nordestino, acabara de lavar com sangue a sua honra.

Sozinha, coagida pela sociedade local prenhe de razões de ordem moral e política, Anayde abandonou sua residência e foi morar num abrigo de freiras em Recife. De lá, passou a visitar o amado, que estava preso na Casa de Detenção. Passados alguns dias, João Dantas foi encontrado morto, degolado, na sua cela. A versão oficial é de que foi suicídio.

Anayde morreu poucos dias depois, supostamente por auto-envenenamento. Por força desses acontecimentos, a poetisa e ativista Anayde Beiriz foi jogada no ostracismo.

Os líderes da Aliança Liberal, Vargas à frente, colheram a oportunidade para culpar o Governo Federal pela morte de João Pessoa. A conspiração ganhou impulso até desembocar no golpe de 30, que depôs o Presidente Washington Luís e pôs fim à República Velha. Uma Junta Militar assumiu o governo e depois entregou a chefia do Governo Provisório a Getúlio. Começa aí a Era Vargas. Com poderes extraordinários, Getúlio se articulou e se fortaleceu. Em novembro de 1937, instituiu a ditadura fascista no Brasil, lastreada na “Polaca”, a Constituição elaborada por Francisco Campos, o “Chico Ciência” de má memória. E a longa noite ditatorial só terminaria em 1945, com a eleição de Dutra, candidato de Vargas.

E Anayde? Ah, ela seria reabilitada somente em 1983, quando foi lançado no Brasil o filme de Tizuka Yamasaki, *Parahyba Mulher Macho*, com Tânia Alves no papel de Anayde. O filme se baseou no livro de José Joffily, *Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30*. Como se vê, a capacidade que têm os políticos de torcer, adaptar e transformar os fatos de molde a que atendam a suas conveniências é imensa. Vale a indagação: ao longo da história, quantos fatos como os de Anayde serviram aos escusos interesses de grupos políticos?

## UM FILME. UM LIVRO

21.05.2010

O linguajar sertanejo tem uma expressão muito própria para definir uma coisa, fato ou pessoa diferenciada: “É bom todo”. Pronto. Aí está a definição definitiva de *O Segredo dos Seus Olhos* (*El Secreto de Sus Ojos*, no título original). Verdade. O longa hispano-argentino que faturou o Oscar 2010 na categoria de Melhor Filme Estrangeiro é excelente desde o título até o final, quando se fecha a porta do gabinete.

Título tão bonito nos levou a divagar sobre o mundo de coisas que já se escreveu e produziu, no campo da ciência e das letras, sobre a magia e a força do olhar. Afinal de contas, é pelo conduto dos olhos que as pessoas expressam o que realmente sentem e pensam. Os olhos, se bem entendidos e perscrutados, falam mais, muito mais que as palavras. Por eles se pode chegar ao íntimo das pessoas; por esta razão é que são acoimados de janelas da alma. Por essas e outras é que Vinícius, o eterno poetinha, versejou: “Que olhos os teus/São cais noturnos/Cheios de adeus/São docas mansas/Trilhando luzes/Que brilham longe/Longe dos breus. Quanto mistério/Nos olhos teus/Quantos saveiros/Quantos navios/Quantos naufrágios/Nos olhos teus...”

É por aí. O filme dirigido por Juan José Campanella, com Ricardo Darin, Soledad Villamil e Guillermo Francella, é tão bom e tão bem-feito que consegue manter o espectador interessado da primeira até a última cena. Conseguiram juntar num só filme os mais diversos gêneros do cinema. Tem suspense, drama, romance, policial, comédia e denúncia política. Ambientado no final do desastrado governo Isabelita Perón, início da ditadura militar, transmite o clima pesado que asfixiava a Argentina e amedrontava as pessoas. O protagonista, Benjamin Espósito (Ricardo Darin), propõe-

se a escrever um livro sobre um caso que investigou no passado e que trouxe sérias consequências para todos os envolvidos. A partir deste mote, o filme se desenrola intercalando cenas do presente e do passado, desnudando muito da maneira de ser e viver desse povo maravilhoso, culto, cordial, passional e apaixonado que é o argentino.

Sem perder o ritmo e o domínio, Campanella, tarimbado diretor de séries da TV norte-americana, vai apresentando aos poucos os personagens, os acontecimentos e os fatos. O trio dos personagens principais tem atuação inatacável. Mais ainda, a química que se estabelece entre eles é incrível. Espósito, Irene e Pablo Sandoval são tão reais, tão humanos que o espectador se vê envolvido como se revivendo uma experiência. Ainda assim, a gente pode até saber o final, mas torce do mesmo jeito. E é por esta razão que nos comovemos com a morte de um dos personagens, mas vibramos e nos alegamos no final, quando a insegurança, a falta de coragem e de iniciativa – seria complexo de inferioridade? – de Espósito se resolve de forma magistral. Sintetizando: É lindo!

\*\*\*

Agora, a Sexta sai do cinema e da tão querida Argentina e viaja no tempo e no espaço para voltar a percorrer outra terra maravilhosa, a inescrutável Sicília. Que ninguém se engane. Sob o aspecto geopolítico a ilha é parte da Itália. Entretanto, cultural e espiritualmente, é um mundo à parte. É vero!

Quem nos conduz para o mundo diferente encravado nas montanhas da Sicília, até os cantos mais íntimos da Villa Donnafugata, é a americana Marlena de Blasi, através do seu livro de viagem *Um Certo Verão na Sicília - Uma História de Amor*. Editado no Brasil, em 2009, pela Objetiva, com tradução de Paulo Afonso, é seguramente um dos melhores livros que este escriba leu nos últimos tempos.

A Villa Donnafugata é um refúgio criado pela proprietária, Tosca Brozzi, para viúvas, mães solteiras e homens sem

lar. Ali não se sabe se a vida que se vive é a de três milênios atrás, de meados do século XIX ou do século XX. O tempo se funde de tal forma que as pessoas cultuam Deméter, a deusa grega dos grãos, da fertilidade e da maternidade, e não fazem distinção entre Deméter e Maria, mulheres que sofreram a perda de seus filhos: aquela, quando Perséfone foi raptada por Plutão e levada para o Hades; esta, com a morte de Jesus. Sem problemas. A Sicília da berinjela, do tomate, do azeite e das flores é também a terra do silêncio, dos clãs e das mulheres fortes e sofredoras. Ali não se faz distinção entre o sagrado e o profano.

*Um Certo Verão na Sicília* conta uma história de superação e de amor. Trata do sonho de um príncipe de verdade, que resolve transformar os servos da gleba em agricultores independentes, capazes de produzir, gerar excedente e viver dignamente com suas famílias. Ainda que tal reforma agrária se oponha ao poder e aos interesses dos clãs, ele consegue dar a partida e o sonho acaba virando realidade. Depois, bem depois, Tosca virá para dar a forma final no que vai se transformar numa comunidade autônoma e independente, cravada no topo da ilha da Sicília. O livro, como assevera a autora, “é a história de gente real e de acontecimentos reais, mas é também um conto construído a partir de cenas que me foram descritas – frequentemente em italiano, mais frequentemente em dialeto – com todas as omissões e lacunas que caracterizam esse tipo de relato”. Leitura de qualidade para quem gosta do que é bom.

## QUINCAS BERRO D'ÁGUA

28.05.2010

Os títulos. Ah, sim, os títulos foram outorgados pelos jornalistas. Talvez aqueles que respondem pelas páginas policiais. Talvez. Escribas de imaginação fértil, capazes de colarem nos que freqüentam as suas colunas os títulos mais criativos que se possa imaginar. Páreo duro para os rotuladores de mirabolantes operações policiais! Pois foi assim. Pespegaram-lhe rótulos altissonantes: Senador da Gafieira, Patriarca da Zona do Baixo Meretrício, Filósofo Esfarrapado da Rampa do Mercado. De quebra ainda o acoimavam de Rei dos Vagabundos da Bahia, que, convenhamos, não traz consigo a mesma imponência dos outros três. Mas o que sabemos nós de um personagem que morreu duas vezes? (Três vezes, a depender de como se faça a leitura dos fatos que chegaram ao nosso conhecimento.)

Sem pretensões de ser detalhista, é de todo conveniente lembrar que a primeira morte foi a de Joaquim Soares da Cunha, “correto funcionário da mesa de rendas estadual, aposentado após vinte cinco anos de bons e leais serviços, esposo modelar, a quem todos tiravam o chapéu e apertavam a mão.” Este primeiro passamento se deu no momento em que o funcionário modelar, na flor dos seus 50 anos, farto do convívio com Otacília, a mulher dominadora e autoritária, e com Vanda, a filha, espécie de réplica da mãe, decidiu dar o seu grito de independência. Num dia qualquer, após rotular o genro Leonardo, também funcionário público de reputação inatacável, de “bestalhão”, olhou firmemente para a mulher e a filha e gritou: “Jararacas!” A seguir, sem esperar reação ou respostas, foi-se para nunca mais voltar.

Ali morreu Joaquim e nasceu Quincas. O Berro D'água viria depois, bem depois; e quem se encarregou de contar a

história foi o espanhol Lopez, dono do boteco preferido de Quincas. Foi naquele bar que Quincas, inadvertidamente, apanhou uma garrafa destampada, cheia de um belo líquido cristalino, e entornou goela abaixo para, a seguir, soltar o grito que virou sobrenome; grito que, segundo rezam as crônicas, chegou a balançar os alicerces do Elevador Lacerda, tal a sua altura e profundidade.

A outra morte deu-se num quarto imundo de uma pocilga do Pelourinho. Nessa condição, foi encontrado por uma negra “vendedora de mingau, acarajé e outras comilanças” a quem ele prometera arranjar umas ervas difíceis de encontrar, imprescindíveis para obrigações de candomblé.

Neste ponto, chegada a hora de tratar da última morte de Quincas Berro D’água, a Sexta sai das páginas da novela de Jorge Amado e mergulha no mundo onírico do cinema. Mais precisamente, no *Quincas Berro D’água*, de Sérgio Machado. Indiscutivelmente, uma comédia muito boa, que traz todos os ingredientes sociais presentes na obra amadiana. Importa destacar que Machado fez uma releitura da obra de Amado. Preservou a espinha dorsal da novela, mas não se sujeitou à letra do texto.

Preferiu seguir o espírito da obra. Em razão disso é que o filme traz episódios e personagens que não estão no livro, mas sem distorcer a ideia básica. Assim com Manoela, a “espanhola” da excelente Marieta Severo. O espanhol Lopez dá lugar a outro espanhol, Alonso, na correta interpretação de Othon Bastos. É possível que o diretor tenha feito as alterações buscando o ritmo e a expressão mais adequada ao cinema. Verdade que esses momentos às vezes se tornam excessivos, como, por exemplo, quando o cadáver é levado para a delegacia e na cena final, no saveiro, que se alonga demais.

Sobre os atores, o mínimo que se pode dizer é que introjetaram a essência dos personagens amadianos. O grupo

principal – Quincas, Vanda, Cabo Martim, Pastinha, Pé-de-Vento e Curió – tem momentos que parecem saltar das páginas da novela, tamanha a qualidade das interpretações. Paulo José é um capítulo à parte. É o Quincas redivivo. Mergulhou de tal forma no personagem que recusou o uso de um boneco que fora preparado para algumas cenas. Além disso, só aceitou dublê na seqüência em que os amigos o jogam janela abaixo, fugindo da delegacia. O Berro D'água de Paulo José é irrepreensível. Impressiona como ele, usando apenas a boca e os lábios, transmite um sem-número de expressões, mantendo sempre um meio sorriso de deboche, como uma marca registrada do pícaro Berrito, a zombar de tudo e de todos. Outro destaque é Mariana Ximenes como Vanda, a filha de Quincas, com sua interpretação contida que se transmite, assim como a de Paulo José, com os olhares e as expressões faciais. No final, depois de uns tantos conhaques e uma “pulada de cerca” com um policial, num bordel imundo, esboça, enquanto se veste ao amanhecer, um sorriso cheio de insinuações. Estaria nascendo ali um Quincas de saias?!!

Um outro aspecto intrínseco ao filme é a forma de narração. No livro, a história é narrada em terceira pessoa. No filme, optou-se por outra solução. O narrador é o próprio Quincas. E isto dá mais um tempero já que a todo tempo ele intervém e interage com os demais personagens, sempre com tiradas e observações irônicas, capazes de extrair as mais gostosas risadas da plateia. No particular, a Sexta se pergunta se, usando o protagonista como narrador, não estaria o diretor prestando uma espécie de homenagem a outro Machado, o de Assis, aproveitando-se da fórmula narrativa consagrada no imortal *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Sem dúvida, o *Quincas Berro D'água* de Sérgio Machado marca um tempo novo do cinema nacional.

Como tem feito algumas vezes, a Sexta oferece aqui também um brinde aos sexteiros. Desta vez, os versos de

um trovador do mercado, segundo Jorge Amado: “No meio da confusão/Ouviu-se Quincas dizer:/Me enterro como entender/Na hora que resolver./Podem guardar seu caixão/Pra melhor ocasião./Não vou deixar me prender/Em cova rasa no chão/E foi impossível saber/O resto da sua oração.”

## NA BARRA DO SERINHAÉM

06.09.2010

A Sexta tem afirmado que a região mais bonita da Bahia é o Baixo Sul. Reafirma e subscreve, especialmente depois de conhecer mais um pedaço daquele mundo encantado: uma espécie de morada das águas, doces e salgadas, com seus inúmeros cursos d'água, suas paisagens exuberantes cheias de um sem-número de pequenas cachoeiras que convidam para um banho, um descanso ou simplesmente a não fazer nada e deixar o tempo passar em completa comunhão com a natureza.

Depois de vários convites recusados, decidimos aceitar passar um fim-de-semana em Barra do Serinhaém. Incrível! Ali bem pertinho da badalada Barra Grande dos hotéis luxuosos e das mansões, distante apenas uns poucos minutos de barco, está o que pode ser um dos últimos redutos conservados – e preservados – do litoral brasileiro. Bem verdade que o acesso difícil serve como um escudo de proteção.

Só há duas formas de chegar a Serinhaém. Uma é de barco, a partir de Ituberá; a outra é de carro 4x4 ou 4x2, respeitada a tábua das marés, que dita o horário em que é possível ir pela praia. Fora daí, há que se enfrentar trilhas por dentro das fazendas, rompendo o areal, alguns obstáculos aquáticos e pontes muito mal-encaradas. Assim, com o carro adequado e um motorista que conheça o traçado e saiba dirigir em tais circunstâncias, as coisas ficam muito fáceis. De Salvador vai-se até Nilo Peçanha, passando obviamente por Valença e Taperoá. Após Nilo Peçanha, toma-se uma variante à esquerda, antes de Ituberá, e se segue na direção de Pratigi passando pelo Quilombo do Jatimane, um dos mais antigos e organizados do Estado, com a economia voltada para o cultivo e beneficiamento de piaçaba. A partir de Pratigi, vem

a parte mais interessante da viagem: se maré baixa, segue-se pela praia mais uns 16 quilômetros; se maré alta, o jeito é fazer um pouco de *off-road*, tomando trilhas arenosas.

Pela praia, o prêmio é a sempre estimulante visão do mar. Quando está calmo, quebra mansamente, as ondas beijando a areia. Aí, não tem como não lembrar de Caymmi: “o mar quando quebra na praia é bonito, é bonito”. Porém, quando está enfarruscado, já se pode ver ao longe, lá no mar aberto, os pontos de espuma branca matizando o verde monocromático; na arrebentação, as ondas batem com força, revolvendo a areia do fundo. Numa ou noutra situação, a festa para os olhos, ouvidos e alma é certa. De quando em quando, um atestado de que o mar pode e vai fazer mudanças na geografia e nas paisagens. Aqui e ali, marcas evidentes de construções tombadas e afundadas nas areias – resquícios de que a natureza também sabe cobrar as ofensas que lhe fazem.

A trilha, por seu turno, oferece um sem-número de visões estonteantes: uma variedade de bromélias de folhas amareladas e flores vermelhas e amarelas, ofertadas em galhos de mais de 30 centímetros. E são muitas, verdadeiros jardins nativos que de repente misturam-se com as flores vermelhas das bananeiras de decoração. Tudo isso encontra-se em meio a um mundo de samambaias, que cobrem de cima a baixo as imensas palmeiras de dendê. Para completar, sagüis e muitos pássaros canoros. Reinando absoluto, um imenso e antigo manguezal, esse riquíssimo ecossistema com sua capacidade inesgotável de produzir alimentos. Suas árvores avultadas chamam atenção. Se respeitado e tratado como deve ser, alimentará por muitos e muitos anos os habitantes da região.

Súbito, estamos na Pousada Recanto da Natureza, de Emerson Hora, mais conhecido como “Cinho”. Educado e atencioso, recebe-nos com toda atenção. O lugar é idílico. A pousada, pequenina, fica estrategicamente escondida pelo coqueiral. E de longe só se podem ver alguns pedaços

do telhado. Mais? Bem, do quarto até a praia não é preciso andar nem 50 metros. Mais ainda? A água é morninha e aconchegante. É soltar o corpo e deixar que aquela moleza gostosa o invada. Ah, no quesito alimentação, nem pensar em carne: peixes, mariscos e frutos do mar em geral. Os preços? Ainda muito distantes dos que se pratica em Salvador.

Serinhaém, à esquerda de quem olha para o mar, e Barra Grade, à direita, posicionam-se como duas grandes pinças que convergem em direção ao Atlântico, como se quisessem abraçá-lo exatamente naquele ponto em que se inicia a portentosa Baía de Camamu. Um mundo de água salgada que sufoca os deltas dos rios Acaraí, Serinhaém e Maraú. Deságuam os três ali, naquele mesmo ponto, e não fogem do seu imemorial encontro com o mar. Em troca, fica um pedaço do paraíso e algumas provas da pequenez dos humanos. Entre estas, o porto natural de Campinho, com seu canal de mais de 50 metros de profundidade, que está abandonado desde o fim do governo Juscelino. Para contrastar, querem fazer em Ilhéus um porto artificial que irá causar sérios danos ao ecossistema, inclusive com risco de destruição da Lagoa Encantada.

No mais, é alugar um barco e sair parando pelas ilhas e pelas praias de Serinhaém, comendo uma coisa aqui, bebendo outra ali, mergulhando e nadando acolá, curtindo um cantinho da Bahia onde ainda é possível passar três dias sem celular, sem internet e com uma televisão de imagem tão ruim que é melhor pegar um livro ou dormir mais cedo. Aí está. A questão agora é saber se algum sexteiro vai encarar

## SUA BÊNÇÃO, HERMÍNIO BELO DE CARVALHO

11.06.2010

Não. De Copa do Mundo a Sexta não vai falar. Melhor que termine logo porque fica difícil aturar tanta badalação. Ao fim e ao cabo, como ensinou Garrincha, não passa de um campeonato mixuruca. Nem retorno tem! A Sexta se sente na obrigação de informar aos mais novos e aos desinformados que Garrincha foi o único jogador de futebol fenomenal que o mundo conheceu. Tinha as pernas tortas e um lado do corpo visivelmente mais alto que o outro. Outro talvez fosse até inválido; ele, não. Driblava como nunca se viu, fazia gols incríveis; tudo isso sem abrir mão de muita birita, muitas noitadas e muitas, muitas mulheres. Uma força da natureza solta pelos campos da vida, enchendo os olhos e alegrando os corações de tantos quantos o viram jogar com a alegria, a irreverência e a picardia, hoje ausentes das suntuosas arenas que substituíram os campos de futebol.

O tema da Sexta hoje é poesia. Não a de versos intelectualizados e de difícil entendimento. Aqueloutra que canta, de forma direta e sem rodeios, as dores e alegrias que inundam os espíritos. Tudo a ver com o dia consagrado aos namorados. Está certo: esses dias não passam de invenções do comércio. A Sexta concorda. O diabo é fazer com que as pessoas entendam isso. Ah, deixa andar! Namorar é bom, tira rugas e faz bem à saúde; portanto, todo dia é dia de celebrar. Todo dia é dia de namorado. Alguém andou afirmando que letra de música não é poesia. Entretanto, Agripino Grieco, ainda o mais temido e respeitado crítico literário do Brasil, considerava o verso de uma letra de música o mais belo e perfeito da literatura brasileira. Qual? “Tu pisavas nos astros distraída”, de Orestes Barbosa, naquele hino feito em parceria com Sílvio Caldas, *Chão de Estrelas*. Lembram?

Feitos os prolegômenos, passemos a lembrar alguns versos, todos da lavra de um único compositor brasileiro. A Sexta esclarece que não houve qualquer critério específico de escolha. Aos versos: “Compor, saibam vocês/é mais que um desatino/é esmiuçar a dor fio a pavio/Ofício que deságua o sofrimento/Ê escoar-se inteiro como um rio.” “Meu medo sentir saudade/Da saudade que fugiu”. “Me perdi de mim/Não achei mais nada/O que vou fazer?/Mas eu queria tanto/Precisava mesmo/Abraçar você.” “Tristeza rolou dos meus olhos/de um jeito que não queria/e manchou meu coração.” “Toma jeito, coração/joga fora o azedume/pois remoer o passado/sempre foi um mau costume.” “Eu sou dessas samambaias/que amarelam tristonhas/dessas que o povo chama/de samambaias choronas.” “Se o problema é pedir, implorar/Vem aqui, fica aqui, pisa aqui neste/meu coração/que é só teu/todinho teu/E o escorraça e faz dele gato-sapato.” “Vem que o sol raiou/os jardins estão florindo/tudo faz pressentimento/que este é o tempo ansiado/de se ter felicidade.”

E vamos nós: “Se eu lembro de suas palavras/Me vem o suor/E o sangue me ferve/A cabeça esquenta/E eu fico pior/Me devolvo aos meus travesseiros/E perco meu sono/Que coisa ruim/Eu só sei que a imagem dela/pregada na insônia/Não desgruda de mim.” “Meu lado negro para você é um açoite/Quanto mais eu me ilumino/Pra você eu viro noite/Quem descose a realidade/falsidade quer vender (...) Qual seda falsa, a mentira não/convence/pois mais dia, menos dia/a verdade chega e vence (...) E o amor? É o amor do próprio amor/Ê o amor que pinta e borda/E recose o próprio amor.” “Ela foi na quarta-feira/e até hoje não voltou/alegria foi com ela/a saudade é que ficou/A saudade não é verbo/que se possa conjugar/Sei que é substantivo/feminino singular.

”Bonito. Muito bonito. Mais ainda, puro sentimento. Poesia que não se aprende na escola com regras de métricas,

redondilhas e rimas ricas. Sabem? “A vida não é só isso que se vê/é um pouco mais/que os olhos não conseguem perceber/e as mãos não ousam tocar/e os pés recusam pisar.” O poeta autor desses e de muitos outros versos que andam por aí, na boca do povo, especialmente nas rodas de samba, é o mesmo que escreveu: “Não sou eu quem me navega,/quem me navega é o mar.” É por aí. A Sexta, assim meio que o crioulinho do samba de Stanislau Ponte Preta, começou falando de futebol sem querer, misturou Dia dos Namorados, amor e sentimento, para enfim homenagear este extraordinário poeta-compositor que é HERMÍNIO BELLO DE CARVALHO, carioca do subúrbio de Ramos, cuja vida se confunde com alguns dos mais importantes momentos da música popular brasileira. E não só como compositor.

Incentivado por sua atuação no Zicartola, o emblemático restaurante de D. Zica e Cartola, criou O Menestrel, movimento de vanguarda que envolvia poesia e música (popular e erudita). Realizou, entre tantos outros, o histórico espetáculo Rosa de Ouro, que promoveu a volta aos palcos de Aracy Cortes e revelou ao Brasil a voz e o repertório de Clementina de Jesus. Parceiro da mais fina flor da nossa música (Dona Ivone Lara, Baden Powell, Sueli Costa, Elton Medeiros, Paulinho da Viola, Martinho da Vila, João de Aquino etc.), também letrou músicas deixadas por Jacob do Bandolim, Villa-Lobos, João Pernambuco e Chiquinha Gonzaga. Querem mais? Então que o diga Caetano, o Caê de Santo Amaro: “Hermínio é o nascimento de Clementina de Jesus, o renascimento de Aracy Cortes, o encontro com o corpo glorioso de Assis Valente. Para mim, ele tem sido uma referência fundamental no Rio de Janeiro esses anos todos. Devo-lhe um jardim de rosas de ouro.” É. É.

## ADEUS, SARAMAGO

18.06.2010

“O mundo ficou ainda mais burro e ainda mais cego hoje.” Evidente que o desabafo do cineasta Fernando Meirelles está permeado pela emoção de quem privou da intimidade do escritor que se foi. Não é, contudo, muito diferente da nossa forma de encarar essa questão. Estamos convencidos de que o mundo fica mais pobre – ou um pouco melhor – a depender de quem morre. Quer nos parecer que não há uma renovação de valores. Vão-se os poetas, os compositores, os artistas, os escritores, os pensadores; enfim, todos aqueles que contribuíram para minorar as agruras do dia-a-dia. Em troca, pouco, muito pouco. Às vezes, bate a sensação de que determinados personagens são únicos. Vêm, deixam suas marcas e se vão. Assim como o artista que sobe ao palco, faz uma apresentação única e inesquecível e, de repente, curva-se em agradecimento ao público e, simplesmente... sai de cena para não mais voltar.

E o fato se repete. Enquanto, lá na árida ilha de Lanzarote, trabalhava a ideia de um romance sobre o tema atualíssimo da indústria do armamento e a ausência de greves nesse setor, José Saramago foi colhido pela morte sem pompas, dores ou circunstâncias. Acordou, fez a primeira refeição do dia ao lado da companheira Pilar e, logo a seguir, foi-se com outra mulher por ínvios e insondáveis caminhos. E aqui uma curiosidade: ele próprio foi quem abraçou essa ideia da feminilização da morte. “Agradou-me muito a idéia de que, pelo menos no nosso país e nesses do lado de cá, digamos latinos, creio, a morte é ‘uma’ morte. A morte para mim é feminina.” Dizia ele que a nossa única defesa contra a morte é o amor. Por isso afirmou: “Não namoro a morte. Escrevi sobre ela. Terei escrito sobre a morte realmente? No fundo, acho que não.

Porque, em primeiro lugar – e isto parece bastante óbvio –, escrever sobre a morte, no fundo, é escrever sobre a vida.”

Foi assim. Aos 87, José de Souza Saramago, o escritor autodidata, nascido em Azinhava, uma aldeia ao sul de Portugal, filho de agricultores sem terra que abandonou a escola aos 12 anos para se tornar serralheiro, foi-se. Ficou uma sólida obra literária e o ideal libertário. Ateu e comunista, chocou-se vezes sem conta com a sociedade, o clero e o governo português. Empolgado pela revolução cubana, dela fez múltiplas e calorosas defesas. Até que um dia escreveu: “De agora em diante, Cuba segue seu caminho, eu fico aqui. Cuba perdeu minha confiança e fraudou minhas ilusões.” Harold Bloom, o respeitado crítico norte-americano afirmava que Saramago era o maior romancista vivo. Ao lhe outorgar o Nobel em 1998 – o primeiro e único dado a um escritor de língua portuguesa –, a Academia Sueca justificou o título pelo fato de sua obra permitir a contínua captação de uma realidade fugitiva por meio de parábolas sustentadas com imaginação, compaixão e ironia.

Da extensa bibliografia deixada por Saramago, a Sexta se atém com entusiasmo – já manifestado noutras ocasiões – a três títulos. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, onde o autor humaniza a vida de Jesus e não se furta em aludir a uma eventual relação dele com Maria Madalena. Por força dessa humanização, o livro foi considerado blasfemo por alguns setores do clero, da sociedade e da política de Portugal. Em consequência dos ataques e retaliações, ele optou por ir morar em Lanzarote, nas Ilhas Canárias. Pouco importa a posição dos que atacaram a obra. Eles passaram, ela ficou. Uma espécie de marco da literatura portuguesa do século XX. Algumas partes do livro são antológicas, seguramente entre as melhores que já tivemos oportunidade de ler. A extensa conversa de Deus, Jesus e o Diabo, num borrascoso dia no lago de Tiberíades, é por si só um momento único da criação literária. O contexto,

os diálogos e a densidade das ideias esposadas e debatidas ali tornam a obra imorredoura.

O segundo é o *Ensaio Sobre a Cegueira*. Uma duríssima parábola da condição humana, capaz de causar arrepios tamanha a maldade e a insensibilidade dos personagens. Saramago afirmou que “a cegueira, como é chamada no livro, é uma cegueira histórica. A história da humanidade é um desastre contínuo, sem um momento de paz.” Resumando amargura e decepção, fez questão de deixar claro que o homem não merece ser dotado de inteligência e razão. “O instinto serve melhor aos animais que a razão serve ao homem. O animal provavelmente é uma espécie de código genético, que o faz fazer as coisas sempre da mesma maneira, obedecendo esse código. Em princípio, para se alimentar, tem que matar o outro ou o que seja. É a sobrevivência. Mas nós não, quer dizer, nós matamos por prazer, enfim por gosto. Mas nós estamos todos cegos. Cegos da razão porque não usamos a razão para defender a vida. Usamos a razão para destruí-la. No plano privado, no plano coletivo, de todas as maneiras. É contra isso que foi escrito o *Ensaio Sobre a Cegueira*.”

O terceiro é também o último livro publicado por ele e foi assunto de uma outra Sexta: o excepcional *Caim*. Outro mergulho de Saramago sobre os textos bíblicos, onde ele sustenta que Deus foi, em última análise, responsável pelo primeiro homicídio de que se tem ciência. Para não se alongar sobre tema já visto, a Sexta limita-se a transcrever: “A história dos homens é a história dos seus desentendimentos com deus, nem ele nos entende a nós, nem nós o entendemos a ele.” É. É. Fiquemos com Fernando Meirelles. O mundo está mais cego hoje.

## O ABORTO. UMA ABORDAGEM

02.07.2010

E não se diga que foi por falta de aviso: os políticos mudaram o horário do desfile do Dois de Julho para impedir o choque com o horário do jogo. Assim, garantiriam a presença do populacho. Mexeram com coisa séria. A Cabocla se retou. Largou uma flechada e aí está o resultado: Holanda 2, Brasil 1. Agora, resta perguntar: chorar no pé de quem?

\*\*\*

Não é o caso de discutir se é uma questão de genética ou herança cultural. Poderia ser o tal instinto materno. Num dos verbetes do Aurélio, “instinto” é definido como sendo as “forças de origem biológica inerentes ao homem e aos animais superiores, e que atuam, em geral, de modo inconsciente, mas com finalidade precisa, e independentemente de qualquer aprendizado.” Parece ser inata nas mulheres – nem todas, é claro – a vontade de ser mãe. A impressão que fica para o observador é que há uma espécie de força poderosa que move as mulheres nessa direção. Há muitos anos, numa das galerias de arte do Teatro da Paz, em Belém, visitamos uma exposição de fotos que tinha alguma coisa a ver com maternidade e aleitamento. Uma delas, pela força que transmitia, cravou-se para sempre na memória. O autor conseguiu captar a troca de olhares entre mãe e filho no momento da amamentação. A força que havia naqueles olhos era muito forte. Não dá para descrever. Um momento único de uma beleza ímpar!

Este é, sem dúvida, um tema que comporta ampla e profunda discussão. A Sexta não é o foro adequado para tanto.

Limita-se a registrar alguns fatos e emitir sua opinião. A exemplo, duas mulheres, maiores de 40, que haviam decidido não ser mães. Realizadas profissionalmente, resolvidas e respeitadas nos respectivos círculos sociais, tocavam a vida

até que foram surpreendidas com a necessidade de uma histerectomia. Até aí, tudo bem. Ninguém discute força maior, ainda mais em matéria tão delicada. O problema viria depois. Quando se deram conta de que não poderiam ser mães, entraram em parafuso e tiveram dificuldade para superar a questão. Não foi fácil. Felizmente, deram a volta por cima. Verifica-se, portanto, que existe, sim, uma força mais poderosa. Talvez as duas guardassem no subconsciente a certeza de que estavam no comando. A decisão de não parir poderia ser revertida por um simples ato de vontade. As cirurgias mudaram a equação. Tinham perdido o comando. Agora, havia uma impossibilidade orgânica, física.

Bem, até aqui a Sexta tentou sustentar a premissa de que as mulheres são naturalmente inclinadas para a maternidade. Noutras palavras, ser mãe seria uma espécie de apanágio das mulheres. Esta condição inata tanto pode ser decorrente de fatores orgânicos como sociais; ou dos dois. Por força de variáveis outras, algumas delas estariam imunes a tal contingência. Nada demais.

Daqui em diante, como corolário dessa premissa, vamos tentar abordar um ângulo diferente de uma questão tormentosa, qual seja o aborto. Sim. De modo geral, essa questão é abordada sob a ótica da religião, da saúde pública e do direito. O pior disso tudo é que não se vê uma discussão equilibrada. Normalmente, as paixões afloram e um assunto de tamanha importância para a sociedade acaba sendo tisonado pelo radicalismo e pela emoção, sabidamente péssimos conselheiros. Pior: esquecem de considerar o mais importante, a dor da mulher que se submete – ou é submetida – a um aborto.

Um dos mais tocantes textos escritos sobre essa matéria é *Carta a um Menino que Nunca Nasceu*, publicado em 1975, da extraordinária Oriana Falacci. Não é um texto de ficção. É o relato emocionante de uma mulher que engravidou por

acaso, foi aconselhada a abortar, considerou a possibilidade, decidiu não fazê-lo, mas acabou abortando espontaneamente. Aliando o texto da inesquecível jornalista com as informações que tem do dia-a-dia, a Sexta afirma que não há mulher que consiga sair intata desse processo. Dia desses, ouvimos alguém afirmando que as mulheres choram antes e depois. Não há como ser diferente tamanha a sua violência e brutalidade. Ninguém aborta porque quer. O aborto, como o suicídio, é uma contingência, um momento ao qual ninguém pode afirmar estar imune. A decisão é tomada sob a pressão de uma conjunção de fatores que acabam por fragilizar a mulher, tornando-a indefesa. Uma decisão pessoal, é verdade, mas viciada pelo desespero e pela dor das circunstâncias.

É exatamente isto que a Sexta quer considerar. A criminalização do aborto é um crime maior; não leva em conta as circunstâncias em que ocorre. O furor religioso só faz agravar o sofrimento. A discussão sobre o direito de dispor do próprio corpo também não vai levar a lugar algum. Importa, isto sim, respeitar a dor da mulher. Atirar pedras e pespegar rótulos é muito fácil. Difícil é tentar fazer um processo de empatia para entender como uma pessoa busca solução tão extremada e violenta. Não é uma questão de apoiar ou não apoiar. É mais profundo. Como não se pode pretender impedir que ocorra – já que não é fruto da vontade de uma pessoa, mas de um conjunto de causas extrínsecas de ordem social, educacional, financeira e moral –, resta-nos ser solidários. Isto não quer dizer apenas abraçar, dar o ombro e chorar junto, mas compreender e ajudar para que as mulheres que abortaram possam se reerguer e tocar a vida, embora guardem para sempre consigo uma profunda dor.

Por tudo isso, a Sexta encerra com um trecho do livro de Oriana: “Coragem, menino. Julgas que a semente de uma árvore não precisa de coragem quando penetra a terra e germina? Basta um golpe de vento para a arrastar, a patita

de um rato para a esmagar. E no entanto, ela germina e resiste e cresce e dá novas sementes. E torna-se floresta. Se algum dia gritares: “Por que me lançaste ao mundo, por quê?”, responder-te-ei: “Fiz o que fazem e fizeram as árvores, durante milhões e milhões de anos antes de mim, e cuidei de fazer bem.”

## CIDADANIA E IGUALDADE DE DIREITOS

09.07.2010

A Constituição Brasileira consagra o princípio da igualdade entre todos os cidadãos. Este princípio não surgiu com essa colcha de retalhos que um dia, talvez sob os eflúvios de uma certa aguardente de *poire*, foi pomposamente chamada de constituição cidadã. Não. Vem de muito antes. Até mesmo a de 1967, da ditadura militar, consagrava-o. Tem suas origens na Revolução Francesa. Está agora expresso no início da cabeça do art. 5º, inserto no título Dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição de 88: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...” Não é uma assertiva muito feliz. É possível até que esteja torcida. Afinal de contas, não há porque todos sermos iguais perante a lei. Mais correto seria estabelecer que *a lei é igual para todos*. Não é. De uma forma ou de outra, o que se tem na prática é que se todos são iguais perante a lei, alguns são mais iguais. Este pequeno detalhe é que consagra um sistema injusto e cheio de privilégios.

Em conversa sobre o tema, uma respeitada juíza chamou a atenção para um curioso aspecto do Código de Processo Civil. O princípio assente em matéria de processo é de que ganha a causa quem fizer melhor prova. Alguns chegam a afirmar que processo é prova. Aí é que mora o perigo. Se é assim, as partes não são iguais perante a lei processual porque quem tem mais condições materiais pode, obviamente, produzir melhor prova. Não há como discutir ou discordar. Bons peritos e assistentes técnicos custam caro, logo...

Neste momento, estamos sendo bombardeados por uma carga insuportável de notícias geradas pela imprensa sensacionalista. As matérias são repetitivas e irritantes. A Copa do Mundo, que dominava as atenções – e que também

já não dava para aturar – passou lá para o plano infinitesimal. A ordem do dia agora é a história do suposto crime do futebolista. Como de praxe em casos da espécie, a imprensa atua de duas formas complementares: primeiro, levanta a opinião pública contra o réu da vez; depois, sem processo, muitas vezes sem inquérito concluído, condena. A Sexta não embarca nessa. O compositor Marino Pinto, no imortal samba-canção de Herivelto Martins, ensinou que “Primeiro é preciso julgar para depois condenar.” Bom seria que fosse assim.

Dois aspectos dessa momentosa questão deixaram de ser abordados. E ambos têm a ver com o que acima foi dito. O primeiro, que nos causa uma grande perplexidade, diz respeito ao tratamento que é dado às mulheres. Impressiona a forma como se busca denegrir a imagem da vítima, olvidando o fato de que as pessoas têm o inalienável direito de viverem as suas vidas com bem lhes aprouver, desde que não causem danos nem lesões a outrem. Por conseguinte, todas as pessoas que agem dentro da legalidade são dignas de respeito, independente de quem seja ou do que façam.

Mas não é assim. Inúmeros são os registros de mulheres que procuraram as tais delegacias e juízos especializados para acabarem vítimas do descaso e não raro do deboche. Pela inação dessas autoridades, terminam espancadas, mutiladas e, para vergonha geral, mortas. Com Maria da Penha, a da lei, foi assim. Nesse rumoroso caso do futebolista, não foi diferente. A moça, espancada, ameaçada e coagida a abortar, procurou a quem de direito e não tomaram qualquer providência para resguardá-la. Um simples exame de urina para detectar substâncias abortivas levou – pasmem! – 8 meses para produzir resultado. Se não estourasse o escândalo, talvez nunca fosse realizado. A triste ironia dessa coisa toda é que, na maioria dos casos, tais delegacias e juizados são conduzidos por mulheres. Mulheres que são hoje um contingente respeitável

de representantes do Estado nas carreiras jurídicas; em muitas unidades federadas, a maioria.

Este é o primeiro dos dois aspectos de que falamos acima. O segundo vem como decorrência lógica. Os mais iguais gozam do privilégio da impunidade. São intocáveis. Estão acima das leis e desobrigados de respeitar a inviolabilidade do direito alheio. Podem tudo. E porque podem tudo, acabam fazendo o que teria feito esse moço. Pior é que o quadro se agrava num contexto de ascensão social. Jovens das camadas mais baixas da sociedade, sem uma sólida formação moral e escolar, emergem de maneira abrupta no meio social como futebolistas. Os salários são inimagináveis. É possível ganhar num mês o que profissionais de nível superior não ganham numa vida inteira de trabalho duro e ininterrupto. Aí vem um outro componente perverso: têm dinheiro, mas não são bem aceitos nos meios que gostariam de frequentar. A cabeça não consegue processar situações assim.

Acabam ostentando os carrões, as lindas mulheres e as mansões, talvez até numa forma de afrontar aqueles que não os aceitam. Carentes de amigos e de quem os aplauda, acabam caindo na zona cinzenta que sempre rondou o mundo do futebol, onde costumeiramente transitam os que estão à margem das leis e vivem regras próprias, típicas do submundo. O resultado disso, a sociedade acaba sabendo pelos meios de comunicação. Os dirigentes dos clubes bem que poderiam ajudar a mudar esse quadro. Poderiam cuidar de educar e orientar esses jovens jogadores para uma vida socialmente mais interessante. Não o fazem. Optam por cobri-los de atenções e de fazer suas vontades. Acabam sendo pessoas inaptas a essa nova vida. Têm quem cuide de resolver todas as suas necessidades do dia-a-dia, desde as mais simples, como sacar dinheiro no banco e renovar um passaporte, até as mais complexas. O resultado é uma casta perigosa de meninos mimados, cheios de dinheiro, fisicamente saudáveis, mas

despreparados para a vida. Não são poucos os que, terminada a vida de sonhos, acabam na miséria, mais iguais perante a lei do que quando tinham dinheiro. Se é triste? A Sexta não sabe dizer. Sempre foi assim.

## ADEUS, PAULO MOURA

16.07.2010

...E Paulo Moura se encantou. Quando se apaga no firmamento das artes estrela tão brilhante, abre-se um vazio muito grande no mundo encantado da música. Verdade que resta a imortalidade de quem criou uma infinidade de acordes, hoje parte do acervo cultural do país. Verdade também que já não se contará com novas criações e apresentações. Um ciclo da vida se fechou. Particularmente, ainda que a Sexta não seja assim um admirador fanático, fica a sensação de que falta alguma coisa. Primeiro, pela apresentação que não foi possível assistir. Explica-se: um dia lá no passado, fomos ao Teatro Castro Alves para assistir ao espetáculo *Mistura Fina*, com Paulo Moura, Rafael Rabello e Armandinho. Certeza de uma noite de gala. Puro engano! Depois de uma espera de mais de meia hora, Rafael vem ao palco e anuncia que não haverá show porque o produtor não lhes pagou. Pede desculpas e explica não poder fazer nada. Afinal de contas, tocar é a sua profissão, a forma que tem de garantir o sustento. Armandinho tentou contemporizar. Não convenceu os parceiros. O público entendeu, aplaudiu e se retirou em demanda das bilheteiras para reaver o valor do ingresso pago.

Fui apresentado ao mundo musical de Paulo Moura em Belém por um velho e querido amigo, grande conhecedor da música brasileira. O vinil *Encontro*, de 1984, reunindo ele, Clara Sverner, Turíbio Santos e Olivia Byington, é um dos que mais ouvi em toda a vida. Acabou virando uma espécie de amuleto. Meio que supersticiosamente, na véspera de cada uma das provas do concurso público para a magistratura, deitava no chão da sala e viajava nos acordes e letras de jóias como *Bachianas Brasileiras nº 5*, *Trenzinho Caipira*, *Eu e a Brisa*, *Manhã de Carnaval* e *Suíte Nordestina*, mais uma

seleção de músicas de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Deu certo e, também por isto, voltei a ouvi-lo vezes sem conta. Num outro disco, já da fase do CD, ele e o grupo Ociladocê tocam músicas de Caymmi; a que mais me encantou foi *Mãe Menininha*. Transformou a música lenta, uma espécie de cantochão, num ritmo ágil, dançante. Muito gostoso.

Dizer mais o quê? A imprensa já fez todas as homenagens e panegíricos devidos. De repente, sem verve e sem veia poética, a Sexta ousa registrar, como um gesto de despedida, os versos do samba enredo da Portela em 1974, de Jair Amorim/Evaldo Gouveia e Velha: “A roseira dá/Rosa em botão/Pixinguinha dá/Rosa, canção/E a canção bonita como a flor/Que tem perfume e cor/E ele/Que era um poema de ternura e paz/ Fez um buquê que/Não se esquece mais/De rosas musicais.” É isto. Paulo Moura também nos deu muitas rosas...

\*\*\*

Agora, um salto do etéreo mundo das notas musicais para o não menos mágico mundo do cinema. *Flor do Deserto* (*Desert Flower*), de Sherry Horman, americana radicada na Alemanha, é uma verdadeira ode à vida. Consegue fazer uma denúncia pesada num filme muito bonito e bom de ver. A despeito da delicadeza do tema, a diretora conduz a trama com mão firme e não se permite cair na armadilha da pieguice. Não faz da protagonista uma pobre vítima e consegue até alguns momentos de humor a par de bonitas tomadas do árido deserto. Registro especial para a beleza da modelo etíope, travestida de atriz, Liya Kebede. A cena final, na sede da ONU, quando a câmera foca somente o rosto dela e mostra os olhos brilhantes, tomados de lágrimas, refletindo a luz, é inesquecível. Lindíssima! O filme, baseado na autobiografia da modelo somali Waris Dirie, é a constatação de que o inverossímil pode ser verdadeiro. Não é o caso do sonho que se transforma em realidade, até porque o horizonte de Waris era tão limitado que não comportaria nada além de

aspirar viver um dia após o outro. Sua ascensão teve muito de acaso. Aquela coisa da pessoa certa no lugar certo. Filha de uma família nômade muçulmana da Somália, Waris Dirie, circuncidada aos três anos de idade e vendida para casar aos 13, foge de casa e vai andando, por dias e dias, até a capital, Mogadíscio, onde encontra a avó materna, que a acolhe. Lá pelo fim da adolescência, consegue ir para Londres como faxineira na casa do embaixador da Somália. Acaba nas ruas, onde arranja uma amiga, Marilyn. A nova amiga a encaminha para trabalhar numa lanchonete. Ali, a partir do momento que atrai o olhar de um influente fotógrafo de modelos, as coisas começam a acontecer. E acontecem numa velocidade estonteante: a pastora de cabras se transforma em top model, ativista e embaixadora da ONU no combate à mutilação genital feminina.

A Sexta não se permite discutir possíveis aspectos culturais desse tão brutal costume. Por princípio, é contra todo e qualquer tipo de violência e mutilação, ainda mais quando cometida contra crianças. Registra que as filmagens no Djibuti, país com grande população somali, foram cercadas de incidentes já que a equipe foi duramente hostilizada. Disse a diretora: “As pessoas nos odiaram, nos jogaram pedras porque éramos brancos que vieram para falar sobre a mutilação genital.” Não se pode esquecer que o problema existe também na Europa, com os imigrantes que trazem na bagagem a cruel tradição. Estimam-se que, na atualidade, 6.000 meninas sejam circuncidadas diariamente. No mais, fiquemos com o depoimento-libelo de Waris Dirie: “O mundo sabe que essas mutilações são erradas, mas até agora não se fez muita coisa. Não entendo porque o mundo fica só olhando.” E é para entender?

## ORTOTANASIA. UMA DEFESA

20.08.2010

Das sensações percebidas pelo corpo, a mais insidiosa e cruel é a dor. Deprime, inibe atividades, movimentos e, quando em grau mais avançado, faz a pessoa desejar a morte. Mesmo assim, a classe médica, não faz muito, resistia em atacá-la diretamente. A justificativa era a de que o importante era buscar sua causa, em cada caso, posto que a dor seria somente o efeito de alguma doença. Muito tempo se passou para que entendessem a importância de tratá-la. Nada justifica o sofrimento, especialmente quando já se conta com um arsenal medicamentoso capaz de deixá-la em níveis suportáveis e até mesmo alcançar a sua eliminação. Felizmente, nos últimos dez anos houve uma mudança de atitude e surgiram as clínicas especializadas no tratamento da dor. Vale destacar o pioneirismo dos centros universitários que levaram a sério as pesquisas nesse campo e conseguiram motivar profissionais qualificados para esse trabalho de cunho social. Aos que questionam a potencialidade dos medicamentos e a possibilidade de causarem dependência, há que se contrapor o fato de que pior, muito pior, é o sofrimento que aniquila e desmoraliza. Numa sociedade onde as taxas de morbidade caem na razão direta do aumento da expectativa de vida, ocorre naturalmente o incremento das doenças crônicas, da utilização dos remédios de uso contínuo e, também, da dor. Aplausos, portanto, aos que trabalharam – e trabalham – na incessante busca de melhor qualidade de vida para os que sofrem.

Em tese, as dores mais excruciantes vêm quando as pessoas se aproximam da fase terminal. Neste caso, o que menos importa é a morte. É um fato natural e inevitável. Um destino a que todos os seres vivos se dirigem. Uns vão rápido; outros, lentamente e com muito sofrimento. Não há como fingir que ela não existe. Podemos até fazer como

Mário Quintana e tratar o assunto com humor e até uma certa ironia, só não podemos é fugir da única certeza que temos na vida: “Um dia...pronto! me acabo./Pois seja o que tem de ser./Morrer que me importa?...O diabo/É deixar de viver!” Noutro momento: “Tenho pena da morte – cadela faminta – a que deixamos a carne doente e finalmente ossos, miseráveis que somos...O resto é indevorável.”

Por força dessa questão é que vem se travando, nos bastidores dos meios médicos e jurídicos, uma discussão que parece não ter fim mas que já registra alguns resultados positivos. Discute-se Eutanásia, Distanásia e Ortotanásia. Conceitualmente, a primeira é a morte provocada por sentimento de piedade à pessoa que sofre. A Eutanásia não espera a morte acontecer, antecipa-a. Está fora de cogitações porque a legislação penal brasileira entende como uma forma de homicídio. Distanásia é a morte com sofrimento em razão da persistência terapêutica em paciente irrecuperável. Na prática, ela é a prorrogação do sofrimento da pessoa. A respeitada mestra do Direito, Maria Helena Diniz, em O Estado Atual do Biodireito é bem clara: “Trata-se do prolongamento exagerado da morte de um paciente terminal ou tratamento inútil. Não visa prolongar a vida, mas sim o processo de morte”. Finalmente temos a Ortotanásia (do grego orto = “certo” + thanatos = “morte”), que é a morte natural, correta, sem interferência da ciência. Ela permite ao paciente morte digna, ao deixar que a doença evolua e siga seu percurso. Frente ao Código Penal Brasileiro, é conduta atípica. Não é causa de morte da pessoa porque o processo já está instalado. A doutora Maria Tereza Rodrigues, em Bioética e Direito (1999), leciona: “Desta forma, diante de dores intensas sofridas pelo paciente terminal, consideradas por este como intoleráveis e inúteis, o médico deve agir para amenizá-las mesmo que a consequência venha a ser , imediatamente, a morte do paciente”.

Esta a questão posta. Não cabe discutir a morte, marco natural na vida de todos os seres vivos; impõe-se, isto sim, discutir o processo de morte. Não faz qualquer sentido prolongar o sofrimento das pessoas usando de meios artificiais, na maioria das vezes invasivos e causadores de desconforto e dores. Importa é que essas pessoas tenham uma morte digna, sem dores e sofrimentos inúteis, de preferência em casa, interagindo com aqueles de quem gostam. Aí é que entra o Médico da Dor com o seu arsenal de medicamentos modernos capazes de dar alívio e conforto. Só assim é possível que o paciente terminal tenha a dignidade e tranqüilidade necessárias para que deixe a vida sem maiores tormentos. Afinal de contas, poucas coisas conseguem ser mais deprimentes e tristes que uma UTI, talvez uma cela de prisão. Evidente que os médicos só poderão atuar nesse sentido se assim quiserem os pacientes e seus parentes. A título de exemplo, o Papa João Paulo II e o ex-governador de São Paulo, Mário Covas, optaram por abrir mão de recursos tendentes a prolongar suas vidas de forma artificial.

Vigente desde 13.04.2010, o Código de Ética Médica recomenda aos profissionais que evitem exames ou tratamentos desnecessários nos pacientes em estado terminal. Aconselha a adoção de cuidados paliativos que reduzam o sofrimento do doente. Em 2006, o Conselho Federal de Medicina editou uma resolução segundo a qual a Ortotanásia não representava uma infração ética. O MP ingressou com ação civil pública comparando-a ao homicídio. Obteve liminar que suspendeu a resolução. O mérito até hoje não foi julgado. Mesmo assim – e merece aplausos – o CFM decidiu incluir a recomendação no novo Código de Ética. Para o penalista Luiz Flávio Gomes, o “novo Código de Ética Médica, em síntese, nada disse sobre a eutanásia, ortotanásia ou morte assistida. Mandou evitar a distanásia e ainda recomendou a sedação paliativa”. A sexta tem posição definida: Tudo menos dor e sofrimento!

## UM POUCO DE GARIBALDI

27.08.2010

Estudar História, ainda que sem a sistematização e o aparato técnico das academias, é o meio que temos para voltar ao passado e entender como e por que ocorreram fatos que fazem parte intrínseca das nossas vidas. Variável importante dos estudos de história é a que diz respeito à atualização, feita com base em provas documentais antes inacessíveis. Assim, os fatos podem ser reescritos, os mitos desfeitos, e momentos históricos antes confusos se tornam claros. Curiosamente, algumas pessoas se declaram injuriadas porque seus ídolos caem fragorosamente, desnudados com seus frágeis pés de barro. Isto é bom. A humanidade pode viver sem ídolos. Não é difícil imaginar a decepção de quem descobre, por exemplo, que o Che não tinha nada daqueles seus pretensos méritos; que o Napoleão real, grande administrador público, passava bem longe do brilhante chefe militar que a história consagrou. Como explicar a grandeza do comandante que perdeu quase quinhentos mil homens na campanha da Rússia? Complicado, não?

Uma frase feita asseverava que “a história é escrita pelos vencedores”. Já não é bem assim. Basta ver o estrago provocado, no calor da hora, pelos documentos vazados do Pentágono que mostravam a outra face da atuação das tropas americanas no Iraque. O jornalista que divulgou as informações vai pagar um preço alto, é verdade. Em compensação, a sociedade fica sabendo quem são os mocinhos desse folhetim. Décio de Freitas, escritor e historiador gaúcho com especial predileção pelos vencidos, afirmou que os “homens constroem o passado de que necessitam e que lhes convém, o que torna bastante tênue a divisória entre historiografia e ficção”. E ele sabia do que estava falando. Seus livros, sustentados em documentos antes inacessíveis, buscaram mostrar o outro ângulo de

fatos que marcaram nossa história. Títulos como *Palmares - A Guerra dos Escravos*, *Os Guerrilheiros do Imperador* (Cabanada) e o póstumo *A Miserável Revolução das Classes Infames* (Cabanagem) serviram para estimular estudos mais aprofundados da história do Brasil. Décio também ensinou: “*Todo status quo se crê eterno: já não mais haverá história*. Como, entretanto, a vida social encontra-se em um processo de contínuo movimento e mudança, a história trabalha inexoravelmente contra o *status quo*”. Quem há de dizer o contrário?

Já que falamos do historiador gaúcho, vamos então lembrar dois dos muitos fatos e incidentes da Revolução Farroupilha, a mais longa das lutas intestinas no Brasil. A escolha é fácil de explicar: de um lado, um feito extraordinário; doutro, um dos mais sujos e deprimentes momentos da história do Segundo Império. Há também a rocambolesca fuga de Garibaldi da prisão do Forte São Marcelo aqui em Salvador. Fiquemos, porém, com o primeiro feito extraordinário: a incrível aventura de Giuseppe Garibaldi e seus lanchões, fato que poderia render até um filme épico. Marinheiro tarimbado e audacioso, alçado a condição de responsável pelas forças navais dos Farrapos, o italiano coordenou a construção de dois barcos de guerra, batizados como Seival e Farroupilha. Com os lanchões equipados e armados, Garibaldi passou a navegar pela Lagoa dos Patos. Ocorre que as forças navais do Império – comandadas pelo inglês Grenfell, artífice da Tragédia do Brigue Palhaço, em Belém – passaram a persegui-lo sem tréguas.

Em desvantagem, Garibaldi decidiu levar seus barcos pela lagoa até o Rio Capivari; depois, por terra, até a Lagoa Tomás José e dali, pela barra do Rio Tramandaí até o Atlântico, por onde chegou à Laguna e se integrou a República Juliana de David Canabarro. Em pleno inverno, campos úmidos, baixios alagados e ventos cortantes, colocaram os lanchões sobre

imensas carretas de dois eixos e doze rodas, puxadas por juntas de cem bois, para, ao final de seis dias, concluírem o percurso de aproximadamente cento e quatro quilômetros. Como se vê, um feito respeitável. Nessas bandas, só encontra similar na insana tentativa de Brian Sweeney Fitzgerald, o Fitzcarraldo, que pretendeu construir um teatro de ópera na Amazônia e tentou arrastar pela mata um barco de cento e sessenta toneladas. O feito de Garibaldi e seus homens foi realizado, com êxito, na primeira metade do século XIX. O de Fitzcarraldo, um fracasso total, nos finais do século XIX, rendeu o premiado filme de Werner Herzog.

Ao contrário do feito acima, o episódio dos Lanceiros Negros nada tem de épico nem de heróico; muito pelo contrário, é o nosso momento deprimente. Na noite de 14.11.1844, as tropas imperiais atacaram o acampamento do exército farroupilha no Cerro dos Porongos, município de Pinheiro Machado. Ali mataram mais de cem soldados e fizeram mais de duzentos prisioneiros. A maioria eram integrantes do regimento dos lanceiros negros, formado por escravos. O que ainda se discute é se foi um golpe de surpresa ou se tudo não passou de uma armação para liquidar os escravos que haviam entrado na luta, confiados na promessa de liberdade ao final da Guerra dos Farrapos.

Existem fundadas suspeitas de que nunca passou pela cabeça dos estancieiros líderes farroupilhas o cumprimento da promessa. Faz-se exceção ao General Netto, que preferiu retirar-se, sem depor armas, para sua fazenda no interior do Uruguai, junto com uma tropa de soldados fiéis, a maioria negros. O fato incontestado é que mais de mil soldados imperiais caíram de surpresa sobre o acampamento farroupilha onde os soldados desarmados aguardavam o desenrolar das negociações de paz. Massacre evidente. Por uma suposta ameaça de revolta, o comandante-em-chefe David Canabarro mandara que fosse recolhida toda a munição em poder dos

lanceiros. Nenhum dos generais presentes em Porongos foi morto, ferido ou preso. Ofício datado de 09.11.44, do Barão de Caxias ao Comandante Moringue, preservado no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, robustece a tese da traição. Talvez por isto sua autenticidade seja tão discutida. Os vencedores não se conformam com qualquer verdade que não seja sua.

## ADONIRAM BARBOSA. O SAMBISTA

03.09.2010

Tentando convencer o amigo Johnny Alf a retornar ao Rio, Vinicius de Moraes, à míngua de argumento consistente, acabou disparando a conhecida expressão: “São Paulo é o túmulo do samba”. Posteriormente se penitenciaria desse infeliz rompante. Já naquela época, Sampa efervescia com seus inúmeros pontos de culto ao nosso mais visceral tipo musical. Discutir essa questão era – e é – no mínimo, aderir a essa coisa miúda de bairrismo; coisa de torcedor fanático, distanciado da razão. Antes, quando do lançamento do Samba do Arnesto, o “poetinha”, em artigo assinado, criticou duramente os erros de português contidos naquela música. Adoniran Barbosa não rebateu as críticas. Preferiu não polemizar. A questão é que, por uma dessas incríveis ironias da vida, a resposta viria em grande estilo. Em 1957, Aracy de Almeida recebeu do poeta, então integrando a delegação brasileira na UNESCO em Paris, um papel com um poema rascunhado e a recomendação: “Faça o que quiser com ele”. Ela, cantora consagrada, responsável pela promoção do maior intercâmbio da história musical entre Rio e São Paulo, procurou um dos seus mais caros colegas da Rádio Record e a ele confiou a tarefa de musicar os versos de Bom Dia, Tristeza. Nascia assim o único rebento da improvável parceria Adoniran/Vinicius.

Adoniran caprichou. Numa prova de versatilidade, fugiu ao estilo regular dos seus sambas e compôs a belíssima melodia. Gravado por Aracy, o samba acabaria por arrebatando o público de várias gerações, tanto que foi cantado e gravado por algumas das mais importantes cantoras brasileiras de todos os tempos. Registre-se que, para o compositor, a melhor entre todas as interpretações foi a de Mauricy Moura, em disco da Odeon. Cavaleiro, Adoniran jamais demonstrou a

satisfação com o fato de ter feito o poeta engolir as críticas. Muitos anos depois, comentando-as, limitou-se a dizer: “Ele caiu do burrinho”. E o nosso cancionero ficou mais rico com essa que é uma das mais belas e introspectivas canções de que se tem notícia. Dúvidas? Fechem os olhos, relembrem a música e cantorem baixinho, assim como em murmúrio, os versos: “Bom dia, tristeza/Que tarde, tristeza/Você veio hoje me ver/Já estava ficando/Até meio triste/De estar tanto tempo/Longe de você/Se chegue, tristeza/Se sente comigo/Aqui, nesta mesa de bar/Beba do meu copo/Me dê o seu ombro/Que é para eu chorar/Chorar de tristeza/Tristeza de amar”. Magia pura, não?

Agora, uma explicação. Esta é a Sexta 100. Adoniran, se vivo fosse, completaria 100 anos no próximo dia 06. Portanto, uma homenagem àquele que foi dos maiores sambistas do Brasil. Dono de estilo muito próprio, João Rubinato, nome verdadeiro dessa glória da Paulicéia, foi artista de muitas facetas: ator de cinema e de televisão, atração circense, garoto-propaganda (lembram do bordão “Nós viemo aqui prá beber ou prá conversar?”) e estrela dos programas mais famosos da era do rádio. Tipos como Zé Conversa, Giuseppe Pernaфина e Charutinho Espúrio da Silva marcaram época. Artista de grande versatilidade, só comparável talvez a Mário Lago. Suas composições estão relacionadas com o modo de vida das parcelas mais simples da população. Esta a explicação para a linguagem que foge do português escorreito para o linguajar próprio do povo. Vinícius, poeta e diplomata, não teve sensibilidade para entender isso. O consagrado Antonio Candido, escritor, ensaísta e crítico literário, autor do clássico *Formação da Literatura Brasileira*, tinha opinião diferente: “Adoniran Barbosa é um grande compositor e poeta popular, expressivo como poucos (...) Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português. Não concordo. Da mistura, que é o sal de nossa terra, Adoniran colheu a flor e produziu uma obra radicalmente brasileira, em que

as melhores cadências do samba e da canção, alimentadas inclusive pelo terreno fértil das Escolas, se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro, onde Ernesto vira Arnesto, em cuja casa nós fumo e não encontremo ninguém, exatamente como por todo esse país...”

Boa parte do trabalho de Adoniran retrata fatos reais, colhidos no dia a dia. Em razão disso é que José Ramos Tinhorão chamou a sua obra de “samba-reportagem”. A exemplo, *Saudosa Maloca*, inspirada na história real de dois carregadores de feira conhecidos de Adoniran e que ajudavam sua mulher Matilde a transportar as compras. O cortiço onde moravam, no casarão abandonado do Hotel Albion, foi demolido para a construção de um novo prédio. Eram companheiros de prosa: “A gente batia papo, se entendia e se queria muito bem. No dia que começou a demolição do casarão cheguei lá e não vi mais nenhum dos meus amigos. Sumiram, fiquei triste e tive a idéia de fazer um samba pra eles.” Para *Iracema*, ele apresentava duas versões. Aos jornalistas dizia que a inspiração viera de uma notícia de jornal. Para os amigos mais próximos, a história era outra. Vivia tentando conquistar uma mulher da noite paulistana que nunca lhe deu atenção. Num dado momento, injuriado dirigiu-se a ela e, dedo em riste, afirmou: “Vou te matar”. No dia seguinte, voltou ao bar com a letra da música, mostrou à mulher e garantiu: “Tá aqui, ó. Te matei”.

Stanislaw, a Flor dos Ponte Preta, amigo e admirador do artista, em sua coluna na *Última Hora* do dia 29.03.65, encontrou como justificar que o samba de Adoniran era indiscutivelmente paulista. Escrevendo sobre a vitória de *Trem das Onze* no concurso carnavalesco oficial do Rio de Janeiro de 1965, onde obtivera estrondoso sucesso, sentenciou: “Mora na letra, velhinho, que tu vê que o samba é paulista. Donde que carioca ia fazer um samba com uma letra dessas, em que o cara larga a mulher para ir tomar conta de casa?”

## VINCERE & O BEM AMADO

10.09.2010

Somente um registro. Nada mais que um registro. Ressurgindo do limbo El Comandante Fidel, envergando o tradicional uniforme verde oliva, deitou falação, *urbi et orbe*, e fez um inesperado *mea culpa* pelos erros e crimes cometidos. Reconhecer erros e se desculpar por crimes cometidos não deixa de ser um gesto bonito. Pena que as mortes, as torturas e as perseguições não possam ser desfeitas. “Companheiros”, heróis da “revolução” que desceram de Sierra Maestra e tomaram Cuba em 01.01.1959, foram simplesmente afastados quando não mortos ou coisa pior. A exemplo, o poeta Reinaldo Arenas que se tornou inconveniente e teve todos os seus textos banidos e censurados. Confinado num campo de trabalhos forçados acabou, no exílio, suicidando-se. Seu crime? Era homossexual. Castro fez igualzinho ao amigo do “nosso guia”, o presidente Ahmadinejad. De qualquer maneira, antes tarde do que nunca. Afinal de contas, foram precisos séculos para a Santa Madre reconhecer que agiu mal com Galileu, com os judeus e outros menos votados...

\*\*\*

Sem sair do tema ditadura/brutalidade, merece ser visto o bom *Vincere*, do diretor italiano Marco Bellocchio. Trata dos fundamentos do regime fascista na Itália, liderado por Benito Mussolini com poderes absolutos. O filme foi feito com muito cuidado; detalhes não foram esquecidos; o ator Filippo Timi faz o Mussolini jovem e depois assume o papel do filho. O ditador adulto é o próprio, graças ao trabalho de montagem feito com filmes da época. *Vincere* acaba sendo uma boa aula de história ao ensinar que, nos regimes ditatoriais, para sobreviver é preciso calar e atuar. Ida Dalser, mãe de Benito filho, não seguiu a lição; recusou-se a fazer parte da encenação e pagou um preço altíssimo. Por insistir e exigir o reconhecimento

dos seus direitos, por se manter fiel às suas convicções, o que pode ser tomado como falta de inteligência, acabou sendo martirizada, taxada de louca e jogada em manicômios. Ela não sabia representar. O filho acabaria seguindo o caminho da mãe. No final a metáfora indica que as ditaduras não são eternas. A de Mussolini durou 21 anos, mas um dia chegou ao fim. O filme mostra uma máquina esmagando o imenso busto de ferro do ditador.

\*\*\*

Ainda nos cinemas, *O Bem Amado*, filme de Guel Arraes, adaptado da obra de Dias Gomes. Não é nenhuma obra prima, mas vale a pena ser visto. É de longe a melhor sátira política feita no Brasil, mesmo tendo como base um texto que a crítica considera menor dentro da dramaturgia de Dias Gomes. Espectadores não têm que se ater aos comentários e opiniões dos críticos. Não custa lembrar que muitas vezes crítica e público andam em direções opostas. Certo é que os brasileiros vão ao cinema para rir – e muito – da própria desgraça. O próprio Guel afirmou que Odorico continua existindo e Sucupira continua sendo o Brasil, infelizmente. As imagens e os atores da vitoriosa série televisiva ainda estão no imaginário de todos. Algumas comparações são inevitáveis. Marco Nanini é um Odorico mais atual e mais cínico que o de Paulo Gracindo. Este trazia nos lábios um meio sorriso que acabava abrandando as mazelas do personagem, ganhando uma certa indulgência do público. O de Nanini faz rir mais pelo fraseado do que pelas atitudes. Está mais próximo dos líderes políticos que conhecemos. O Zeca Diabo de José Wilker é menos caricato e mais temível que o de Lima Duarte; menos ingênuo e mais direto. As Cajazeiras – espetáculo a parte – de Andréa Beltrão, Drica Moraes e Zezé Polessa são bem distintas das de Dirce Migliaccio, Dorinha Duval e Ida Gomes. Estas eram beatas sectárias em permanente conflito, graças às investidas e insinuações do prefeito. As do filme são

três peruas escrachadas, ávidas por experiências amorosas e sem os cuidados das anteriores. A cena em que Drica Moraes, bêbada, começa a tirar as roupas e jogá-las na rua a partir da sacada da prefeitura é de morrer de rir. O Neco de Caio Blat é o idealista que funciona como uma espécie de Grilo Falante do dono do jornal de oposição, Vladimir (Tonico Pereira), que é muito atual porque representa uma certa esquerda impulsionada pelo argumento de que os fins justificam os meios. Merece ser visto.

\*\*\*

Já que falamos de *O Bem Amado*, não custa fazer uma digressão sobre Alfredo de Freitas Dias Gomes, baiano de Salvador, dramaturgo e autor de novelas. Ser objeto de censura parece ter sido sua marca registrada. Em 1942, conseguiu interessar Procópio Ferreira, que resolveu encenar *Pé de Cabra*, proibida no dia da estréia porque a censura entendeu que tinha conteúdo marxista. A ironia da história é que até ali o autor não tinha lido sequer uma linha de Marx e assemelhados. Anos depois é que se filiaria ao Partidão. De qualquer maneira, Procópio usou seu prestígio e conseguiu liberar a peça, com alguns cortes, é claro. Sucesso total. Fizeram um contrato de exclusividade, rompido não muito tempo depois porque o ator e diretor não aceitava as preocupações sociais que o dramaturgo insistia em discutir em todas as suas peças. De Dias Gomes, o grande êxito internacional do cinema brasileiro, que daria ao país a sua primeira e única Palma de Ouro em Cannes: *O Pagador de Promessas*. Em 1965, viu sua peça *O Berço do Herói* ser proibida no dia da estréia. Dez anos depois, adaptada para a televisão com o nome *Roque Santeiro*, também foi proibida. Somente seria mostrada ao público televisivo em 1985, com o fim da ditadura militar. Ao fim e ao cabo fica a lição. Os ditadores passam e caem no olvido. As obras de arte, as manifestações culturais, ficam.

## UM OLHAR SOBRE BOGOTÁ

24.10.2010

Antes de abordarmos outros aspectos do que vimos e vivemos na Colômbia, cabe fazer dois esclarecimentos. O primeiro diz respeito ao fato de Bogotá ser grande centro cultural, com trinta e tantas universidades que oferecem os mais variados cursos. Além das variáveis históricas, há que se considerar que para ela convergem estudantes de todos os países próximos, aí incluídos os da América Central. Evidente que, para atender a uma demanda desse porte, é preciso que as escolas superiores ofereçam ensino de qualidade, a par de uma boa estrutura de museus e bibliotecas de porte. E a cidade oferece. O outro esclarecimento diz respeito à urbanização das favelas. Até onde nos foi possível ver e ouvir, o Estado equacionou a questão adotando uma política simples e direta. Abriu e pavimentou ruas; onde não foi possível, construiu escadas. A seguir, fez chegar àquelas pessoas luz, água e sinal de televisão com a cobrança das devidas taxas para evitar os perigosos “gatos”. Com tais medidas, os favelados sentiram-se elevados à condição de cidadãos, titulares de direitos e obrigações como todos os outros moradores da cidade. Afinal de contas, lá como aqui, morar em favela não significa ser bandido ou marginal. Presumivelmente, a maioria das pessoas que vivem em condições que tais se sente incomodada e marginalizada; se faz uso de “gatos”, é por pura necessidade. Dar a eles a infra-estrutura mínima, necessária e suficiente é, talvez, a melhor forma de inclusão social; não é senão a dignidade que todos, independente de classe social, procuramos ter.

Voltemos então ao patrimônio histórico-cultural da cidade. Ele está localizado em “La Candelaria”, centro histórico declarado Monumento Nacional que compreende

os antigos bairros ou paróquias de “La Catedral”, “Egipto” e “La Concordia”. Preservou suas características de centro político, administrativo e religioso. Daí o valioso patrimônio arquitetônico representado por casarões de estilo espanhol, com suas imensas portadas, pátios interiores, grande variedade de balcões floridos e ferragens trabalhadas em portas e janelas. A elas se somam as construções do século XIX e primeira metade do século XX que os locais chamam de estilo republicano. Disso resulta um ambiente eclético, prenhe de estudantes e turistas com roupas descontraídas, mulheres elegantes em trajes onde predomina o preto e homens apressados nos seus indefectíveis ternos também negros, além de policiais, militares e seguranças, todos devidamente armados. De permeio, ambulantes e um ou outro pedinte. Nesse microcosmo é que se encontram as sedes dos três poderes, a Catedral, o Palácio Arquiepiscopal, museus, bibliotecas, o Teatro Colón (réplica do Scala de Milão), hotéis, antiquários, cafés, restaurantes e pelo menos uma universidade. Por suas *calles*, a gente caminha meio que despreocupadamente e sem pressa, dedicando atenção apenas aos carros e táxis que invadem sinais sem dar a mínima aos pedestres. Para desfrutar do conjunto e poder apreciar as fachadas dos prédios, o melhor mesmo é fugir do leito das ruas e andar pelas calçadas.

Dentre os vários templos religiosos, vale destacar, ainda que para uma rápida visita, a Capela do Sacrário, pequenina, construída entre 1660 e 1700 e restaurada depois do terremoto de 1827. Na parte interna, destaque para a cúpula decorada pelo pintor Ricardo Bernal, para as laterais com os quadros mais valiosos de Gregorio Vásquez de Arce y Ceballos, e a talha de madeira do pórtico e do púlpito, em estilo mudéjar. Externamente, o destaque é a portada, considerada uma das mais ricas manifestações do maneirismo na Colômbia. A Igreja de São Francisco não é diferente de tantas outras que

conhecemos, inclusive a de Salvador. Ricamente decorada, demonstrando a capacidade artística de entalhadores, escultores, artesãos e pintores, nativos e estrangeiros. O altar-mor é deslumbrante, com seus delicados relevos em madeira, tudo revestido de ouro. A pergunta volta insistente: afinal de contas, qual a relação desses templos, lindos, ricos e majestosos, com a vida e as prédicas do “Povorello de Assis”? A igreja da Ordem Terceira, austera, encanta por ser toda em madeira escura, cuidadosamente entalhada, inclusive o teto. Além dessas, a Catedral que guarda os restos mortais de personagens da história colombiana e do pintor Gregorio Vásquez de Arce y Ceballos; e a Igreja de Santo Inácio, o primeiro templo construído pelos Jesuítas em terras da Nova Granada, integrando o complexo do Colégio Máximo, Seminário Maior de San Bartolomeu Mitre e Casa de Aulas.

A Casa de Nariño, o Palácio da Justiça e o Capitólio Nacional não estão facilmente acessíveis ao público. O último é um edifício neoclássico em pedra, com o frontispício composto por uma série de colunas jônicas estriadas dispostas em três filas de seis. A Casa de Nariño, sede do executivo, está hoje numa área isolada, inacessível a carros não-autorizados e só pode ser visitada com prévia autorização da Casa Militar. Ao nos aproximarmos, fomos solicitados a abrir e mostrar bolsa e mochila. A sede do judiciário, como já dito na Sexta 105, foi quase que totalmente destruída em 1985 após ser invadida por guerrilheiros do M9. Na reconstrução, cuidou-se de manter a harmonia das suas linhas com as do Congresso, que se encontra no lado oposto da praça. Usaram o mesmo tipo de pedras, mas não tem colunas jônicas e oferece uma fachada de linhas retas sem maior interesse artísticocultural. Sem dúvida, o grande atrativo de “La Candelaria” são os museus. E deles a Sexta trata na próxima edição

## MUSEUS DE BOGOTÁ

29.10.2010

Na sexta passada, adiantamos que a grande atração de “La Candelaria” são os museus. Ali estão localizados cerca de dez, alguns de interesse restrito, outros de interesse geral. Chamou-nos a atenção o fato de que há um cuidado especial com o público jovem. Além das visitas guiadas, específicas para grupos estudantis, existem salas e setores que permitem a interação com uso de tecnologia moderna, que seduz os mais jovens. Eles acabam se envolvendo com as peças em exposição e usufruindo da rara oportunidade de aprender história de uma forma dinâmica e atual. Nesse aspecto, esses museus lembram o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e o Museu da Descoberta do Novo Mundo, em Belmonte/Portugal. Há, nesses casos, uma quebra da imagem de que os museus são coisas estáticas, repositórios de peças e informações que pontuam, na maioria das vezes, momentos e fases da vivência do homem na Terra. Com a interação, os museus asseguram uma espécie de perene vitalidade. A garrulice das crianças, algumas em fase de alfabetização, soletrando e tentando entender o que está escrito, traz vida e alegria a esses centros de conhecimento.

O Museu Botero apresenta duas características muito convenientes. Abre nas segundas-feiras e não cobra ingresso. Esta foi uma exigência do artista que doou as peças do acervo. Outro detalhe é que está localizado num complexo que envolve pelo menos mais dois museus, o da Casa da Moeda e o Militar. Dividem áreas comuns, como a cafeteria e os sanitários, e no final, quem vai visitar um deles acaba dando uma olhada nos outros. O Botero é composto de cerca de 120 obras do artista colombiano e mais umas 60 de expoentes das artes plásticas de fins do século XIX e século XX, como Picasso, Renoir, Dali,

Matisse, Monet, Degas e Chagall. De Botero, o museu guarda peças das mais diversas técnicas tais como desenho, aquarela, óleo, pastel e, claro, escultura. Uma oportunidade de conhecer suas naturezas mortas e os originais das obras que circulam por cópias mundo afora. É preciso penetrar no universo de Botero, no conjunto da obra, para perceber as nuances que vão da risonha Mona Lisa, não por acaso um quadro pequeno, aos sisudos chefes de família, passando pela incrível sensualidade das gordinhas desnudas, desprovidas de celulite, sem falar dos quadros de conotação política e social. Das esculturas, um destaque para a “Vênus Dormida” que, com suas pernas entreabertas, é a Vênus mais debochada de quantas já vimos por aí. O bronze “Maternidad”, uma mãe imensa e protetora com seu rebento sentado na perna, transpira ternura. Ainda que a obra de Botero não seja do agrado do visitante, cremos que não se pode passar por Bogotá sem se dar um pulinho no museu.

O “Museo del Oro”, talvez o mais rico do mundo, é um caso à parte. A ele deve-se dedicar um dia. Reúne cerca de 34.000 peças de oferendas e mais 20.000 objetos líticos, cerâmicos, têxteis, pedras preciosas e osso. Peças oriundas das culturas Muisca, Quimbaya, Calima e Tayrona, entre outras. Além das salas de exposição, conta com sala de documentação e empréstimos de material didático para colégios e universidades, além de apresentações de vídeos. Cadeirantes e afins podem circular por todas as dependências sem dificuldades. A título de sugestão, vale começar a visita pelo terceiro piso, indo direto à sala de “La Ofrenda”, pequena, circular, onde se pode assistir à representação de como eram feitas as oferendas ao som de um cântico entoado especialmente por quatro xamãs ainda vivos, cujos retratos em tamanho grande estão afixados ali no corredor. A partir daí, vai-se às salas da Cosmologia e do Simbolismo, onde se pode entender o pensamento indígena que deu um sentido e

uma razão de ser aos valiosos objetos ali expostos. No segundo piso, estão a A Gente e o Ouro na República Pré-Hispânica, uma viagem de sul a norte pela Colômbia, conhecendo climas, ambientes e as antigas sociedades e culturas que viveram nos Andes e litorais do Pacífico e do Caribe, regiões onde os metais eram trabalhados. A parada seguinte é O Trabalho dos Metais, onde se conhece e aprende os processos de mineração, beneficiamento e manuseio dos metais que estão por trás de cada objeto do museu. Quando bate o cansaço e a inevitável dor nas pernas, não se perde tempo; vai-se ao primeiro piso, onde está o restaurante com comida típica de ótima qualidade e preço idem. Quando o serviço interno de alto falantes convida para ir ao auditório, também não há que se perder tempo. O que se vai ver é mais uma boa aula sobre a cultura pré-hispânica.

Finalmente, cabe dizer que aquelas culturas não tinham o ouro como símbolo de riqueza material: ele servia para oferendas religiosas porque, como metal sagrado, o ouro era receptor da energia do sol, estrela que dá a vida e é fonte de fertilidade na cosmogonia das sociedades pré-colombianas. As peças vão das mais rústicas até as de mais fino labor, incluindo muitas em filigrana. As fotos são permitidas, desde que sem flash. A estrela da companhia é a “Balsa Muisca”, belíssima composição encontrada numa gruta ao sul de Bogotá em 1856, numa liga de metais de ouro de alta qualidade (mais de 80% com prata e cobre); estima-se que teria sido feita entre 1.200 e 1.500 d.C. Ao fim, fica a lição de como se completava o ciclo dos metais: iniciava-se com a extração das entranhas da terra, seguia-se pelo beneficiamento e produção de peças simbólicas usadas em rituais e, finalmente, essas peças voltavam à terra como oferenda. Nada de riqueza ou poder, simplesmente a interação do homem com as forças da natureza.

## EM CARTAGENA DE ÍNDIAS

06.11.2010

À medida que o avião desce, os olhos são tomados pela bela paisagem que é Cartagena de Indias, com suas reentrâncias e saliências beijadas pelo Mar do Caribe. É muito bonito! A cidade está assentada sobre um conjunto de ilhas interligadas por pequenas pontes. O resultado é único. O cenário formado por várias baías, lagoas e o Caribe, em contraste com as terras e rochas plenas de recortes e recobertas por construções do todos os tipos, é de tirar o fôlego. Para completar, a emoção – com direito a friozinho na espinha – de pousar numa pista que termina abruptamente em cima do mar. Algo assim como descer em Ilhéus ou no Santos Dumont. É o contraponto à capital. Bogotá é feia, sisuda, plena de pessoas elegantes e bem vestidas, sempre em tons escuros; também cosmopolita, risonha e festiva na sofisticada Zona Rosa, onde estão as lojas de marcas famosas, os shoppings, restaurantes, casas de espetáculos e vistosos edifícios. Cartagena é bonita, informal, num clima de festa permanente, com pessoas descontraídas e atenciosas nas suas roupas claras, com predominância do branco. Para completar, o calor aí na faixa dos 30° e a imensidão das águas, presentes em cada canto da cidade. Tão presentes que, em algumas épocas do ano, costumam invadir ruas e avenidas para desgosto de tantos quantos tenham de passar com seus carros pela água salgada.

Cartagena, “La Ciudad Heroica”, guarda, além da beleza natural, um sem-número de histórias e lendas, pontilhadas de ataques, invasões e defesas, como a protagonizada por D. Blas, figura real conhecida como “Meio Homem” porque lhe faltavam um braço, uma perna e olho, mas que foi capaz de infligir pesada derrota a uma esquadra inglesa. Há também a Igreja de S. Domingos, com sua torre curiosamente torcida para a esquerda por um diabo revoltado; e o belo “Santo Cristo

de la Expiración”, esculpido em uma única peça, supostamente por um anjo que trabalhou um pedaço de madeira trazido pelo mar. É também importante centro econômico, com destaque para o pólo petroquímico. Com mais de um milhão de habitantes, abriga favelas povoadas na sua maioria por migrantes escorraçados do campo pelas guerrilhas e pelo narcotráfico. Se o objetivo da viagem é cultura e lazer, este sem dúvida é o lugar. Entretanto, é bom esclarecer aos menos avisados: Está debruçada no Caribe, é verdade, mas as praias não têm nada da beleza e da tranquilidade que costumamos associar ao Caribe. Na verdade, são praias de areias grossas e escuras, batidas pelo mar bravio. Praias de águas calmas, esmeraldinas e areia branquinha existem sim. Estão distantes, em ilhas de mar aberto, acessíveis sem dificuldades por embarcações de todos os tipos.

É certo que o tal passeio de carruagem à noite é um desses micos que os turistas devem pagar. Porém, funciona muito bem pois proporciona uma visão geral do centro histórico com suas ruas estreitas e casas de balcões em madeira, cobertos de flores. Depois desse “tour”, fica bem mais fácil caminhar sem pressa, olhos abertos para apreender o que a cidade oferece; parar nas praças, nos parques, visitar as igrejas e monumentos. No Parque Bolívar, pode-se ver o Palacio de La Inquisicion – um prédio bem preservado, que guarda réplicas de instrumentos usados neste que foi um dos mais vergonhosos momentos da história da humanidade – além do Museo del Oro e a Catedral. Quando a fome chega, basta se dirigir a qualquer um dos muitos restaurantes já que a probabilidade de boa comida e bom serviço é alta. No mais, vale visitar as inúmeras joalherias, apreciar os artesãos trabalhando e encher os olhos com a delicadeza dos trabalhos em ouro, prata e, claro, esmeraldas. À tarde, sol mais ameno, não custa andar sobre a imensa muralha construída na época da colônia e dali apreciar, simultaneamente, o centro histórico,

o mar e outros cantos distantes da cidade. À noite, os carros são impedidos de trafegar e o centro histórico, fartamente iluminado, ferve de animação com seus inúmeros bares, cafés e restaurantes com mesas e cadeiras nas calçadas. Aqui e ali, espetáculos musicais em palcos previamente preparados. A festa vai longe e os táxis estão sempre disponíveis do lado de fora da muralha. A visita se completa com um passeio ao impressionante Forte San Felipe de Barajas, o maior castelo construído pelos espanhóis nas Américas, que se encontra numa ilha da Laguna de Chambacú. Ademais, tem o Convento no Cerro de La Popa, ponto mais alto da cidade, de onde se pode ter uma boa vista panorâmica, inclusive para apreciar os detalhes das baías, lagunas e ilhas que formam essa bela e inesquecível Cartagena.

Fechemos esta série. Antes, porém, merece ser lembrado que uma visita a Bogotá impõe, também, uma curta viagem de menos de cem quilômetros até Zipaquirá, simpática cidadezinha cujo nome deriva de Zipa, hierarca maior dos muiscas e responsável direto pela exploração das ricas minas de sal que, desde tempos imemoriais, fazem a fama do povoado. Ali se encontra aquela que é considerada o mais importante atrativo turístico da Colômbia: a Catedral de Sal, cujo altar-mor se encontra a 180 metros de profundidade e que se atinge andando pelo piso em descenso, sem dificuldades ou complicações. A particularidade é que estará totalmente soterrada em mais ou menos 200 anos já que a cada dia o teto desce alguns poucos milímetros. Pouco importa a crença de cada um. Ali está seguramente uma das mais felizes combinações da engenhosidade humana e do que a natureza deixou. Dificilmente alguém ficará imune à intensa beleza e sensação de paz que a caminhada pelo interior da ex-mina de sal, proporciona. É uma bela maneira de encerrar nossa visita à Colômbia.

## VARGAS LLOSA E O NOBEL

12.11.2011

O ato de violência não necessariamente conduz à concretização do objetivo do violador. Muitas vezes acaba desencadeando reação tal que acaba frustrando por inteiro o ato de brutalidade. Por um desses atos de violência inexplicável, e conseqüente reação, as letras do mundo ocidental, especialmente da América Latina, acabaram ganhando mais um Prêmio Nobel. A Sexta explica: no afã de afastar o filho dos livros e da literatura, o pai internou o laureado, aos 14 anos, no colégio militar. O resultado foi, como atesta o garoto, diverso: “Nunca li tanto quanto naquela época. A solidão do internato, sobretudo nos fins de semana, teria sido insuportável sem a leitura. Eu tinha 14 anos e ficar internado me causava imensa claustrofobia. A leitura era uma liberação, uma maneira de escapar. Dessa época, me lembro de ter lido *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, o que foi uma experiência muito importante. A lembrança de Victor Hugo está intimamente ligada aos meus dois anos no colégio militar porque, sem dúvida, ele foi, com Alexandre Dumas, o melhor amigo que tive lá dentro.” Mais ainda. Por uma dessas incríveis ironias da vida, acabou por fazer da capacidade de escrever, aliada ao que absorvia das leituras, uma atividade “profissional”. Recebia dinheiro e cigarro dos colegas em troca de cartas de amor e historinhas pornográficas. Detalhe é que só tinha conhecido esse pai odioso e arbitrário, que julgava morto, quando tinha 10 anos.

Daí em diante, nunca mais parou de praticar o que ele chama de *el vicio solitario: leer, leer*. E de escrever, também. Sessenta anos depois, 19 romances, 9 peças teatrais, uma autobiografia, 21 livros de ensaios e dezenas de compilações de ensaios, artigos, conferências e entrevistas, o peruano

Mario Vargas Llosa recebeu o ambicionado Nobel de Literatura. Discute-se nos meios intelectuais mundo afora se esse prêmio é realmente literário. No caso em questão, isso parece irrelevante. Vargas Llosa é hoje, juntamente com o já premiado García Márquez, o mais importante escritor latinoamericano. É também, como liberal assumido, incansável batalhador em prol das liberdades civis e contra as ditaduras de todas as nuances. Por uma ou outra razão, a nota oficial da Academia Sueca esclareceu que esta premiação levou em conta não só a qualidade da obra mas também o seu comprometimento com a denúncia das estruturas de poder, a conseqüente opressão e a reação dos movimentos de resistência, muitas vezes sufocados no próprio sangue dos insurretos.

Vargas Llosa não deixou por menos. Indagado sobre o tema, assegurou: *Creo que es un premio literario y espero que me lo hayan dado más por mi obra literaria que por mis opiniones políticas. Ahora, si mis opiniones políticas, en defensa de la democracia y la libertad, y en contra las dictaduras, han sido tenidas en cuenta, pues en buena hora. Me alegro.* Questionar, quem há de? Continua ‘praticando’ uma literatura de alta qualidade sem perder a preocupação com o social. Seu último livro, lançado no mundo hispânico no último dia 03, *El Sueño del Celta*, ambientado no Congo, trata do nacionalismo que ele tanto repudia: *Me parece una de las aberraciones humanas que más sangre han hecho correr y también sé que el patriotismo, como escribió el doctor Johnson, puede ser el último refugio del canalla. Y el caso más extremo de nacionalismo es el nacionalismo cultural. Aunque en ciertas circunstancias puede representar valores libertarios.* E conclui dizendo que o protagonista do livro, Casement, é movido pela parte boa do nacionalismo, a que luta contra o opressor. Importa destacar que, para escrever este livro Vargas Llosa, dedicou três anos de pesquisas de campo.

Só depois é que se lançou ao trabalho de contar a história de Roger Casement, personagem real, membro do corpo diplomático britânico. Assevera ele que é também um livro sobre certas circunstâncias capazes de desumanizar os homens a ponto de transformá-los em monstros. Talvez para eliminar possíveis arguições de criação e/ou ficção, informa que conviveu com esse tipo de situação no Peru, onde o sistema de extração de caucho permitia fossem cometidas as maiores atrocidades, sob o argumento de desenvolvimento econômico e incremento de empregos, assegurava a impunidade mais absoluta. Mais ainda, ataca o colonialismo, afirmando que a barbárie da África, tido como um continente sem solução, foi herdada do colonialismo. Não há barbárie que se lhe compare. E tanto é verdade que a África nunca conseguiu se recuperar das sequelas herdadas do período colonial.

Para a África, não deixou nada de positivo. Para a América, restou alguma coisa. Uma parte da Europa se trasladou, aqui fincou raízes e acabou sendo recriada uma nova versão do Ocidente. Na África, foi o saque pelo saque. Como eram culturas muito primitivas, foram dominadas sem qualquer oposição. Fez-se de tal maneira que, tanto tempo depois, o Congo não consegue se por em pé. Portanto, a juízo da Sexta, o Nobel desta vez está em boas mãos. E não poderia ser de outra forma. Foi ele quem, ao publicar *A Guerra do Fim do Mundo*, em 1979, fez cair os olhares do mundo sobre o genocídio de Canudos, perpetrado pelo governo republicano do Brasil – que chegou ao cúmulo de deslocar o próprio Ministro da Guerra para o teatro das operações aqui no paupérrimo semiárido baiano. Seu livro fez despertar um sem número de pessoas – este escriba entre elas – para o estudo e o conhecimento da “Guerra de Canudos”. Fez-nos voltar a ler *Os Sertões* com um olhar mais amplo, buscar mais informações, mais títulos e procurar, in loco, entender o que de veras teria ocorrido naquele ermo.

Rememorando sua viagem de pesquisas, Vargas Llosa, ávido consumidor de literatura brasileira, admirador confesso de Guimarães Rosa, a quem considera um dos grandes autores latino-americanos, embora lamente as péssimas versões de “Grande Sertão” para o espanhol, declarou que “talvez uma das maiores emoções que tive na vida foi estar no lugar onde ficava Canudos, no interior da Bahia”. Por essas e outras, ascende da condição de escritor de língua hispânica para a de grande escritor, sem distinção de língua.

## PONTES DE MADISON

27.11.2010

Livro, teatro e cinema. Três das mais importantes formas de transmissão da arte e da criação do espírito humano. Surgidas em momentos distintos da história da humanidade, acabaram, no século XX, funcionando de forma integrada ou complementar. Das três, possivelmente a mais antiga é o teatro, cujas origens se perdem nos rituais das sociedades primitivas. Mais adiante, na Grécia do século IV a.C., tomaria forma mais sistêmica em decorrência dos festivais realizados anualmente em homenagem ao deus do vinho e da dança, Dionísio. Suas primeiras manifestações surgiram no Brasil somente no século XVI, com a vinda dos jesuítas que o utilizavam para propagar a fé religiosa, catequizar os indígenas e integrar portugueses índios e espanhóis. Em 1833, João Caetano formou a primeira companhia teatral do Brasil, que encenou, em 13.03.38, *Antonio José ou O poeta e a Inquisição*, de Gonçalves de Magalhães. Em 04.10.1938, estreou aquela que é considerada a primeira peça de temática nacional e escrita por um brasileiro, *O Juiz de Paz na Roça*, de Martins Pena.

O cinema daria os seus primeiros passos no século XIX, com os Irmãos Lumière, mas *The Story of the Kelly Gang*, do australiano Charles Tait, considerado como a primeira obra dramática de longa metragem levado às telas, data de 1906. Anos depois viria *O Cantor de Jazz*, o primeiro filme com sincronização entre imagens e som (1927). Desde então, vem evoluindo, diversificando-se e impondo-se até o ponto de ser considerado a sétima arte. Note-se que há uma seqüência histórica relativa nessa numeração: Música, Dança, Pintura, Escultura, Literatura, Teatro e Cinema.

O livro, por seu turno, resulta do surgimento e aperfeiçoamento da escrita ao longo do processo evolutivo da humanidade. Primeiro, as tabuletas de argila e pedra; a seguir, o *volumen* (séc. II a.C.) dos romanos, que consistia num cilindro de papiro que tinha a particularidade de ser facilmente transportável. Logo depois, o papiro, de origem vegetal, deu lugar ao pergaminho, feito em couro de animais. Esses materiais é que trouxeram até os nossos dias obras como as de Homero, Virgílio e os muitos livros que formam a Bíblia. Na Idade Média, equivocadamente chamada de Idade das Trevas, surgem os monges copistas, dedicados a preservar em texto boa parte do acervo do conhecimento humano, especialmente os de cunho religioso. Ainda na Idade Média, século XIV, surge a primeira impressão: um sistema que consistia em gravar na madeira o texto e depois, como uma espécie de carimbo, embeber em tinta e fazer a impressão sobre o papel. Também no século XIV, os coreanos inventam a impressão com tipos móveis metálicos quase um século antes de Gutenberg. Estava dada a partida para o surgimento do livro, instrumento de transmissão de cultura e ideias por excelência. Por conta disto, ao longo de sua história, sofreria perseguições sem par, todas elas fruto da intolerância, do sectarismo e do obscurantismo de tantos quantos acreditaram – e acreditam – na possibilidade de impedir a circulação do pensamento e do seu poder de persuadir e conquistar pessoas. A título de exemplo, o primeiro livro/folheto impresso no Brasil é do século XVIII, de autoria do Juiz Antonio Rosado da Cunha; o impressor, Isidoro da Fonseca, foi preso e enviado para Lisboa; sua gráfica, confiscada.

Dessas três formas de transmissão de arte e cultura, talvez seja o livro a mais completa e empolgante. É como se o autor convidasse o leitor a partilhar da sua elaboração, do desenvolvimento das ideias, dos enredos. A coisa funciona de uma forma assim meio que mágica. O autor descreve e deixa

ao leitor a tarefa de definir os cenários, as personagens, as situações. Em razão disso é que o leitor mergulha no vórtice do texto, desvincula-se do mundo real que o cerca e vai vivenciar a realidade expressa no livro. O cinema é o oposto, oferece um produto pronto e acabado, deixando pouco espaço para o espectador criar. No máximo, permite-lhe alguma interpretação a partir das ideias e imagens mostradas. E então vem o teatro, não por acaso a arte que se encontra entre a literatura (5ª) e o cinema (7ª). Tem coisas do livro já que ao espectador cabe a tarefa de desenvolver as cenas, os personagens e as situações que são sugeridas pelas falas, pelos cenários e pelas indumentárias.

Bom nessa história toda é quando nos servem o mesmo tema sob cada uma dessas formas. *As Pontes de Madison* é um exemplo. O livro de Robert James Waller é de 1992; o filme, com Clint Eastwood e Meryl Streep, é de 1995; e a peça, adaptação de Alexandre Tenório, direção de Regina Galdino, com os magníficos Marcos Caruso e Denise Del Vecchio nos papéis principais, é de agora, do século XXI. As três artes se completam para contar, cada uma com suas técnicas, a história de amor entre o fotógrafo Kincaid, homem do mundo, e a dona de casa, Francesca. A peça conquista a plateia graças à força de seus protagonistas. Marcos Caruso convence em cena como Robert Kincaid, arrancando gargalhadas da plateia com o humor rápido do personagem; ao passo que Denise Del Vecchio constrói uma Francesca que se acostumou com a vida que não era a de seus sonhos. O romance surge naturalmente e envolve a todos. O detalhe é que essa belíssima história acontece em apenas quatro dias, como se o autor quisesse nos dizer que todo tempo é tempo de amar. Pouco importam as limitações de cada um já que um só, ainda que fugaz, momento de amor marca, positivamente, de forma indelével, a vida dos que nele se envolvem. Idades? Meros e insignificantes detalhes. A peça pode estar também

convidando o espectador a refletir sobre sua própria vida e as escolhas que os humanos fazem ao longo dessa tão curta existência – reflexão válida, oferecida por outros tantos e tão valiosos livros, peças, filmes...

## 1822 – O LIVRO

04.12.2010

De certa forma, a Independência do Brasil se associa, no imaginário coletivo, ao Grito do Ipiranga e, por via de consequência, ao “Independência ou Morte”, a imensa tela pintada por Pedro Américo, em Florença, entre 1886 e 1888. A historiografia oficial decretou que tudo se decidiu naquela tarde de 7 de setembro de 1822. O 2 de julho de 1823 é solenemente ignorado. Só é comemorado em Salvador e nas cidades do Recôncavo Baiano, onde se travaram as lutas da independência que culminaram com a expulsão das tropas de Madeira de Melo do território brasileiro. Para completar, no meio acadêmico brasileiro, ainda prevalece uma interpretação meio que torta, de viés marxista, segundo a qual os fatos históricos e seus personagens são desprovidos de quaisquer significados. Por esse entendimento, tudo ocorre por forças de ordem econômica, política, social e religiosa. Tudo seria fruto de um processo inexorável porque, como os humanos, as sociedades passariam necessariamente pelas mesmas fases da vida: infância, adolescência e idade adulta. A dar-se credibilidade a tais princípios, os personagens que marcaram as páginas da história da humanidade não passariam de meros joguetes das circunstâncias, de nada valendo vontades e paixões humanas. De nada teria servido a incrível trajetória do homem, desde o Pitecantropos até os inquietantes dias atuais.

Felizmente, para a melhor compreensão da história, surgiram estudiosos, jornalistas na sua maioria, livres das rígidas regras acadêmicas mas comprometidos com a pesquisa responsável e o propósito de levar ao público, em linguagem acessível, versões as mais próximas possíveis dos fatos históricos, das suas circunstâncias, dos seus protagonistas

e seus coadjuvantes. No caso brasileiro, tentam levar aos interessados na história do país os fatos que explicam porque foi possível operar o milagre de transformar em homogêneo, coerente e funcional um Brasil dividido em províncias que se digladiavam e se insurgiam contra o poder central. Dentre esses escritores, merece destacar-se Laurentino Gomes, autor de *1808 - Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. O mesmo jornalista, que recusa ser chamado de historiador, acaba de publicar uma nova e excelente reportagem: *1822 - Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil - um país que tinha tudo para dar errado*. (E como tinha! Para completar o quadro, em 1822, “de cada três brasileiros, dois eram escravos, negros forros, mulatos índios ou mestiços. Era uma população pobre e carente de tudo, que vivia à margem de qualquer oportunidade em uma economia agrária e rudimentar, dominada pelo latifúndio e pelo tráfico negreiro.” O analfabetismo era geral. De cada dez pessoas, só uma sabia ler e escrever.)

Contrariando os cânones do academicismo, o autor, num texto agradável e arrebatador, sustenta – sem perda das perspectivas política, econômica e social – que esses personagens fizeram a diferença. Cheio de defeitos e virtudes, como de resto todos os seres humanos, “o homem sábio”, José Bonifácio de Andrada e Silva, teria sido o artífice da unidade brasileira. Graças à defesa que fazia de uma monarquia constitucional forte, o país não se dividiu logo após a independência, como ocorreu com a América de Bolívar. O “boêmio e bom de copo que costumava terminar as madrugadas dançando lundu em cima de uma mesa” foi, para Laurentino Gomes, o equivalente de Thomas Jefferson para os Estados Unidos. A “princesa triste” era a “louraça e feiarrona” princesa austríaca Maria Leopoldina, desprezada

pelo marido mas amada pelo povo. Ela se revelou peça importante nas articulações que levaram o Brasil a separar-se de Portugal, opondo-se duramente ao ultimato das cortes portuguesas, que queriam que o Brasil voltasse a ser colônia. Bonifácio redigiu a declaração de independência, ela assinou e fez com que chegasse às mãos de Pedro, que se encontrava em São Paulo. Finalmente, o escocês Lord Thomas Cochrane, um “soldado da fortuna” que aliava grande competência a uma incrível voracidade por tudo que pudesse ser transformado em dinheiro, foi responsável pela organização da Marinha de Guerra, peça fundamental na vitória definitiva contra os portugueses em 2 de julho de 1823.

Ah, faltou falar de Pedro I. Este é, sem dúvida, um dos mais fascinantes personagens da história universal. Ou seria o Brasil que tem uma história ímpar e fascinante? Vejamos os fatos. Possivelmente, o Brasil é o único país do mundo que se tornou independente sob o comando do representante do opressor. Noutras palavras, o 29º rei de Portugal foi o primeiro imperador do Brasil – na contramão da história política das colônias ibéricas na América: todos falavam espanhol, exceto o Brasil; todos se tornaram repúblicas, menos o Brasil. Pedro foi uma espécie de meteoro que fez a independência do Brasil com 23 anos e morreu aos 35 depois de vencer o irmão e garantir o trono português para sua filha Maria da Glória. Monarca de discurso liberal e práticas autoritárias, dissolveu a constituinte por ele convocada e, paradoxalmente, outorgou ao país uma das constituições mais liberais da época e a que mais durou na história do Brasil. Herói e vilão, Pedro I ainda hoje desperta manifestações de repulsa e admiração, a depender de em que lado esteja o observador. O fato é que, por seu fascínio, merece ser melhor estudado. E não é outra a proposta deste ótimo 1822, onde os personagens e os fatos se impõem com força.

## MAIS HISTÓRIA DO BRASIL

11.12.2010

E por que não falar mais um pouco de histórias da História do Brasil, no embalo do 1822? Começemos então pelo quadro do Pedro Américo, tão importante no contexto de difusão dos fatos que acabou construindo um mito largamente difundido nas escolas do país. A questão aí é que não se deu destaque a *O Brado do Ipiranga. Algumas palavras acerca do Fato Histórico e do Quadro que o Comemora*, publicado em 1888, de autoria do próprio artista. Nesta obra o autor deixa claro que a imagem da tela está distanciada dos fatos quando afirma que “a realidade inspira, e não escraviza o pintor”. Posteriormente, em 1999, a EDUSP publicou *O Brado do Ipiranga*, das historiadoras Cecília Helena de Salles Oliveira e Cláudia Valadão de Mattos, onde fazem análise detalhada do quadro e deixam bem clara toda a fantasia que Pedro Américo perpetuou na tela. Os “fatos” retratados ocorreram em 1822 e o quadro é de 1888. Um lapso de tempo de sessenta anos para registro de um evento que não foi documentado. Esperar que fosse fiel ao ocorrido seria mera utopia.

Os pesquisadores apontam alguns erros históricos na composição do quadro. (Antes de enumerá-los, cabe lembrar que a comitiva ia de Santos para São Paulo, com o seu líder combatido pela diarreia que resistira até ao infalível chá de folha de goiabeira.) O primeiro dos erros diz respeito aos fogosos corcéis montados por D. Pedro e sua comitiva. Não eram cavalos, mas simplesmente mulas – cavalgadas menos heroicas mas muito mais adequadas para subir a Serra do Mar, num tempo de caminhos íngremes, esburcados e enlameados. D. Pedro montava uma mula “baia gateada” como registrou o coronel Marcondes, integrante do grupo. O segundo erro é o dos trajes. Óbvio que, em tais circunstâncias,

ninguém usaria aqueles trajes luxuosos. Na verdade, usavam roupas mais simples e adequadas para a viagem, cobertas de pó e lama. Terceiro, não havia como o rei estar bem-disposto e altaneiro sofrendo da “caganeira” que os obrigara a parar naquele lugar para que ele apeasse e pudesse “*prover-se* no denso matagal que cobria as margens da estrada.” Quarto, o pintor mudou a posição do riacho, que aparece no canto inferior esquerdo da composição. Segundo os estudiosos, a posição correta do riacho é do outro lado, fora da visão, portanto. Quinto, não há qualquer referência à casa de pau-a-pique que se pode ver ao fundo.

Alguns críticos mais apressados acusam Pedro Américo de ter plagiado o “1807, Friedland”, aquarela pintada em 1875 pelo francês Ernest Meissonier e que retrata Napoleão conclamando as tropas para essa batalha. O quadro se encontra no Museu Metropolitano de Nova York e, sem dúvida, apresenta estrutura muito semelhante à do de Pedro Américo, feito treze anos depois. Entretanto, alguns historiadores e críticos de arte sustentam, em defesa do pintor paraibano, também romancista e poeta, que não se trata de plágio mas sim de um estilo adotado pelos artistas do século XIX como forma de registrar e enaltecer feitos históricos. Esta hipótese toma foros de verdade quando se sabe que Meissonier escreveu ao primeiro adquirente do quadro: “Eu não queria pintar uma batalha, mas Napoleão no zênite da sua glória.” Além disso, o próprio Pedro Américo tem pelo menos um outro quadro do mesmo estilo. Trata-se do “Batalha de Avaí”, no Museu Nacional de Belas Artes (RJ). Há também o “Proclamação da República”, de Benedito Calixto, pintado em 1893, que se encontra na Pinacoteca de São Paulo. Também na mesma linha, “A Primeira Missa no Brasil” (1860) e “Batalha de Guararapes” (1879), de Victor Meirelles, do acervo do Museu Nacional de Belas Artes (RJ). Fora do Brasil, mas ficando na América do Sul, podemos enumerar ainda um óleo sobre

tela do Museu Nacional da Colômbia, em Bogotá, "Batalla de Boyacá", de Martín Tovar y Tovar, pintado em Paris em 1890, uma alegoria épica da batalha que praticamente decidiu a independência da Colômbia.

Podemos registrar, portanto, que a iconografia, patrocinada na maioria das vezes pelo poder público, serviu como instrumento de perpetuação de uma história de conotações puramente épicas, povoada de figuras heroicas, bonitas e bem-vestidas. Desta forma, fixa-se no imaginário popular uma história feita de figuras míticas, heróis invencíveis, não muito distantes daqueles que povoam as telas e as páginas dos livros de aventuras, capazes de sair das piores escaramuças sem um arranhão sequer. A história real não é assim. Ela é feita por homens de verdade, com virtudes e defeitos, e suscetíveis a situações tão humanas e prosaicas como a "caganeira" que atacou o nosso Pedro I. E é exatamente por essa dimensão humana que as pessoas que fizeram – e fazem – a história da humanidade são fascinantes e admiráveis. Os heróis míticos, sem defeitos, não passam de uns chatos.

Por falar em heróis de verdade da História do Brasil, a Sexta indica o interessante *Era no Tempo do Rei - Um Romance da Chegada da Corte*, de Ruy Castro, publicado pela Alfaguara em 2007. Neste livro, o autor valeu-se da pesquisa para reconstituir o Rio de Janeiro do século XIX numa ficção burlesca que mistura feitos e personagens reais com imaginários. A Corte, a luta pela coroa, a rainha louca que vê o demônio se esgueirando por trás do Pão de Açúcar, tudo passa pelos dois protagonistas: Pedro, o futuro imperador, e Leonardo, um menino de rua, personagem fictício vindo de *Memórias de Um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Da amizade cúmplice desses dois garotos de doze anos, soltos nas ruas do Rio de Janeiro, emerge este que é, sem dúvida, um livro a ser lido por quem gosta da nossa história e de suas "histórias".

## APOSENTAR É SOFRER?

14.01.2011

É certo que as dores e os achaques próprios da velhice não assustam. De um modo ou de outro, estamos conscientes de que somos reféns da indústria farmacêutica. Suas poções mágicas asseguram o prolongamento da vida e em contrapartida garantem seus lucros estratosféricos. Notem que os cientistas nunca descobrem a cura para um sem-número de enfermidades, especialmente para as que acometem os mais velhos. O arsenal farmacêutico não serve para curar. Garante, isto sim, a convivência com a diabetes, a hipertensão, Parkinson, alguns tipos de câncer, AIDS e outras mais que só matam os que não se cuidam. Assim, o tempo de vida vai se alargando a cada dia.

A grande, quase intransponível dificuldade para os velhos está no quesito de como pagar as contas. Esta a equação que a cada dia vai ficando mais complicada e sem nenhuma solução visível. Falamos dos sistemas previdenciários. Eles foram concebidos, no Brasil, em 1923, com o advento da Lei Eloi Chaves, que criou as CAPs (Caixas de Aposentadorias e Pensões). Estas foram reformuladas no Governo Vargas que, em 1930, as substituiu pelos IAPs (Institutos de Aposentadorias e Pensões). Nessa época, a vida média das pessoas mal passava dos 50 anos. Poucos conseguiam usufruir da aposentadoria e, ainda assim, por breve tempo. A morte cuidava de manter o sistema previdenciário incólume e com boa saúde financeira de tal forma que, no final da primeira metade do século XX, o sistema dispunha também de respeitável patrimônio. As fraudes e falcatruas não conseguiam sequer arranhar a carapaça da solidez.

E aí vieram os governos. Ávidos por dinheiro para financiar projetos faraônicos, rotulados de imprescindíveis ao desenvolvimento nacional, os governantes não tiveram

qualquer pudor. Lançaram mão do caixa do sistema previdenciário para custear coisas como Brasília, Belém-Brasília, Itaipu, Rio- Niterói. Essa dinheirama nunca mais retornou aos cofres de onde saíram. A par disto, uma colossal sonegação de parte das empresas que, muitas vezes, além de não recolherem a parte que lhes cabia, apropriavam-se da que recolhiam dos funcionários. É bom lembrar que nunca se cogitou de implantar um sistema de controle capaz de barrar as fraudes – na maioria das vezes, benefícios fantasmas manipulados por gente de dentro e de fora do sistema. O resultado de tais desmandos não poderia ser outro. A previdência começou a enfraquecer.

De outro lado, chegou o fator longevidade. No passado, sobrava dinheiro. Muitos contribuintes sequer conseguiam usufruir de algum benefício. Morriam antes. No presente, ocorre fenômeno inverso. Não é incomum que pessoas se aposentem e permaneçam nessa condição por 30, 40 anos. Agora já não se morre aos 50. Não raramente, a morte chega depois dos 90. Com isso, os recursos vão escasseando. E a equação vai ficando mais torta na medida em que a taxa de natalidade vai caindo, traçando curva inversa. De um lado, aumenta o número dos que demandam a cesta de benefícios previdenciários; do outro, diminui o número dos que entram no sistema como contribuintes. Caminhamos, assim, para constituir uma sociedade de velhos, como sói acontecer com os países da Europa Ocidental. Aliás, no mundo atual, o único segmento humano que segue crescendo em altas taxas é o muçulmano.

Fechando o ciclo, voltamos ao Estado. Usou dos fundos previdenciários quando achou conveniente e nunca cuidou de fazer a reposição devida. Pelo contrário. Tem-se mostrado ao longo de todos esses anos de uma irresponsabilidade sem par. Os cargos do setor previdenciário são preenchidos pelo critério político. Cada ministro que entra consegue ser pior

que o antecessor: afinal de contas, nenhum deles entende nada de previdência. O compromisso é somente político. É preciso dar empregos aos aliados, pouco importando a capacidade técnica. O critério da meritocracia não tem qualquer relevância. A previdência arrecada muito e, por isso, pode satisfazer a voracidade dos que, partícipes do poder, podem dispor do patrimônio público como se fosse coisa própria.

Esta a crua realidade. O Estado, por seus dirigentes, tem negligenciado a questão previdenciária. Pior ainda, tem-se locupletado da massa de recursos que arrecada, sempre em benefício de uns poucos. Lamentavelmente, a política previdenciária tem como escopo as benesses e vantagens de uns poucos na prática. Não importa qual seja a sigla partidária, o objetivo é sempre o mesmo: tirar vantagem.

Baixar a cabeça? Entrar em depressão? Aceitar os abusos como fato consumado? Nada disso. Primeiro, temos de considerar que o importante é viver um dia de cada vez. Segundo, que há um contrato social pelo qual o Estado se obriga a assegurar o pagamento de aposentadorias e benefícios, mesmo considerando que o Judiciário seja um poder de fazer-de-conta, pronto para sancionar todo e qualquer atentado contra os direitos de aposentados e pensionistas. Dúvidas? O Supremo entendeu que cobrar contribuição previdenciária de aposentados é constitucional. Queixar-se a quem? Claro que existem alternativas outras, tais como cobrar dos sonegadores, estruturar um sólido sistema de controle antifraudes e, claro, devolver o dinheiro, devidamente corrigido, que o Estado desviou para suas obras faraônicas. O que não existe, infelizmente, é vontade para tanto.

Esta é a realidade de hoje. A Sexta entende que situação pior é a dos que virão. Aos atuais aposentados e pensionistas, resta viver cada dia como se fosse o último, reservando, é claro, algum para custear o funeral. No mais, o nosso tempo é agora.

## DE DOR E PERDAS. EDU LOBO NO TCA

21.01.2011

As imagens estão por todo canto. É quase impossível escapar delas. A sensação que fica é que, se não somos uma sociedade de sádicos, estamos bem perto disso. Ou seria coisa diversa? Digamos assim, uma sociedade que, embora não sinta qualquer prazer com o sofrimento dos seus pares, quer saber de tudo nos seus mínimos detalhes, numa espécie de macro empatia. Os meios de comunicação, numa hipótese ou noutra, alimentam esse inconsciente colectivo, ministrando doses cavalares de pânico, mortes e devastação, que se repetem *ad nauseam* sob o rótulo de notícia.

Fico a imaginar se há um limite para a dor. Até que ponto o homem consegue absorver e suportar o sofrimento, soerguendo-se e seguindo em frente numa difícil tentativa de apagar o passado, de eliminar da retina as imagens que maltratam cada uma de nossas incontáveis fibras nervosas? Mais ainda, quantos sucumbirão, deixando que o cérebro apague tudo e os lance num processo de alienação sem volta? De onde é possível arrancar forças para enterrar todos os familiares, soterrados nos escombros do que um dia foi o abrigo, o conforto e o centro onde se reuniam para as práticas mais comecinhas do dia-a-dia e também as grandes celebrações, como os casamentos, nascimentos e colheitas? É possível, depois de ser esmagado assim, soerguer-se, seguir em frente gastando os anos que restam na tentativa da reconstrução?

E o que mais me impressiona, recordando tantas outras tragédias, é saber que muitos conseguem se erguer, muito além das perdas e da dor, e recomeçar. Sem ter qualquer noção de qual seja o meu limite, quedo-me, pasmo e

respeitoso, tentando entender de que matéria essas pessoas são feitas. Seguramente de algo tão consistente e tão nobre que a nós só resta o respeito, a admiração e, quando possível, a solidariedade. Alguns podem até, de forma simplista, explicar esta força imensurável pelo milagre da fé. Não sei. Como ter fé em um deus que tudo pode, mas se compraz com o sofrimento dos seus filhos? A leitura que faço do Livro de Jó é de puro temor. Minha limitada capacidade de raciocínio simplesmente não consegue entender as razões pelas quais se pode levar um homem ao sofrimento extremo. A resposta talvez esteja na falta de fé. Talvez. Por hora, bastam-me os versos do poeta popular que singelamente pedia: “Pise devagar na lama. A lama foi o morro que se desmanchou. Pise devagar na lama. A lágrima que o morro derramou.”

E vem às mãos um texto que, no mínimo, faz a cabeça dar uma paradinha para pensar melhor. Um texto que se propõe fulminar a tão apregoada máxima de que ninguém é insubstituível. Esta máxima é falaciosa. Em termos amplos, quem substituiu gente como Buda, Cristo, Einstein, Chopin, Mozart, Michelangelo ou a nossa Irmã Dulce? Ninguém. Assim também, quem irá substituir os pais, mães, filhos, amigos, avós, maridos, mulheres e netos que se foram numa madrugada de dor em que as forças da natureza, de mãos dadas com a incúria dos homens, resolveram testar os limites da dor?

\*\*\*

E como hoje a questão são as perdas e a dor que fica, permitimo-nos lembrar o espetáculo único que nos ofereceu Edu Lobo com o seu “Tantas Marés”, apresentado no Castro Alves. De fato, assim como as marés que incansavelmente vão e voltam para lambar as praias, Edu volta ao passado para dar vida nova a composições antigas. De quebra, recheia a apresentação de falas e informações que falam da dor e de quão são insubstituíveis, na vida dele a na de todos nós, figuras como

Tom, Vinicius, Cacaso, e Torquato Neto. O espetáculo evolui e o extraordinário compositor vai se soltando, superando a timidez inata. À medida que isso acontece, recompõe todo um período da nossa história que se foi, mas deixou dores e saudades. Percebe-se, então, que Edu é dos últimos monstros sagrados da música brasileira de excelência.

Essa sensação de que estamos todos numa máquina que nos tritura lentamente, sem pressa e sem alarde, fica patente já na apresentação do sexteto que o acompanha. Os cabelos brancos de Cristóvão Bastos e Lula Galvão, ao lado da vasta e grisalha cabeleira de Mauro Senise deixam claras duas coisas. Primeiro, ali está o que de melhor a música brasileira produziu. Segundo, o tempo corre contra eles e não há quem os substitua.

A apresentação foi perfeita. E não poderia ser de outra forma. Os mais jovens, Jurin Moreira, baterista, e Alberto Continentino, baixo, juntamente com o percussionista Mingo Araújo, formam com os três outros um conjunto harmônico e harmonioso. Destaque para o show de dança, com passos sensacionais, do incrível percussionista durante toda a apresentação. Não há que se falar que foi uma apresentação de Edu. Não. E nisto reside parte do grande mérito desse músico imortal. Funcionou como uma espécie de mestre de cerimônias, permitindo que o público pudesse se deleitar e aplaudir os solos perfeitos, cheios de variações e sentimento, de Senise, Cristóvão e Continentino. Afora a exibição de técnica e talento, ficou para nós, pessoas privilegiadas que viram surgir a maior parte das músicas apresentadas, produzidas há 40, 50 anos, num momento em que o Brasil gemia sob os tacões da ditadura militar, um mundo de recordações de pessoas e momentos. Coisa de marejar os olhos, que faz até lembrar que nossos filhos um dia foram crianças. Quando apresentaram a *Ciranda da Bailarina*, a parceira de toda uma vida me cutucou e disse baixinho: “Isto lembra quando os

meninos eram crianças...” Ante manifestações assim, só resta aplaudir freneticamente e torcer que Edu não torne a passar 20 anos sem vir à Bahia.

## A MEDICINA E O TRANSSEXUALISMO

28.01.2011

Asseveram algumas correntes espiritualistas que o corpo físico funciona como uma limitação ao espírito. Enquanto aprisionado nesse invólucro, o espírito tem o exercício de suas potencialidades restrito a 5 ínfimos sentidos. Liberado da matéria, pode então, energia pura que é, expandir-se a ponto de alcançar o Absoluto. Tal proposição é, sem sombra de dúvidas, muito interessante – até porque permite um sem número de perquirições. Ocorre que este é um assunto de ordem teosófica que não temos a mínima condição de discutir. A proposta de discussão é de ordem bem mais terrena e, especificamente, humana. Trata dos corpos que guardam identificação diversa da do espírito, condição que a Organização Mundial de Saúde considera como um tipo de “transtorno de identidade de gênero”. É uma referência aos indivíduos que possuem identidades de gênero diferentes das designadas por ocasião do nascimento. Noutra palavra, transexuais, uma séria questão social, com profundas repercussões de ordem biopsíquica, ainda não devidamente enfrentada.

Grosso modo, poder-se-ia dizer que o transexual é uma personalidade aprisionada dentro de um corpo que não lhe pertence nem lhe agrada. Por força da externalidade deste corpo, vê-se obrigado, desde a infância, a adotar comportamento e postura que não se coadunam com o seu eu interior. Assim, é forçado pelos familiares – muitas vezes despreparados social e culturalmente para problema dessa magnitude – a exercitar-se nas práticas e brincadeiras típicas do sexo aparente. É violentado diuturnamente já que não aceita sua inclinação para o sexo oposto. Desde aí, estabelece-se o inferno que lhe corrói as entranhas ante a ambigüidade

que o coloca no pior dos mundos. Se no seu íntimo é mulher, para os outros, um homem afeminado; se homem, uma mulher masculinizada. Enfrenta grande sofrimento psíquico por acreditar que houve um erro na determinação do sexo anatômico. Em razão disso, muitos buscam a cirurgia para mudança de sexo.

A maioria dos casos de transexualismo se manifesta na infância e implica repulsa ao órgão genital e às suas funções sexuais. “De modo geral, o transexual tem as características sexuais primárias, o seu órgão genital, de um único sexo. Mas suas características secundárias, como voz, pelos e constituição física, podem ser mistas”, explica Nilva Pereira, médica da Unicamp especializada em sexualidade. Os transexuais não escolhem sua condição, simplesmente nascem assim. A teoria mais aceita sobre o transexualismo foi formulada em 1995 por neurologistas holandeses. Estudando o hipotálamo de cadáveres, região do cérebro responsável pelo desenvolvimento dos hormônios sexuais, os cientistas descobriram que uma parte chamada estria terminal é em média 44% maior nos homens do que nas mulheres. Ao medir a região em 6 transexuais, os pesquisadores descobriram volumes até 52% menores do que a média masculina. Portanto, a região cerebral ligada à evolução da sexualidade seria, nos transexuais, mais próxima à das mulheres do que à dos homens.

No Brasil, a área médica tem correspondido aos anseios das pessoas em situações que tais. Em 19 de setembro de 1997, o Conselho Federal de Medicina regulamentou a cirurgia de mudança de sexo como um procedimento legal. Em novembro de 2002, pela Resolução nº 1652, divulgou a diretriz que autoriza os médicos a realizar o tratamento cirúrgico dos transexuais segundo normas internacionalmente reconhecidas, que incluem um mínimo de 2 anos de acompanhamento terapêutico por uma equipe

multidisciplinar antes de ser autorizada a cirurgia, caso o diagnóstico de transexualismo se confirme.

Mas, enquanto a área de saúde evolui, a jurídica continua, salvo as honrosas exceções, arrastando-se apegada a cânones e dogmas já superados. Um exemplo? A limitação do art. 129 do Código Penal (lesão corporal), a qual funciona como uma espada de Dâmocles sobre a cabeça dos médicos: eles correm o risco de uma *notitia criminis* caso operem uma cirurgia de mudança de sexo. Solução? Requerer ao judiciário a devida autorização para a cirurgia. Aí a coisa emperra. Conservadores, burocratas e acomodados, aferram-se à letra fria de leis já superadas pelos usos e costumes para negar a devida autorização. A primeira sentença autorizando operação da espécie foi proferida em 1997 por um juiz de São Paulo. E a primeira cirurgia também ocorreu em São Paulo, no Hospital das Clínicas da UNICAMP, em abril de 1998, com pleno êxito já que conseguiu assegurar a sensibilidade do novo órgão sexual. Antes o paciente, hoje totalmente mulher, foi examinado por psicólogos, psiquiatras, urologistas, cirurgiões plásticos, geneticistas e especialistas em medicina legal. Todos concluíram que seu quadro clínico era de transexualismo.

Pior ainda, mesmo diante de laudos, atestados e perícias técnicas, muitos juízes se recusam a autorizar a retificação no registro civil que permitiria a expedição da documentação necessária à vida civil daquele que já não pertence – e nunca pertenceu – ao sexo indicado no registro de nascimento. Para complicar, discute-se de quem seria a competência para tal ação, embora pareça evidente que, em se tratando de ação de estado civil, cuja pretensão é a alteração do estado individual e a inserção da pessoa na categoria correspondente à sua identidade sexual, competentes sejam as varas de família. Resta-nos torcer para que um raio ilumine nossos magistrados e os ensine a entender e respeitar as diferenças.

## HOMEM X TERRA. UMA CONVIVÊNCIA COMPLICADA

11.02.2011

A Sexta hoje se propõe a levantar a questão de uma relação difícil, ambígua, na maioria das vezes complicada, e que parece não ter solução à vista. Construída à custa de muitas mutilações, mortes, desfigurações e, sobretudo, de incompreensões e desencontros. E não poderia ser de outra forma. Está mais ou menos assentado que a base de qualquer relacionamento é o respeito mútuo, o entendimento e a compreensão das peculiaridades e idiosincrasias de cada uma das partes envolvidas. E para que a relação perdure, impõe-se aceitação mútua e também que as partes façam concessões como forma de encontrar um ponto de equilíbrio. Até aí, não dissemos qualquer novidade. Pelo contrário, pontuamos obviedades. Ocorre que estamos querendo tratar de uma relação que implica na sobrevivência de incontáveis espécies ao longo de muitos e muitos anos.

De um lado, temos a Terra, a Mãe Terra, o Planeta Azul, a casa do homem e de mais uma infinidade de seres vivos de todos os tipos, classes e espécies. Estima-se que sua idade esteja em torno de 4 e meio bilhões de anos. Para se chegar a este número, partiu-se da hipótese de que o Big Bang teria ocorrido há 15 bilhões de anos; as galáxias, há 13 bilhões; as primeiras estrelas, há dez bilhões; e o sol, há 5 bilhões. Mais ainda, Pangeia, o supercontinente que compreendia todas as terras e era banhado por um único oceano, Pantalassa, teria existido há 400 milhões de anos. A atual conformação dos continentes é muito mais nova, coisa de uns 60 milhões de anos. Como se vê, são números estonteantes e de difícil compreensão para os humanos. Como ser vivo que pulsa ao ritmo de leis e ciclos muito além da nossa compreensão,

a Terra tem mecanismos próprios de defesa e sobrevivência. Em razão disso é que, periodicamente, se cobre de gelo e, durante milhões de anos, busca recobrar suas energias num sono profundo e restaurador. Durante esse período, os animais e os vegetais desaparecem em sua maior parte porque não resistem ao frio e à falta de luz solar. As raras espécies animais que conseguem sobreviver ao frio extremo são, sobretudo, as marinhas e algumas aves. A última grande glaciação no planeta ocorreu no período Terciário Superior da Era Cenozóica, há cerca de 60 milhões de anos, quando os homens ainda nem existiam.

Do outro lado dessa relação, temos o homem, que teria surgido aí por volta de uns míseros 200 mil anos. Na maior parte desse tempo, sua presença foi pouco relevante. Sobrevivia basicamente da caça e, por isso, era nômade já que a vida era ditada ao ritmo das andanças dos rebanhos. Muito depois é que passou a utilizar de forma mais intensiva dos recursos naturais. Passou a deixar visíveis e indelévels marcas em consequência de ações muitas vezes predatórias. Assim foi que destruiu florestas inteiras no afã de construir embarcações, muitas delas, como as da “Invencível Armada” espanhola, destinadas unicamente a fins militares. Como corolário dessas ações, produziu desertos.

A partir de meados do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial, começou a consumir, em velocidade crescente, os recursos naturais que a Terra lhe oferecia. Este consumo predatório tomaria contornos definitivos no século XX, época em que a sociedade humana atingiu elevado nível de sofisticação. Curioso nessa história é que os homens, animais dotados de incrível ânimo belicoso, vêm mantendo uma espécie de controle natural da espécie, eliminando-se uns aos outros num processo incessante, muitas vezes sem razões palpáveis. Assim é que inúmeras civilizações desapareceram, deixando apenas, na maioria das vezes, raros e parques vestígios

de sua existência e do seu grau de evolução. Hoje, o homem se debate com um sem-número de indagações. O grau de conhecimento amalhado até aqui não é suficiente para prever os próximos passos, especialmente no que diz respeito a recursos não-renováveis, que são até agora imprescindíveis a vida humana. Como viver sem água?

Aí o cerne da questão. A história da vida na Terra tem mostrado que há uma espécie de competição entre as espécies. E não há como fugir disso porquanto umas precisam consumir ou eliminar as outras como forma de sobrevivência. Desta forma é que desapareceram incontáveis espécies de animais e vegetais porque o homem, predador ou não, demanda a cada dia mais espaço e mais recursos naturais. Com isso, porém, pode até estar acelerando o seu próprio fim. Mas é possível retroceder?

Ao fim e ao cabo, está a humanidade numa encruzilhada às voltas com uma disputa infinda. No meio dela, os homens comuns se sentem perdidos já que as diversas facções apelam de tal forma para posições e discursos tão extremados e exagerados que acabam perdendo credibilidade. Evidente que isto não é bom. De um lado, catastróficamente, ambientalistas, conservacionistas ou que nomes tenham a proclamar, defendem que o homem – e só o homem – está matando a vida na Terra e vai destruir a humanidade. De outro lado, cientistas que afirmam ser o atual processo de aquecimento global apenas e tão-somente o caminho para outra era glacial. Estes, não tão radicais no discurso, admitem que o homem tem efetivamente colaborado na aceleração desse processo, mas enfatizam que ele não tem o privilégio de ser o único responsável pelas visíveis – e sentidas – alterações climáticas. Depois de dezenas de milhares de anos, eles dizem, a Mãe Terra precisa descansar. E aí, como ficamos?

## TRÊS LIVROS DE JOHN BOYNE

18.02.2011

Após dia e meio de aprendizado, entre exposições e debates sobre a sempre atual e momentosa questão previdenciária e os seus consectários, tais como contribuições, aposentadorias, pensões e perspectivas futuras, retomo o teclado para esse dever-prazer de todas as semanas. Na memória, ainda presentes as questões discutidas, que não se amoldam a um entardecer de sábado com lua cheia a despontar das bandas de Itapuã, envolvendo o mar, seu amado sempiterno, num ósculo de luz azulada. De ser assim, a Sexta vai tratar de temas imemoriais como amor, amizade, lealdade e, também, história. Para tanto nada melhor que se arrimar em livros e autor, inclusive como sugestão de leitura.

Para início de conversa, tomemos um romancista irlandês que, com apenas 40 anos, tem livros publicados em 29 idiomas, além de diversos prêmios literários. Falamos de John Boyne, hábil contador de histórias que tem como marca pessoal a rara habilidade de misturar ficção e história de uma forma agradável e envolvente, com enredos perfeitamente verossímeis. Dos seus títulos, três foram publicados no Brasil. Começemos pelo mais conhecido, adaptado para o cinema com enorme sucesso: *O Menino do Pijama Listrado*, de apenas 192 páginas, da Cia. das Letras, com tradução de Augusto Pacheco Calil. Conta a improvável história da amizade do filho de um graduado oficial nazista, responsável por um campo de concentração, presumidamente Auschwitz, com um garoto judeu, prisioneiro do campo. A inocência e a ternura que se percebem no texto podem ser atribuídas ao fato de que é narrado na primeira pessoa, por um menino de 9 anos. Bruno e Shmuel são duas crianças, dois extremos de um dos mais terríveis momentos da história da humanidade. A amizade

dos dois floresce e se desenvolve, ainda que separados por uma cerca de arame farpado; assim conversam e brincam, despercebidos do processo histórico em que estavam envolvidos. Bruno não conseguia entender o porquê do amigo estar sempre de pijama listrado e obrigado a viver num imenso cercado. Shmuel, por seu turno, não compreendia nada da realidade do amigo. No final, impactante e surpreendente... Bem, esta parte fica para quem se dispuser a ler o livro.

*O Palácio de Inverno* (456 pgs., Cia. das Letras, tradução de Denise Bottmann) é, por mais que Boyne tente disfarçar e conduzir o leitor para outros caminhos, uma bela, belíssima, história de amor. Também uma forma atraente de contar a história dos últimos Romanov, inspiradora de um sem-número de obras, graças a figuras como Rasputin, Nicolau II, as quatro princesas e o problemático príncipe Alexei, hemofílico a exigir um sem-número de cuidados. A maior parte da história dessa família, marco final do czarismo e inicial do bolchevismo, só viria a público depois da derrocada da União Soviética. Neste livro, também narrado na primeira pessoa, o autor usa a técnica dos saltos temporais para contar as principais passagens da vida do protagonista. Desta forma, instala no leitor a saudável ansiedade de ir em frente para montar o quebra-cabeça narrativo. O protagonista é Geórgui Jackmenev, ex-camponês russo, com cerca de 80 anos, funcionário aposentado do Museu Britânico que vive em Londres com a mulher Zoia, acometida de um câncer já nos últimos estágios. O carinho, o cuidado e a cumplicidade que há entre eles é de emocionar. Ante a perda iminente, Geórgui relembra tempos passados ligados a grandes momentos do século XX, a partir de Nicolau II e sua família, a quem serviu na sua juventude. Embora pareça estar falando de guerra, de poder, da ascensão do bolchevismo, da vida na corte russa no seu dia-a-dia de amenidades, Boyne quer, de fato, contar uma história de amor que sobrevive ao tempo e às adversidades.

E o faz com tal mestria que a gente fica torcendo para que a história tivesse outro rumo. Vale!

O terceiro livro do autor irlandês é *O Garoto do Convés* (496 pgs, Cia das Letras, tradução de Luiz A. de Araújo). Boa combinação de aventura náutica e romance histórico. Sua leitura nos faz voltar no tempo – aos romances de Rafael Sabatini e Fenimore Cooper, e aos filmes com Errol Flynn. O autor toma, como nos outros dois livros, de um fato histórico, desta vez mais restrito, e conta a aventura do órfão John Jacob Turnstile, integrando-o à tripulação do famoso HMS Bounty, navio inglês que no século XVIII foi objeto de um dos mais famosos motins da marinha britânica. Esse fato rendeu alguns livros e pelo menos um filme ganhador de Oscar, *O Grande Motim*, de Frank Lloyd, com Clark Gable.

Neste livro, a história é narrada sob a ótica de um órfão embarcado de última hora como criado do capitão Bligh. Sem dúvida bem mais dramático e denso que *O Garoto de Pijama Listrado*. A família do garoto são os meninos de rua que moram com um certo “Sr Lewis”, que lhes dá cama e comida. Em troca, explora-os exigindo que furem e os oferece como objetos sexuais a clientes previamente escolhidos. Preso por furtar um relógio, o garoto é salvo pela própria vítima, que lhe oferece embarcar no navio como criado do capitão em vez de jogá-lo na cadeia. Aceita a troca, o menino vê-se envolvido num mundo de aventuras e emoções, especialmente após o motim, quando, com o capitão e outros marujos fiéis, é jogado ao mar num pequeno escaler. A narrativa dessas venturas e desventuras vale, por si só, a leitura do livro. Oportunidade para aprender um pouco de história e mergulhar em uma grande aventura de final feliz. Sem dúvida, três bons livros.

## MULHERES ESPECIAIS

03.03.2011

A memória não guardou praticamente nada daquela entrevista. Reteve somente a pergunta final: “Se Deus tivesse um sexo, qual seria?” E a resposta, segura e incisiva: “Mulher.” Ficou a impressão de que tratavam da importância da mulher na sociedade humana. Não só a maternidade propriamente dita, mas toda essa imensa capacidade que têm as mulheres de ultrapassar barreiras, suportar a dor e se doar de uma forma quase que incompreensível para os homens. Ao longo dos anos, inúmeras foram as ocasiões em que me deparei com exemplos maiúsculos de coragem, solidariedade, cuidado e lealdade das mulheres. Basta destacar que, nos leitos hospitalares e nos presídios, exemplos indiscutíveis de dor e sofrimento, raramente se encontra um homem desacompanhado. Ao seu lado ou ali perto sempre haverá uma mulher, seja ela mãe, irmã, parente, companheira ou simplesmente uma pessoa solidária a tentar mitigar a dor alheia. A recíproca não é verdadeira. Possíveis exceções não infirmam esta regra.

Volta e meia, a Sexta traz exemplos de mulheres que fizeram – e fazem – a diferença, muitas vezes abdicando da própria vida em prol do bem-estar dos outros. No passado, exemplos que marcaram as páginas da nossa história, como Anita Garibaldi, Ana Néri, Maria Quitéria e, um xodó especial, Maria Felipa. No presente, escrevendo capítulos de solidariedade em estado bruto, visionárias como Irmã Cícera, portadora de uma fé inexplicável, a recolher das ruas velhos doentes para deles cuidar com desvelo maternal. Sem recursos, busca os cidadãos comuns, convoca-os a fornecer os recursos de que precisa para dar um mínimo de dignidade àquelas pessoas. Outro exemplo, bem mais extremado, é o da

mítica “Mãe Preta”, ex-prostituta vencida pela ação do tempo que, vivendo em estado de penúria, consegue, sabe-se lá como, alimentar e abrigar as crianças abandonadas que perambulam pelas ruínas da degradada Ladeira da Montanha.

Duas mulheres de origens diferentes, mas com o objetivo comum de levar aos que nada têm um pouco de respeito e dignidade. Talvez nem se conheçam, embora tenham sua área de atuação na Cidade Baixa. Um curioso fato as vincula. Totalmente imersas no trabalho que desenvolvem, são dignas do respeito e da admiração de qualquer pessoa com um mínimo de sensibilidade. Alguns membros do hoje poderoso e temido Ministério Público não pensam assim. Esquecidos de que o legal não é necessariamente justo e que entre o real e o ideal há um abismo quase intransponível, surgem volta e meia brandindo códigos e estatutos, a exigir o cumprimento de dispositivos que, gestados na “Ilha da Fantasia”, pouco ou nada têm a ver com a dura realidade dos que sofrem de fome e doenças, abandonados nas ruas desta velha e desfigurada Salvador. Dá-se, então, uma espécie de teatro do absurdo. As exigências, feitas não raro sob pesadas ameaças, simplesmente não podem ser atendidas.

Para complicar a situação, os zelosos cumpridores da lei não apresentam alternativas nem soluções para os problemas que apontam. Limitam-se a indicar possíveis dispositivos legais infringidos, cobrando soluções, exigindo e fixando prazos, deixando-as em situação difícil, a apelar para a boa vontade de uns poucos. E elas fazem verdadeiros milagres! Conseguem contornar as imposições já que sempre aparecem alguns colchões e panelas, alguém que manda consertar os sanitários ou substituir pisos estragados. Incansáveis e inquebrantáveis, elas permanecem à frente do trabalho que é sua razão de viver, como se a atestar que, de modo geral, a mulher é, sim, muito mais forte, digna e corajosa que o homem.

Essas mulheres, negras que são, não se deixarão abater. Vêm de uma longa tradição de lutas, inclusive em defesa de posições culturais e religiosas que se perdem ainda na noite do período colonial, quando aqui chegaram os primeiros escravos trazidos de África. Na primeira metade do século XX, mais exatamente entre 1920 e 1930, intensificou-se a perseguição religiosa: tanto de parte da polícia, entidade que, pela Delegacia de Jogos e Costumes, controlava os terreiros – imaginem! – como pela imprensa, que movia virulenta campanha contra o candomblé, a capoeira, o samba e quaisquer outras manifestações culturais de origem africana.

A reação viria pelas páginas de *O Estado da Bahia*, que publicou, entre maio de 1936 e janeiro de 1938, uma série de reportagens, artigos e entrevistas. Foi o período de preparação e realização do 2º Congresso Afro Brasileiro, quando também foi criada a União das Seitas Afro-Brasileiras. Este trabalho foi desenvolvido por Edison Carneiro, escritor e etnólogo especializado em temas afro-brasileiros. Seu esforço tinha como escopo a liberdade religiosa da população afrodescendente e a legitimação dos seus costumes. Dentre outros resultados positivos, o Congresso serviu para integrar as lideranças que resistiam, circunscritas às suas áreas de atuação. Líderes como Silvino Manoel da Silva, tocador de atabaque do Gantois, Mãe Aninha, do Ilê Axé Opô Afonjá, de S. Gonçalo do Retiro, e Meninha, mãe-de-santo do Gantois.

Sem dúvida, ali no 2º Congresso se plantou a semente, mas o primeiro fruto só seria colhido em 15.01.1976, no Governo Roberto Santos, quando foi sancionada a Lei nº 25.098, que acabou com a obrigatoriedade do registro policial dos candomblés. A Sexta está obrigada a voltar ao assunto. Fica o compromisso.

## SOBRE O 2º CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO

11.03.2011

Indiscutivelmente o 2º Congresso Afro-Brasileiro se constituiu um marco no processo de alcance da liberdade de manifestações culturais e religiosas de matrizes africanas, especialmente o samba, a capoeira e o candomblé. De destacar que o etnólogo Edison Carneiro, responsável maior pela realização do evento, antevia o fim da capoeira por força da sua descaracterização em decorrência da incorporação de golpes e passos de outras formas de luta. Assumidamente o “Mestre Bimba”, uma das mais importantes personalidades dessa luta/jogo/dança, defendia que a sua “Capoeira Regional” era o resultado dessa mistura. O tempo acabaria por mostrar que em matéria de previsões o escritor não era dos melhores. A capoeira, assim como toda manifestação cultural, não pode ficar infensa às mudanças que estão ocorrendo a todo o momento em seu entorno. Os puristas podem até não aceitar, é um direito que lhes assiste, mas é praticamente impossível impedir os intercâmbios e as mudanças. O fato é que a capoeira aí está viva e forte, inclusive como produto de exportação e – o que é bem curioso – com seguidores das suas diversas vertentes, inclusive, é claro, a sacrossanta Angola, considerada a mais tradicional. No tocante ao samba fez previsão idêntica. Idêntico também o resultado. Enquanto os modismos vão e vêm, o samba e as suas inúmeras variações, todas ancoradas nas tradições afro-brasileiras, vai ficando, se renovando e se impondo.

No que diz respeito ao candomblé, religião de liturgia, rituais e dogmas próprios, a questão tomou outra vertente. O 2º Congresso funcionou como elemento de mobilização. Mesmo sendo uma religião baseada na tradição oral, abriu

para o Congresso duas preciosas exceções: As sacerdotisas, Aninha, do Ilê Axé Opô Afonjá, escreveu um livro com as principais receitas da culinária afro-bahiana e Menininha do Gantois, outro livro, contando a história e os costumes do seu terreiro. Estes trabalhos constituíram valiosos registros para preservar a tradição, além de indicar um abrandamento nas rígidas regras da tradição oral. Cabe aqui citar Maria Stella de Azevedo Santos, no seu “Meu Tempo É Agora”: “Ninguém ignora a avalanche de livros sobre Jogo de Búzios, receitas de Ebó, iniciação....Isto é profanação, involução, destruição da religião. É o jogo do inimigo.....Com isto não quero dizer que os livros sobre Candomblé não sejam importantes, senão não teria escrito este.....A tradição somente oral é difícil nos tempos atuais. Até mesmo porque a aquisição da escrita pela humanidade é um ganho, e não uma perda.” Infere-se portanto que um valioso subproduto do 2º Congresso Afro-Brasileiro, lá no longínquo 1937, foi essa quebra dos cânones da tradição oral passando a admitir, com os devidos cuidados, o registro de elementos da cultura e da doutrina dessa religião de tanta importância e significado na formação cultural brasileira.

A capoeira, o samba e o candomblé, não só sobreviveram como se impuseram perante a sociedade, merecedores que são de respeito e admiração. E um dos exemplos mais evidentes dessa adaptação aos novos tempos é exatamente a enfermeira aposentada, autora de cinco livros, Doutor “Honoris Causa” da Universidade Federal da Bahia e detentora de vários títulos e comendas. Em “Bahia de Todos os Santos” Jorge Amado assim a descreveu: “Prudente, forte, flexível e intransigente, capaz e firme, sentada no trono que já lhe era devido por destino e por escolha.” Estamos falando de Mãe Stella de Oxóssi, ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá há trinta e cinco anos. O terreiro é considerado patrimônio nacional pelo IPHAN; ela uma das lideranças mais respeitadas, destacando-se não só como sacerdotisa, mas como intelectual e líder popular.

Marcou a história do candomblé quando, em 1983 apresentou na II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, em Salvador, um manifesto contra a associação dos orixás aos símbolos da Igreja Católica.

Junto com ela Menininha do Gantois, Olga do Alaketu e Doné Ruinhó. Sustentam que bastam os orixás. O candomblé não precisa se esconder atrás dos santos católicos. Isto sem perder de vista o respeito que merece não só a religião católica como todas as outras. Mesmo deixando bem claro o respeito às outras religiões não conseguiu ainda se livrar do preconceito. Em novembro de 2009 e janeiro de 2010 o Opô Afonjá foi invadido e teve instalações destruídas. Ela não se dobra. Em entrevista a MetrÓpole TV foi incisiva: “A discriminação existiu e ainda existe, e aí a resistência do candomblé e o povo do axé supera essas coisas todas. Nós não temos muito tempo para prestar atenção nos opressores e perseguidores. Nós estamos trabalhando por uma causa que é a religião.” No “Meu Tempo É Agora” afirma, num atestado da sua larga visão: “Combato o sincretismo, repito, na intenção de valorizar a essência dos ritos, os seus fundamentos, mas sei que Nação pura não existe. Isto é utopia e ignorância de nossa história.”

Tempos atrás a Sexta tratou da forma encontrada pelo “Povo de Santo” para manter suas tradições, crenças e religião, mesmo sob a pesada repressão dos seus senhores, os escravocratas. Agora voltamos ao tema para mostrar a luta incessante de quem busca se afirmar e se impor, acima de conceitos, preconceitos e “verdades”. Para finalizar, com a palavra Mãe Stella: “Tradição e renovação, palavras-chaves para serem refletidas por todos que desejam seguir um caminho próspero. E a prosperidade aqui referida inclui não apenas a material, mas principalmente a espiritual, que só pode ser conquistada através de purificação de sentimentos, de pensamentos e de movimentos constantes que resultam em ações construtivas.”

## NA NASCENTE DO SÃO FRANCISCO

18.03.2011

Voltar a Minas Gerais é um prazer que se renova. Desde o percorrer dos seus caminhos, deixando o olhar perder-se no verde luxuriante da paisagem toda recortada por montanhas e vales, até o mergulhar de pura gula nos inúmeros acepipes dessa que é uma das mais ricas cozinhas deste Brasil tão vário de sabores e aromas. Aqui, um bosque da agonizante Mata Atlântica. Mais adiante, é um tucano que cruza a estrada no seu voar desajeitado, o enorme bico estendido a puxar o corpo emplumado em aurinegro. Infensas aos ruídos dos veículos que vão e vêm, duas corujas num tronco morto observam com seu olhar pleno de sabedoria. De repente, um convite para uma parada. É um estabelecimento que vende de um tudo, com destaque para incríveis sabores de doce de leite *diet*, que não se encontra alhures porque não são enjoativos e nem adoçados em excesso. Para completar, um mingau de milho em ponto de corte, também adoçado sem açúcar. A gulodice nos faz sentir crianças, ávidos por experimentar de tudo um pouco.

E se estamos em “Belzonte”, ainda que de passagem, há que se dar uma parada na Pampulha e, depois de tantos anos, rever, com o olhar compassivo que o tempo educou, a suavidade da igreja com suas curvas em forma de paredes laterais que se transformam em teto – ou seria o inverso?! – e se fecham em torno do vão envidraçado a permitir que o sol inunde de luz o seu interior. A fachada externa, com imensos painéis em azul e branco, tudo em ótimo estado de conservação, continua encantando o observador atento, como vem fazendo desde a longínqua década de 1940. Impossível não dedicar um tempo ao magnífico trabalho de Portinari, que conta a seu modo passagens da vida do “Pobrezinho de

Assis”, especialmente as conversas com aves e peixes. No interior, os olhos são capturados pelo imenso painel de fundo, têmpera sobre argamassa, onde se destaca a enorme figura do santo, propositadamente deformado, com seu olhar veemente realçado por mãos e pés exagerados. Assim, Portinari captou o momento em que Francisco se despojou de suas vestes e abraçou a pobreza. A composição é tão forte que transcende a questão da fé. É arrebatador! Tão impactante que se faz imperioso burlar a vigilância e, num momento de descuido, fotografar, sem flash, de diversos ângulos, o embasbacante painel.

E seguimos nós, aturando o desconforto da poderosa e bonita caminhoneta que a cada quilômetro nos faz lembrar as dores lombares de incômoda presença. Parada rápida no Mercado Central, tempo para apreciar um incrível bife de fígado com jiló que não amarga. Além disso, os boxes oferecem uma variedade imensa de queijos e cachaças. Minas é um mundo a parte. Com tanto torresmo, leitão a pururuca, costelinhas fritas, frango com quiabo, frango com *ora pro nobis* e doces de todo tipo e espécie, ficamos a nos perguntar por que não se vê mineiro obeso. Preferimos concluir que os médicos estão errados. Gordura não faz mal. O mal está dentro de cada um. Sim, também é possível que a cachaça ajude no processo de minimizar os efeitos de tanta fritura. Duvidar, quem há de?

Mas o que buscamos de verdade é a Serra da Canastra e, ali, a nascente histórica do São Francisco. Por isso é que nos dirigimos a São Roque de Minas, a cidade mais próxima da portaria 1 do Parque Nacional. Chove em demasia. As chuvas de março vêm fechando o verão com toda a pompa e circunstância. O frio intenso nos apanha de “calças na mão”. Afinal de contas ninguém poderia esperar temperatura de 12 graus em pleno verão. As estradas que dão acesso ao parque só permitem a passagem de carros tracionados e, mesmo

assim, conduzidos por motoristas que saibam o que fazer. Não é o meu caso. Graças ao nosso intemorato condutor é que chegamos lá em cima e pudemos, assim como num ritual, dar um mergulho respeitoso e beber da água pura e cristalina do “Velho Chico”. Nada a ver com as agressões e depredações a que estamos acostumados nas inúmeras cidades que o margeiam e que dele vivem. Ali, flora e fauna se harmonizam num raro e belo espetáculo da natureza. Não vimos mamíferos, é verdade, mas inúmeras aves, inclusive as desgraciosas emas.

Lembro que foi às suas margens que Guimarães Rosa assentou a fazenda onde morava Riobaldo Tatarana, jagunço valente e intrépido que tremeu de puro medo quando fez a sua primeira travessia na canoa pilotada pelo menino Reinaldo: “É de repentinamente aquela terrível água de largura: imensidade.” O São Francisco não é apenas um rio. Representa a vida, a força de Deus, do Diabo e dos homens. Da Serra da Canastra até os limites com a Bahia, vai fazendo parte da história das cidades, pessoas e lendas que ainda compõem o imaginário sertanejo. Lá na serra, a terra vai marejando e pequenos filetes de água vão se formando; logo adiante, um pequeno córrego rumoreja sob os tufos de capim. Poucos quilômetros depois, já é um ribeirão caudaloso que ganha impulso para um salto de 186 metros. É assim que nasce o rio da integração nacional, na Serra da Canastra, no sudoeste de Minas, onde ainda criança reúne forças para seguir o seu rumo, percorrer 2,7 mil quilômetros cortando 5 estados brasileiros até o mar de Alagoas. Conhecer seus nascedouros, a uma altitude de 1.200 metros, traz a certeza de que tem um belíssimo berço e que viverá ainda por incontáveis anos, mesmo que aqui embaixo os homens insistam em destruí-lo e apagá-lo do mapa.

## APAGARAM-SE OS OLHOS COR DE VIOLETA

25.03.2011

Tempo de plenilúnio. A lua imensa se debruça carinhosa e envolvente sobre mares e rios, marcando as águas com uma imensa e diáfana mancha prata fosforescente. Enche os olhos e dá uma sensação de paz, nostalgia e abandono. É também o tempo das temidas marés de março, que afastam os pescadores dos seus barcos e da labuta diária pelo pão, enquanto nós outros nos quedamos assustados ante a altura das marés e suas ondas, que crescem, avançam e batem solapando terras, destruindo muros de contenção, arrancando coqueiros das suas raízes e casas dos seus alicerces. Tempo de tristeza e apreensão para uns e de grande alegria para os surfistas, que despencam da crista das ondas e deslizam sobre as águas borbulhantes até a frenagem mansa nas areias das praias livres de banhistas. As outras águas, as que fecham o verão, caem dos céus e correm desembestadas, enchendo os rios que saltam dos leitos e se espraíam cada vez mais alto e mais longe, deixando um rastro de destruição, morte e tristeza. É como se a natureza, utilizando a força dos elementos, estivesse a brincar com o homem, lembrando-o da sua insignificância e impotência ante um poder maior, que não admite controle.

São os ciclos que marcam a vida e a marcha do tempo. Abrem-se e fecham-se no seu caminhar incessante, indiferentes ao esforço e à vontade dos homens. Tempo de recorrer ao *Livro da Sabedoria*: “Vaidade de vaidades, diz o Pregador, vaidade de vaidades; tudo é vaidade/Que proveito tem o homem, de todo o seu trabalho que realiza sob o sol?/Uma geração vai, e outra geração vem: mas a terra para sempre permanece./O sol também se levanta, e o sol se põe, e apressa-se a voltar ao lugar onde nasceu./O vento vai para o sul, e faz o seu giro

para o norte; circula continuamente, e volta formando os seus circuitos./Todos os rios correm para o mar; contudo o mar não se enche; ao lugar de onde vêm os rios, para ali tornam eles a correr./Todas as coisas são trabalhosas; o homem não o pode exprimir: os olhos não se fartam de ver, tampouco os ouvidos se enchem de ouvir./O que foi é o que há de ser; e o que se fez é o que se fará: e nada há de novo sob o sol.” E é assim nestes idos de março de lua cheia que se aproxima da Terra. É tempo de águas que chegam aos borbotões, tirando a paz de muitos, mas fazem brilhar de cupidez os olhos de tantos quantos hão de se apropriar das verbas destinadas aos desabrigados de hoje e que assim continuarão enquanto os ciclos completam-se na sua marcha infinita.

Em se tratando de ciclos, há que se registrar o que se fechou no dia 23, quando a luz se apagou dos mais incríveis olhos cor de violeta que o mundo conheceu. No cerrar definitivo daqueles olhos enigmáticos e profundos, fechou-se o ciclo do que se convencionou chamar “Era de Ouro de Hollywood”, até porque era tida como a última das grandes estrelas de um tempo em que os estúdios norte-americanos investiam forte na construção da imagem de atores que acabariam se tornando ícones mundiais. Pode até ser que nunca tenha existido uma mulher como Gilda. Glenn Ford, que perdeu dentes com os pouco cinematográficos tapas da curvilínea e arrebatadora Rita Hayworth, é quem poderia falar, mas seu ciclo já se fechou também. Fato é que Elizabeth Taylor foi a maior expressão da indústria do cinema no período de 1950 a início da década de 60. Em pouco menos de 10 anos, consolidou-se como a estrela de primeira grandeza que foi.

Pequenina, com apenas 1,57m de altura, impôs-se graças ao indiscutível talento, o corpo bem distribuído e, sobretudo, os olhos cor de violeta, adornados por sobrancelhas que os realçavam. Num tempo em que os dotes físicos bastavam, ela se impôs por interpretar papéis difíceis em textos de autores

da estirpe de Shakespeare, Tennessee Williams e Gore Vidal, muitos deles tratando de temas ainda tabus, como doenças mentais, incesto, homossexualismo e canibalismo. Brillhou intensamente na pele de personagens conturbadas e sofridas como a Leslie de *Assim Caminha a Humanidade*, a Catherine de *De Repente no Último Verão* e a mulher do casal desajustado e alcoolizado de *Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?*, filme feito de diálogos terríveis e deprimentes.

Fora das telas, Elizabeth foi uma mulher de muitas lutas e atitudes corajosas, abraçando causas como as das campanhas contra a AIDS e contra o preconceito sexual. Amiga de verdade, presente em todos os momentos, não hesitou em ficar ao lado de Michael Jackson no momento em que os outros a ele se atiraram como se cão danado fosse. De temperamento forte, foi capaz de superar os muitos e graves problemas que enfrentou com o álcool e as drogas. Sem dúvida, uma mulher que acreditava no casamento. Tanto assim que contraiu matrimônio por 8 vezes. Era conhecida – e respeitada – por não ter papas na língua e por uma peculiar visão crítica e bem-humorada da vida. Gostava de produzir frases de efeito, a exemplo de “Grandes garotas precisam de grandes diamantes”, ou a cáustica “Quando os homens atingem uma certa idade, eles ficam com medo de crescer. Parece que quanto mais velhos eles ficam, mais novas são suas esposas.” Só nos resta agora, numa silenciosa homenagem a quem nos deu tantos e belos momentos de entretenimento, desejar que descanse seus belos olhos em paz.

## ROSA MONTERO E O REI TRANSPARENTE

01.04.2011

É. É. Não há como escapar. A Sexta vai, volta e acaba falando de literatura. Não há como fugir disso. Livro é livro e quem dele gosta nunca fica sozinho, principalmente se é livro de qualidade como os produzidos por Rosa Montero, madrilenha da safra 1951, já consagrada como jornalista e escritora. Dona de um estilo muito pessoal, passa ao leitor a gostosa sensação de que ele foi convidado para uma brincadeira cheia de armadilhas e de incríveis saídas, enquanto discute temas atualíssimos. *A Louca da Casa*, livro de 2003, é um bom exemplo disso. Seu título é extraído de uma frase de Santa Teresa de Jesus: “A imaginação é a louca da casa”. Livro de difícil enquadramento, é tido pela autora como o melhor que escreveu, exatamente porque difere de todo o resto da sua obra. Uma espécie de ode à imaginação, combina gêneros literários, mistura o real e o fantástico de tal forma que leva o leitor a quedar-se perplexo sem conseguir distinguir verdade de mentira. É assim, por exemplo, quando ela conta, em momentos distintos e variações diversas, a história do seu namoro com um artista de cinema. Aconteceu? Não aconteceu? E se aconteceu, foi na forma de qual das versões? Pouco importa. O leitor já está engajado no novelo da história (ou das histórias?) e muito feliz com isso. Em entrevista, Rosa afirmou que se divertia muito com as críticas que fazem ao livro, ora enquadrando-o como romance, ora como ensaio e até como contos, sem afinal chegarem a qualquer consenso.

Noutros trechos, sem perder o prumo, incursiona pela vida de monstros sagrados da literatura mundial, tais como Gide, Malraux, Tolstoi e Goethe. Leva-nos a conhecer informações biográficas pouco lisonjeiras e até deprimentes, mas que comprovam a existência, sob a roupagem de um ícone, de

homens com defeitos e virtudes. Assim, vai compondo o seu jogo. Sustenta que “a imaginação completa a realidade e é ela quem nos salva porque permite-nos viver num mundo que, de outro modo, seria um caos inabitável”. Assume que “quis que o leitor brincasse comigo e escolhesse aquilo em que queria acreditar.” Numa frase faz a síntese de sua obra: “É um pouco como uma caixa de um mágico de circo, sai de lá tudo.”

Em outro livro seu, *A História do Rei Transparente*, ela compõe um romance de cavalaria, ambientado na França do século XII. Inicia o texto de forma antológica: “Sou mulher e escrevo. Sou plebeia e sei ler. Nasci serva e sou livre. Vi coisas maravilhosas em minha vida. Durante algum tempo, o mundo foi um milagre. Depois a escuridão voltou.” A partir daí, sucedem-se as venturas e desventuras da protagonista Leola, camponesa que se torna cavaleiro, na contramão do destino de servos e mulheres. Sozinha e desamparada, furta a armadura de um cavaleiro morto em batalha, veste-se como ele e mais adiante aprende a guerrear para se proteger. Mas a sua sorte começa a mudar a partir do momento em que se junta a Nyneve, uma bruxa que a acompanha durante o resto da história.

Nyneve, diga-se, é uma personagem magnífica. Conta saborosas e hilariantes histórias de Avalon, Rei Arthur, Merlin etc. Entende de um mundo de coisas, especialmente de plantas e ervas que servem para curar todo tipo de ferimentos e doenças, sem falar no poderoso e definitivo Elixir Ambarino, porta que se abre para as plagas de Avalon. Sábia Nyneve, capaz de reflexões como: “A melhor palavra de todas é compaixão, a capacidade de colocar-se na pele do próximo e de sentir com o outro aquilo que ele sente. É a única das palavras pela qual não se fere, não se tortura, não se aprisiona e não se mata ninguém... Antes, pelo contrário, ela evita tudo isso. Há outras palavras muito belas: amor, liberdade, honra, justiça... Mas todas, absolutamente todas, podem ser manipuladas,

podem ser lançadas como armas e causar vítimas. Por amor ao seu Deus os cruzados acendem as piras, e por aberrante amor os amantes ciumentos matam suas amadas. Os nobres maltratam seus servos e abusam barbaramente deles em nome de sua suposta honra; a liberdade de uns pode implicar prisão e morte para outros; e, quanto à justiça, todos creem tê-la do seu lado, inclusive os tiranos mais atrozes. Somente a compaixão impede esses excessos; é uma ideia que não se pode impor a sangue e fogo sobre os outros porque te obriga a fazer justamente o contrário, a te aproximares dos demais, senti-los e entendê-los. A compaixão é o núcleo do melhor que somos...”

A autora usa o romance de cavalaria para, como numa versão moderna de Cervantes, desmistificar os cavaleiros. De permeio, traz boas e oportunas reflexões sobre as diferenças e sobre as crenças, deixando bem claro o abismo que separava os senhores dos servos, compelidos a se contentar com os restos do seu trabalho já que todo o principal e mais as taxas e tributos acabavam em mãos da nobreza. Sem rodeios, discute religião, levanta questões de fé e ataca as mentiras da igreja, tais como as vendas de indulgências, de relíquias, as justificativas para as cruzadas e a perseguição aos cátaros. Da mistura de épocas e pessoas, Rosa Montero faz com que Leola possa conviver com personagens históricos de épocas diversas. Assim, extrai desse jogo com o tempo uma história bonita e recheada de boas discussões de temas atemporais, exatamente como seu romance.

Ah, e o Rei Transparente, onde entra nessa história? É verdade, é verdade. Mas se queres conhecer e conviver com o personagem título, só há um jeito: LEIA O LIVRO!

## **SOBRE A DEMOCRACIA**

**08.04.2011**

“Democracia é o governo do povo e para o povo”, assim nos ensinaram. O detalhe – e que detalhe! – é que, por artes do tinoso, esqueceram de nos dizer quem é o povo. E é aí que a coisa pega. Os gregos, mais precisamente os atenienses, pais presuntivos dessa tal democracia, sofismaram tudo o que tinham direito no momento em que decidiram fazer esse bloco entrar na avenida. Trouxeram mestre Sólon na comissão de frente, mas o mestre-sala, aquele que evoluiu leve, livre e solto, ganhando aplausos da multidão, foi Clístenes. Membro da aristocracia, resolveu ser diferente e liderou uma revolta popular que redundou na reforma da constituição da antiga Atenas. Graças a isto, foi permitido aos cidadãos atenienses, independente do critério de renda ou patrimônio, o direito de voto e ocupação dos mais diversos cargos.

A democracia garante, em tese, a igualdade de todos os homens adultos perante as leis e também o direito de todos de participar diretamente do governo da cidade, da “polis”. De “cidade” deriva outra palavra importante, “cidadão”, aquele indivíduo a quem foi assegurado o direito de exprimir, discutir e defender suas opiniões. Noutros termos, a democracia assegura a todos o direito de participar dos assuntos políticos. E olha a falácia aí, gente! A expressão “todos”, para os efeitos da democracia grega – e de todas as outras também – não tem o sentido consagrado no nosso vernáculo: “Todas as pessoas; toda a gente, todo o mundo; o mundo inteiro; deus e o mundo”. Por consequência, também não é sinônimo de completo, inteiro, total. Nada disso. No sentido de democracia grega, “todo” é somente uma parte. Mulheres, estrangeiros, escravos e crianças estavam fora. “Todos” significam os tais “cidadãos”, aquela minoria que já

exercia o poder de fato e, com a democracia, passou a exercê-lo de direito. Como se sabe, grego é povo arteiro, criativo. Dúvidas? Não perca tempo. Basta dar uma conferida nas venturas e desventuras de Ulisses, antes, durante e após a destruição de Tróia, e também da sua amada Penélope a fiar e desfiar sem nunca terminar a tal peça. Reza a lenda, não esqueçam, que o mítico cavalo foi ideia dele, Ulisses.

Como nos falta verve e conhecimento técnico-político-filosófico para discutir se democracia é ou não é o melhor regime ou sistema de governo, limitamo-nos a lembrar que nem os gregos a aceitaram por inteiro. Volta e meia, resolviam mandar a tal “plantinha tenra” ao espaço e a substituíam por uma ditadura – de coronéis, inclusive. E aí fica uma espécie de dúvida, ainda que não sejamos filósofos: se faziam – e fazem – a troca, é por sentir saudades da tal ditadura? E mais, que tipo de gente gosta de fazer tal substituição?

Ocorre que a chamada “civilização ocidental” é louca por coisa de grego. Suas histórias, seus mitos, seus filósofos, pensadores e que tais. O que não falta são tratados e discussões para interpretar, entender, divergir e aceitar o que eles disseram há mais de 3 milênios. Assim é que um dia resolvemos adotar a tal democracia. Criativos que somos, tratamos logo de fazer uma adaptação de muitos bons resultados, diga-se. Inventamos a “democracia representativa”, uma espécie de genérico da outra. Neste novo modelo, o cidadão comum, também chamado de povo, nunca é convocado para decidir coisíssima nenhuma. A ele cabe a gloriosa missão de votar, escolhendo quem vai dar-lhe ordens e decidir seu destino, pagar impostos e garantir o sustento dos cidadãos de verdade, os de primeira classe, os que trazem consigo o direito de ocupar os cargos diretivos. Estes são sempre os mesmos, embora mudem de lado a toda hora e nos deixem tontos sem saber quem está do lado de quem. Não interessa, eles, lá entre eles, sabem.

Agora, refletindo sobre essa coisa maravilhosa, verdadeira panaceia, chamada democracia, ocorre-nos que um dos seus pressupostos básicos seria o debate, o choque de ideias contrárias, teses e antíteses e, sobretudo, uma oposição saudável e aguerrida, capaz de se opor aos mandos e desmandos dos eventuais detentores do poder com posições firmes e, se preciso, corajosas. Mas não é nada disso que está acontecendo. A Bahia no particular e o Brasil no geral vivem um momento totalmente novo e de difícil assimilação. Simplesmente acabaram-se as oposições. Entortaram a ideia de democracia! Ninguém contesta, ninguém discute, todos dizem amém. Foi-se o pluripartidarismo. Agora só há um partido: o partido do poder. A ele todos acorrem, destituídos de ideias, ávidos pelas migalhas que possam cair da mesa sempre farta. Diante de um quadro assim, onde uns podem tudo e outros nada, ficamos a nos questionar sobre se realmente isto que aí está é democracia. Se não há qualquer forma de questionamento, de cobrança, os que estão no poder tendem a se achar os maiores, donos da verdade e dos destinos da coletividade. É humano. Mas também acaba não ficando muito distante das chamadas ditaduras. Afinal de contas, não há uma só atividade humana que possa prescindir de controle. Nenhuma. Só a cobrança, a advertência e a pontuação de erros é que podem corrigir possíveis desvios, garantir que as liberdades sejam respeitadas e a democracia, governo de todos e para todos, preservada. Como está o quadro, faz-nos lembrar algo como o retrato de Dorian Gray. E enquanto as coisas não mudam, ficamos cá do nosso canto a sonhar com um dia em que todos os homens sejam iguais e não precisem de chefes, nem governos, nem dirigentes. Um mundo sem poder...

Ah, ainda nesse tema de poder e liberdade, uma pergunta sem resposta: Se as armas são proibidas porque os governos permitem que sejam fabricadas e importadas?

## VICENTE CELESTINO

15.04.2011

Eis que a Sexta vê-se acometida de crise nostálgica e mergulha nos guardados lá bem no fundo do baú das recordações. É possível até que os menores de 50 e uns não desconheçam o personagem. Afinal de contas, o multiartista Antonio Vicente Filipe Celestino, ou simplesmente Vicente Celestino, morreu há 43 anos, em agosto de 1968. Alguns sexteiros não eram sequer nascidos. Este fato recomendaria a escolha de tema mais atual. Ocorre que a Sexta não tem compromisso com a racionalidade. Importa, isto sim, interagir com os leitores com temas de toda ordem. Desta feita, talvez por influência do plenilúnio, a mente ficou a martelar trechos de músicas, plenas de referências à lua e ao luar. Vejamos o resultado.

Filho de imigrantes italianos da Calábria, Vicente Celestino, carioca de Santa Teresa, nasceu no século XIX e faleceu, aos 74 anos, depois de passar 54 cantando pelo Brasil afora, no que pode ter sido a mais longa e ininterrupta carreira de um cantor brasileiro. Com sua inconfundível voz de tenor, fã incondicional de Enrico Caruso, dedicou-se inteiramente à música, formando companhias de revistas e operetas com atrizes-cantoras como Laís Areda e Carmem Dora. Reinou absoluto na década de 20. Na década seguinte é que começou a aparecer também como compositor, época em que lançou clássicos como *O Êbrio*, sua música mais lembrada. Além de cantar, também tocava piano e violão. Foi artista que se manteve até o fim da vida sem perda de popularidade.

Formou com Gilda de Abreu, sua companheira de toda a vida, um dos casais mais completos do mundo artístico. Brasileira nascida em Paris, ela era cantora, atriz, escritora e cineasta, com uma carreira tão brilhante quanto a do marido. Completavam-se fazendo músicas, peças e operetas,

a exemplo de *Patativa*, de 1950, uma parceria do casal com Ercole Varetto. Como escritora, Gilda publicou livros infantis e romances. No cinema, além de atuar como atriz, foi roteirista e directora: a exemplo de *O Ébrio* (1946), *Pinguinho de Gente* (1949) e *Coração Materno* (1951). Neste último, interpretou o papel principal. A forte sinergia do casal por certo contribuiu para o enorme sucesso que desfrutaram durante tantos anos. Souberam somar talentos sem que um ofuscasse o brilho do outro.

Intérprete na plena acepção do termo, Vicente Celestino passava para seus ouvintes a emoção contida nos versos das músicas que cantava. Não por acaso a maioria delas trata de temas amorosos clássicos, tais como traições, perdas, separações e saudades. Inicialmente, ainda na década de 20, cantou e gravou jóias do nosso cancioneiro, de autores como Cândido das Neves, o “Índio”, e Lupicínio Rodrigues; depois, também suas próprias composições. De se notar certa linha a unir tão grande número de canções: a maioria narra, de forma linear, histórias com começo, meio e fim. Daí porque foi em cima das letras de *O Ébrio* e *Coração Materno* que foram escritos os roteiros dos respectivos filmes. A história a ser mostrada no cinema já estava na letra da canção. E este é um aspecto bem peculiar.

De Cândido das Neves, Vicente Celestino gravou pelo menos duas das mais lindas músicas do nosso cancioneiro. A primeira, *Noite Cheia de Estrelas*, onde o namorado em desespero pede socorro a Lua para que a amada o escute: “Noite alta, céu risonho/A quietude é quase um sonho/O luar cai sobre a mata/Só tu dormes, não escutas (...) Lua (...)manda tua luz prateada/Despertar a minha amada.” Na pungente *Rasguei o Seu Retrato*, é o homem desprezado que, ainda com o coração partido pela dor, grita bem alto a sua revolta, sem esconder a enorme dor de cotovelo: “Eu ontem rasguei o seu retrato/Ajoelhado aos pés de outra mulher”.

De Lupicínio, gravou duas jóias: *Nervos de Aço* (“Você sabe o que é ter um amor, meu senhor/Ter loucura por uma mulher/E depois encontrar esse amor, meu senhor/Nos braços de um homem qualquer”) e *Vingança*: (“Você há de rolar como as pedras/Que rolam na estrada/Sem ter nunca um cantinho de seu/Pra poder descansar”).

Mas foi nas suas canções que Vicente Celestino, “Voz Orgulho do Brasil”, narrou incríveis dramas de amor, paixão, desespero e... redenção. Em *Porta Aberta*, é uma igreja que recebe um ser desesperado que espera do ambiente acolhedor conforto e forças: “Vinha por este mundo sem um teto/Dormia as noites num banco tosco de jardim (...) Porta aberta/Já não vivo mais ao léu/Porta aberta/Ao transpor-te entrei no céu”. O *Ébrio* relata a vida de um artista que chega “aos píncaros da glória” e acaba, traído, na sarjeta, tentando esquecer na bebida “Aquela ingrata que eu amava e que me abandonou/Apedrejado pelas ruas, vivo a sofrer” Esta canção tem um detalhe curioso: a parte inicial é declamada e contém o resumo da história. Em *Coração Materno*, a história é mais pesada porque envolve uma estranha prova de amor de permeio com o insuperável e inexcedível amor materno. Nela, a mulher pede ao amado: “Parte já e prá mim, vá buscar de tua mãe/Inteiro o coração”. Ele assim procede e a mãe ainda o perdoa e apoia. Esta, Caetano Veloso gravou. Críticos da época disseram que foi em forma de deboche. Não é isto que pensamos.

Ah, mas onde é que ficaram a lua e as noites enluaradas? É verdade. Vicente Celestino também gravou duas obras-primas de Catulo da Paixão Cearense: *Ontem ao Luar* (“Ontem, ao luar,/Nós dois em plena solidão,/Tu me perguntaste o que era a dor/De uma paixão”) e *Luar do Sertão*, uma parceria com João Pernambuco (“Este luar cá da cidade tão escuro/Não tem aquela saudade/Do luar lá do sertão”). E assim, em noite de lua cheia, findouse a Sexta Vazia...

## EM TORNO DA PÁSCOA

22.04.2011

Páscoa. Tempo de reflexões e de mudanças. De meditar sobre a força simbólica da morte como rito de passagem para a vida. Tempo de voltar no passado e falar sobre dois dos maiores símbolos da humanidade. Trigo/Pão-Uva/Vinho. Este o binômio que tem acompanhado o tortuoso caminhar da humanidade. São cultivados e beneficiados praticamente da mesma forma usada por nossos antepassados a partir do momento em que conseguiram domesticar o trigo e a videira. Ali o nômade se transmudou em sedentário e deu a arrancada para os avanços da humanidade. Aprendeu a viver em grupos e trocou os abrigos nas cavernas por casas que começou a construir. Domesticou as espécies vegetais e desenvolveu a agricultura. Inventou o arado de tração animal e a roda. Isto aconteceu entre 10 e 6 mil anos atrás, no Neolítico, Idade da Pedra Polida.

Historicamente o pão teria sido o primeiro alimento a ser processado por mãos humanas. Com ele o advento de um novo estilo de vida. A certeza de ter os grãos de um cereal à mão trouxe a tranqüilidade da alimentação. A vida tornou-se mais segura, mais longa e de melhor qualidade. O conforto e a segurança fizeram o homem se acomodar, canalizando suas energias para outras atividades e prazeres. O pão fermentado, parente próximo do que consumimos hoje, teria surgido com os egípcios, há uns 4.000 anos. Entretanto os primeiros foram processados bem antes, com o surgimento do cultivo de trigo na Mesopotâmia o fertilíssimo vale formado pelo Tigre e Eufrates, no Oriente Médio, origem e repositório de boa parte da história do homem. Como alimento o pão foi – e é -- importante para grandes civilizações como gregos, romanos, egípcios e judeus.

Embora o pão esteja intimamente ligado a história da humanidade foi o vinho quem alcançou maior notoriedade, transitando entre o sagrado e o profano sem maiores dificuldades. Sua longa trajetória teria se iniciado há uns 6.500 anos, na Europa. Muito comum em Grécia e Roma, de onde se disseminou pelo resto do mundo a sua produção e consumo acabou por desempenhar papel de destaque em várias religiões. Ainda hoje é utilizado em cerimônias religiosas cristãs e judaicas, como na Eucaristia e no Kidush. Uma das representações de Cristo é um cacho de uvas, cujo esmagamento constitui um sacrifício voluntário, e o sumo é seu sangue. Para os católicos e outras religiões cristãs há o milagre da Transubstanciação, a transformação do pão e do vinho na carne e no sangue, conforme a tradição dos evangelhos, a exemplo de Marcos (14.22/24): “E quando eles estavam comendo, tomou Jesus o pão, e depois de o benzer, partiu-o e deu-lho, e disse: ‘Tomai, este é o meu corpo. E tendo tomado o cálice, depois que deu graças, lho deu: e todos beberam dele. E Jesus lhes disse: Este é o meu sangue do Novo Testamento, que será derramado por muitos....”

O Corão, por seu turno, faz várias referências ao vinho e chega a admitir suas benesses embora sustente que seus males superam suas qualidades: “Satã tenta semear a inimizade e o ódio por intermédio do vinho e do jogo”. A despeito disso o islamismo viu florescer, a partir do século VIII uma escola de poesia romântica que celebrava o vinho. Seu maior expoente, o persa Omar Khayan, autor de “O Rubaiyat”, ode ao vinho e ao amor: “Um jardim florido, uma bela mulher, e vinho/ Eis o meu prazer e a minha amargura,/O meu paraíso e o meu inferno./Mas quem sabe o que é Céu e o que é Inferno?”. Nos textos bíblicos, encontramos (Cântico dos Cânticos 7.2): “O teu umbigo é uma taça feita ao torno, que nunca está desprovida de licores. O teu ventre é como um monte de trigo cercado de açucenas.”

Aliás, no quesito recipiente os usuários -- e enólatras em geral -- vêm buscando o que seria o recipiente ideal para preservar o precioso líquido no momento de ser sorvido. Genericamente adotou-se o copo, ou taça. Especificamente, continuam discutindo qual o material apropriado, desde o vidro, passando por ligas metálicas e minerais, até os heterodoxos como a caveira humana usada pelo Lord Byron ou as reentrâncias dos corpos das pessoas amadas. Ao fim e ao cabo meros detalhes de uma prática que ganha adeptos a cada dia.

Gregos e romanos levaram o vinho a um patamar mais elevado, tornando-o objeto de cultos e celebrações. Dionísio, “deus da vinha, do vinho e do delírio místico”, filho de Zeus e Sêmele, exilado ao nascer para a Ásia como forma de escapar da ira de Hera, teria sido o responsável direto pela disseminação do seu cultivo, beneficiamento e consumo. Atingindo a idade adulta retornou à Grécia via Pérsia, Arábia e Egito. Neste país teria aprendido o manejo da vinicultura, prática que cuidou de divulgar e ensinar a todos os povos das regiões por onde passou no seu longo caminho de retorno à Grécia. Não por acaso foi um dos deuses mais respeitados e celebrados da antiguidade clássica. Em Roma, onde tomou o nome de Baco, as festas em sua homenagem atingiram tal notoriedade que acabaram levando governos a regulamentá-las e até proibi-las. Não por acaso, portanto, a força e o apelo do adjetivo “bacanal”, inclusive neste século XXI de tanta tecnologia e inventividade.

Vinho e pão. Pouco importa a ordem desses fatores ou se a celebração é sagrada ou profana. Importa isto sim, que foram e continuam sendo fatores de agregação e celebração. Com vinho – e alguns pedaços de pão – as pessoas se aproximam, se irmanam e festejam, sempre num clima de amor e fraternidade. Por isso, nesta Páscoa, “tim-tim”. Ou melhor: Evoé!

## A CRISE NA LÍBIA. AS IMIGRAÇÕES PARA LAMPEDUSA E DOIS LIVROS

13.05.2011

No passado foi propriedade da família de Giuseppe Tomasi di Lampedusa o nobre italiano autor de um único livro, o *Il Gatopardo*, um dos marcos da literatura do século XX, baseado nas histórias de familiares do escritor, base do excelente filme de Luchino Visconti, com Burt Lancaster, Cláudia Cardinale e Alain Delon. Alguém a descreveu assim: “Lampedusa, uma ilha perdida no Sul da Sicília, bela e árida, com o mar de um azul perfeito, a sua comunidade de pescadores, os bandos de crianças irrequietas, as famílias solidárias e invejosas. A vida é imutável: tão sossegada como atrofante, tão encantadora como cruel. Este pequeno pedaço de terra, o mais africano da Europa, é uma montra de lendas provenientes desde a antiga mitologia grega à atual adoração de Nossa Senhora.”

De fato uma dessas esquinas da terra para onde convergem paraíso e inferno num complicado amálgama de dor e alegria. Com 20,2 km<sup>2</sup> é a maior das ilhas do arquipélago das Pelágias, no Mediterrâneo, a meio caminho entre a costa da Sicília e o norte da África. Ali aportam barcos apinhados de gente desesperada, alguns mortos, outros agonizantes que sonham com as terras livres e pacíficas da Europa onde imaginam encontrar trabalho e comida. Acorrem a Lampedusa os fugitivos das guerras intermináveis que assolam o Congo, a Somália e a Etiópia ou da pobreza das regiões saharianas. Em consequência se tornou uma zona militarizada com helicópteros e navios que patrulham a costa e tentam impedir os desembarques.

Com a crise Líbia esse processo migratório cresceu em proporções geométricas, assustando não só os dirigentes da

Itália, mas de toda a Europa Ocidental a ponto de, na prática, romper-se um dos postulados básicos da União Européia que é o do livre trânsito de pessoas entre os países do bloco. Assim a orgulhosa Europa sente-se, interna e externamente ameaçada. Pelo lado de dentro a crise econômica que não dá sinais de arrefecimento. Pelo de fora as levas de estrangeiros, sobretudo africanos, que não param de chegar, trazendo nas bagagens todo um conjunto de problemas que vão da falta de qualificação profissional ao confronto religioso, fazendo com que alguns países, como a França, adotem leis rígidas e pouco democráticas. Poder-se-ia argumentar que a Europa está colhendo o que plantou ao longo dos séculos quando invadiu, matou, roubou, colonizou e impôs à força sua religião, seus hábitos e sua cultura, perpetrando alguns dos momentos mais vergonhosos da história da humanidade, como, a exemplo, as cruzadas.

Deixemos as questões geopolíticas e de política internacional para os especialistas e voltemo-nos para o elemento mais fraco dessa equação diabólica. O das pessoas; dos que são expulsos dos seus países pela fome, pelas perseguições de toda ordem e pelo desespero e se lançam mar adentro sem ter qualquer certeza, movidos tão só e unicamente pelo sonho de uma vida melhor, sem fome, sem violência e sem perseguições. Impossível imaginar o que sentem pessoas que deixam para trás toda uma história de vida e se lançam na aventura insana não raro com velhos, crianças e grávidas que acabam sucumbindo no caminho.

A história dos imigrantes aqui no Brasil também é plena de epopéias marcadas pela inabalável vontade de vencer obstáculos e domar a natureza. E não estamos falando dos escravos, pessoas que foram retiradas à força do seu “habitat” e transformadas em alimárias a serviço de seus “donos”. Importa aqui os que vieram em busca de uma nova pátria onde pudessem trabalhar, formar suas famílias e ter uma

vida digna. E aí estão todos os grupos humanos que aqui aportaram, escrevendo páginas indeléveis de uma história de muito sofrimento e superação. Claro, os mais fracos tombaram pelo caminho. Como numa perversa espécie de seleção natural, sobreviveram os mais adaptáveis, os mais fortes. Assim foi, por exemplo, com os italianos nas então intocadas e inacessíveis matas da serra gaúcha e com os japoneses nos cafezais de São Paulo.

No universo de dificuldades que encontraram vale destacar a desconfiança e as perseguições que sofreram apenas pelo fato de haverem nascido em países que, momentaneamente estavam em lado oposto ao Brasil. Italianos, japoneses e alemães, aqui radicados na época da II Grande Guerra foram vítimas de perseguições e maltratos insidiosos, na maioria das vezes sob o vil argumento de que seriam espíões. Espíões de que ou de quem se já eram brasileiros e era esse o país a que pertenciam e que amavam? Talvez o Brasil esteja a dever a esses migrantes – e aos escravos também – obras literárias, científicas e artísticas que resgatem para as gerações futuras a saga de suas vidas neste país. E note-se que esse tratamento vergonhoso e indigno não é privilégio nosso. Dois livros muito bons chamaram a nossa atenção para o problema. “*Os Informantes*”, do colombiano Juan Gabriel Vásquez (L&PM-2004, tradução de Heloisa Jahn) e “*Um Hotel na Esquina do Tempo*” do sino-americano Jamie Ford (Nova Fronteira-2010, tradução de Regina Lyra).

Ambos abordam o tratamento dado aos migrantes oriundos de países do “Eixo”. O primeiro, as perseguições, traições e confinamento que sofreram os alemães então radicados na Colômbia, contando inclusive, as dissensões entre os que apoiavam o nazismo e os que o repudiavam -- e sequer se preocupavam com a Alemanha -- já que se sentiam colombianos. O segundo, ambientado em Seattle, nos Estados Unidos, ensina como foi desmontado todo o bairro japonês

e as pessoas, inclusive as de segunda geração e crianças, despojadas dos seus pertences e confinadas em infames campos de concentração, eufemisticamente chamados de “campos de evacuados”. Dois livros, as histórias de vidas que se entrelaçam e uma só realidade, dificilmente serão aceitos nos países de adoção ante a permanente desconfiança. Dura realidade numa época que se pretende global

## ELUCUBRAÇÕES CARNAVALINAS

19.02.2010

É fato. Já não se ouvem cantar canções, como também ninguém passa mais brincando feliz. Pelas ruas, o que se vê é uma gente que nem se vê. Aqui e acolá, um ou outro desatinado que viu chegar a quarta-feira, acabar a brincadeira e continuou sambando. Sequer percebeu que toda gente já está sofrendo normalmente e a cidade, já esquecida da falsa vida da avenida. Afinal, por que não invejar o desatinado, feliz no seu mundo de cetim, debochando da dor, do pecado, do tempo perdido, do jogo acabado? Sabe, a tristeza que a gente tem qualquer dia vai se acabar e aí todos vão sorrir. Vai voltar a esperança; são tantas coisas azuis, tão grandes promessas de luz e tanto amor para amar. Mas na praça, ninguém para cantar. Tem gente que passa com medo, e é tão grande a saudade que até parece verdade que o tempo inda pode voltar. É. Já não tem mais menina de trança nem cheiro de lança no ar. Acabou o carnaval. Nos corações, saudades e cinzas foi o que restou. Por tudo isso, mais que nunca é preciso cantar. É preciso cantar pra alegrar a cidade.

Foi assim, como um resto de sol no mar, como a brisa na preamar. Essa ensandecida cidade da Bahia – que viu Vadinho num domingo, ali no Largo Dois de Julho, fantasiado de baiana, desertar para sempre do carnaval – se vestiu de cores e de alegria para festejar, com imensa satisfação, o breve hiato na dura labuta diária. Enquanto durou o carnaval, imperou o sonho, a ilusão de uma vida idealizada, sem contas a pagar, sem horários a cumprir, sem ônibus atrasados e superlotados, sem filhos doentes e... sem dinheiro. Importou, enquanto foi carnaval, cortar as amarras do dia-a-dia e se soltar atrás dos trios, cantando, a plenos pulmões, os sucessos da vez,

desapercebidos do vazio das músicas, prenhes de letras sem sentido quando não de mau gosto. Isto foi de somenos. Valeu encher os olhos de brilho e luzes, extasiados na contemplação dos ídolos ali, tão perto e tão distantes, no alto dos mastodônticos trios.

Sim, os “cordeiros” estavam presentes, a empurrar, chutar e esmurrar. Os policiais, também; batendo e agredindo indiscriminadamente. E aí um dos mais interessantes paradoxos da natureza humana. Quando investidos das funções de repressores, os pretos, pobres e marginalizados maltratam, agridem e humilham exatamente os pretos, pobres e marginalizados. Verdade que alguém já se debruçou sobre a questão e teorizou afirmando que há, nesses casos, um processo de transferência de personalidade. Eles, instrumentos da repressão, sentem-se, ao maltratar os seus semelhantes, iguais aos seus opressores. A Sexta se limita a fazer os registros, já que sociologia e psicologia são coisas muito complexas quando não herméticas.

Ah, essas são considerações de quem não consegue ser tocado pelo milagre do carnaval. O poeta ensinou que a felicidade do pobre parece a grande ilusão do carnaval; um momento de sonho, como rei, pirata ou jardineira. Só o que importa é seguir atrás do trio, infensos a dores e sofrimentos, vibrando com esses incríveis cantores, campeões mundiais de resistência vocal, capazes de cantar por 7 horas ou mais sob o causticante sol de verão. Bem verdade que, nesse tempo, estão computados os intermináveis minutos gastos em frente aos camarotes para prestar homenagens e fazer medidas a políticos e repórteres. Vale tudo para aparecer e/ou ficar bem com a imprensa e os poderosos de plantão. Sim, também vale fazer reverência àqueles que amanhã podem vir a ocupar o poder. Não custa prevenir. Não. Entretanto, ninguém está preocupado com o fato de que milhares de pessoas, cidadãos, eleitores e contribuintes, são impedidas de

exercer o seus sagrados direitos de ir e vir e de usufruir do seu patrimônio. Carnaval em Salvador é talvez o único caso do mundo em que se faz uma festa com duração de 6 dias que usa vias públicas cortando bairros residenciais. Pouco importam os doentes, os velhos e as crianças que moram naquelas ruas. Os incomodados que se mudem. Não é assim? Cidadania? Ah, isto é tolice! Os moradores que se virem! O ruído é muito grande? As ruas ficam fechadas para o tráfego? Problema dos moradores! Cada um que cuide de si! O fato de que baianos sejam minoria nos blocos e camarotes é de somenos importância. O que importa é o sonho de carnaval. É pular, gritar, beijar, brigar, apanhar. É liberar, numa catarse descomunal, todos os demônios que oprimem a alma. Ser “pipoca” é, em síntese, um estado de espírito.

Nessa imensa babel que é o carnaval de Salvador, misturam-se momentos da mais pura beleza e arte com outros de baixarias inomináveis. Em épocas passadas, quando ainda era possível ficar de pés ali no Campo Grande para ver os blocos entrarem na avenida, a Sexta testemunhou Ademar dos Teclados encher a todos de emoção e lágrimas quando, depois de pedir – e obter – silêncio, fez um inesquecível solo da imortal *Imagine*. Outras vezes, era o talentosíssimo Armandinho que, aí pelas 6 de tarde, resolvia encher o éter com os acordes da *Ave Maria* ou do *Hino do Senhor do Bonfim*. Sem falar da vez que, num entardecer ali no Farol da Barra, Osmar e Armandinho, pai e filho, encantaram olhos, ouvidos e espíritos com um espetáculo de puro virtuosismo. São muitos os momentos que marcaram – e marcam – pelo lado positivo o carnaval desta cidade de todos os santos e orixás. Neste ano, o destaque foi a orquestra Neojibá, projeto de ensino e prática de orquestra para crianças e adolescentes, com sua formação sinfônica de 28 músicos (madeiras, metais, cordas e percussão) a bordo do trio de Daniela Mercury. Sem dúvida, o ponto mais alto de todo carnaval. Mais que nunca

é preciso cantar. Cantar pra alegrar a cidade. Quem sabe um dia o povo se abraça e sai caminhando, dançando e cantando cantigas de amor?

## FILHOS, SONHOS E EXPECTATIVAS

06.05.2011

O nascimento de um filho desencadeia nas pessoas um processo de reações impossíveis de catalogar ou definir. O humor percorre uma escala que pode ir da angústia mais asfixiante à euforia mais desbragada, passando pela ansiedade, pelo medo e, também, pelos sonhos mirabolantes. É impressionante como a expectativa de uma nova vida pode mexer com a “psiquê” das pessoas. Isto sem falar das externalidades que envolvem pré-natal, enxoval, alimentação, cuidados com a futura mamãe e as discussões para escolha do nome. Sem dúvida uma das experiências mais ricas que um humano pode viver. Quem passou por isso, emoções viveu. E, note-se, ainda não chegamos ao parto. Situamo-nos, apenas e tão somente, no “vir a ser”, na expectativa da chegada porque na medida em que se aproxima o dia o emocional vai se deslocando para um ponto mais concentrado.

De repente bate na cabeça, de forma atordoante, o medo e a insegurança. A questão agora é sofrer imaginando se a criança será saudável ou não. Aí é preciso dar créditos a Rosa Montero, “a imaginação é a louca da casa”. Aqui há um aspecto de duplo sofrimento. Do lado do recém nascido, acomodado e protegido na bolsa escura, plena do líquido amniótico morninho que dá conforto e alimento, o choque e a dor causados pela luz cegante que lhe fere as retinas e pelo frio enregelante que o envolve assim que deixa o ventre materno. Nascer não é fácil. Do lado da mãe o processo não é menos traumático. É mais complexo porque tudo se funde num amálgama de sensações físicas e psíquicas, que vai da dor mais intensa à alegria desvairada. Possivelmente nenhuma outra pessoa viva é capaz de entender e avaliar o que passa e sente a parturiente. Não por acaso muitas mulheres acabam

pagando preço bem alto pelo sublime ato de parir. Algumas se fragilizam e sofrem seqüelas como a “depressão pós-parto” ou a eclâmpsia.

Enquanto desenrola-se, entre mãe e filho o drama do início da vida, os coadjuvantes vivem o seu, embora sem a presença da dor física. Há, sim, a dor puramente psíquica, da ansiedade e da expectativa. A questão é a normalidade do nascituro. Daí as perguntas que atiram a médicos e enfermeiras, buscando respostas sobre a sanidade do recém chegado. É complicado. São momentos de pura alienação. Afinal de contas ainda não existem respostas conclusivas. Vive-se, num só tempo, uma indescritível mescla de céu e inferno. A questão agora é de compreensão e aprendizado. E aí é que entra o pai. Se o nascituro traz alguma anomalia o pai vai ao centro do palco, também como protagonista. E não adianta vir com essa tolice de politicamente correto. As sociedades são preconceituosas, sim. E as crianças são impiedosas porque ainda não aprenderam com os adultos, a mentir e fingir. E é num clima de discriminação e preconceito que vão ter de aprender a viver – e sobreviver – pais e crianças portadoras de algum tipo de anomalia.

Sobre esse tema a Sexta tem, ao longo dos anos, conversado muito e, também, lido alguma coisa. Um clássico é “*Dibs, Em Busca De Si Mesmo*”, de Virgínia M. Axline, traduzido por Célia Soares Linhares e que já anda aí por volta da 22ª edição. No mínimo um livro comovente e enriquecedor. Outro muito interessante é “*O Estranho Caso do Cachorro Morto*”, de Mark Haddon, tradução de Luiz Antonio Aguiar e Marisa Reis Sobral. Este tem uma característica especial; é narrado na primeira pessoa por um garoto autista. A leitura emociona e leva ao riso e as lágrimas, sem pieguice e sem apelações. É muito bem escrito. A Sexta acaba de ler o ótimo “*Nascer Duas Vezes*” do italiano Giuseppe Pontiggia, tradução de Roberta Barni. Paolo, filho do professor Frigério e de Franca, nasce

com problemas decorrentes de falta de oxigenação e de ter sido retirado a fórceps. E aí o que seria o calvário dos pais, se transforma em aprendizado, em crescimento.

E agora, sigam com Ponttiglia/Barni: “Essas crianças nascem duas vezes. Têm de aprender a mover-se num mundo que o primeiro nascimento tornou mais difícil. O segundo, depende de vocês. Nascem duas vezes, e o percurso será mais atormentado. Mas, no final, será um renascer para vocês também. Essa, ao menos, é minha experiência. Não posso dizer-lhes mais que isso. “Noutro momento, depois de um jantar em família onde a sensação foi o avô de Paolo, acometido de Alzheimer, os outros se vão e os dois ficam sozinhos. O garoto indaga: “Mas você também vai ficar daquele jeito? Não sei, ri. Era uma hipótese que nunca me havia ocorrido, mas evidentemente não era tão improvável como parecia. E ele, em sua assustadora sabedoria (é uma coisa que compensa muitas outras, para mim e para ele), acrescentou: O problema é o que me espera.

”No último capítulo de um livro de poucas páginas, mas de muito conteúdo e intensidade, o autor não deixa por menos: “Quem o vê pela primeira vez frequentemente não se satisfaz. Pára e volta-se para olhá-lo. Ele percebe e tenho a impressão de que segue adiante com uma careta de sofrimento. Mas talvez nem seja assim, ele só trata de não cair, está acostumado a ser observado, sou eu quem não se conforma.” Para arrematar: “Noutras vezes tentei fechar os olhos por um instante, e então reabri-los. Quem é aquele garoto que anda oscilando ao longo do muro? Vejo-o pela primeira vez, é um portador de deficiência. Penso naquela que teria sido minha vida sem ele. Não, não consigo. Podemos imaginar muitas vidas, mas não podemos abrir mão da nossa.” De resto, curvemo-nos e saudemos a parte mais bela da humanidade, as mulheres e, em especial, as mães

## O TEMPO E O VENTO

10.04.2012

*Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado. Era tanto o silêncio e tão leve o ar, que se alguém aguçasse o ouvido talvez pudesse até escutar o sereno na solidão.* Primeiro parágrafo de “O Continente”, publicado em 1949, abrindo a trilogia.

A Companhia das Letras lançou primorosa edição de *O Tempo e O Vento*, obra seminal de Érico Veríssimo. São brochuras, com ilustrações de Paulo Von Poser, prefácios de Marco Antonio Villa e Luiz Rufatto, resumo cronológico dos fatos históricos, dos fatos ficcionais e da vida do autor; e oportuna árvore genealógica da família Terra Cambará. A trilogia está em sete volumes: O Continente (2), O Retrato (2) e O Arquipélago (3).

Sem dúvida um belo e raro exemplar de Romance Histórico no contexto das letras pátrias. Bem verdade que a literatura brasileira não tem tradição nesse ramo literário em que o autor, lastreado em dados históricos consistentes, reconstrói fatos reais, temperando-os com personagens e fatos fictícios, formando uma obra nova e original.

Mas o Brasil não é um país comum. É a pátria dos contrastes e paradoxos. Talvez assim se possa entender porque aqui foi gestada e levada a público essa que é uma das mais consistentes obras do gênero. É possível até que seja a mais completa de toda a literatura universal, considerando a sua amplitude e grau de complexidade. Possivelmente o mais festejado livro do gênero seja “Guerra e Paz”. Não se discute.

Entretanto o clássico de Tolstoi compreende apenas um único fato histórico, as guerras napoleônicas na Rússia.

O trabalho de Veríssimo tem muito mais amplitude e fôlego. Cobre toda a história do Rio Grande do Sul, desde 1626, ano da chegada dos jesuítas que tentam estabelecer as missões, até outubro de 1945, com a renúncia de Vargas e eleição de Dutra. Portanto uma rara oportunidade para uma viagem no tempo e na história. As reduções jesuítas, as guerras e lutas incessantes e mais um sem número de fatos, resultaram no impressionante cadinho onde foi forjada uma civilização de características muito próprias, e muito ricas, diferente, nos costumes, nos valores e nas tradições, de todos os outros brasileiros. O autor da trilogia bebeu em águas profundas e acabou produzindo um monumento a um povo singular.

Sem dúvida o mais importante romance histórico já escrito e publicado no Brasil. A crítica não entendeu assim. Aliás, Érico Veríssimo e Jorge Amado, nunca mereceram dela o respeito que lhes foi – e é -- devido. Pobre crítica dita literária! Ela passou. A obra que eles erigiram ficou. Permanece entre as mais importantes e sólidas de toda a história da literatura em língua portuguesa.

O Tempo e o Vento não é somente a história do Rio Grande do Sul, percorrida e consolidada nos quase trezentos anos que o livro aborda. É muito mais. Seu pano de fundo são os fatos que se desenrolaram pelo Brasil e consolidaram a nossa história. Momentos como Fundação dos Sete Povos das Missões; perseguição e massacre dos índios dos Sete Povos pelas tropas ibéricas; retomada do controle do território gaúcho pelos portugueses; Inconfidência Mineira; vinda da família real para o Brasil; lutas na região do Prata e anexação do Uruguai; Independência do Brasil; independência do Uruguai, com a derrota dos brasileiros na Batalha de Passo do Rosário; Revolução Farroupilha; Cabanagem; República Rio-Grandense; República Juliana; II Império; Revolta Liberal

em Minas e São Paulo; Revolução Praieira; Lei Eusébio de Queirós; Guerra do Paraguai; Lei do Ventre Livre; Lei Áurea; Proclamação da República; I Grande Guerra: Revolta do Forte de Copacabana; Semana de Arte Moderna; Revolução Tenentista; Coluna Prestes; Quebra da Bolsa de Nova Iorque; Revolução de 1930; Revolução de 1932; Estado Novo; II Grande Guerra; renúncia de Vargas e eleição de Dutra.

Sobre esse rico e complexo cenário Veríssimo esculpe com rara competência a história da família que servirá de fio condutor da narrativa. E aí ele revela outra faceta da sua qualidade como escritor. Excelente criador de tipos. E são muitos. Cada um deles com características próprias; todos eles, muito humanos, plenos de virtudes e defeitos. Falar da saga de *O Tempo e O Vento* é falar de gente como o misterioso Pedro Missioneiro, a estóica Ana Terra (*sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando*); o atrabiliário Rodrigo Cambará (*Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!*); o sábio José Fandango; a persistente Bibiana; o enigmático Licurgo; o destemido Toríbio e Maria Valéria, *a fada de aço e gelo* que dizia ter vivido tanto que já conhecia a morte até pelo cheiro.

A par desses personagens condutores da trama, há ainda um sem número de outros, não apenas coadjuvantes. Eles possibilitaram ao autor desenvolver seu trabalho com incursões pela filosofia, sociologia, política e religião. Usando essa imensa galeria de personagens Veríssimo discute questões como cristianismo, comunismo, anarquismo e especialmente economia e política. Verdade que a sociedade retratada é patriarcal. Voltados para as lutas e as atividades campesinas os homens valorizavam muita mais suas montarias que suas mulheres. E aí um dos aspectos mais belos e instigantes de *O Tempo e O Vento*. De mulheres relegadas a segundo plano, treinadas para uma vida de espera sem fim fica a impressão de mulheres tristes, sem vontade e despersonalizadas. Afinal

são mulheres curtidas pela dor da perda de maridos e filhos mergulhados em lutas incessantes; habituadas a costumeira infidelidade dos companheiros; tisonadas pelas privações e pelas intempéries.

Mas não é isso que salta de *O Tempo e o Vento*. As mulheres da trilogia são fortes, muito fortes, de uma dignidade sem tamanho. De uma forma ou de outra acabam ditando o rumo e o ritmo da vida. São personalidades que se impõem e na condição de matriarcas, se fazem respeitar e os que as cercam as obedecem, muitas vezes sem esboçar qualquer gesto de rebeldia ou reação. Este um dos aspectos mais interessantes da obra de Veríssimo. O dualismo patriarcado X matriarcado dá espaço para uma das mais bem acabadas vertentes da história. Não há como não respeitar, se encantar e torcer por mulheres como Bibiana e Maria Valéria. São incríveis!

Noutra vertente, Veríssimo disseca e filtra, em magistral estudo sociológico, a ascensão e queda da aristocracia rural do Rio Grande do Sul, a começar pelos míticos “Centauros dos Pampas” até o ápice com os poderosos estancieiros de enorme influência nos destinos do Brasil. Depois, a lenta e sofrida queda, a contínua e inexorável decadência da atividade pastoril, a perda do poder econômico e o esfacelamento do poder político.

No pólo oposto a ascensão de uma burguesia representada pelos descendentes de imigrantes, indutores de um novo ciclo econômico de múltiplas facetas tais como a agricultura, a indústria e os serviços. Perfeita síntese da troca de posições que histórica e periodicamente sacode as sociedades. As últimas cenas de *O Tempo e O Vento* são antológicas. Em dezembro de 1945 morre Rodrigo Cambará, metáfora sutil do fim da aristocracia rural. Na noite de 31 comemora-se a virada do ano com o tradicional *réveillon* do exclusivo Clube Comercial. Do lado de fora, sob a figueira da praça, os poucos descendentes dos Terra Cambará.

Lá dentro os sucessores dos que, no passado, ali não entravam. Irretocável a observação de um personagem: “.....Só gringos, alemães, judeus, turcos....Onde está a gente gaúcha de boa cepa? Os Macedos, os Prates, os Cambarás, os Amarais, os Fagundes... E os Azevedos? E os Silveiras? Houve um tempo em que este clube era uma fortaleza. Barramos duas vezes a entrada dos oficiais do Batalhão da Polícia Baiana. Duma feita um juiz de comarca assinou uma proposta pra sócio e levou bola preta. Não era qualquer um que entrava neste clube. Hoje....”

*Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado.* (Último parágrafo de “O Arquipélago”, publicado em 1962, fechando a trilogia).

## NO SALAR DO UYUNI

30.07.2010

...Satisfeitas as exigências burocráticas de travessia de fronteiras, internamo-nos no Altiplano Sudoeste pela Reserva Faunística Eduardo Avaroa. Nos próximos quatro dias palmilharemos a maior planície salgada da terra, o Salar do Uyuni, com 12.000 km<sup>2</sup>. Não há que se falar em aventura. É apenas uma expedição, resultado de um trabalho de planejamento com objetivo bem definido. O desconforto, o frio intenso, o ar seco que faz arder as narinas e a altitude nunca inferior a 3.600m são apenas variáveis previamente consideradas. Não assustam nem incomodam.

Em razão das dificuldades impõe-se cuidado especial na escolha de quem pode assegurar o êxito da empreitada. A dobradinha Freeway (Brasil)/Planeta Aventura (San Pedro de Atacama-Chile) com seus profissionais qualificados garante o êxito da viagem. O transporte usado é o de todos os que encontramos no caminho, o intemorato Toyota Land Cruiser 4x4. Esse jipe acomoda, no máximo, cinco pessoas com suas bagagens e mais os recipientes com água, alimentos, utensílios de cozinha e de mesa. No teto pneu de socorro, combustível e equipamentos. Nosso piloto, Efraim, um garoto boliviano de 19 anos, traz nas feições os traços característicos da porção maior da população boliviana; impressiona pela segurança e tranqüilidade com que conduz o veículo. Quase não fala mas é sempre atencioso e educado. Numa região em que os sofisticados GPS podem levar a graves acidentes ele exhibe todo um conhecimento ancestral capaz de encontrar trilhas e caminhos onde os olhos comuns vêm apenas a planície vazia que se perde no horizonte. No comando geral a guia Paola, bióloga marinha que trocou uma carreira acadêmica em Santiago pelas trilhas e recantos dos desertos e salares

andinos. Estudiosa e dedicada discorre com sabedoria sobre as coisas e fatos da inóspita região e conduz o grupo com segurança.

À medida que o carro avança vamos sendo surpreendidos com as paisagens mutantes, de cores várias embora os elementos sejam sempre os mesmos: Areia, montanhas e pedras. Aqui não se tem, por exemplo, a monotonia que se pode apreciar nas viagens pelos rios amazônicos. A exuberância do verde torna a paisagem uniforme. Às vezes temos a sensação de que o barco está parado tal a imutabilidade do que os olhos contemplam. Aqui, não. A idéia de que o deserto é monocromático é falsa. A multiplicidade de cores e de paisagens é infinda. O corpo sente a incrível sensação de, simultaneamente, sentir o frio intenso e o queimar do sol que brilha no céu de um azul único, sem nuvens. O corpo não se adapta. A cada parada nos cobrimos de casacos, luvas e gorros que vão sendo retirados assim que retornamos ao carro. A todo instante é preciso beber água, passar hidratante e protetor. Não se pode incorrer no risco de desidratação. A região é vasta, muito vasta. Mas é deserta e não conta com clínicas, hospitais ou médicos. Os cuidados devem ser tomados no processo de planejamento e executados com rigor.

Quieto, no meu canto, num momento em que todos a bordo estamos silentes, me ocorre a constatação de Vianinha: *Para achar água é preciso escavar a terra e chafurdar na lama. Há os que preferem olhar para o céu. É isso.* Para conhecer o deserto e o salar é preciso vir até aqui. Deixar que o corpo sinta o ambiente e que os sentidos mergulhem nas cores das paisagens, no som do vento, na quase ausência de cheiros, no contraste do sabor do alimento trazido de fora com a inexistência do que comer. Aqui olhar para o céu não é apenas uma manifestação de conformismo de quem espera água.

É se engolfar no azul intenso que se tingi de fogo ao amanhecer e entardecer e que, à noite, sob a suave luz da

lua cheia, mostra uma insuspeitada quantidade de estrelas a brilhar no infinito. É se perder tentando perceber as nuances e o ritmo da indescritível “dança nupcial” dos flamingos. Na laguna “Hedionda”, com seu inconfundível odor de enxofre, dezenas de machos, pescoços erguidos, giram, giram e giram, exibindo-se para as fêmeas que fingem indiferença, parecendo mais preocupadas em pescar o alimento enfiando os bicos na água gelada. É quedar-se pasmo ante a ilha que se ergue na imensidão branca ostentando sobre sua estrutura rochosa, uma incrível floresta de cactos. E lá de cima surpreender-se com a “praia” que se desenha sob um canto especial da ilha. Sim. É tudo isso e muito mais. E não se pode explicar ou descrever tudo que se vê e sente. Com que palavras descrever o frêmito que percorre o corpo quando se contempla a imensa e bela Laguna Verde deitada aos pés do majestoso Licancabur? Ali, afastado de tudo e todos, sente-se o contato e a força de *Pachamama*. Dizer mais o quê!?

Cientistas explicam o surgimento dos Andes com seus desertos e salares pelo choque de placas tectônicas, quando a Sul-americana afastou-se da Africana e encontrou-se com a de Nazca. O Uyuni seria o resultado da evaporação das águas do lago Tauca. A lenda Quéchua (ou Aymara?) tem melhor explicação. Tunupa, filha do deus Wiracocha era disputada pelos titãs Illimani e Sajama. Acabou seduzida por Huyana Potosí que a engravidou. Wiracocha ordenou que ela abandonasse seu oásis em Yungas e seguisse no rumo do Cruzeiro do Sul. Tunupa obedeceu ao pai. No árduo caminho pariu e perdeu o filho. Sem poder suportar o sofrimento parou no povoado de Lípez . Ali os seios inchados e doridos se põem a jorrar leite. E foi tanto o leite derramado de suas mamas que acabou formando o Salar do Uyuni

## NO SALAR DO UYUNI II

07.08.2010

Milhares de pessoas percorrem, anualmente, as sendas do Deserto do Siloli e dali atingem o imenso tabuleiro branco que é o Salar do Uyuni. Seria temerário afirmar que são movidas apenas pelas paisagens deslumbrantes que oferecem. Um outro motivo forte é a oportunidade de conviver com o frio, a aridez e as condições adversas. Procurar e aceitar desafios na natureza é da condição humana. Em razão disso o homem vem escrevendo, desde épocas imemoriais, páginas de inextinguível superação. Pode até que não sejam verdadeiras as de Dédalo e Ícaro, como também as da Odisseia e da Eneida. Mas são verdadeiros sim os desafios enfrentados e superados pelas mais diversas civilizações. Dizer que buscavam riquezas é simplificar demais. Afinal de contas, quando se lançavam ao desconhecido estavam conscientes de que jogavam com a própria vida. Na maioria das vezes sequer imaginavam o que poderiam encontrar. E ainda assim foram. Adoeceram, enlouqueceram, morreram mas, no final, acabaram vencendo.

Evidente que uma viagem ao Atacama, Siloli e Uyuni está muito distante disso tudo. As pessoas que operam as viagens naquela região são qualificadas e garantem uma margem de segurança e conforto muito satisfatória. Banho quente, sopa de qualidade, vinho e cama macia com cobertores de qualidade estão à disposição de tantos quantos queiram usufruir de tais confortos. Ainda assim pode-se perquirir sobre as razões que levam as pessoas a se deslocarem dos grandes centros da Europa e das Américas, majoritariamente, até uma região onde não há telefone, televisão, internet ou celular. É até uma sensação curiosa. Depois de alguns dias sem jornais e notícias, como se estivéssemos fazendo um corte no tempo, caímos na

real e descobrimos que por aqui nada mudou. Razões de todos os tipos, inclusive de ordem científica e religiosa, movem as pessoas que rumam naquela direção.

Uma razão fascinante é a que diz respeito ao convívio do homem com o meio ambiente. Ora, os homens estão na terra somente há algumas poucas centenas de anos, algo como dez mil anos. O mais provável é que tenham vindo de algum canto da África e se espalhado por todos os continentes. De ser assim tem-se que essas regiões desérticas do Altiplano já eram habitadas há muitos e muitos anos. Domesticaram espécimes animais e vegetais. A lhama, a alpaca e o guanaco são exemplos de domesticação sendo que a primeira seria o resultado de cruzamentos. No Atacama, Siloli e adjacências é o animal que predomina. Dá alimento, agasalho e funciona como animal de carga. A prata da mítica mina de Potosí era transportada até os portos do Pacífico em lombo de lhamas que os espanhóis já encontraram domesticadas. A quinoa, cereal que vai invadindo os grandes centros urbanos por suas pretensas qualidades, é o vegetal típico do altiplano e que também foi domesticado pelos nativos em tempos idos. Boa parte das pessoas dali ainda se comunicam nas línguas dos seus ancestrais, Quéchuá e Aymará.

As mulheres persistem usando o típico chapéu de bojo alto; o sedoso cabelo repartido em duas tranças imensas que caem até abaixo da cintura, algumas vezes ligadas, nas pontas, por um laço. A indumentária, em cores vivas e atraentes, é característica: Blusa de mangas compridas, saia até os joelhos e, por cima da saia, uma espécie de avental amarrado nas costas. Para completar, meias de lã, também fortemente coloridas, que vão até um pouco abaixo dos joelhos. Por cima da blusa uma espécie de poncho onde elas carregam os filhos ou pacotes imensos. Aí duas consequências perversas. Pelo fato de não cobrirem os joelhos, seja inverno ou verão, acabam sendo acometidas de dores reumáticas nessa região

do corpo. Por força do peso que carregam nas costas ao longo de anos e anos, adquirem uma postura vergada para a frente. Costumam usar nos chapéus flores que, a depender das cores, indicam o estado civil. São tímidas e evitam as fotos. Ao perceberem alguém com uma câmara nas mãos tratam de afastar-se, discretamente.

Mas, a questão que angustia é a água. Noutros tempos montanhas e vulcões se cobriam de gelo. O degelo assegurava a quase perenidade de cursos d'água que abasteciam homens, animais e plantas. Nos tempos atuais já não é assim. O gelo é escasso e a água que extraem de poços escavados é salobra. Ainda desconhecem os dessalinizadores. Tanto em Uyuni, a maior cidade da região com seus quase vinte mil habitantes, como nos pueblos, a preocupação é a mesma. Aos poucos a água vai-se despedindo e o homem, perplexo, não sabe o que fazer. Note-se que este problema não é exclusivo do povo do Altiplano. A rica Mendoza, onde o verde das vinícolas se estende até depois de onde os olhos alcançam, também se ressentida da escassez das águas de degelo. Contemplando as montanhas desnudas do seu gelado manto branco, permitimo-nos elucubrar sobre o que pode estar ocorrendo com *Pachamama*. Muitos afirmam que os homens, com a queima de combustíveis fósseis e incessante produção de lixo, são diretamente responsáveis pelo aquecimento global e por tudo que está ocorrendo com a terra. Outros, tão cientistas quanto, asseveram que a terra está simplesmente entrando num dos seus ciclos. Ciclos que se alternam há milhões e milhões de anos, de forma inexorável, muito além da compreensão e da capacidade da raça humana. Afinal de contas *Pachamama* conta com seus inúmeros vulcões para desenhar e moldar a terra da forma que lhe convier.

Ali, naquelas terras cobertas de sal, expostos a incrível radiação solar, açoitados pelo vento e pelo de frio, interagindo com os seus inquietos e perplexos habitantes, imaginando os

díficeis dias que se anunciam, resta-nos somente indagar: Estaria o homem diante do seu mais inquietante e decisivo momento? Seria o conhecimento humano capaz de deter a marcha inexorável de um ciclo da vida da terra?



## CEM PALAVRAS

Eu venho lendo as Sextas Vazias por muito mais do que 100 semanas. Nestas pequenas crônicas, há de tudo: vivência, política e arte, situações caleidoscópicas na profusão e variedade de conteúdo acrescidos do seu toque de personalidade.

Além disso, Alcir gosta de viajar. Mente pronta para absorver comportamento sem parecer intruso, porque obedece a máxima: em terra de sapo, de cócoras com eles. Assim, somos apresentados a hábitos e costumes de outrem sem parcialidades deformadoras. Quem lucra são os “sexteiros”, brindados, toda santa sexta-feira, com o melhor em textos sintéticos e carregados de conteúdo.

E que venham mais cem. Vale!

*Sebastião Ramalho*

